

C I N D A W I L L I A M S C H I M A

TRADUZIDO POR CLAUDIA SANTANA MARTINS



O H E R D E I R O G U E R R E I R O



*Herdeiro
Guerreiro*



CINDA WILLIAMS CHIMA

Traduzido por Claudia Santana Martins

FAROL

2008

Para minha mãe, Carol Bryan Williams, que contava histórias.

Agradecimentos:

Minha sincera gratidão à minha agente, Michelle Wolf son, que fez toda a diferença; às minhas editoras, Arianne Lewin e

Donna Bray, por acreditarem em mim; aos Hudson Writers (Deb Abood, Pam Daum, Cathy Fahey-Hunt, Anne Gallagher, Ellen Matthews, Marsha McGregor, James Robinson e Jane Sahr), pelo presente de que todo escritor necessita: críticas atentas e gentis; acima de tudo, obrigada a Rod, Eric e Keith, por terem entendido.

❧ *Prólogo* ❧

Histórias Antigas

Condado de Coalton, Ohio, Estados Unidos

Junho de 1870

O cheiro de madeira queimada e rosas sempre o levava de volta ao menino que fora e que nunca mais seria.

As Rosas vieram buscá-los em seu décimo verão. Naquele tempo, Lee era baixo e franzino, embora o pai sempre dissesse que as mãos e os pés grandes prometiam altura e ombros largos quando crescesse. Ele era o caçula, um pouco mimado, o único dos quatro filhos a demonstrar os sinais típicos de uma pedra de mago. Os pais queixavam-se de que ele levava dois dias para fazer o trabalho de um. Não era exatamente preguiçoso, mas bastante inábil.

Fazia apenas duas semanas que haviam voltado, após um mês em fuga. Voltar fora um erro. Lee entendeu isso mais tarde, mas o pai era fazendeiro, e um fazendeiro não pode ficar longe dos campos por muito tempo durante o período de crescimento. Além do mais, os ataques anteriores das Rosas haviam sido esporádicos. Eles percorriam a cidade pelo rio, procuravam nas

fazendas remotas e então desapareciam, às vezes por um ano inteiro.

Os vizinhos os chamavam de bandidos, especulando que haviam sido soldados na recente Guerra da Rebelião. Apenas sete anos antes, o general confederado, John Morgan havia liderado um grupo de invasores por aquelas colinas do sul de Ohio.

A família de Lee sabia que não era isso. Sabia o que esses invasores estavam procurando, e por quê. As Rosas seguiram as linhagens a oeste desde as cidades portuárias do leste. Caçavam os descendentes do Urso Prateado, recolhendo os que eram dotados para o Mercado. O irmão, Jamie, fora levado quando Lee ainda era um bebê, e a família vivia na Pensilvânia. Jamie era um encantador. Lee não se lembrava dele, na verdade, mas eles sempre acendiam uma vela de cera para Jamie nos dias santos.

Lee estava feliz por estar em casa, de volta àquelas colinas verdes e arredondadas, feitas especialmente para os sonhadores. Naquele dia fatídico, havia saído de casa cedo para evitar que o mandassem fazer algum trabalho. Passara a manhã à margem do rio, o que lhe rendera uma porção de peixes-gatos que pretendia levar para a ceia. Ele caminhou calmamente pela estrada que levava para casa — apenas dois rastros deixados pela carroça, na verdade —, desviando-se sempre que algo lhe despertava o interesse.

Ao chegar perto de casa, sentiu o cheiro forte de madeira queimando. Era estranho, pois era verão e as lareiras de pedra e aquecedores a lenha não eram usados desde abril. Talvez o pai estivesse limpando a terra ou queimando arbustos. Nesse caso, Lee deveria ter ficado em casa para ajudar. Pelo ângulo em que estava o sol, sabia que já era tarde para o almoço. A mãe devia estar subindo pelas paredes.

Foi então que ele viu uma coluna escura de fumaça subir aos céus através da copa das árvores à sua frente. Pela localização, sabia que estava vindo do terreno da casa. Talvez a cozinha tivesse pegado fogo. Começou a correr, os peixes sacudindo desajeitadamente ao seu lado.

Acabou descobrindo que era mesmo a cozinha, mais o celeiro e o galpão no jardim. Estava tudo em chamas, construções de madeira e palha fáceis de serem incendiadas, e metade já havia sido devorada pelo fogo. A casa principal, porém, era de pedra, com telhado de ardósia e, portanto, mais resistente. O pai havia quebrado as pedras das colinas em torno para construí-la. Uma bela casa para aquela parte do mundo, e talvez por isso tivesse atraído a atenção. Lee parou à beira da floresta sem saber o que fazer. Os peixes escorregaram dos seus dedos sem que ele percebesse.

Por que não havia ninguém combatendo o fogo, bombeando água do poço, passando baldes e encharcando a madeira que as chamas ainda não haviam atingido? Vasculhou o terreno com os olhos. Não havia ninguém lá, nem o pai, nem a mãe, nem o irmão de Lee, ninguém.

Mantendo-se sob o abrigo das árvores, ele deu a volta na casa, sabendo que as sebes e muros que entremeavam os jardins lhe dariam cobertura. O pai viera do Velho Mundo e tinha orgulho daqueles jardins. Eram civilizados, circundados por pedras, como os do lar ancestral da família.

O instinto lhe dizia para se manter escondido. Agachou-se, desaparecendo na sombra do muro de pedra que passava perto da floresta, seguindo-o de volta até a casa. A pele do rosto enrijeceu-se por causa do calor do fogo quando passou junto à cozinha, através da horta, rumo à porta de trás da casa. A porta estava entreaberta. Ele a escancarou com um empurrão.

Estava tudo revirado lá dentro. Era evidente que a família estava à mesa quando o ataque acontecera. Se ele tivesse

voltado a tempo, estaria com eles. A comida estava espalhada pelo chão — pães, pedaços de frutas e os bolinhos de canela de que Martin gostava tanto. A mobília havia sido quebrada em pedaços e incendiada como lenha, as mesas reviradas, a louça estilhaçada contra a parede. Alguém estava com muita raiva ou queria chamar a atenção. Lee desviou-se dos cacos de vidro no chão, lembrando-se de que estava com os pés descalços.

Insinuou-se mais para dentro da casa, mal respirando, mantendo-se colado à parede, os ouvidos atentos a qualquer pista que indicasse que os intrusos ainda estavam ali. Ao avançar em direção ao salão principal, ouviu um som, uma batida ritmada. O som aumentou de volume quando Lee se aproximou da frente da casa. Ao deslizar a mão pela parede, tocou algo molhado. Trazendo a mão para junto do rosto, sentiu o cheiro metálico de sangue. Havia sangue esparramado por todo o chão e paredes. Poças vermelho-escuro cristalizavam-se entre as pedras do chão. Seu coração martelava no peito; ele teve de lutar para conseguir respirar, mas se forçou a continuar.

Um corpo jazia na entrada do salão. Um homem vestido de maneira refinada demais para ser da região, com colete, camisa de seda e gravata que não eram feitas em casa, como as roupas de Lee. Parecia de meia-idade, mas era provavelmente bem mais velho. Um homem que não carregava arma à vista, e que não precisava de uma. Um mago, com certeza.

O irmão de Lee, Martin, jazia de bruços logo além da entrada, o corpo quase partido em dois. A maior parte do sangue devia ser dele. Martin era dez anos mais velho do que Lee, alto e de ombros largos, conhecido por trabalhar duro. Prático. Não era um sonhador como Lee, Anaweir, nenhuma magia nele, não era páreo para os magos.

— Martin. — Os lábios de Lee formaram a palavra, mas ele não teve fôlego para emitir qualquer som.

Lee arrastou-se para dentro do quarto, sentindo o sangue pegajoso sob os dedos dos pés. Encontrou os corpos de mais dois magos, e então viu o pai estendido na lareira, suas pernas lá dentro, como se tivesse sido jogado.

O pai, que lhe contava histórias de castelos e mansões do outro lado do oceano. Que podia roubar fogo do ar com os dedos e tecer escudos com a luz do sol. Que o chamava de herdeiro-mago e começara a lhe ensinar os feitiços que moldariam a magia para que ele a usasse. Que fora poderoso e esperto o suficiente para protegê-los de tudo. Até agora.

Lee caiu de joelhos, nauseado, e vomitou o pouco que restava de seu café da manhã. Então ouviu o barulho de novo, o som de pancadas.

A mãe estava aconchegada na cadeira de balanço junto à lareira, o tricô no colo. O som que ele ouvira eram as batidas da cadeira contra a parede. Agora que estava mais próximo, ele conseguia ver as agulhas de tricô, batendo uma contra a outra, ocupadas. Ela, porém, não havia feito ponto algum. Embora tivesse novelos de linha na cesta e no colo, não estava tricotando nada.

— Mãe? — sussurrou ele, chegando-se junto a ela, olhando com cautela ao seu redor. — Foram as Rosas?

Ela fitava a lareira onde o pai jazia, frio e mutilado. Balançava-se e não tricotava nada, não dizia nada. Não precisava. Ele sabia que haviam sido as Rosas; é claro que haviam sido as Rosas. Quem mais poderia ser?

— Está ferida, mãe? — disse ele de novo, um pouco mais alto. Pôs a mão dentro da dela, mas os dedos da mãe não se fecharam em torno dos dele, e nos olhos dela havia um terrível nada.

Ele conteve um soluço. Nada de chorar. Ele era o homem da casa agora.

— Onde está Carrie? — perguntou ele. A irmã não estava entre os corpos no chão, o que fazia sentido, já que as Rosas queriam Carrie viva.

A mãe não respondeu. Carrie talvez tivesse sido levada, ou podia estar escondida. Se havia sido levada, as Rosas rumariam para o sul em direção ao rio, depois a oeste, para Cincinnati, ou a leste, para Portsmouth, onde poderiam tomar um barco. Se ela tivesse sido levada, ele não saberia o que fazer.

Se estivesse escondida, ele sabia onde ela estaria. Saiu da casa pelo mesmo caminho que havia seguido para entrar.

Eles a chamavam de celeiro de hortaliças, mas era, na verdade, uma caverna que formava um túnel na encosta de uma montanha a alguma distância do terreno. Naquele espaço frio e úmido, eles estocavam comida: batatas, nabos, cenouras, feijões secos e ervilhas em sacos.

A boca da caverna era coberta por rosas vermelhas, trepadeiras e rosas selvagens brancas e rosadas. Estavam todas floridas, um perfume enjoativo. Ele abriu caminho através dos caules espinhosos e entrou.

— Carrie? — sussurrou ele. — Sou eu.

Por um momento, nada aconteceu. Então houve um súbito movimento na escuridão, e a irmã lançou os braços em torno dele, murmurando:

— Lee! Por que veio aqui? É perigoso demais. Você devia ter fugido quando viu que eles voltaram.

— Carrie, eles mataram papai e Martin, e há algo errado com a mãe, ela não fala comigo. — As palavras precipitavam-se umas sobre as outras, mais altas do que pretendia.

Carrie inspirou fundo e apertou-o contra si, de modo que o resto do que ele tinha a dizer fosse dito contra o ombro dela. Ela murmurou-lhe palavras de conforto, mas não por muito tempo. Ela endireitou as costas, as mãos descendo até os cotovelos dele.

— Agora me escute. — Ela o segurou a curta distância. Vestia calças e uma camisa áspera, a faca embainhada na cintura. A mãe detestava ver Carrie vestida como homem, mas às vezes

ela o fazia mesmo assim. — Você tem de ser muito corajoso agora.

— Não se preocupe. — Ele se empertigou, tentando fazer a voz soar mais grossa, como a de Martin. — O pai me ensinou a proteger você contra os magos.

Carrie engoliu em seco.

— Bobinho. Você é um mago. Vai ter de ter coragem o bastante para ir buscar ajuda.

Lee tentou interrompê-la, mas ela continuou:

— Quero que vá direto para o sul até o rio. Siga o rio até a cidade. Fique escondido e longe das estradas. Quando vir alguém que você conhece, conte o que aconteceu e peça que mandem ajuda para mamãe.

— Você não vem comigo? — Ele já se sentia sozinho. Tentou não pensar em Martin e no pai, pois sabia que as lágrimas retornariam.

— Vou embora por uns tempos — respondeu ela. — É perigoso demais para mim ficar com você e mamãe. As Rosas estão procurando por guerreiros. Não por magos ou Anaweirs. Vão deixar você em paz se eu não estiver por perto. — Ao ver a expressão no rosto dele, apressou-se em tranquilizá-lo. — Eu volto quando for seguro.

Lee pensou na mãe, quieta e assustada dentro de casa. Sabia que era errado, mas não queria voltar lá sozinho.

— Leve-me com você, Carrie. Por favor.

Ela sacudiu a cabeça. Era praticamente adulta, mas lágrimas corriam-lhe pelas faces.

— Você tem de ficar, Lee. Mamãe é Anaweir. Precisa de alguém que tome conta dela.

— Está bem — disse ele em tom insolente, não querendo que ela soubesse o quão assustado estava. Precisava ir logo, já que tomaria o longo caminho até a cidade. Empurrou as rosas para o

lado de novo, espetando-se no processo, e saiu para a fraca luz do sol. E para os braços dos magos que aguardavam ali.

— Carrie! — gritou ele.

Mãos o agarraram, segurando-o firme, carregando-o para longe da boca da caverna. Ele lutou e chutou, acertando o rosto de alguém com o cotovelo, sentindo a cartilagem ceder e em seguida o jorro de sangue quente. Contorceu-se todo, mas não conseguiu se libertar.

Havia muitos deles, cerca de meia dúzia. Estranhos com barbas, vestidos com roupas de domingo, como o mago morto na entrada do salão. Lee não conhecia nenhum feitiço de ataque, na verdade, mas sabia como encontrar o fogo, então colheu o fogo dos ares e mandou-o em espiral na direção dos homens ao redor. Ouviu alguém praguejando, e então eles o jogaram no chão.

O mago com o nariz sangrando apontou para Lee, murmurando um feitiço. Um frio terrível o acometeu, e todo o seu corpo se tornou flácido. O mago passou as mãos por sob os braços de Lee, ergueu-o e segurou-o assim, os pés um pouco acima do chão, pendurado como uma marionete.

— Diga para ela sair — ordenou o mago com o nariz sangrando, lançando chamas sobre Lee com suas mãos quentes.

Os músculos de Lee contorceceram-se em espasmos e ele gritou — não conseguiu evitá-lo. Mas logo fechou a boca com obstinação.

— Não temos o dia todo. A Rosa Branca está logo atrás de nós. O mago lançou seu poder sobre ele novamente, como metal derretido correndo pelas veias, mas Lee estava preparado desta vez. Inspirou fundo, mas não fez nenhum som.

— Saia ou a gente quebra o pescoço do garoto! — berrou Nariz Sangrando.

As rosas que obscureciam a entrada da caverna tremeram, e pétalas caíram ao serem empurradas para o lado. Carrie emergiu

para a luz meio agachada, de faca em punho. Ao ver Lee nas mãos dos magos, aprumou --se e deixou a faca cair ao chão.

Nariz Sangrando deu uma sacudidela triunfante em Lee.

— Você nos levou diretamente a ela. Carrie caiu de joelhos, curvando a cabeça.

— Por favor, soltem o meu irmão. Eu irei com os senhores.

Lee tentou falar, dizer a Carrie para se levantar, que lutariam contra os magos juntos.

— Carrie, não... — Seu protesto transformou-se num grito de dor quando Nariz Sangrando lançou chamas sobre ele.

— Wylie. Chega — disse um mago grisalho, com uma cicatriz na face. Ele parecia estar no comando. — Traga o leitor.

Wylie jogou Lee para o lado como se não pesasse nada e remexeu numa bolsa amarrada à cintura. Retirou dela um cone de prata e passou-o para o líder. Dois magos se postaram, um de cada lado de Carrie, agarrando seus braços e colocando-a em pé. O líder arrancou sua camisa para fora das calças e enfiou o cone, roçando a pele dela, até chegar ao peito. Carrie estremeceu, mas virou a cabeça para o lado e não disse nada. Após um momento, ele fez um gesto com a cabeça e retirou a mão.

— Há uma pedra de guerreiro — disse ele, com um sotaque do Velho Mundo. Satisfeito, devolveu o cone a Wylie. — Deus sabe muito bem o preço que pagamos por ela. Vamos tirar a menina daqui antes que a Rosa Branca nos alcance.

Os magos trouxeram seus cavalos e começaram a montar, enquanto o líder atava as mãos de Carrie à frente do corpo com uma corrente de prata.

Wylie jogou Lee contra o tronco de uma árvore morta. O mago ajoelhou-se ao lado dele, ergueu seu queixo e pôs as pontas dos dedos contra a garganta do garoto. Lee olhou dentro dos olhos cinzentos e soube que estava prestes a morrer.

O líder percebeu.

— Solte o garoto, Wylie — disse ele com irritação, calçando as luvas de montaria.

Wylie ergueu a cabeça.

— Ele é uma testemunha. Nós matamos um mago. Se ficarem sabendo disso no Conselho...

— Temos três mortos do nosso lado também — observou o líder. — Se o pai do menino tivesse ficado com sua própria gente, ainda estaria vivo. Esse aí é uma criança. Não tornemos as coisas piores.

— Não foi você que matou. Este aqui pode ser um mago, mas tem sangue mestiço. — Wylie apertou os lábios com desgosto.

— Magos, guerreiros, feiticeiros, até Anaweirs se misturando como iguais. Não é natural.

— Talvez eles saibam o que estão fazendo. — O líder apontou para Carrie. — Pelo menos a menina é saudável. O que é mais do que posso dizer sobre guerreiros de nossa terra.

Os dedos de Wylie ainda pressionavam a garganta de Lee, que podia sentir o poder neles, uma leve vibração contra a pele.

— Eu mandei soltar o garoto — disse o líder. — Já estamos demorando demais.

Wylie finalmente se pôs em pé e se afastou, procurando por sua montaria.

Carrie fora colocada sobre um dos cavalos. Os olhos estavam fixos à frente, a boca formando uma linha estreita, as faces reluzentes. O líder segurou as rédeas do cavalo dela e montou seu próprio animal. Apontou para Lee, neutralizando o feitiço que fora lançado sobre ele, mas Lee permaneceu deitado, com medo de se mover, sabendo agora, com toda a certeza, que era, no fundo do coração, um covarde.

E foi então que aconteceu. Um raio de luz relampejou através das árvores, azul e branco, e mortal, deixando um rastro de estrelas brilhantes — como os fogos de artifício que Lee tinha visto certa vez em Cincinnati. O ar crepitou com a eletricidade

e, mesmo a distância, seu cabelo ficou em pé. O golpe atingiu o alvo com precisão e, por um momento, Carrie e o cavalo que montava pareceram contornados pelas chamas, como alguns corpos celestes ao passarem na frente do sol. Houve uma tremor no ar, um tipo de vibração visual, e então eles desapareceram, cavalo e amazona evaporaram, como se nunca houvessem existido.

— É a Rosa Branca! — gritou um dos magos. Virando o cavalo, lançou-se ao ataque cavalcando por entre as árvores. Os outros magos deram a volta com os cavalos e o seguiram, bradando em fúria, mas a Rosa Branca já havia feito o que viera fazer e estava em franca retirada.

Em questão de minutos, cavalos e cavaleiros haviam sumido. A poeira assentou lentamente através dos feixes de luz solar, e a clareira ficou em silêncio, a não ser pelo som do vento movendo os galhos ao alto.

Quando veio a escuridão, Lee já estava a quilômetros de distância, sentado, com as pernas cruzadas à beira do rio. Quando a lua finalmente clareou as árvores, brilhou sobre o rio Ohio, que corria como uma fita de prata em ambos os lados. Do outro lado do rio começava o Kentucky, uma escuridão misteriosa pontuada pelas luzes dos assentamentos espalhados.

— Não vou ser mais um urso — disse para si mesmo. Seria mais feroz; seria invencível. — De agora em diante, sou um dragão.

Antes de continuar, pegou a faca da irmã e escreveu uma palavra na lama macia à beira d'água. Escreveu a fim de fixá-la na mente.

A palavra era Wylie.

Trinity, Ohio, Estados Unidos

Mais de cem anos depois

O bebê acordou quando Jessamine lhe tirou as cobertas. Ela pensou que ele fosse chorar, mas ele apenas olhou solenemente para ela com olhos azuis brilhantes, enquanto ela abria sua camisa e examinava a incisão. Estava ainda um pouco avermelhada e inchada nas bordas, mas não havia sinal de infecção. Perfeito. Ela esperara, em parte, que o procedimento o matasse, mas ele parecia estar se recuperando bem. Apenas um mês após a cirurgia, o paciente ganhara peso, a coloração da pele estava boa, o pulso e a respiração, normais.

Nenhuma razão para que não pudesse viajar. Nenhuma mesmo. Fechou a camisa do bebê, satisfeita consigo mesma. Aqueles imbecis do hospital haviam criado dificuldades e reclamado de tudo: dos métodos dela, do fato de ela ter levado seu próprio pessoal para assisti-la, de não deixar que observassem o procedimento.

Idiotas. Talvez ela devesse ter permitido que alguns deles entrassem na sala de cirurgia. Talvez tivesse valido a pena ver a cara deles antes de apagar-lhes a memória.

É claro, levaria anos até que ela pudesse ver os resultados do experimento. Um tempo considerável investido, caso fracassasse, mas com muito a ser ganho no caso de sucesso. Talvez o fim da escassez de guerreiros. Um suprimento ilimitado para alimentar o Jogo. A vitória final da Rosa Branca. Jessamine deu uma olhada ao redor. O quarto estava cheio de coisas de bebê, mais parafernália do que ela seria capaz de carregar. Ela poderia comprar mais coisas quando chegassem ao seu destino. De que um bebê precisaria para viajar? Fraldas e roupas. Uma cadeira de viagem. O que comeria? Leite? Ela deu de ombros. Pediatria não era sua especialidade.

No chão do armário embutido, encontrou uma grande bolsa que já continha fraldas e uma caixa de lenços de papel. Nenhuma

mamadeira, porém. Abriu a gaveta de uma cômoda e achou uma pilha de roupinhas. Enfiou algumas das roupas na bolsa, que era decorada por elefantes e girafas em cores primárias. Jessamine franziu o cenho e passou as mãos pelo conjunto elegante que vestia. Removeu uma cortina de cabelo escuro da frente do rosto. Não gostava da idéia de andar por aí com uma bolsa de fraldas no ombro e um bebê no colo. Devia ter contratado alguém para tomar conta do fedelho desde o princípio.

Puxou uma cadeirinha de plástico do armário e a colocou no chão junto ao berço. Como a trava resistiu quando tentou baixar a grade lateral, Jessamine se debruçou desajeitadamente e ergueu o bebê da cama. Instalou-o no assento e começou a remexer no cinto de segurança.

Como se faz para achar uma babá? Não tinha a menor idéia.

— O que você está fazendo aqui?

Jessamine levou um susto. Linda Downey, uma encantadora, estava em pé junto à porta. Era só uma criança, na verdade, de pés descalços, vestindo jeans e camiseta. Linda era a tia do bebê, lembrou-se Jessamine, e não a mãe Anaweir. Ótimo. Não que isso importasse, mas era preferível evitar uma cena.

Jessamine pôs-se em pé, deixando o bebê na cadeirinha e o cinto de segurança todo emaranhado.

— Eu não sabia que tinha alguém em casa — disse ela, em vez de responder à pergunta.

Linda inclinou a cabeça para o lado. Era bem bonita, com longos cabelos escuros tramados em uma grossa trança. Movia-se com uma graça despreocupada que Jessamine invejava. Por outro lado, se Jess tivesse de escolher um dom em detrimento de outro, sempre escolheria o dela própria.

— É claro que tem alguém em casa — disse a menina, com o jeito insolente dos adolescentes. — Não se deixa um bebê sozinho.

Ao menos a aparição súbita e inconveniente da encantadora solucionava um problema.

— Estou feliz que esteja aqui — disse Jessamine imperiosamente, com um gesto de mão elegante. — Preciso que arrume as coisas dele, o suficiente para alguns dias. Comida, roupas e tudo o mais.

— Por quê? Aonde pensa que vai com ele? Jessamine suspirou, flexionando os dedos de longas unhas pintadas.

— Se precisa mesmo saber, vou levá-lo de volta comigo.

— O quê? — As palavras soaram quase como um grito, e o bebê ergueu os braços, assustado. Linda deu um passo à frente.

— O que quer dizer com isso?

— Estou levando o bebê de volta para a Inglaterra. Não se preocupe — acrescentou ela. — Cuidarão bem dele. Simplesmente não posso me dar ao luxo de deixá-lo por aí.

— Do que você está falando? — indagou Linda.

— Desde a cirurgia... o valor dele aumentou — disse Jessamine com calma.

Linda ajoelhou-se junto ao assento para carro, examinando o menino como se pudesse descobrir algo por meio de uma inspeção detalhada. Estendeu um dedo, e o bebê agarrou-o. Ela ergueu os olhos para Jessamine.

— O que você fez com ele?

— Ele precisava de uma pedra, e eu lhe dei uma. Um milagre. Algo que ninguém jamais fez. Eu salvei a vida dele. — Jessamine sorriu, voltando as palmas para cima. — Só que agora ele é Weirhind.

— Um guerreiro? — Linda sussurrou. — Não! Eu falei pra você! Ele é um mago. Ele precisava de uma pedra de mago. — Ela sacudiu a cabeça ao dizê-lo, como se a negativa pudesse mudar as coisas. — Está tudo lá no Livro Weir dele. Ele é um mago — repetiu ela, desolada.

Jessamine sorriu.

— Não mais, se é que algum dia foi. Seja razoável. Uma pedra de mago é difícil de encontrar. Os magos vivem quase eternamente. Mas os guerreiros... Os guerreiros morrem cedo, não é verdade? — A última parte foi intencionalmente cruel.

A encantadora levantou-se, os punhos cerrados.

— Eu deveria saber que não podia confiar em uma maga.

Jessamine empertigou-se. Estava perdendo a paciência com aquela menina inútil.

— Você não tinha muita escolha, tinha? Se não fosse por mim, ele estaria morto agora. Meu negócio não é caridade. Eu aceitei o trabalho porque quero usá-lo no Jogo. E acho que você deve se lembrar de com quem está falando e torcer para que eu não perca a calma.

Linda inspirou fundo e deixou o ar sair com um tremor.

— O que devo dizer a Becka?

— Não me interessa o que vai dizer a ela. Diga que ele morreu.

— Os Anaweirs e o que eles pensavam não tinham nenhuma importância.

— Mas por que tem de levá-lo agora? Ele não pode disputar um torneio até ter crescido. — A voz da menina suavizou-se, tornou-se persuasiva. — Ele está vivo, mas como você sabe se o poder vai se manifestar nele? E o que vai fazer com ele enquanto isso?

Jessamine sentiu a pressão gentil, o toque do poder de uma encantadora. Deu de ombros.

— Talvez eu leve você junto para ficar de olho nele. Em um ano ou dois, você poderá ir para o Mercado. — Jess julgava que obteria um bom preço pela menina, também. Encantadores e guerreiros eram difíceis de se encontrar.

Linda deu um passo atrás.

— Você não se atreveria!

— Então não tente seus truques de encantadora comigo. Já gastei muito do meu tempo com ele. Pretendo ficar de olho no meu investimento enquanto ele cresce.

— Se ele crescer. Se alguém não o apanhar primeiro. — Linda estendeu as mãos numa súplica. — Todos sabem que você é a procuradora de guerreiros da Rosa Branca. Por quanto tempo acha que ele vai sobreviver se estiver com você?

Nesse ponto a menina tinha razão. A pedra que Jess usara no bebê tinha vindo de uma guerreira de 17 anos de idade que havia sido sua última grande esperança. Uma menina que nunca entraria num torneio. Havia sido massacrada por agentes da Rosa Vermelha quando se viram incapazes de raptá-la. Uma manobra ilegal, mas as regras relativas aos Weir Anamagos haviam sido feitas para serem quebradas.

— Imagino que você tenha uma sugestão.

— Deixe-o ser criado pelos pais. Volte e leve-o mais tarde.

O bebê estreitou os olhos e soltou um guincho, o rosto tomado por uma coloração zangada azul e vermelha. "Criaturas insondáveis, os bebês", pensou Jessamine. Insondáveis, imprevisíveis e bagunceiras.

— Pode ser difícil lidar com ele mais tarde, se não for criado adequadamente — disse Jessamine.

Linda ergueu as sobrancelhas.

— Está dizendo que uma maga não vai ser capaz de lidar com um guerreiro?

Jessamine balançou a cabeça, concedendo.

— E se outra pessoa vier levá-lo para jogar?

— Em Trinity? Ninguém vai procurar por ele aqui. É perfeito. Você é uma cirurgiã-curandeira. Bloqueie os poderes dele, de modo que não se destaque. — Linda sentou-se junto ao bebê, alisando-lhe a franja de cabelo ruivo dourado. — Você pode ficar de olho nele com facilidade. Os pais são Anaweirs. Fáceis

de serem controlados. Diga que precisa vê-lo regularmente. Becka fará tudo o que pedir. Você salvou a vida do filho dela. Jessamine tinha de admitir que a sugestão da encantadora tinha seu atrativo. Levaria anos até que o menino fosse de alguma utilidade, e ele não seria nada além de um fardo até lá. Dessa maneira, ela poderia manter o moleque guerreiro longe do perigo e longe de si, até que tivesse idade suficiente para ser treinado.

Ela olhou bem dentro dos olhos azuis e dourados da encantadora.

— E quanto a você? É controlável? Será capaz de desistir dele quando chegar a hora?

Linda voltou-se para o bebê.

— Como você mesma disse, não tenho muita escolha, tenho?

Capítulo Um

O Lobeck Voador

- Jack!

A voz da mãe interrompeu-lhe os sonhos, e ele abriu os olhos com relutância. Era tarde, ele notou. A luz havia perdido aqueles tons de aquarela das primeiras horas da manhã e entrava audaciosamente pela janela. Ele havia ficado acordado até tarde na noite anterior, observando as estrelas. Era noite de lua nova, e algumas das principais constelações só haviam surgido no horizonte após a meia-noite.

— Já vou! — gritou ele. — Estou quase pronto — mentiu, seus pés tocando o piso de madeira. As calças jeans estavam amontoadas junto à cama no mesmo lugar onde as despira na noite anterior. Ele as vestiu às pressas, pegou uma camiseta limpa na gaveta e pendurou um par de meias no ombro.

Jack fez uma curva em alta velocidade e entrou no banheiro. Não havia tempo para um banho. Lavou o rosto, molhou os dedos e passou-os no cabelo.

— Jack! — A voz da mãe tinha aquele tom de último aviso.

Ele desceu saltitando as escadas dos fundos e entrou na cozinha. A mãe o esperava com granola e suco de laranja. Devia estar distraída, porque também lhe havia servido uma xícara de café. Ela deixara seu cereal inacabado e estava arrumando uma pilha de papéis.

Assim era Becka. A mãe de Jack era uma mulher de mil paixões. Embora fosse doutora em literatura medieval e formada em direito, tinha dificuldade em gerenciar a economia doméstica: coisas como agenda escolar, dinheiro para o almoço e devolver os livros da biblioteca dentro do prazo. Desde uma tenra idade, Jack assumira a tarefa de organizar tanto as suas próprias atividades quanto as da mãe.

Becka olhou para o relógio de pulso e gemeu.

— Preciso me vestir! Tenho uma reunião daqui a uma hora. —

Ela empurrou um grande frasco azul pela mesa na direção dele.

— Não se esqueça de tomar o remédio. — Enfiou os papéis em uma grande pasta. — Vou estar na biblioteca pela manhã, e no tribunal à tarde.

— Não se esqueça de que eu tenho o teste para o time de futebol depois da aula — avisou Jack. — Caso você chegue em casa primeiro.

A mãe vivia preocupada. Sempre dizia que era porque ele quase morrera quando bebê. Pessoalmente, Jack achava que essas coisas eram inatas. Algumas pessoas sempre se preocupavam, e outras nunca o faziam. Ele supunha que seu pai pertencesse à última categoria. Talvez fosse difícil se preocupar estando a três estados de distância.

— Teste para o time de futebol — repetiu Becka solenemente, como que para gravar na memória. Então subiu correndo as escadas.

Alguém bateu com força na porta lateral. Jack ergueu a cabeça, surpreso.

— Oi, Will. Chegou cedo.

Era Will Childers, reclinando-se para espiar através da tela da porta. Embora Jack fosse alto, Will o superava em altura e era tão robusto que poderia jogar no time de futebol americano da universidade. O estojo do trompete parecia um brinquedo a seu lado.

— Jack! Vamos! Agora de manhã a gente tem o ensaio da banda de jazz, para o concerto da semana que vem.

Jack deu um tapa na testa e levou a tigela de cereal para a pia. Enfiando os pés dentro dos sapatos sem desamarrá-los, agarrou a mochila com os livros que o esperava junto à porta. Felizmente seu saxofone ficara na escola.

— As aulas já começam cedo demais nos dias normais — resmungou Jack, seguindo Will até a rua em passo acelerado.

Cortaram caminho pelo gramado da praça e ziguezaguearam por entre os clássicos prédios de arenito da faculdade. Trinity era uma dessas típicas cidades do Meio-Oeste norte-americano, que viviam em função de sua universidade, com ruas ladeadas por majestosas casas vitorianas e velhos carvalhos e bordos¹. Cheia de gente capaz de recitar de cor cada pecado que Jack já cometera. Ele vivera lá toda a sua vida.

Graças a Will, eles chegaram ao ensaio apenas alguns minutos atrasados. Só quando Jack já estava sentado na sala de chamada (onde os alunos se reuniam ao chegar à escola para receber as comunicações e instruções do dia) e o primeiro sinal já havia

tocado foi que ele se deu conta de que havia esquecido de tomar o remédio.

O incrível era que aquilo jamais acontecera antes — proeza obtida, até então, graças à mãe. O remédio era a prioridade número um para ela. Ela nunca o havia esquecido, nem mesmo uma única vez, e nem mesmo desta vez. Ele é que tinha pisado na bola.

Jack conhecia bem a história. Jessamine Longbranch, a famosa cirurgiã cardíaca de Londres, atravessara o oceano para tirá-lo das garras da morte. Ela ainda visitava os Estados Unidos uma ou duas vezes ao ano e fazia um exame completo em Jack.

O jeito de ela lidar com os pacientes deixava muito a desejar. Ele se despija da cintura para cima e ela fazia um rápido exame, passava as mãos pelos músculos de seus braços, pernas e tórax, auscultava-lhe o coração com um estetoscópio peculiar, em formato cônico, media-lhe a altura, o peso e a pressão sanguínea, e o declarava saudável.

Ele sempre se sentia como um pedaço de carne naqueles encontros com a doutora Longbranch, apalpado e cutucado à cata de gordura e ossos, questionado sobre suas atividades físicas. O inquieto deles, Nick, dizia que era uma falha comum em cirurgiões: eles preferiam lidar com pessoas anestesiadas.

Todas as visitas terminavam com um lembrete para que ele tomasse o remédio. A doutora Longbranch sempre levava um novo estoque em suas visitas, e a mãe de Jack encomendava mais de seu consultório em Londres. O remédio do frasco azul assumira um papel de talismã, o elixir que mantinha o mal a distância.

Não havia ninguém em casa para lhe levar o remédio, ele sabia. Becka estava na biblioteca da universidade; depois iria para o tribunal e estaria inacessível em ambos os lugares. Ela não levava um celular porque estava convencida de que eles causavam tumores cerebrais.

Talvez ele pudesse telefonar para Nick em casa ou mesmo no apartamento de Nick. Ele atenderia ao telefone se estivesse trabalhando na casa, embora nunca verificasse as mensagens na secretária eletrônica. Ou talvez Jack pudesse convencer Penworthy a deixá-lo voltar para casa para buscar o remédio. Valia a pena tentar. Jack pediu um bilhete de autorização do professor para sair ao saguão no exato instante em que o último sinal tocou.

Leotis Penworthy, o diretor do Colégio de Trinity, estava vistoriando o saguão da escola, interceptando estudantes que ainda não haviam entrado nas classes e tomando os nomes dos infelizes que ainda pingavam pela porta da frente.

Penworthy trajava calças com a bainha nos tornozelos e um casaco esporte de poliéster azul claro três números menor do que o seu. Sua barriga derramava-se sobre um cinto, escondido em algum lugar ali embaixo. O rosto estava sempre afogueado, como se a constrição na cintura forçasse o sangue a subir até as têmporas.

— SENHOR Fitch! — vociferou Penworthy, pegando pela gola um garoto que tentava passar despercebido por ele. — Sabe que horas são?

Era um embate cômico. As roupas de Fitch eram uma caótica mistura de pechinchas de um bazar de caridade com peças de estilo militar chique em tamanho grande, mangas arregaçadas e calças presas com um cinto para não escorregar do corpo esguio. Ele descolorira as pontas de seu cabelo claro e usava três brincos em uma das orelhas.

— Desculpe, senhor Penworthy. — Fitch fitou Jack de relance por sobre o ombro de Penworthy, depois voltou os olhos para o chão outra vez. Os cantos de sua boca se retorceram, mas a voz era solene. — Precisei fazer umas atualizações on-line esta manhã, e acho que acabei perdendo a hora.

Fitch era webmaster do site e administrador de sistemas não oficial da escola. Uma fonte barata de experiência técnica de alto nível.

— Não pense que pode usar o site como desculpa, senhor Fitch. Nós lhe demos aquele computador para que fizesse o trabalho nas suas horas de folga.

Harmon Fitch vivia atrasado. A mãe trabalhava à noite, e Fitch tinha quatro irmãos e irmãs mais novos para pôr no ônibus escolar.

— Senhor Penworthy — interrompeu Jack. — Com licença. Eu, ahn, esqueci algo em casa e queria saber se eu poderia ir buscar — declarou, mantendo um tom neutro.

O diretor voltou sua atenção a Jack. Penworthy o detestava, e comunicava essa opinião de cem maneiras diferentes.

— Senhor Swift — disse Penworthy, os lábios se abrindo em um sorriso predatório. — Incrível como um rapaz tão inteligente possa ser terrivelmente desorganizado.

— Tem razão — disse Jack, com polidez. — Peço desculpas. Eu estarei de volta antes do fim do período da chamada, se me deixar.

Fitch já estava no meio do corredor. Penworthy não notou. Tinha agora um novo alvo, bem melhor.

— Lamento — disse o diretor num tom que não lamentava nada. — Os alunos não podem sair do prédio durante o horário das aulas. É uma questão de responsabilidade.

Jack não queria explicar a Penworthy sobre o remédio. Não era algo de que gostasse de falar. Mas sabia que uma explicação era seu bilhete para casa.

— Tenho de ir para casa pegar um remédio. É para o meu coração. Esqueci de tomar esta manhã.

Penworthy franziu o rosto, balançando-se sobre os calcanhares como um daqueles bonecos infláveis que logo se põem em pé quando são derrubados. Jack sabia que seria difícil lhe negar o

pedido (uma questão de responsabilidade). Mas o diretor tinha suas próprias armas.

— Muito bem — replicou Penworthy. — Nesse caso, faça o favor de registrar a sua saída na diretoria e vá para casa buscar esse remédio. Mas esteja preparado para cumprir detenção esta tarde para compensar o tempo perdido.

— Mas eu não posso — protestou Jack. — Tenho teste de futebol.

— Bem, senhor Swift, que isso lhe sirva de lição.

— Os olhos pálidos de Penworthy brilharam, triunfantes. — Nada é melhor para reforçar a memória do que conseqüências.

Jack sabia que estava numa fria. Se não comparecesse ao teste, não poderia participar do time. E ele achava que tinha condições de entrar pelo menos no time de juniores.

— Deixa pra lá, então — disse ele, voltando-se para os telefones públicos junto à diretoria da escola. Becka também não permitia que Jack tivesse um telefone celular. — Vou telefonar para casa e ver se consigo que alguém me traga o remédio.

— Desde que seja um adulto — avisou Penworthy.

— Temos uma política de tolerância zero em relação a drogas na escola.

Ninguém atendeu em casa nem no apartamento de Nick. Com certeza, algumas horas de atraso para tomar o remédio não fariam mal. Em todos os seus dezesseis anos de vida, Jack não conseguia se lembrar de um único sintoma. A cirurgia o havia curado, até onde sabia. Longbranch nunca explicara exatamente para que a medicação servia. A mãe de Jack, geralmente tão cheia de perguntas, tratava o remédio como uma poção mágica. Ele se sentia bem, de qualquer maneira. Se quaisquer sintomas aparecessem, poderia dizer que estava doente e eles o deixariam ir para casa. Pôs o telefone no gancho e voltou à classe principal.

Menos de um minuto após Jack ter voltado à sua carteira, Ellen Stephenson tocou-lhe o ombro.

— Que medidas você conseguiu no experimento de respiração?
— sussurrou ela. — Eu fiz meu relatório ontem à noite e meus números não bateram.

Jack enfiou a mão na mochila, pegou a pasta de ciências e passou-a para Ellen.

— Os meus também não. Estava pensando se a máquina não está descalibrada.

Ela curvou a cabeça sobre a tabela de dados de Jack, espremendo os olhos para ler as anotações desleixadas, prendendo atrás das orelhas os cabelos castanhos curtos. Eram lisos e brilhantes, como um tipo de capacete. Ela virou-se de lado na cadeira, estendendo as longas pernas no corredor entre as carteiras. Havia algo diferente nela hoje, mas Jack não conseguia adivinhar o quê.

Batom. Ela estava usando batom cor-de-rosa. Jack não se lembrava de já tê-la visto usando maquiagem antes. Ele tamborilou os dedos de leve sobre a carteira, contemplando os lábios de Ellen de perto enquanto ela lia a página. Fazia muito tempo que ele não olhava para ninguém que não fosse sua ex-namorada, Leesha.

— Pelo menos os seus dados variam tanto quanto os meus — concordou ela, devolvendo-lhe a pasta. Suas mãos colidiram, tocaram-se por um momento, e ela retirou a sua rapidamente. A pasta caiu no chão, espalhando os papéis.

— Oh, droga, me desculpe. — Ajoelhando-se ao lado da carteira de Jack, ela arrumou apressadamente as folhas numa pilha. Olhou para ele, em silêncio, estendendo-lhe o maço de papéis.

Os olhos dela eram cinza-claro sob uma franja de cílios cor de fumaça, e havia uma pequena saliência no alto de seu nariz, como se tivesse sofrido uma fratura no passado. Jack resistiu ao

impulso de estender a mão e tocá-lo. Em vez disso, enfiou os papéis de volta na pasta e ofereceu a mão para ajudá-la a levantar-se.

Isso pareceu atrapalhá-la de novo. Ellen ajeitou a saia e o cabelo.

— Talvez na aula a gente possa perguntar sobre isso ao senhor Marshall.

— Perguntar sobre...? Ah. Claro, tudo bem. — Jack pigarreou.

— Se você quiser.

O sinal tocou, surpreendentemente alto. Jack começou a guardar os livros e a pasta na mochila.

— Humm... Jack?

Ele ergueu os olhos e viu Ellen em pé entre ele e a porta, sua própria mochila pendurada no ombro.

— Eu estava pensando, o que você acha de estudarmos juntos hoje à noite para a prova de ciências sociais? Eu fiz algumas anotações — acrescentou ela. — Nós... ah... podíamos compará-las...

Jack olhou para ela com surpresa. Ellen nunca mostrara nenhum interesse nele antes, a não ser como padrão de comparação de algum tipo. Ela era nova no Colégio Trinity, mas já possuía a reputação de tirar boas notas. Na verdade, ela tirava notas mais altas do que Jack em algumas das matérias em que ele se distinguia.

"Talvez ela não tenha mais o que fazer", pensou Jack. Fora chato para ela mudar de escola um ano antes da formatura. Ellen não saía muito com a turma. Ele não se lembrava de tê-la visto nas festas ou no Corcoran's depois de um jogo.

Ela era mesmo uma graça, e ele não estava namorando ninguém. Não desde que Leesha o havia trocado por aquele imbecil, Lobeck. Ele provavelmente estaria no teste de futebol e...

O teste.

— Eu adoraria, quero dizer, eu queria poder — disse ele, pendurando a mochila no ombro. — Mas tenho teste de futebol hoje à noite, e não sei quando vai terminar.

— Teste de futebol? — repetiu ela, olhando-o de cima a baixo.

— Sério? Você joga?

Jack enviou uma prece aos deuses do futebol.

— É o que eu espero.

— Tudo bem — disse ela, desviando o olhar para baixo, e corando. — Claro. Talvez outro dia.

Ela deslocou a mochila mais uma vez e rumou para a porta, movendo-se com uma elegância atlética que tirou a respiração de Jack.

— Stephenson! — chamou ele. Ela parou junto à porta e se virou.

— Outro dia, promete? — sorriu ele.

Ela devolveu-lhe um sorriso hesitante e foi-se embora.

"Idiota", resmungou para si mesmo. Grandessíssimo idiota. Sabia por experiência própria que as meninas nunca convidavam duas vezes. Ele tinha muitas amigas, conhecia a maioria delas desde que haviam compartilhado suco de maçã e biscoitos de aveia no jardim de infância da cooperativa de Trinity. Não era fácil imaginar como ir além disso. Cidades pequenas eram meio... incestuosas.

Leesha Middleton tinha sido diferente. Havia se mudado para Trinity no ano anterior. Você não se torna amigo da Leesha. Você se rende. Ela podia namorar quem quisesse, mas Leesha escolheu Jack. E agora ela havia escolhido Lobeck.

Ellen era sangue novo na cidade, também. Agora provavelmente ele teria de dar o próximo passo.

Jack tentou telefonar para casa de novo na hora do almoço. Tentou o escritório também, mas Becka não tinha falado com Bernice. Ele estremeceu, imaginando a reação da mãe se recebesse a mensagem no fim da tarde. Com alguma sorte, ele

chegaria em casa antes dela. De qualquer maneira, sentia-se bem. Ótimo, na verdade.

Quando Jack e Will chegaram ao campo nos fundos do colégio, alguns dos que foram mais cedo estavam ajudando Ted Slansky, o treinador de futebol, a posicionar as traves. O sol emergia por entre as nuvens de vez em quando, mas era um sol frio que parecia sugar mais calor do que fornecer.

A arquibancada estava salpicada de alguns espectadores: pais interessados, treinadores da comunidade, amigos. Jack protegeu os olhos com a mão e vasculhou os assentos para ver se havia alguém que conhecesse.

— Hasteai a bandeira — disse Fitch logo atrás dele. — Eis a rainha e sua corte.

Voltando-se, Jack viu um punhado de jogadores do colégio reunidos em um semicírculo reverente numa das extremidades da arquibancada, como planetas apaixonados em torno do sol deslumbrante. Leesha.

— O que ela está fazendo aqui? — disse Jack, irritado. — Ela odeia futebol. — Jack soube a resposta enquanto ainda estava perguntando.

— Não cabe a nós perguntar, mas tão somente servir, admirar e desejar.

Talvez Fitch não tivesse idéia do quão irritante isso era. Talvez.

— Cale a boca, Fitch.

O sorriso de Fitch desapareceu.

— Cara, você está numa melhor agora. Pode acreditar.

Jack abriu os punhos e deu deliberadamente as costas para a arquibancada.

Muita gente havia aparecido. Jack tentou ser otimista. Era um bom jogador, jogando no meio-campo e como atacante na maior parte das vezes, mas nunca fora um astro.

— Olha só quem apareceu para o teste. Jackson Downey Swift. Ou é Swift Downey Jackson? Fico tão confuso.

A voz zombeteira veio por trás, mas Jack soube quem era imediatamente. Então uma bola de futebol atingiu-o entre as espáduas. Com força.

— Isso se chama passe — disse Garrett Lobeck. — É melhor prestar atenção, se quiser jogar com os adultos.

Jack se virou. Lobeck tinha um sorriso torto no rosto, achando que tinha feito um comentário muito inteligente. Era um dos quatro irmãos conhecidos pela boa aparência, maus hábitos e um talento para a violência tanto dentro quanto fora do campo. Aos dezessete anos, Garrett era o caçula e estava a caminho de ser o pior do bando.

— Talvez você deva pintar o nome na bunda para que o treinador saiba que a sua mãe está no conselho escolar — continuou Lobeck. — Só desse jeito você consegue uma vaga.

— É uma surpresa ver você aqui também, Lobeck — replicou Jack. — Pensei que tivessem tornado você inelegível depois daquele jogo contra Garfield no ano passado.

Lobeck havia quebrado a perna do goleiro em um pênalti maldoso. As coisas haviam ficado pretas na época. Mas Lobeck era um zagueiro talentoso, e o pai dele era dono de metade da cidade, de modo que lhe foi permitido jogar futebol no outono. Becka fora a única no conselho escolar a votar contra.

Jack ergueu a bola no peito do pé, fez algumas embaixadinhas e passou-a para Fitch.

— Quer dizer que agressão e violência são permitidos. Eles jogaram fora a exigência de boas notas também? Ou você está em algum programa de recuperação para idiotas?

Houve um certo atraso de resposta enquanto Lobeck processava a frase. A palavra "idiotas" deve tê-lo feito perceber alguma coisa, pois seu rosto foi tomado de uma cor escarlate, e ele deu um passo em direção a Jack.

De repente, Will estava ali.

— Qual é o problema, Lobeck? Ninguém da quinta série para atormentar?

Lobeck era grandalhão, mas Will era tão alto quanto ele, e era puro músculo. Lobeck não gostou da mudança em suas probabilidades de sucesso.

— Fica frio, Childers. Não precisa ficar nervosinho. — Lobeck franziu a cara para Jack e correu em direção à linha de fundo.

Eles começaram com exercícios físicos, dribles e passes, arremessos e chutes a gol. Jack estava em pé junto à lateral, esperando sua vez de arremessar, quando escutou uma outra voz familiar atrás dele.

— Jackson — ela pronunciou o nome em duas sílabas desapontadas —, não vai nem me dizer "oi"?

Ele precisou se virar para não demonstrar que a presença dela o afetava.

— Oi, Leesha.

Ela estava vestindo um casaco rosa pálido com capuz, e os cachos volumosos do cabelo estavam puxados para trás numa presilha. Leesha pôs-lhe a mão no braço. Ele olhou para a mão, tentando ignorar a própria pulsação martelando nos ouvidos.

— Ainda sinto saudades de vez em quando, Jack. — Sinceros olhos castanhos olhavam fundo nos dele.

Ele era esperto demais para cair nessa armadilha.

— Claro que sente, Leesha. — Jack achava que estava conseguindo manter a voz branda e firme. Voltou o olhar para o outro lado do campo, sabendo, sem ver, que ela estava fazendo beicinho, uma pequena linha franzida entre as sobrancelhas, o lábio inferior projetado para a frente. A mão dela ainda estava em seu braço.

— Não tenho certeza quanto ao Garrett — disse ela. — Às vezes ele é tão... possessivo.

Quando Jack não respondeu, Leesha disse:

— Você vem à minha festa? Jack piscou e olhou para ela.

— O quê?

— Você vem à minha festa? É no Clube Lakeside.

A vez de Jack se aproximava. Ele removeu a mão de Leesha de seu braço. Mas ela o segurou pela camisa, ergueu-se na ponta dos pés e beijou-o no rosto. Um beijo casto, para ela, mas Jack recuou como se tivesse sido queimado.

— Vou mandar um convite especial pra você, Jack — prometeu Leesha, soltando-o.

Algo o fez olhar por sobre a cabeça dela, para as arquibancadas logo além. Onde Ellen Stephenson estava, olhando para ele e Leesha. Então Ellen lhes deu as costas, pulando com agilidade do assento para o chão. Em poucos passos largos, ela chegou ao portão e foi embora.

Praguejando em voz baixa, Jack voltou-se novamente para o campo — e viu Garrett Lobeck observando-o com um ar furioso, como uma nuvem de tempestade se aproximando.

— Swift!

Era a vez de Jack. Finalmente. Ele fez o arremesso.

Eles começaram uma série de partidas, com mudanças periódicas de posição.

Jack jogou como zagueiro, meio-campo e, por fim, como atacante. Mentalmente, estava abalado, mas fisicamente se sentia bem, nem um pouco cansado, embora tivesse estado constantemente no campo. Era bom estar ao ar livre de novo, depois de um longo inverno. O sol de fim de tarde inclinava-se sobre o gramado, quase cegando-o quando olhava em sua direção. O campo ainda estava molhado e, após uma hora e meia sendo castigado, estava ficando escorregadio.

Jack tinha acabado de receber um longo passe de Harmon Fitch e girado para levar a bola para a frente quando, de repente, sentiu suas pernas sendo varridas debaixo de seu corpo. Ele caiu feio, de costas na lama. Precisou de um momento para recuperar

o fôlego. Erguendo-se sobre os cotovelos, viu Lobeck indo na direção contrária com a bola. Lobeck: o rei do carrinho.

Fitch ajudou-o a levantar-se.

— Tudo bem com você, Jack?

Jack afastou-lhe a mão bruscamente. Ficou olhando para Lobeck. Talvez fosse hora de lhe dar uma lição. Fitch percebeu.

— Qual é, Jack? Nesse caminho paira a morbidez e a mortalidade. Você precisa escolher melhor as batalhas. Espere até haver uma maratona de matemática ou coisa assim. Acabe com ele. — Ele sorriu. — Se você quiser, posso entrar no computador da escola e mudar as notas dele, mas duvido que isso faça um grande estrago.

Jack limpou as mãos enlameadas na camisa. Fitch tinha razão. Não havia jeito de ele vencer Lobeck numa briga. Além disso, não estava machucado. Estava encharcado, mas não sentia frio, apesar do vento. Havia um formigamento nas extremidades, como se o sangue lhe retornasse após longa ausência. Olhou para o campo com súbita clareza, julgando os jogadores, mapeando os obstáculos em seu caminho.

O time de Lobeck tinha feito um gol e reiniciado a partida. Mais uma vez, o time de Jack estava se aproximando do gol. Jack havia conduzido a bola até o canto da área quando Lobeck surgiu à sua frente como uma parede, arreganhando os dentes em expectativa. Jack fintou para a esquerda e partiu pelo centro. Ele sentiu mais do que viu Lobeck logo atrás dele, e pelo canto do olho viu a forma gigantesca vindo em sua direção no exato instante em que Jack chutou a bola. Virou de lado, erguendo as mãos com as palmas para fora, e se preparou para o impacto.

Jack não saberia dizer o que aconteceu a seguir. Enquanto a bola passava pelo goleiro, ele esticou os braços para se defender do ataque. Houve uma explosão dentro dele, e algo como metal quente jorrou-lhe pelos braços e irrompeu pelas pontas dos dedos. Lobeck gritou e levantou vôo, seguindo a bola até dentro

do gol. O impacto foi tão forte que ele quase ricocheteou de volta para o campo. Por uns cinco segundos, Lobeck ficou lá caído, tonto, antes de rolar sobre a barriga e pôr-se de quatro. Ele levou ainda mais um minuto ou dois para recuperar o fôlego. Então, como um motor lentamente retornando à vida, começou a praguejar.

— Foi falta! — arquejou ele, apontando um dedo grosso para Jack. — Você me jogou pra dentro do gol. — Lobeck tremia de raiva e indignação, literalmente.

— Eu nem toquei em você! — Jack estava suando, quase fumegando. Ainda sentia um formigamento, mas estava estranhamente exausto. Deu uma olhada rápida para a arquibancada. Leesha estava inclinada para a frente, observando tudo com avidez. Leesha achava futebol um tédio, mas adorava uma briga.

Cambaleante, Lobeck se pôs em pé. A testa estava toda coberta de lama, e o lábio estava sangrando.

— Você me jogou na rede! — Ele virou-se para o goleiro em busca de apoio. — Não foi?

O goleiro deu de ombros. Estivera ocupado tentando defender o gol do chute de Jack.

Jack estufou o peito e ergueu as mãos, pronto para rechaçar um ataque. Para sua surpresa, Lobeck hesitou e recuou um passo. E Lobeck era pelo menos uns vinte quilos mais pesado que ele.

— Desista, Garrett — disse Will. — Tinha anos-luz de distância entre você e o Jack. Você deve ter tropeçado. Além do mais, o chute foi totalmente limpo. Nem pareceu que era atrás da bola que você estava indo.

O treinador Slansky havia seguido a bola até o fim do campo e ficado lá, observando, junto à grande área. Lobeck olhou com o canto dos olhos para o treinador, então fez uma carranca para Jack.

— Muito bem, rapazes, vamos parar por aqui — disse Slansky.
— Acho que vi tudo o que precisava ver hoje. Além disso, parece que vai nevar ou coisa assim.

Lobeck apanhou sua bolsa de academia e a garrafa d'água e saiu de mansinho do campo. Will e Jack e vários outros jogadores ajudaram Slansky a guardar o equipamento. O sol havia deslizado para trás das nuvens, e o horizonte a oeste parecia ameaçador. Will e Jack foram buscar suas coisas nos armários e rumaram para o estacionamento. Leesha havia desaparecido.

— Engraçado — disse Will. — A previsão dizia que ia fazer tempo bom hoje.

Cortaram caminho por entre os prédios até a rua. O vento sacudia freneticamente os balanços quando os dois passaram pelo pátio de recreio da escola primária. As copas dos pinheiros à volta do estacionamento curvavam-se e dançavam. Pedacos de lixo corriam pelo chão. Jack estremeceu, sentindo-se exposto sob o céu turbulento.

— Grande chute, Jack — Will sorriu. — Queria ter trazido a minha câmara. A expressão na cara de Lobeck foi impagável.

Jack deu de ombros, apertando mais a jaqueta em torno de si.

— Eu nem vi o que aconteceu, na verdade. Acho que ele tropeçou.

Ele examinou a rua em frente, um túnel vazio sob as árvores ondulantes. Um corredor polonês. Sentiu agulhas espetando-lhe os braços. Por que estava tão nervoso? Lobeck havia partido antes deles, e era improvável que tentasse uma emboscada. Não com Will por perto.

Olhou para trás à tempo de ver alguém emergir entre duas casas e mover-se rapidamente na direção deles, como se estivesse flutuando por sobre a grama. Alguém trajando um longo casaco que lhe esvoaçava ao redor das pernas, alto e magro demais para ser Garrett Lobeck.

— Will! — Jack agarrou o braço do amigo.

Will se voltou, seguindo o olhar de Jack. Então sorriu.

— Ei, Nick! — gritou Will. — De onde você veio?

E as dimensões do estranho mudaram, subitamente tornando-se reconhecíveis. Lá estavam a barba aparada com cuidado, os olhos negros penetrantes, a franja de cabelos brancos. Por que ele lhe parecia tão estranho? Mas quando Nick Snowbeard falou, a voz era tão estranha quanto a imagem.

— Jack! Vá para casa agora e tome o remédio! Rápido! Sua mãe está esperando por você.

A voz de Nick feria como uma chicotada, fazendo Jack recuar, cambaleante.

— Nick? — disse Jack, incerto.

— Eu mandei você ir! Will, assegure-se de que ele chegue lá. Conversaremos mais tarde.

Nick deu-lhes as costas, o rosto feroz e determinado, olhando para o fim da rua em direção ao colégio. Will agarrou Jack pelo braço, literalmente arrastando-o para casa.

Começaram a correr, lado a lado, os pés ressoando no concreto. Jack lembrou-se da mensagem que deixara na secretária eletrônica. Becka devia ter mandado Nick procurar por ele. Estava zangada por Jack ter ido ao treino de futebol em vez de ter voltado direto para casa. Ele estava frito.

Começou a se perguntar se era boa idéia correr para casa para tomar o remédio para o coração, mas a essa altura estavam dobrando a esquina na rua Jefferson.

A maioria dos vizinhos estava do lado de fora, apesar do tempo. Mercedes estava no jardim da frente. Ela vestia uma pesada jaqueta japonesa de algodão. Com pernas longas e finas e rosto pontiagudo, parecia uma espécie de flamingo exótico.

— Jackson! — Ela parecia muito aliviada por vê-los. — Melhor entrar em casa. Sua mãe está procurando por você.

Íris Bolingame se curvou sobre seu portão da frente para lhe dizer a mesma coisa. Era uma mulher alta e imponente, que

usava os longos cabelos loiros em uma única trança grossa decorada com bijuterias de vidro, como alguma deusa nórdica. Até Blaise Highbourne estava caminhando pela rua, balançando a cabeça leonina de um lado para o outro, procurando-o nas ruas transversais. Era como se a rua inteira o estivesse escoltando para casa.

Por outro lado, era assim que eram as coisas em uma cidade pequena. Todos sabiam da vida de todos.

Uma chuva misturada com neve caía do outro lado da rua quando ele e Will se despediram na calçada. Jack entrou, pronto a encarar o remédio e a bronca da mãe.

A mãe estava sentada à mesa da cozinha, o rosto manchado pelas lágrimas, cercada por uma guirlanda de lenços de papel, como oferendas em um santuário.

— Jack! — gritou ela, levantando-se num pulo. — Só cheguei em casa há uma hora. Quando recebi a mensagem, fiquei tão preocupada. E aí você não chegava... — A voz dela falhou.

— Me desculpa, mãe. Eu queria voltar pra casa e tomar o remédio, mas o senhor Penworthy não deixou. Quer dizer, ele teria deixado, mas aí eu teria de cumprir detenção. E perderia o teste de futebol. — Ele hesitou, dando-se conta de que estava tornando a situação pior. — Lembra? Eu falei pra você do teste esta tarde.

— Teste de futebol! Você devia ter voltado direto pra casa! Eu já telefonei para a escola, o hospital e a delegacia de polícia. Os vizinhos estão todos procurando por você. — Agora ela estava furiosa mesmo.

Ele assentiu, o rosto quente pelo embaraço.

— Eu sei. Eu encontrei o Nick.

— Nick? — Ela piscou, distraída. — Eu nem falei com ele. — Ela se concentrou para voltar ao ataque. — Como pôde ser tão descuidado? E se alguma coisa tivesse acontecido com o seu coração?

— Sério, mãe, me sinto ótimo.

E era verdade. Apesar do exercício de três horas, de ter sido jogado ao chão e coberto de lama, sentia-se realmente leve. Era difícil de explicar. O mundo parecia estranhamente nítido, mais em foco. Havia um lado intenso e primitivo em tudo. O vento uivava, e ele podia ouvir o chapinhar do granizo no telhado. As velhas janelas chacoalhavam nos batentes de madeira. Sentia vontade de voltar para fora em meio ao vento, brandir o punho e uivar de volta.

— Pois está com uma aparência péssima! Tem lama no seu cabelo! — disse ela, puxando-o para um abraço.

Estendeu a mão para pegar o frasco sobre a mesa. — Aqui, tome o remédio logo. A doutora Longbranch disse que se você algum dia esquecesse uma dose, era para tomar assim que se lembrasse.

Ela serviu uma colher de sopa do líquido cor de noz e a passou para Jack. O remédio carregava consigo o cheiro de porões úmidos e papel velho, das folhas do último outono remexidas no fundo de uma pilha. Ele o engoliu.

— Agora é melhor subir e tomar um banho. E talvez se deitar um pouco antes do jantar. Tenho trabalho para fazer hoje à noite. Quem sabe a gente encomenda comida tailandesa?

— Claro. Está ótimo — disse ele, o sabor do remédio prolongando-se na parte de trás da língua. Tinha um gosto de velhas tristezas, velhos arrependimentos. Esfregou os olhos com os dedos, assaltado por uma misteriosa sensação de perda.

Becka estava descarregando a maleta.

— Tia Linda vem amanhã.

— É? — Jack levantou a cabeça. Fazia mais de um ano desde a última visita da tia. O mais surpreendente era que ela tivesse telefonado para avisar que vinha. — O que aconteceu?

— Não sei — disse Becka. — Ela diz que vem pra ver você.

Ted Slansky estava sentado à surrada mesa da sala de equipamentos, bebendo um refrigerante de cereja e revisando suas notas sobre os testes da tarde. Esfregou o queixo, combinando informalmente jogadores e posições, levemente consciente do fedor de suor e couro que permeava o lugar. Os papéis agitaram-se com um movimento súbito de ar quando a porta se abriu.

Ele ergueu a cabeça, esperando ver um de seus jogadores, alguém com a esperança de receber um comentário antecipado. Entretanto, dois homens estavam em pé junto à porta, os casacos longos caindo-lhes com folga dos ombros, abertos na frente, como se não sentissem o frio. Um era um homem de mais idade, alto e magro, com uma barba de velho sábio. O outro tinha aparência jovem e atlética, com a linha do queixo acentuada e cabelo escuro e liso. Eles examinaram a sala rapidamente e depois se voltaram para Slansky.

— Havia um rapaz aqui? — perguntou o mais velho. Era uma pergunta estranha, e enunciada com um leve sotaque, como o de alguém nascido além-mar.

Slansky quase deu uma risada, mas não o fez. Por algum motivo, não parecia uma boa idéia.

— Havia uns trinta rapazes aqui, na verdade, mas acho que todos já foram embora a essa altura — respondeu ele. — Vocês olharam lá na frente? Alguns talvez ainda estejam esperando por suas caronas.

— Não há nenhum lá na frente — disse o mais velho, como se fosse culpa de Slansky.

Slansky encolheu os ombros, inquieto. Havia algo de ameaçador nos dois homens.

— Qual deles é o seu? Posso dizer se ele esteve aqui ou não. — Ele pôs a folha de inscrições na frente dele sobre a mesa.

— Não sabemos qual deles é — sibilou o mais jovem. — É por isso que estamos aqui.

Em resposta a isso, o mais velho ergueu a mão para calar o outro. Ele pegou a folha sobre a mesa, varrendo-a rapidamente com os olhos, então dobrou-a e colocou-a no bolso.

— Ei! — protestou Slansky. — Eu preciso disso.

Ele teria dito mais, mas o homem barbado pôs-lhe a mão no ombro. Slansky sentiu a forma e o peso da mão do homem, seu calor queimando-o através do blusão. Ficou em silêncio, os olhos arregalados, tomado por um medo irracional.

O prédio tremia sob o ataque do vento. O homem mais jovem se empertigou, a cabeça inclinada como se escutasse algo.

— Não devia ser tão difícil, se o rapaz não tem treinamento — grunhiu ele. — Há alguma perturbação, alguém interferindo...

— Sua voz diminuiu de volume até sumir.

— Por que havia trinta rapazes aqui? — perguntou o mais velho com suavidade, dirigindo-se a Slansky. Apertou com mais força o ombro do treinador, que sentiu o coração responder, como se o homem pudesse fazer o órgão parar de bater com um toque. O suor escorreu por entre as espáduas do treinador.

— Teste de futebol — replicou ele, engolindo em seco.

— Teste de futebol — repetiu o homem, incrédulo.

— Houve uma descarga de poder aqui — continuou ele.

— Quem sabe, uma briga?

Slansky balançou a cabeça.

— Às vezes as coisas ficam bem competitivas, mas...

— Ele balançou a cabeça de novo. — Nenhuma briga.

— Notou alguma coisa incomum? Algum dos jogadores... se destacou? Talvez um jogador novo tenha feito algo notável?

Slansky tentou desesperadamente recordar-se do teste da tarde.

— Houve algumas boas jogadas, mas... quem sabe se você me disser o que diab... o que vocês estão procurando, eu possa ajudar vocês.

O homem de barba fez um gesto impaciente. Puxou a lista de jogadores do bolso e jogou-a para Slansky.

— Circule o nome dos cinco melhores jogadores — ordenou ele. — Vamos começar por aí.

Quando o treinador terminou de fazê-lo, o estranho enfiou a lista de volta no bolso. O homem mais jovem transferiu o peso do corpo de um pé para o outro, impaciente para ir embora. O inquiridor moveu a mão do ombro para a cabeça de Slansky. O treinador sentiu alfinetadas por todo o couro cabeludo, como se seu cabelo tivesse ficado todo em pé. Ele tremia, aterrorizado.

— Ana memorare — sussurrou o homem. Foi assim que lhe soou, como uma frase em latim que Slansky poderia ter lembrado, dos tempos em que estudara na escola católica.

Slansky acordou algum tempo mais tarde e ergueu o rosto da mesa. Deu-se conta de que devia ter caído no sono, pois estava ficando escuro lá fora e a sala estava fria. De alguma maneira, havia derrubado a lata de refrigerante de cereja. Perguntou-se por que a porta estava aberta e onde a lista de inscrição tinha ido parar.

Após o jantar, Jack saiu escondido pela porta de trás e atravessou a entrada de cascalho até a garagem, carregando o livro de ciências sociais e o caderno debaixo do braço. Subiu as escadas que levavam ao apartamento de Nick e estava levantando a mão para bater na porta quando ouviu a voz dele vindo de dentro.

— Entre, Jack.

Como de costume, o apartamento do velho caseiro estava bem arrumado, embora diversos livros estivessem abertos sobre a escrivaninha. Eram apenas três cômodos, e o lugar estava repleto de coisas: livros, aeromodelos, uma máquina a vapor em miniatura que Nick e Jack tinham construído no ano anterior, potes de produtos químicos e extratos vegetais. Ramos de plantas secas pendiam do teto, como um exótico jardim de ponta-cabeça. Havia um grande armário de madeira que fora outrora um mostruário de loja, com uma fileira de pequenas

gavetas cheias de ferramentas antigas e objetos recuperados. Um quarto inteiro era dedicado aos livros, arrumados em duas fileiras nas estantes do chão ao teto, em cada parede. O apartamento sempre cheirava a tinta, verniz, especiarias e poeira; exótico, como um dos mercados indianos junto à universidade. Nick em casa lembrava a Jack um urso velho em sua toca se preparando para o inverno.

Nick Snowbeard ergueu os olhos de seu jantar solitário.

— Sente-se, Jack. Chegou bem na hora da sobremesa.

Jack sentou-se com cautela na cadeira que lhe foi oferecida.

Nick arrastou os pés pelo apartamento, vestido em seus trajes habituais: camisa de flanela e calças de trabalho.

A sobremesa era sorvete de chocolate e marsh-mallow. Jack conseguiu esvaziar metade do prato antes que Nick começasse o sermão.

— Quer dizer que você se esqueceu de tomar o remédio — disse Nick abruptamente. — A sua mãe deve ter subido pelas paredes. — Ele ainda parecia brusco e enérgico, o que não lhe era usual.

— Suponho que sim. — Jack desviou o olhar para a janela. Uma bandeja rasa fora colocada sobre a mesa. Havia sido coberta com diferentes cores de areia, arrumada com um ancinho em um desenho intrincado, com pequenos objetos espalhados por cima.

— Por que não veio para casa e tomou o remédio quando se lembrou? — A voz de Nick interrompeu o devaneio de Jack.

— O senhor Penworthy disse que eu teria de cumprir detenção depois da última aula se eu saísse da escola pra ir buscar. E eu não queria perder o teste de futebol.

Nick balançou a cabeça, as sobrancelhas exageradas juntando-se numa carranca.

— Devia ter voltado para casa mesmo assim, com ou sem detenção. O que a sua mãe está pedindo é bem pouco: que você

coopere e tome conta de si mesmo. O que você fez hoje poderia ter tido conseqüências sérias. Você não imagina o que é perder um filho.

O velho falou como se por experiência própria. Jack suspirou, uma explosão frustrada de ar.

— Você é adolescente. Acha que é imortal. — Nick recolheu os pratos e os levou para a pia. Pôs a chaleira no fogo. — Como foi o teste?

Jack contou a Nick tudo o que havia acontecido com Lobeck. Quando Jack terminou a história, Nick estava franzindo a testa de novo.

— Garrett Lobeck saiu voando pelo ar? E você não tocou nele? Jack deu de ombros.

— Não sei o que aconteceu. Ele ficou furioso. Acho que ele só estava procurando um pretexto para anular a jogada.

— Ele se machucou? — insistiu Nick. Por que o súbito interesse em Lobeck?

— Ficou com o lábio sangrando. Vai ficar inchado amanhã. Pra combinar com a cabeça dele — acrescentou Jack.

— Acha que ele vai fazer um escândalo a respeito? Contar a outras pessoas que foi atacado ou algo assim? — Snowbeard inclinou-se para a frente, espalmando as mãos sobre a mesa como para segurá-la no chão. As mãos do velho pareciam suaves e incrivelmente jovens para alguém da idade dele. Qualquer que fosse a idade dele.

— Vai saber! Ele disse que eu fiz falta nele. Falando sério, alguém já devia ter machucado ele há muito tempo.

Nick deu um sorriso contido.

— Não me entenda mal, Jack. Não é que eu seja contra um bom chute no traseiro quando é merecido.

Nick levantou-se de repente e caminhou até a janela, cutucando com o dedo indicador as peças de metal sobre o canteiro de areia.

— O que é isso? — perguntou Jack, ansioso por distrair Nick, que parecia determinado a interrogá-lo.

— Ahn? Isto? Não é nada. Um amuleto contra o mal. Magia antiga. As excentricidades de um velho.

Coisa típica de Nick Snowbeard. Ele era capaz de dizer qualquer absurdo e ninguém reclamaria.

Quando Nick ficou satisfeito com a disposição dos objetos, voltou à mesa. E ao assunto Lobeck.

— Alguém mais viu o que aconteceu? Havia alguém lá para assistir ao teste?

Jack sacudiu a cabeça.

— O goleiro é quem estava mais próximo, e acho que ele não viu nada. — Tentou lembrar quem estava na arquibancada.

Pensou em Leesha. — Havia algumas pessoas na arquibancada.

— Jack olhou para Nick com curiosidade. — Por quê? Acha que ele vai me processar ou coisa assim?

A chaleira apitou. Nick levantou-se, tirando-a do fogo, e encheu o bule com água quente. Serviu em uma xícara de porcelana, com creme e açúcar.

O tempo estava piorando. A chuva misturada à neve pipocava contra o vidro das janelas, e os carvalhos atrás da garagem rangiam em protesto. Um frio úmido parecia abrir caminho por centenas de passagens invisíveis, correndo dedos gelados pela espinha de Jack.

Jack ainda estava irritado a respeito do remédio. Hoje ele não o tomara e havia se sentido... diferente. Mais vivo. Agora, sentia-se... anestesiado. Como se estivesse sendo sufocado.

— Não sei qual é o grande problema com o remédio. A doutora Longbranch diz que eu preciso continuar tomando. Ela nunca faz exame algum, então como é que ela sabe? Eu me sinto ótimo, e me senti bem hoje sem ele. Talvez seja hora de eu começar a diminuir a dosagem até parar. Acho que a gente

deveria arrumar um outro médico, alguém da região. Eu nunca gostei muito da doutora Longbranch mesmo.

— Você disse à sua mãe como se sente?

— Eu tentei, mas ela não quer nem ouvir. É como se ela achasse que a Longbranch fosse um tipo de... maga.

Nick engasgou, cuspiando, respingando chá pela mesa.

— Tudo bem com você?

— Perfeito. — Nick secou a barba com um guardanapo. — Sugiro que converse com sua tia Linda antes de fazer qualquer coisa drástica.

Jack o fitou. Tia Linda? Por que ele precisava que ela desse uma segunda opinião? Becka muitas vezes brincava que Nick tinha sido um presente da tia Linda, já que fora ela quem o recomendara. Todos os presentes que ela dava eram incomuns, desde exóticas esculturas da África até um jogo de química que os pais de Jack haviam vetado quando ele tinha três anos de idade, além de aulas de navegação e fins de semana na praia. Alguns presentes eram perigosos, alguns extravagantes e nada práticos, mas todos interessantes. Nunca uma camisa pólo ou um vale-presente.

Nick nunca falava muito sobre sua história pessoal — se tinha alguma família ou como conhecera a tia Linda. De alguma maneira, ele conseguia se desviar desse tipo de pergunta sem dificuldade. Era do norte da Inglaterra, tinha estudado em Cambridge, embora nunca houvesse concluído a pós-graduação. Tia Linda havia estudado numa escola particular na Inglaterra quando tinha a idade de Jack. Talvez tivessem se conhecido lá.

Não importava. Jack estava cansado de ser o menino milagroso, o sobrevivente, cansado de engolir o remédio que era emblemático de sua condição especial.

— Claro, Nick, o que você quiser. Eu falo com ela. Ela vem aqui amanhã, aliás — disse ele.

Os olhos negros de Nick brilharam sob as grossas sobrancelhas.

— É mesmo? Isso é bom, creio.

Impaciente, Jack apanhou o livro de ciências sociais e virou as folhas até encontrar a página apropriada.

— Muito bem. Vamos voltar aos assuntos importantes. Tenho prova de ciências sociais amanhã. Será que você poderia me fazer perguntas a respeito dos exploradores, pra me testar? — Jack empurrou o livro na direção de Nick, com certa rudeza. História era a especialidade de Snowbeard. Às vezes ele falava de eventos ocorridos havia muito tempo como se houvesse participado pessoalmente deles.

O velho ficou ali sentado por um momento, batendo um dedo contra os lábios franzidos. Suspirou e girou o livro de forma que pudesse lê-lo. Encontrou o ponto e indicou-o com o dedo.

— Vasco da Gama — disse ele.

Capítulo Dois

A Viagem de Carro

Jack acordou, confuso por um momento pelo som de vozes vindo do andar de baixo. Afastou a colcha, depois se deitou de costas por algum tempo, arrependido. Outra noite acordado até tarde.

Mas havia algo mais, algum vestígio de um sonho que o fez estremecer. Algo sobre pessoas mortas, alguém procurando por ele. E Nick. Jack franziu a testa. Fazia muito tempo que não tinha um pesadelo. Um de que se lembrasse, pelo menos.

O tempo havia melhorado. O vento finalmente se acalmara, depois de uivar por quase a noite inteira. Havia a promessa de um dia ensolarado no céu luminoso. O quintal estava dourado, cada folha tingida de prata com o gelo, reluzindo.

Quando dobrou a curva da escada de trás e entrou na cozinha, lá estava ela, sentada à mesa. Tia Linda.

Desta vez os cabelos dela estavam tingidos de ouro e platina, curtos e espetados para todos os lados. A pele parecia um pouco bronzeada, sem dúvida resultado da recente viagem aos trópicos. Vestia calça jeans e uma camiseta justa, com pesadas botas de couro para caminhadas.

Elas deviam estar falando sobre ele, pois a conversa parou quando ele entrou na cozinha. Houve um pequeno momento de embaraço, até que tia Linda se levantou para abraçá-lo. Jack era bem mais alto do que ela, mas ela curvou o queixo dele para baixo para poder ver-lhe o rosto. Os olhos dela eram azuis salpicados de dourado, como uma pedra exótica.

— Você cresceu tanto, Jack — disse ela, largando-lhe o queixo, mas ainda estudando seu rosto. — Acho até que está mais alto do que o seu pai. Parece que os meninos se tornam homens antes que a gente perceba. — Ela parecia um pouco triste por algum motivo, mas Jack se sentiu muito contente, como se a mudança fosse mérito seu.

— Eu estava contando as novidades a Linda. Acho que me esqueci de tudo depois do susto de ontem à noite. — Becca parecia tão excitada quanto uma criança no Natal. — Ganhei uma bolsa de estudos para uma pesquisa sobre Literatura Inglesa Medieval em Oxford neste verão.

— Oxford? Quer dizer, na Inglaterra? Mas e o seu emprego?

— Mike Mixon concordou em fazer meu trabalho no tribunal durante o verão. As coisas estão calmas no momento, de qualquer modo. Faz muito tempo desde a última vez que tirei férias de verdade. Não vou ter de trabalhar o tempo todo, e há tanta coisa que quero mostrar a você! — disse Becca.

— Você vai adorar a Inglaterra, Jack — acrescentou tia Linda.

— Nossa família vem de lá. Tantas vozes antigas, e tanta história sob o solo — disse ela, como se aquele comentário não necessitasse de nenhuma outra explicação.

— Bem. — Jack estava dividido entre excitação e apreensão.
— Papai disse que talvez nós fôssemos finalmente construir aquele veleiro neste verão.

— Tenho certeza de que podemos dar um jeito — disse Becka com suavidade, como se houvesse alguma possibilidade de que aquilo viesse a acontecer.

— Talvez a gente possa visitar você para variar — Jack sugeriu a Linda.

Linda desviou o olhar.

— Eu adoraria que vocês viessem me visitar, mas infelizmente eu subloquei meu apartamento em Londres, já que tenho viajado tanto.

O meio de vida de tia Linda sempre fora um tanto quanto misterioso. Ela trabalhava com imóveis, dizia, representando mansões e castelos por todo o Reino Unido. Jack supunha que ela fosse muito boa nisso: ela sempre parecia ter bastante dinheiro e tempo livre para gastá-lo.

— Mamãe disse que você veio me ver — disse ele, sem rodeios.

Ela assentiu, juntando os dedos da mão num gesto pensativo.

— Eu gostaria que você viesse comigo numa viagem de carro.

— Uma viagem?

— Vou desenterrar alguns parentes mortos — continuou ela — e perguntar a eles onde está o dinheiro da família.

— Parentes mortos? — Tudo o que ele parecia ser capaz de fazer era repetir o que ela dizia como um papagaio.

Tia Linda riu.

— Voltei para os Estados Unidos para fazer um pouco de pesquisa genealógica. Vou de carro até o condado de Coalton para pesquisar uns registros antigos.

— Oh.

Jack tentou não fazer careta. Estranho, ele nunca tinha ouvido tia Linda mencionar nada sobre genealogia antes.

— Vai ser tão divertido — disse Becka com entusiasmo. Ela adorava remexer em arquivos velhos e empoeirados, legais ou de outra natureza. — Queria poder ir também. Jack e eu fomos lá uma vez, mas não encontramos muita coisa. Talvez vocês dois tenham mais sucesso.

— Se-e-e-i — disse Jack com ceticismo. Linda sorriu.

— O que eu preciso mesmo é de músculos para desenterrar os corpos. Por que você não convida um ou dois amigos? Que tal o Will? É esse o nome dele? Ou quem sabe Harmon Fitch?

Como ela conseguia lembrar os nomes deles? Ela não vinha com muita frequência, e sua última visita tinha sido havia mais de um ano.

— Tenho certeza de que viajar para o sul de Ohio para pesquisar a genealogia da minha família vai soar ainda mais fascinante para eles. — Agora ele realmente fez uma careta.

— Vamos lá — implorou Linda. — A gente vai se divertir tanto. Ficaremos num hotel com piscina. Vocês vão poder comer porcaria e ficar acordados até tarde. Tudo por minha conta.

Ambos sabiam que todo o diálogo era só uma formalidade, um ritual pelo qual tinham de passar. Jack jamais fora capaz de lhe dizer não.

— Chame os seus amigos agora — disse Linda, empurrando o prato. — Quero estar na estrada às dez.

— Você quer sair agora? — Becka sacudiu a cabeça. — Então Jack não pode ir com você. Ele tem de ir à escola.

— É mesmo? — Tia Linda parecia confusa, como se a idéia de estarem em período escolar nunca tivesse lhe ocorrido. — Que inconveniente. Eu queria ir até o tribunal hoje. Acho que eles não abrem no fim de semana. — Ela pôs três ou quatro colheres de açúcar no chá e mexeu. — Deixa pra lá — declarou ela, de repente. — Iremos após a aula. Está combinado. Jack, convide os meninos esta manhã.

Para a surpresa de Jack, Will parecia disposto a ir. Possivelmente porque seus pais haviam encomendado húmus vegetal suficiente para cobrir cinco metros quadrados, carga que seria entregue aquela tarde. Parecia um bom fim de semana para estar fora da cidade. Mas o envolvimento de Linda Downey foi o fator decisivo. Will era normalmente tímido com as garotas, mas ficava com a língua absolutamente presa quando Linda estava por perto. "Você sabe que a sua tia é de tirar o fôlego, Jack", dissera ele certa vez, em tom solene, quase como se pedisse desculpas. E Jack tinha de admitir que ela era mesmo. Jack e Will demoraram-se no vestibulo junto à diretoria do colégio, na esperança de que Fitch aparecesse antes de o último sinal tocar.

Penworthy estava no seu posto de costume junto à porta da frente. Estava entretido numa conversa com um homem que Jack nunca vira. O homem estava vestido todo de preto, e era bem mais alto do que Penworthy.

— Ei! Você! Swift!

Jack virou-se e viu Garrett Lobeck saindo do escritório do diretor, ladeado por seus amigos, Jay Harkness e Bruce Leonard. Provavelmente cumprindo detenção antes das aulas. Qualquer um deles era maior do que dois Jacks.

Lobeck aproximou-se até invadir o espaço pessoal de Jack.

— Precisamos conversar sobre aquela sua jogada podre de ontem — disse Lobeck. Só que soou mais como "convechar" e "chogada", porque os lábios de Lobeck estavam tão inchados que pareciam duas vezes maiores do que o normal.

— Escute aqui — disse Jack. — Eu chutei para o gol. Só isso. Não tenho culpa se você estava no caminho. Vê se esquece isso.

— Eu vou ferrar você, Jack, juro que vou. Você só tem de se perguntar quando. — Lobeck tentou fazer uma cara de escárnio, mas desistiu. Aparentemente era doloroso demais. Leonard e Harkness arreganharam os dentes, contudo. Lobeck estava

representando para o seu público. Ele tinha de fazer alguma coisa, afinal. Todo mundo no colégio ficaria sabendo da história do futebol antes do fim do dia, com Garrett andando para todos os lados com a evidência exposta no rosto.

Jack não saberia dizer por que decidiu fazer aquilo. Algum tipo de impulso suicida, provavelmente. Ele inclinou-se até ficar a poucos centímetros de distância do rosto de Lobeck. Jack era tão alto quanto ele, apesar de não tão corpulento.

— Vai. Pode vir — disse Jack, com um sorriso amigável. — Da próxima vez, quebro o seu nariz, e você pode dizer adeus à sua carreira de modelo.

Lobeck estreitou os olhos como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo. Estendeu a mão com a aparente intenção de agarrar a camisa de Jack. Então pareceu mudar de idéia e, em vez disso, mostrou-lhe o dedo médio.

— SENHOR LOBECK!

Todos tiveram um sobressalto. Era Penworthy, acompanhado do estranho que Jack havia notado antes.

Penworthy enfiou um bilhete de detenção na mão de Lobeck.

— Senhor Lobeck, parece que o senhor não passou tempo suficiente na detenção esta semana. Mais do que ninguém, o senhor deveria saber que gestos obscenos são expressamente proibidos dentro da escola.

Lobeck vibrava como uma caldeira prestes a explodir. Quando finalmente conseguiu pôr a boca para funcionar, deixou escapar uma longa seqüência de obscenidades. Penworthy continuou destacando bilhetes de detenção até Lobeck ficar sem combustível.

— Ahn, senhor Penworthy — disse Will, com cautela para não se meter no meio das detenções voadoras. — A gente só estava indo para a sala de chamada.

Lobeck e seus amigos também pareciam ansiosos para ir embora.

Jack ergueu o olhar e viu o estranho o encarando. Contra a vontade, Jack viu-se paralisado, encarando-o de volta. O homem tinha maçãs do rosto altas e bem definidas, traços aristocráticos que eram prejudicados apenas por um nariz um pouco grande demais. Sua tez era pálida como a de um acadêmico ou de alguém cuja pele não reage ao sol. Olhos incrivelmente verdes eram protegidos por sobranceiras pesadas e negras demais para alguém de pele tão clara. Jack teve a rápida impressão de uma inteligência penetrante e de força física antes que Penworthy interviesse.

— Antes que se vão, senhores, gostaria que conhecessem o senhor Leander Hastings, nosso novo diretor-assistente — apressou-se em dizer. — Ele substituirá o senhor Brumfield. — Pôs a mão no ombro de cada garoto, um por um. — Senhor Lobeck. Senhor Harkness. Senhor Leonard. Senhor Childers. Senhor Swift. — O olhar de Hastings posou por um breve momento sobre cada um deles. — O senhor Hastings vai liderar nosso time de disciplina estudantil e será responsável pelo controle de presença.

— Não vou gastar todo o meu tempo distribuindo detenções. — Os lábios de Hastings retorceram-se, como se aquilo fosse uma piada particular. — Na verdade, pretendo desenvolver um programa para alguns dos... — Ele fez uma pausa, tentando escolher as palavras certas. — Para alguns dos... alunos mais dotados.

Hastings tinha uma presença que parecia não combinar com a administração de uma escola. Ele lembrava muito... um lobo.

— Sim, claro... educação para os dotados... — irrompeu Penworthy, como se essa fosse uma enorme e indesejável surpresa. — Uma idéia excelente, presumindo que tenha tempo para isso.

— Mas é claro. Eu arrumarei tempo — replicou Hastings. — Nada é mais importante do que agarrar o talento onde o

encontramos e lhe dar o melhor uso. — O olhar dele caiu sobre Jack.

Jack não tinha ouvido falar que Brumfield ia embora. Queria perguntar algo a respeito, mas não conseguiu. Uma profunda sensação de frio surgiu em algum lugar no peito, dificultando a respiração, quanto mais a fala. Teve um forte pressentimento de perigo vindo em sua direção. Certa vez, quando era pequeno, estava brincando com Will nos trilhos do trem quando percebeu que o trem se aproximava. Sentiu os trilhos vibrando através das solas dos sapatos, ouviu o som agudo do apito, mas não conseguiu se mover. Então Will agarrou-lhe o braço e puxou-o para o lado da estrada de ferro.

— Ahn, a gente tem de ir para a sala de chamada antes do último sinal — disse Will, mais uma vez puxando o braço de Jack.

Mas Hastings estava falando de novo, e ninguém se moveu.

— Vocês jogam futebol? Algum de vocês está no time?

— A gente fez o teste essa semana. — Will fez um gesto, incluindo os outros quatro. — Não sabemos ainda se conseguimos entrar ou não.

— No lugar de onde eu vim, eu era auxiliar técnico — disse Hastings. — Penso em participar do programa aqui.

Jack não teve dúvidas de que isso aconteceria, quer o treinador Slansky gostasse da idéia, quer não.

O último sinal tocou, e foi como se um encanto se rompesse. O grupo virou-se em três direções diferentes: Will e Jack para a ala do primeiro ano, Lobeck e seus amigos para o corredor do segundo ano, e Penworthy e Hastings de volta para o escritório.

Fitch freqüentava a mesma aula de cálculo que Jack, de modo que este pôde lhe perguntar sobre a viagem antes da hora do almoço. Fitch assentiu com tranqüilidade, como se a possibilidade de viajar centenas de quilômetros para ver registros antigos de tribunal sobre os parentes falecidos de Jack

fosse uma forma natural de recreação. Fitch nunca se importava muito com o que outras pessoas pensavam e tinha um talento para descobrir um ângulo interessante em qualquer situação. Durante a hora do almoço, ele telefonou para a mãe no trabalho. Ela respondeu que ele podia ir, desde que a viagem não lhe custasse nada.

Will teve mais dificuldade para se livrar do húmus.

— Mas vai ser educativo — implorou ele ao telefone. — A tia do Jack é geóloga. Ahn, quero dizer, genealogista. E eu vou escrever um relatório a respeito para a escola — acrescentou ele. Esse último comentário devia tê-los convencido, pois Will estava sorrindo ao recolocar o telefone no gancho.

Quando Jack chegou em casa, um Land Rover branco desconhecido estava estacionado no fim da rua. Uma escolha surpreendente para tia Linda, que geralmente alugava um carro esporte quando vinha de visita. Jack encontrou Becka na cozinha, dispendo sanduíches em uma caixa térmica.

— Linda foi visitar o Nick — explicou ela. — Ela me pediu que dissesse a você para fazer as malas.

A bolsa de viagem de Jack estava aberta sobre a cama dele. Junto dela estava um pequeno pacote embrulhado em papel parafinado com uma estampa azul brilhante. Ele tomou o pacote nas mãos e o examinou com curiosidade. Não pesava quase nada.

— Mercedes deixou isso pra você — disse tia Linda, em pé junto à porta, pegando-o de surpresa. — Ela disse que poderia ser útil na viagem.

Como Mercedes se envolvera nessa história? Será que os planos de viagem deles tinham sido publicados no website da cidade? Ou exibidos no letreiro magnético das áreas públicas da universidade? Jack resmungou, chateado. Às vezes ele detestava morar em uma cidade pequena.

Rasgou o papel. Era um colete sem mangas, tecido em uma leve fibra cinzenta que lhe parecia familiar. Três botões de prata decoravam a frente. Quando Jack olhou mais de perto, viu que eram rostos de três ursos diferentes, em prata, ouro e cobre.

— Não é exatamente o meu estilo — resmungou ele, jogando-o na cama. — E nem é meu aniversário. Mas agradeça a ela de qualquer jeito.

O que tinha dado na Mercedes? Ela sabia o tipo de roupas que ele usava. Nunca usava nada mais exótico do que jeans e camisetas. Ela o via praticamente todos os dias da semana.

Linda permanecia à porta, os braços cruzados.

— Experimente — disse ela. Jack ergueu os olhos, surpreso. Queria argumentar, mas sabia que, se Linda queria que ele vestisse aquela coisa, não havia como evitar.

— Sinto-me um idiota — grunhiu ele, apanhando o colete da cama e vestindo-o por sobre a camiseta. Servia como uma luva. Finalmente se deu conta do que aquilo lhe lembrava. Era feito com lã idêntica à do cobertor de bebê que Mercedes lhe havia feito anos atrás, agora guardado em uma caixa sob a cama.

— Parece bom — disse Linda.

Ela retorceu uma mecha de cabelo entre o indicador e o polegar. Havia uma tensão nela que ele não percebera de manhã. Ela havia acabado de voltar do apartamento do Nick. Será que o velho caseiro lhe dissera algo que a deixara perturbada?

Quando ele fez menção de tirar o colete, ela ergueu a mão.

— Não tire.

Jack supôs que deveria ficar feliz pelo colete não ser cor-de-rosa com bolinhas roxas. Will e Fitch teriam um bocado a dizer a respeito daquilo.

— Muito obrigado, tia Linda. Ouvi dizer que é o que todos os jovens estão vestindo hoje em dia.

Resmungando baixinho, ele abriu a última gaveta e começou a preparar a bagagem.

Linda percebeu sua expressão mal-humorada.

— Jack, escute-me. Não estou tentando deixar você embaraçado. É só que... Mercedes ficaria muito feliz se você o usasse. Por que não veste uma blusa por cima, se isso o faz se sentir melhor? Está mesmo frio lá fora. — E ela abriu aquele sorriso que sempre fazia com que as pessoas quisessem agradá-la.

Jack se perguntou o quão lisonjeada ficaria Mercedes em saber que ele estava vestindo o precioso colete dela como roupa de baixo. Ele encontrou sua blusa do estado de Ohio no chão, vestiu-a por sobre a cabeça e fechou o zíper da bolsa. Então se lembrou do que planejava lhe contar.

— Ah, sim. Tanto Will quanto Fitch vêm conosco — disse ele. Jack achou que ela ficaria contente, mas ela franziu a testa, como se houvesse se esquecido completamente de que os havia convidado.

— Oh! Talvez seja melhor nós dois irmos sozinhos — sugeriu ela, após uma pausa.

Jack a encarou, sem conseguir acreditar.

— Você não pode estar falando sério. Foi você quem me disse para convidá-los, pra início de conversa.

Ela passou os braços em torno de si mesma, balançando-se de um lado para outro.

— Eu... é só que...

— A mãe está empacotando comida suficiente para um batalhão. Ela até fez brownies, pra variar, em vez daquelas barras horríveis de cereal, cenoura e maçã.

— Está bem. Deixa pra lá. Só espero que eles cheguem logo. Quero sair daqui o mais rápido possível.

"Nunca a vi tão irritada", pensou Jack. Quando voltaram à cozinha, Becka estava fechando a caixa térmica.

— Isso deve manter vocês frrados se Linda não parar para comer. Ela parece que está mesmo em algum tipo de missão.

Vou guardar o remédio na sua bolsa — disse ela, de modo enfático, enfiando o grande frasco azul entre as roupas de Jack. — Não fique tão entretido com a história da família a ponto de se esquecer de tomar.

E então Will e Fitch chegaram, parecendo tomar todo o espaço da cozinha. Will trajava a jaqueta do colégio, camiseta e calça jeans. Fitch vestia uma jaqueta camuflada do exército, uma blusa amarela brilhante com o logotipo de uma estação de rádio de música country bordado na frente e calças de alpinismo verde-cinza com uma gravata vermelha no lugar do cinto.

Jack deu-se conta de que, não importava o que vestisse, jamais seria páreo para a combinação de Fitch, que jogava por suas próprias regras e nunca ficava chateado se os colegas o chamassem de excêntrico. "Excêntrico é bom, estranho é ruim", Fitch sempre dizia. Jack sentiu-se um pouco melhor.

Capítulo Três

Desenterrando Parentes Mortos

Linda pisava firme no acelerador. Parecia determinada a compensar pelo menos parte do tempo que haviam desperdiçado na escola. Sempre que Jack, que estava no banco do passageiro, dava uma espiada no velocímetro, o marcador estava em torno de 135 quilômetros por hora. Tivera esperança de que ela fosse lhe pedir que dirigisse, mas compreendeu que eles apenas perderiam tempo com ele ao volante.

Passaram por uma série de velhas cidadezinhas: um semáforo, um posto de combustível ou dois. Ao escurecer, começaram a ver o entulho de mineração a céu aberto: montes de escória e resíduos. Equipamentos de ferro para a perfuração de petróleo agachavam-se como mosquitos gigantes na poeira, sugando o sangue negro para fora da terra.

— Algum de vocês já esteve aqui antes? — perguntou Will.

— Minha mãe me trouxe aqui uns anos atrás — admitiu Jack. "Arrastou" teria sido uma palavra mais adequada. Becka o fizera andar por todas aquelas colinas, procurando pela propriedade da família. Nunca encontraram. — Minha tataravó Susannah viveu aqui. Era uma mulher bem interessante, acho. Tocava banjo e rabeca e fazia um vinho de cerejas pretas fantástico.

Linda continuou a história sem tirar os olhos da estrada:

— Susannah é quem estamos procurando. Dizem que ela possuía a Segunda Visão. Comungava com os espíritos, lia a sorte nas cartas e tinha sonhos proféticos.

— Parece algum tipo de bruxa — comentou Fitch.

— Minha mãe sempre se interessou por esse tipo de coisa — disse Jack, sorrindo. — Há boatos de que corre magia pela nossa família, sabe?

— Melhor que alergias — disse Fitch, espirrando.

— Susannah tinha um séquito considerável por aqui, principalmente de mulheres. — Linda deu uma guinada para não atropelar uma marmota. — Naqueles tempos, sempre parecia que eram os homens que faziam o futuro, e que as mulheres precisavam se proteger dele.

Jack olhou pela janela. Essa casa dos ancestrais estava no caminho que ia para lugar nenhum; um lugar de cemitérios, onde se escavava carvão e se enterrava pessoas.

Estava escuro quando chegaram a Coal Grove, a sede do condado, uma cidade sem nenhum semáforo. Um velho tribunal com a fachada ornamentada ancorava uma das extremidades da praça. As lojas estavam todas fechadas, embora vários carros lotassem o estacionamento junto ao cinema; luzes e música escapavam de um lugar chamado Café Pássaro Azul, na diagonal oposta ao tribunal. Sexta-feira à noite em Coal Grove, pensou Jack. Ainda mais devagar do que Trinity.

Linda entrou com o Land Rover em uma das ruas que dava na praça e estacionou junto ao meio-fio sob um enorme bordo. Não havia postes de luz, e estava completamente escuro à sombra da grande árvore.

— Onde estamos? — perguntou Will, confuso. — Não vamos para um hotel?

— Preciso ir ao tribunal primeiro — respondeu Linda, erguendo-se do banco da frente do carro.

Linda pendurou uma mochila sobre o ombro e fechou a porta do carro com força. O som pareceu mais alto do que seria natural na rua silenciosa.

Jack esticou-se todo fora do carro, sentindo as pernas um pouco bambas após a longa viagem. O ar da noite era frio e perfumado, e havia um som suave de sapos a alguma distância. Um cachorrinho começou a latir furioso atrás de uma porta de tela em uma casa próxima. A luz da varanda estava acesa, e podiam ver uma silhueta por trás da tela.

Linda guiou-os até o outro lado da rua e entraram no estacionamento atrás do tribunal. Um prédio moderno de tijolos alojava-se do outro lado do estacionamento, distante da praça. Dois carros de polícia estavam estacionados junto ao prédio. Uma luz de vapor de mercúrio projetava uma luz pálida sobre a cena.

— Mas o tribunal não está fechado? — insistiu Will.

— Oh, tenho certeza de que fica aberto nas noites de sexta.

Linda liderou o trio ao longo da parte de trás do prédio, entre caçambas de lixo verde-cáqui, adentrando as sombras de uma ruela do lado oposto. Ela seguiu a lateral do prédio até encontrar o que estava procurando: uma escadaria de concreto, com um corrimão de ferro em estilo antigo, que descia para um andar no subsolo. Ao fim da escadaria havia uma porta.

Linda olhou de um lado para outro da ruela e então desceu as escadas, fazendo um gesto para Jack e seus amigos a seguirem.

Remexeu na porta por um momento até que esta se abriu sob ruidosos protestos das dobradiças. Ela virou-se para trás.

— Eu falei que estava aberto! — disse ela, e sumiu lá dentro.

— Tenho um mau pressentimento sobre isso! — sussurrou Jack para Fitch.

Fitch deu de ombros. Com Linda no comando, não havia o que fazer a não ser ir atrás.

A entrada levava a um velho porão. O cheiro de papel velho, mofo e terra úmida era opressivo. Tia Linda tirou três lanternas poderosas da mochila. Só que um pouco tarde demais.

— Ai! — Will já havia batido a cabeça em uma viga baixa do teto.

Jack correu o facho de luz da lanterna pelas paredes. Estavam cobertas por estantes cheias de enormes livros de registro estampados com letras douradas. Tudo parecia ser de algum tom de cinza fosco, pois estava coberto com uma grossa camada de pó. Fitch já começava a espirrar. No alto das paredes, acima dos livros, havia fileiras e mais fileiras de caixas de metal.

Uma antiga escada de madeira dava acesso ao piso principal do prédio. Caixas de arquivos estavam empilhadas em quase todos os degraus, deixando apenas um estreito caminho para o topo. Linda encontrou um interruptor na parede junto aos degraus, e a sala foi subitamente inundada de luz.

— O que você está procurando? — perguntou Jack à tia. — E por que a gente não pode voltar amanhã?

Linda já estava levantando um livro da parede. Ela era surpreendentemente forte, considerando seu tamanho, e moveu o imenso volume para uma mesa inclinada de leitura no centro da sala. Linda tinha uma mancha de pó no alto do nariz.

— Estamos procurando por registros de óbitos — explicou ela.

— Temos de encontrar o registro da sua tataravó Downey. Minha estimativa é que ela morreu entre 1900 e 1920. O

tribunal não abre amanhã, então é melhor fazermos isso esta noite.

O livro sobre a mesa tinha como título "Livro de Óbitos A". Jack leu por cima do ombro de Linda. As páginas estavam repletas de longas colunas de escrita intrincada. Nome. Data de falecimento. Local de falecimento.

Local de nascimento. As datas no início do livro eram todas do fim da década de 1860. Linda virou rapidamente as páginas amareladas, examinando-as de cima a baixo até chegar ao fim do livro. Terminava em torno de 1875. Cedo demais.

— Não dá pra simplesmente escrever pro pessoal da capital, Columbus, pra conseguir essa informação? — perguntou Fitch, espirrando de novo. — Ou procurar na internet?

— Eles não têm registros eletrônicos dessa época — replicou Linda, erguendo o livro com a ajuda de Jack e recolocando-o no lugar. — Além disso, estou com pressa. Agora precisamos procurar pelo Livro de Óbitos B ou C.

Os livros de registros nas prateleiras não pareciam estar em uma ordem em particular. O volume junto ao Livro A estava rotulado como BB e era da década de 1950. Eles dividiram-se para examinar as lombadas dos livros por todos os lados da sala. Era uma grande bagunça. Processos do Tribunal de Pleitos Comuns. Livros de testamentos. Registros de terras.

Os olhos de Jack ficavam se desviando para a escada que levava ao andar principal. Era a delegacia de polícia que tinha visto do outro lado do estacionamento; tinha certeza disso. Será que a paixão por genealogia seria considerada uma boa justificativa para arrombamento e invasão? Tia Linda sempre parecia inventar suas próprias regras quando precisava, mas nunca a vira desobedecer à lei.

Por outro lado, talvez ele não a conhecesse muito bem.

Will estava vasculhando metodicamente uma pilha de livros, sem dúvida incentivado pela pálida esperança de um jantar no fim da noite.

— Ei! — disse ele de repente. — Que datas estamos procurando?

— Início de 1900 — respondeu Linda, movendo-se para ver o livro que ele estava examinando. — Pode ser este. — Ela correu o dedo pela folha, então virou várias páginas. — Essa é a época certa!

Aqueles últimos registros incluíam informações sobre a causa da morte, a maioria por doenças de que Jack nunca ouvira falar: escrófula, edema, febre cerebral. Algumas ele tinha visto apenas em livros de história: tísica, febre tifóide, varíola. Algumas mortes eram acidentais, com descrições sumárias: afogamento. Queda do telhado. Coice de cavalo.

Os lábios de Linda moveram-se silenciosamente enquanto virava as páginas delicadas.

— Aqui está! — disse ela. — "Susannah Downey. Nascida em 1868; esposa de fazendeiro; morreu em 12 de maio de 1900; causa da morte: acidente."

Eles todos se juntaram em torno para conseguir ler as garatujas.

— Ela era bem jovem — observou Jack. — Alguma idéia de como ela morreu? — Estava interessado, apesar de tudo.

— Não — respondeu Linda, transcrevendo o registro em um caderno que tirou da mochila. — Não diz onde ela viveu nem onde foi enterrada. — Ela parecia desapontada.

— Nenhum dos outros tem esse tipo de informação — disse Fitch. — Isso é importante?

— Preciso achar a tumba dela — disse tia Linda. — Pra isso precisamos descobrir em que cemitério ela foi enterrada. A não ser que ela tenha sido enterrada na própria propriedade. Nesse caso, teremos de verificar os registros de terras.

Estavam todos tão concentrados no que haviam encontrado que Jack levou alguns segundos para processar o que estava ouvindo. Ergueu a mão pedindo silêncio e indicou o teto com um movimento de cabeça. Lá estava o som inconfundível de passos no andar superior.

Todos ficaram paralisados. Havia um gosto amargo e metálico no fundo da boca de Jack, e seu coração parecia um peixe se contorcendo de aflição. Linda inclinou a cabeça como se pudesse ver a sala de cima através das tábuas toscas. Ela soltou a respiração num som fraco e primitivo de medo. Então fechou rapidamente o livro e o pôs de volta em seu nicho. Quase no mesmo momento, uma porta se abriu no topo das escadas e um pálido retângulo de luz apareceu na escadaria escura.

A escada estava entre eles e a porta de saída.

— Fugam! — sussurrou tia Linda enquanto saltava na direção do interruptor de luz.

O quarto foi mergulhado em trevas. Jack tropeçou na mesa central ao tatear em desespero no escuro até achar o contorno da porta. Tia Linda estava derrubando coisas atrás dele, fazendo uma barulheira infernal. Que diabos ela estava fazendo? Ele podia ouvir Will e Fitch um pouco à frente. Olhou rapidamente para trás e viu uma silhueta alta e negra no topo das escadas, emoldurada pelo amarelo sujo das lâmpadas de vapor de mercúrio. Não conseguiu distinguir o rosto nem os traços físicos. Jack ainda estava olhando quando a silhueta se voltou para ele.

Jack sentiu o toque daquela atenção como um golpe físico. Cambaleou, segurando-se em um armário de arquivos para não cair.

De repente, Linda estava ao lado dele, empurrando-o com força para a frente.

— Você! Ande, saia! Eu encontro vocês no Café Pássaro Azul em meia hora!

Atrás deles, Jack ouviu uma exclamação abafada, o som de algo pesado caindo, depois uma série de palavrões. Will e Fitch deviam ter alcançado a saída, pois uma luz cinzenta jorrava da escadaria. Ele se lançou na direção dos amigos. Assim que alcançou a soleira, ouviu uma explosão. Houve um clarão ofuscante de luz, e algo o atingiu em cheio nas costas, derrubando-o sobre o bloco de concreto logo além da porta. Ele caiu de quatro e mordeu a língua com força. O sangue tinha um gosto salgado. Então Will e Fitch o agarraram pelos braços e o arrastaram escada acima e até a ruela. Quando finalmente conseguiu se pôr em pé, Jack virou o torso para ver se Linda vinha atrás deles, mas a ruela estava vazia.

A ruela levava de volta à praça principal na frente do tribunal. A rua ainda estava deserta. Cruzaram correndo o gramado e se espremeram entre os arbustos plantados em torno do coreto. Havia cerca de um metro entre os pinheiros e as fundações de cimento do prédio. Agacharam-se ali, a respiração acelerada, olhando para o tribunal e depois um para o outro, com os olhos arregalados.

Finalmente, Will disse:

— Que diabos foi aquilo?

— Aquilo o quê? — retrucou Jack. Ele próprio tinha perguntas demais para responder às deles.

— Aquele cara esquisito na escada, pra começar — respondeu Fitch. — Aquele com o sabre de luz sinistro.

— Sabre de luz? Fala sério. — Jack voltou a olhar para o tribunal.

— Sabre de luz. Lança-chamas. Phaser. Desintegrador eletromagnético. Aquilo que ele usou para atirar em você, cara.

— Fitch limpou o sangue do rosto com as costas da mão e tentou um sorriso.

— Por que você não está morto? — perguntou Will. — Aquilo devia ter matado você, não entendo por que você não está morto. Tem certeza de que não está ferido?

— Não — disse Jack lentamente. — Alguns arranhões, talvez. Havia uma região dolorida entre as espáduas, como se ele tivesse sido atingido nas costas por uma bolada forte. A única outra sensação era uma espécie de formigamento por todo o corpo.

Fitch, atrás de Jack, estendeu a mão e deu-lhe um puxão no capuz. O tecido se desintegrou entre seus dedos.

— Bela camisa — disse ele, entregando a Jack os farrapos carbonizados. Tinham um cheiro de pólvora, como o de rojões logo após serem lançados.

Jack despiu o que sobrara da blusa. Toda a parte de trás desaparecera. Por baixo, o colete novo parecia inteiro. Na realidade, não parecia ter sofrido qualquer dano.

— Sorte sua estar usando colete à prova de balas — observou Will com secura. — Pena que ninguém disse a mim e ao Fitch pra trazer os nossos.

Jack voltou-se novamente para o tribunal, ainda iluminado somente pelo brilho pálido da luz de segurança. Se alguém havia acionado o alarme, por que ninguém acendera as luzes? E por que o homem no topo das escadas não havia dito nada, não havia se identificado?

Não havia nenhum sinal de perseguição. A praça e o tribunal estavam em silêncio.

— Escutem — disse Jack, engolindo em seco. — Eu lamento tudo isso. Quando convidei vocês para vir conosco nessa viagem, nunca pensei... Não sei quem era aquela pessoa ou o que tia Linda está tramando, mas...

Fitch interrompeu-o.

— Onde ela está?

Ninguém tinha uma resposta para isso. Jack imaginou-se explicando para a mãe que eles haviam perdido a irmã dela enquanto cometiam um arrombamento e afastou essa imagem para longe.

Fitch apoiou as costas cautelosamente na base de pedra do coreto e fechou os olhos. O cabelo pálido descobriu sua testa quando uma brisa soprou.

— Estranho que ele não tenha acionado o alarme.

Jack deu de ombros. Já tinha ouvido falar de batalhas campais por sítios arqueológicos. Mas genealogia? No que haviam se metido? Nervoso, olhou para o relógio.

— Tia Linda disse para a encontrarmos no Pássaro Azul em meia hora. Está na hora.

Ele rezava para que ela aparecesse como prometido. Não sabia o que faria se ela não fosse.

Ainda evitando o tribunal, esgueiraram-se pela parte de trás do coreto até o lado oposto da praça, depois cortaram caminho entre os prédios até a próxima rua. Traçaram um largo círculo em torno do Pássaro Azul. Passava um pouco das nove quando entraram no bar.

Ao entrar, foram assaltados pela música alta, seguida pelo cheiro de tabaco envelhecido e cerveja. Levou alguns minutos até que os olhos deles se ajustassem à luz. A única iluminação vinha dos anúncios de cerveja em neon. O lugar estava lotado com todos os tipos de cliente: jovens, velhos, alguns bem vestidos e outros que obviamente tinham vindo direto do trabalho. Era, afinal de contas, sexta-feira à noite. Jack tinha a sensação de que todos no lugar se conheciam, enquanto ele e seus amigos eram claramente forasteiros. Além de serem menores de idade, o que lhes foi lembrado imediatamente.

— Posso ajudar vocês, meninos? — A moça mostrava um certo ar de autoridade, embora não parecesse muito mais velha do que eles. Um pássaro azul com um sorriso cheio de dentes

erguendo uma cerveja estava bordado no bolso da camisa dela.

— Vocês têm documentos?

— Não vamos beber — explicou Will. — Será que a gente não pode só se sentar na parte do restaurante? — perguntou ele. — Estamos esperando alguém.

A garçonete estudou-os por um momento, o olhar demorando-se mais em Will. Então encolheu os ombros.

— Claro, por que não? — Indicou com a cabeça uma mesa vazia no fundo. — Sentem-se. Posso trazer o cardápio, se quiserem.

— Isso seria ótimo — respondeu Will.

— Pelo jeito, você tem bom apetite — replicou a garçonete, sorrindo para Will enquanto ajeitava o rabo de cavalo. — Você malha?

Descobriram que a garçonete tinha interesse em fisiculturismo. Ela e Will progrediram rapidamente para flexões e exames mútuos de bíceps antes que ela finalmente partisse para buscar os refrigerantes.

Jack olhou feio para Will.

— Não acredito que você esteja com fome. — Sentia o peso enorme da apreensão em seu coração, o que não o deixava pensar em comida. Ou em qualquer outra coisa.

— Ora, por que não? — disse Will, despreocupado, examinando o cardápio. — Eles não vão nos servir cerveja, e não podemos simplesmente ficar sentados aqui.

— Como sabemos que aquele cara não está aqui? — Fitch estava encolhido, como se quisesse diminuir sua altura.

Jack olhou em volta. Não viu nenhum homem alto em casaco longo, não sentiu nenhuma presença gélida e ameaçadora, mas não seria difícil se esconder naquela multidão.

— Vocês se importam se eu me juntar a vocês?

Jack ergueu os olhos, surpreso, e encontrou um par de olhos azuis e dourados. O cabelo espetado dourado e prateado de tia

Linda estava despenteado, e havia a sombra de um machucado sobre uma das faces. A jaqueta de brim parecia ter sido usada para limpar o chão.

Todos os três começaram a falar ao mesmo tempo. Linda balançou a cabeça, os lábios contraídos. A garçonete havia voltado.

— Vejo que encontraram a amiga de vocês — disse ela, distribuindo ruidosamente os copos, olhando para Linda com ciúmes. — Prontos para fazer o pedido?

Jack pediu qualquer coisa, observando Linda. Ela se sentou de frente para a porta; sempre que esta se abria, levantava a cabeça.

"Ela está morta de medo", pensou Jack.

Linda inclinou-se para a frente.

— Vocês três estão bem? — Ela estudou cada um deles como se temesse que algum pedaço deles estivesse faltando, parecendo se sentir tão culpada e infeliz que Jack se viu desejando fazer algo para que ela se sentisse melhor. — Jack, eu vi você cair...

— Eu estou bem — Jack apressou-se em dizer. Olhou para os outros a seu redor. — Vocês estão todos bem, não estão?

— Bom... — Will deu de ombros. — Eu quase molhei as calças quando aquele maluco abriu a porta.

— Por que ele atirou na gente? — perguntou Fitch. — Se não era da polícia, nem um vigia noturno, por que estava rondando por lá durante a noite? Não tem nada lá a não ser um monte de velhos registros legais. — Ele fez um redemoinho com o gelo em seu copo e olhou para Linda. — A não ser que estivesse procurando a mesma coisa que nós. Como em Tomb Raider.

Linda não disse nada. A garçonete deu a volta na mesa, distribuindo os pratos à frente de cada um.

— Só o que ele precisava fazer era pedir — disse Will. — Eu teria dado pra ele o Livro de Óbitos A, sem problemas.

Jack estudou seu sanduíche de carne como se fosse algo desconhecido e não comestível. Fitch brincava com a comida, e Linda ignorou o que estava em seu prato enquanto bebia uma segunda cerveja direto na garrafa. Will era o único que parecia com fome.

—Você acha que ele estava só tentando nos assustar?

— perguntou Jack, sentindo o ferimento em suas costas latejar.

— Ou ele viria aqui atrás de nós?

— Aqui ele não virá — disse Linda, mexendo distraída em uma unha quebrada. — Ele sabe que não encontramos nada ainda. E agora ele sabe que tudo o que ele tem a fazer é me seguir. — Com isso, ela fechou a boca, como se percebesse que já havia falado demais.

Jack deixou cair os talheres no prato com um ruído alto.

— Então você sabe quem era aquele cara? — Mais e mais ele fazia perguntas cujas respostas ele já sabia.

— Sim. Eu sei quem ele é. Mas eu não esperava que ele fosse vir até aqui. — Ela olhou para Fitch e Will. — Se eu soubesse, nunca teria trazido vocês dois.

"E quanto a mim? Eu sou dispensável, então?", Jack se perguntava, oscilando entre a raiva e a perplexidade.

Os alto-falantes retumbavam com o rock enquanto as pessoas lotavam o Café Pássaro Azul. Alguém abriu porta quando o lugar começou a esquentar. Linda olhava o tempo todo para a porta aberta.

— Ele está lá fora? — perguntou Jack.

Linda fez que sim com a cabeça.

— Não muito longe, de qualquer maneira. O lance é o seguinte — disse ela como se continuasse a conversação anterior: estou procurando por uma... uma relíquia de família. Tinha esperança de encontrá-la neste fim de semana. Ele deve estar procurando por ela também. Ou ele seguiu as pistas até Coal Grove por

intermédio da genealogia de Susannah, ou me seguiu até aqui. E se ele me seguiu...

Ela se calou. Estava olhando para Jack. Ele se mexeu no assento, desconfortável.

Will devorou o último pedaço de sanduíche.

— E que arma era aquela que ele usou?

— Não sei — disse Linda. — Eu... eu não cheguei a ver nada.

"Ela está mentindo", pensou Jack.

— Por que a gente não volta simplesmente para casa? — sugeriu Fitch. — Ele não pode ficar por aqui para sempre. A gente sempre pode voltar outro dia.

Linda balançou a cabeça.

— O fato de ele estar aqui pode significar que já é tarde demais. Não podemos correr o risco de que ele encontre a relíquia antes de nós. — Ela encarou cada um deles. — Tenho de encontrar a relíquia neste fim de semana ou corro o risco de perder tudo.

— Então, qual é o nosso próximo passo? — perguntou Fitch.

— Não há nenhum próximo passo para vocês dois — disse Linda. — Vou levar vocês para o hotel e vão ficar lá até que tudo tenha terminado. Eu... eu nem sempre planejo bem as coisas... — ela voltou o olhar para as próprias mãos. — Foi um erro envolver vocês. Não vou pôr vocês em risco de novo.

— E quanto a mim? — perguntou Jack, percebendo que mais uma vez havia sido excluído.

Ela não era capaz de encará-lo.

— Se eu conseguir encontrar a relíquia, vou precisar da sua ajuda, Jack. Tenho algumas informações internas que vão nos ajudar. É só que... não sei como faremos para despistar o cara. E se ele nos vir juntos...

Fitch apoiou o queixo nas mãos.

— Talvez a gente possa ajudar.

Linda inclinou-se em direção ao centro da mesa.

— Vocês não conhecem eles — murmurou ela. — Isto não é um jogo.

Jack jamais vira a tia, sempre tão irreverente, parecer tão séria.

— Escute só — insistiu Fitch — você disse que esse cara vai seguir você. Assim, você não vai encontrar nada sem que ele fique sabendo.

Tia Linda assentiu com cautela.

— Mas ele provavelmente não conseguiu nos ver muito bem no tribunal — continuou ele. — E ele é só um. Aposto que, se tiver de escolher, vai seguir você. É o que eu faria — admitiu ele, corando um pouco.

— O que você tem em mente?

— E se você o atrair para longe daqui enquanto nós três procuramos pela... coisa? — disse Will. — Se ele estiver seguindo você, não vamos estar em perigo.

— Talvez a gente deva mesmo se dividir agora — disse Linda, cedendo. — Se eu levar vocês para o hotel, podemos ser seguidos. O próximo lugar aonde precisamos ir é a biblioteca. Deve ser seguro o suficiente.

Jack não gostou disso. Linda conhecia o homem do tribunal e estava com medo dele.

— Não quero aquele cara seguindo você por aí. Acho que a gente devia ficar junto.

Ela deu de ombros.

— Ele me seguiria de qualquer maneira. Não há nada que eu possa fazer a respeito. E, se você estiver comigo, vai estar em perigo. — Era óbvio que ela não os considerava grande proteção contra o que quer que a esperasse lá fora.

— Quão importante é que você... vença? — perguntou Jack.

— Vencer é tudo. — Ela olhou para ele e repetiu: — Tudo.

Algo no jeito como ela o disse levou Jack a se perguntar se essa missão desesperada tinha algo a ver com ele.

O plano foi arquitetado à mesa surrada no fundo do Café Pássaro Azul. Tia Linda entregou a Jack um maço de notas, um cartão de crédito e o número de confirmação da reserva do hotel. O hotel ficava na rodovia, e eles teriam de chegar lá por conta própria. Linda achou que o retorno dos rapazes ao Land Rover não seria uma boa idéia, se quisessem evitar atrair a atenção do estranho lá fora. Will pôs o celular e o caderno de tia Linda no bolso interno da jaqueta. Ela havia rabiscado algumas instruções lá dentro. Fitch carregava duas das lanternas. Quando tudo estava combinado, ela chamou o garçom. A voz dela assumiu um sotaque local.

— Sabe o que é? — disse ela ao garçom, com a voz carregada de charme. — Meu ex-marido está lá fora esperando no estacionamento, e estou com medo que possa haver problemas. Ele me seguiu a noite inteira. Estou com medo que haja uma discussão, e não quero meus filhos envolvidos nisso.

O garçom assentiu, compreensivo. Era um homem grandalhão de tez avermelhada, ombros largos e mãos grossas. Se achou que a família dela tinha uma aparência peculiar, ele não disse nada.

— Será que eles podem sair pelos fundos? — continuou Linda.

— A cozinha tem uma saída pra fora?

O homem assentiu novamente.

— Sem problemas. Sei como são essas coisas. Também tenho uma ex-mulher. — Ele indicou com a cabeça uma porta nos fundos em que estava escrito TOALETES. — Vá por ali e siga sempre em frente. Tem uma porta que leva para o beco.

— Muito obrigada — disse Linda. — Se você não se incomodar, acho que vou ficar por aqui um pouco até ter certeza de que eles estão a salvo longe daqui.

— Sem problemas — disse o garçom, solícito.

Jack e seus amigos levantaram-se da mesa.

— Tenham cuidado! — disse Linda ao vê-los partir.

— Jack olhou para trás. A tia parecia tão pequena e vulnerável sentada sozinha à mesa.

Eles empurraram a porta de vaivém no fundo do restaurante e se viram em um corredor dilapidado, com piso de linóleo e toaletes em ambos os lados. Havia uma outra porta bem no fundo, sob uma placa de saída.

A porta dava para um beco entre duas grandes caçambas. A música do bar parecia irritantemente alta quando abriram a porta. Fecharam-na rapidamente atrás de si e permaneceram junto às caçambas por algum tempo. Ninguém apareceu. Então, como fantasmas, os rapazes se esgueiraram pelo beco até a rua adiante.

— Com licença.

O recepcionista noturno estava empoleirado num banco atrás do balcão, entretido com um minigame. Parecia ter uns vinte e poucos anos, magrelo, com um suprimento generoso de acne pós-adolescente. Depois de dar uma olhada rápida em Jack e seus companheiros sem demonstrar interesse ou curiosidade, retornou ao jogo, que tocou uma musiquinha quando ele avançou para a fase seguinte.

Jack pigarreou e repetiu:

— Com licença.

— Humm? — Desta vez ele não levantou os olhos da tela. O nome no crachá dizia "Stan".

— Temos uma reserva. Em nome de O'Herron — insistiu Jack. Finalmente, Stan ficou sem vidas, e o jogo chegou a um fim súbito e trágico. Com relutância, ele o desligou e voltou sua atenção a Jack.

— Não alugamos para adolescentes — disse ele abruptamente. Tomou um longo gole de uma lata de refrigerante. — É melhor irem para casa, meninos.

— A reserva está em nome da minha tia — continuou Jack, passando-lhe o cartão de crédito e o pedaço de papel com o número de confirmação por cima do balcão. — Ela vem mais tarde.

Por que tia Linda tinha um cartão de crédito com o nome O'Herron? Por algum motivo, não havia pensado em perguntar a ela.

Stan olhou para o cartão com desconfiança.

— Sei, e cadê essa sua tia agora?

— Ela, ahn, ela encontrou alguém num bar na cidade. Disse que ia ficar lá um pouco mais, mas eu e meus primos... a gente estava ficando cansado. — Jack reprimiu um bocejo. — Então ela nos disse pra vir na frente.

Will e Fitch bocejaram também.

Stan balançou-se no banco, cruzando os braços sobre o peito, o retrato da teimosia. Bem naquela hora, o telefone tocou. Mantendo agora toda sua atenção ao trio que tinha à frente, Stan atendeu e escutou por um instante.

— É, eles estão aqui — respondeu Stan a algo dito pela pessoa do outro lado da linha —, mas acho que não posso fazer o registro deles sem a sua presença. — Subitamente, ele não parecia tão seguro de si.

Ele escutou por um instante, sacudindo a cabeça como se ela estivesse lá para ver o gesto, então disparou em um débil protesto:

— Senhorita O'Herron, eu acho melhor vir aqui e fazer o registro... — começou ele, mas em seguida parou, escutando de novo. — Bom, acho que sim, se a senhorita estiver aqui em algumas horas... — Escutou um pouco mais, engolindo rápido, o pomo de Adão subindo e descendo. — Claro, qualquer coisa que eu puder fazer por você, meu amor, você sabe. — Enfim, com relutância, Stan desligou o telefone: outra vítima do misterioso charme de tia Linda.

— Muito bem, acho que não há problema em deixar vocês esperarem por sua tia no quarto — disse Stan, subitamente gentil. Jack teve a sensação de que Stan ficaria por ali bem além do fim do turno dele, esperando que Linda chegasse. — Vocês têm alguma bagagem?

— Nossa tia está com o resto das nossas coisas — explicou Fitch.

Eles foram guiados escada acima até uma passagem no segundo andar, do lado oposto do hotel em relação à recepção. O quarto tinha o aspecto confortável de uma casa de programa de habitação popular: duas camas de casal com cabeceiras que imitavam madeira, copos plásticos no banheiro. Havia um fedor persistente de fumaça de tabaco e queimaduras de cigarro no carpete. Eles tentaram ligar a televisão, mas não havia cabo, e a recepção era ruim. Não havia muito mais a fazer, então eles se despiram e foram para cama.

— O que você acha que a sua tia está procurando? — Era a voz de Will na escuridão.

— Não faço idéia — disse Jack. Tia Linda partilhava informações em doses mínimas e miseráveis. Ele se perguntava onde ela estaria naquele momento, e se o homem do tribunal a estava seguindo. Deu-se conta de que estava com os punhos cerrados sob o lençol e se forçou a relaxar os dedos. Agora que parara de se mover, as costas haviam se enrijecido. Mudou de posição, tentando ficar confortável sobre o colchão impiedoso.

— Não entendo. Por que vocês querem se envolver nisso?

— Já estamos envolvidos, não estamos? — observou Fitch.

— Eu posso ir à biblioteca sozinho — sugeriu Jack. — Eu sei o nome das famílias. Vocês podiam ficar por aqui. Talvez seja melhor se não nos virem juntos.

— Talvez seja mais seguro ficarmos juntos — disse Will.

Jack ergueu-se sobre um cotovelo.

— Eu posso chamar a minha mãe. Ela poderia vir nos buscar em algumas horas. A gente se livraria disso agora mesmo.

A idéia de explicar tudo isso a Becka o deixava deprimido. Ele talvez nunca visse Linda de novo, a não ser em curtas doses supervisionadas.

— Você deixaria Linda aqui sozinha? — Will souu escandalizado.

— Aquele homem está atrás dela — acrescentou Fitch. — Ela está com medo. A gente deve ajudar, se puder.

"Ela os encantou", pensou Jack. "Assim como ela fez comigo, a vida inteira."

— Olha, eu sei que vocês querem ajudar a donzela em apuros, mas vocês já pararam para pensar que vocês podem se machucar? E, se ela é inocente, por que ela não nos conta o que está acontecendo? Por que ela não chama a polícia?

— Talvez a polícia não possa ajudar. — Fitch estava claramente lutando para encontrar um sentido em meio àquele caos. — Eu não ia querer ter de lutar com aquele cara do lança-chamas.

— Pelo menos a polícia tem armas. O que acha que o cara vai fazer quando descobrir o que estamos tramando?

Eles não tinham muito a argumentar contra isso. Houve um longo silêncio desconfortável que não foi rompido até que a respiração regular dos outros dois fez Jack perceber que estavam dormindo.

Jack deitou-se de costas, fitando o teto de gesso falso. O sono parecia distante. Tia Linda era a madrinha dele, mas havia algo mais forte entre os dois, algum vínculo genético e espiritual que ia além da cerimônia do sacramento. Ele não conseguia se livrar da sensação de que ela o trouxera junto por algum motivo, que essa relíquia que ela estava caçando tinha algo a ver com ele.

Mas não era só isso. Ele sentia o perigo se aproximando, chegando mais perto a cada respiração. Puxou o fino lençol até

o queixo. O hotel parecia uma frágil casca de ovo, um débil escudo contra as trevas. E Jack temeu que todos os seus parentes e amigos não fossem suficientes para salvá-lo.

Capítulo Quatro **Sombra Assassina**

O esqueleto da casa era firme. Fora construído com rochas irregulares extraídas do próprio terreno e ainda estava em pé, pedra sobre pedra, após anos de abandono. Mas o esqueleto era só o que restava. O telhado, a varanda e as partes de madeira haviam apodrecido, revelando uma beleza nua e em decomposição. Um conjunto de pedras na parede junto à entrada tinha a inscrição A. Hastynges, 1850. Os vestígios das outras construções estavam quase obscurecidos pelos arbustos: um celeiro, talvez, um galpão, os restos de uma parede de pedras.

Linda estremeceu, passando os braços ao redor do próprio corpo. Não havia sido difícil encontrar de novo esse lugar de antigas tragédias. Lee a havia levado ali certa vez, ao tentar explicar-lhe quem ele era. Ela correu as mãos pelas pedras frias, aveludadas pelo musgo, e parou no local onde havia sido a entrada, o olhar voltado para o grande rio. Podia vê-lo cintilar na luz das primeiras horas da manhã, alguns quilômetros ao sul. Ela havia atraído o mago em uma extensa perseguição, ao longo de estreitas estradas tortuosas nas montanhas, rumo às interestaduais, fazendo um grande círculo em torno do condado de Coalton, sem ficar muito distante de Jack. Conhecia a região melhor do que o perseguidor e evitou quaisquer armadilhas que ele tivesse preparado para ela. Até aquele momento.

Ela circulou as ruínas, atravessou o mato novo atrás da casa, reconhecendo os restos de um requintado jardim, os caules de

velhas rosas, queimados pelo inverno, apoiados contra as fundações das velhas paredes. As folhas dos bordos vermelhos ainda jaziam como sangue no solo. Caminhou de volta à frente da casa.

— Uma flor delicada entre as ruínas. — A voz era como o murmúrio de folhas mortas.

Ela parou onde estava como um animal assustado, um grito preso na garganta.

Ele estava lá, no jardim da frente, alto e magro, barbudo, vestindo um longo casaco, sem chapéu, reluzindo de tanto poder. "Wylie", pensou ela, o nome voltou-lhe como se viesse de uma vida passada. Ela jamais o encontrara, mas havia conhecido muitos como ele. Ela tentou se retrair, esconder quem era, sabendo que já era tarde demais. Embora a aparição dele não fosse inesperada, ele a pegara de surpresa.

Ele sorriu, um rearranjo lento e sugestivo do rosto. Ela não disse nada, com medo de que a voz a traísse.

— Diga-me, quem manda uma encantadora fazer o trabalho de um mago?

Ela sacudiu a cabeça sem dizer uma palavra. Ele a alcançaria em três passos, se não a deixasse sem sentidos primeiro.

— Qual é o seu nome? Quem é o seu responsável? Ele é da Rosa Branca?

Um pergunta atrás da outra, rápido demais para que ela respondesse, mesmo que quisesse. Ele não esperava respostas. Se ela estivesse sob o controle de um mago, ele teria de lhe arrancar essa informação a força.

Então Wylie não sabia quem ela era. Provavelmente havia seguido a pista da espada de algum outro jeito. Já era alguma coisa, mas não serviria para nada se ele a apanhasse.

— A espada está por aqui em algum lugar? — indagou ele. — Esta é a propriedade dos Downey?

Ela sacudiu a cabeça em silêncio. Dizendo a verdade, de fato.

— Eu perguntei sobre a espada — murmurou ele. — É melhor cooperar, se não quiser que eu a machuque. Caso contrário... — Flexionou os dedos, e chamas subiram-lhe pelas mãos e braços. — Vou arrancar suas penas, passarinho. Vou remover suas pétalas, uma por uma, e fazer você gritar. Termos afetuosos típicos dos magos.

Ela não disse nada.

— Primeiro conversamos, depois brincamos. Faz muito tempo desde que tive... o prazer...

Ele se moveu suavemente em direção a ela, um predador experiente. Entretanto, assim que a bota pousou sobre o jardim, ele ficou rígido e caiu para trás com um espasmo, levando a mão ao rosto e se arranhando. Tombou de costas sobre os arbustos, contorcendo-se de dor, berrando como se estivesse sendo esfolado vivo. Ela o viu rolar desesperado na sujeira e, finalmente, entendeu o que ele estava dizendo.

— Me ajude, encantadora! Tem um feitiço de proteção! Me tire daqui!

— Vá pro inferno, mago — replicou ela.

Linda não ousou ficar para ver o resultado da armadilha que preparara. Não tinha idéia de quanto tempo a antiga magia resistiria. Virou-se e correu declive abaixo até a estrada de terra onde o Land Rover a esperava, atrás de um trailer. Outro carro, um cupê cinza comum, estava estacionado bem ao lado.

Ela atirou-se no banco do motorista do Rover e enfiou a chave na ignição com mãos trêmulas. Só após várias tentativas conseguiu dar a partida. Engatou a primeira marcha, girou o volante e desceu, velozmente e aos solavancos, pela rua esburacada que levava à auto-estrada. Quando olhou pelo espelho retrovisor, não viu ninguém a seguindo.

A Biblioteca Regional de Coal Grove ficava em um prédio imponente de tijolos vermelhos que havia sido um dia uma

escola. Ficava na praça em frente ao tribunal, a meia hora de caminhada do hotel. Como era sábado de manhã, a biblioteca já estava cheia quando eles chegaram. Uma mulher com aparência maternal à mesa da recepção indicou-lhes o caminho para a seção de genealogia nos fundos.

Um homem vestindo uma camisa de trabalho azul, calça jeans e botas de caubói estava sentado a uma grande mesa junto à coleção de genealogia. Uma montanha de livros espalhava-se à sua frente, e ele estava ocupado digitando notas em um laptop. Um cabo de extensão cor-de-laranja brilhante serpenteava pelo chão e por trás de uma estante.

— Cuidado com o cabo, meninos — disse ele, empurrando os livros para liberar espaço na mesa para que eles pudessem se sentar.

Jack tirou o caderno de tia Linda da bolsa e o pôs sobre a mesa. Os três entreolharam-se, sem saber o que fazer.

O estranho ergueu os olhos do teclado.

— Qual é o problema? Não sabem por onde começar?

— Não — disseram os três juntos.

— Ora, eu acho ótimo ver jovens se interessando por genealogia — disse o homem, sorrindo. — Eu mesmo só comecei quatro ou cinco anos atrás. Que nomes vocês estão procurando?

— Ahn, Taylor — disse Jack rapidamente.

— Hmmm, Taylor, Taylor... — Os dedos voaram pelo teclado.

— Tenho um Ransom Taylor aqui, nascido em 1830. É esse?

— Não sabemos — respondeu Fitch, dando de ombros. — Somos novos nisso. Ahn, será que você pode nos explicar sobre os livros aqui?

— Claro. — O homem pôs-se em pé de imediato, parecendo ansioso em compartilhar o que sabia. — De onde vocês são?

— Erie, na Pensilvânia — falou Fitch de novo.

O homem assentiu.

— Bem, aqui vocês têm livros com a história dos condados, a maior parte dos condados do sul de Ohio e alguns da Virgínia do Oeste. Esta região de Ohio fazia parte da Virgínia, vocês sabem. Aqui — ele arqueou o braço vagamente ao longo das pilhas — estão os dados de recenseamento. Eles têm registros de recenseamento em microfilme de 1830 até 1920 nestes armários. Os dados de estatística vital estão nestas prateleiras de metal: casamentos, nascimentos, mortes e registros de cemitérios.

— Registros de cemitérios? — repetiu Will, interessado.

— Isso, a sociedade genealógica do condado tem estudado os cemitérios e copiado as lápides há anos. Estão quase terminando. O único problema é que não foram catalogados ainda.

— Aqui tem jornais antigos? — perguntou Jack, correndo as mãos pelos livros de registros de cemitérios. Havia três grossos volumes. Ao que parecia, tinham muito trabalho pela frente.

O benfeitor deles confirmou.

— Temos o Telegrama Postal e o Democrata de Coal Grove em microfilme, desde meados de 1850. Esses também não foram catalogados, mas é uma leitura bem interessante.

Fitch tinha um plano.

— Muito bem — disse ele, fazendo um gesto de cabeça para Jack e Will. — Will e eu vamos cada um pegar um desses livros de cemitério e começar a procurar pela sua... ahn... por nossos parentes mortos. Jack, você examina os jornais em microfilme e vê se encontra um obituário ou coisa assim.

Jack escolheu um rolo de microfilme do Telegrama Postal. Susannah Downey morrera em maio de 1900. Ele rolou o filme para a frente até chegar em maio de 1900, e varreu cuidadosamente com os olhos cada página do jornal buscando qualquer referência ao falecimento dela. Após quase uma hora lendo histórias sobre quem visitou quem e quem andava

adoentado, Jack passou do Telegrama Postal para o Democrata de Coal Grove. E lá estava.

— Vejam isso!

Os rapazes amontoaram-se ao redor de Jack, lendo por cima do ombro dele. Era um texto de notícia: "SRA. DOWNEY MORRE AO CAIR DE CAVALO. Os vizinhos em Coal Grove ficaram chocados ao saber da morte inesperada da senhora Susannah Downey, natural do município de Munroe, que morreu ao cair de um cavalo no domingo passado. Lee Hastens, um visitante no município, encontrou-a caída no bosque atrás da fazenda da família à noite. O cavalo estava por perto, espumando, como se o tivessem feito cavalgar em alta velocidade por uma longa distância. Embora conhecida por ser uma amazona habilidosa, a senhora Downey caiu contra a estaca de uma cerca. Um corte profundo no peito foi a causa da morte. O reverendo Eugene Cárter presidiu o serviço fúnebre na Primeira Igreja Metodista. A senhora Downey deixa marido e um filho pequeno."

— Uau — murmurou Will. — Que jeito de morrer.

Jack havia visto fotos da tataravó coloridas à mão no velho baú no sótão. Ela havia sido fotografada com o marido, que parecia severo e solene. Susannah, porém, parecia prestes a cair no riso. Era linda, com pesados cabelos loiro-avermelhados enrolados sobre a cabeça, mãos pequenas e graciosas e traços delicados. Havia uma forte semelhança entre a mulher da fotografia e a bisneta, Becka.

Fitch apertou o botão de imprimir na máquina de microfilme.

— Diz aí onde ela foi enterrada? — perguntou Jack.

— Não — respondeu Fitch —, mas diz que ela morava no município de Munroe. Os cemitérios não estão listados por município?

Will consultou o índice do livro que estava examinando e abriu-o nas últimas páginas.

— Há oito ou dez cemitérios no município de Munroe -relatou ele. — A maioria deles parece ser pequena.

— Correu o dedo página abaixo. — Aqui! Susannah

Downey, esposa de Abraham. De 1868 a 1900. É no velho cemitério metodista.

Estavam falando cada vez mais alto e, de repente, Jack percebeu que o homem com botas de caubói havia levantado a cabeça da máquina de microfilme que estava usando e escutava com interesse a tudo o que diziam. Jack lançou um olhar de aviso aos amigos e voltou-se para o livro.

— Espere aí um minuto! — disse ele. — Essa não pode ser ela. As datas estão todas erradas. Ela teria de ter vivido muito antes disso. — Virou-se subitamente para o homem com o laptop. — E se uma pessoa não estiver no livro de cemitérios? Desde quando são feitos registros de óbito?

O homem sacudiu a cabeça.

— Não antes de 1867, que é quando o Estado começou a exigir que os condados mantivessem registros. Talvez haja um registro estadual no tribunal, mas isso seria pouco comum no caso de uma mulher. Vocês já estiveram lá?

Havia um brilho de interesse no olhar do homem ao fazer aquela pergunta?

— Não — disse Fitch. — Pensamos que qualquer coisa tão antiga assim estaria na biblioteca.

— Aqui não tem nenhum registro original — indicou o homem. — Apenas catálogos e registros transcritos. Vocês deveriam tentar o tribunal, embora eles não abram no fim de semana. Vão ficar aqui até segunda?

— Provavelmente, não — respondeu Fitch. — Temos de voltar pra escola, a menos que a gente consiga convencer nossa mãe a nos deixar cabular a segunda. Ela está com a nossa tia Fran — acrescentou ele. — Conhece Frances Dunlevy, que trabalha na lavanderia do lado da mercearia na praça?

Jack fitou Fitch com surpresa.

— Claro que conheço a Fran — respondeu o homem, confirmando com a cabeça. — Foi minha colega de escola no segundo grau, na verdade.

A essa altura, Will tinha copiado a informação do livro de cemitérios em seu caderno. Fitch levantou-se abruptamente.

— É melhor a gente ir. Dissemos à mamãe que estaríamos de volta às três — disse ele. — Vamos trazê-la aqui amanhã. Não estamos chegando a lugar algum assim.

Ele rebobinou o microfilme, tirou o rolo da máquina e o colocou de volta na caixa. Will e Jack hesitaram, mas Fitch continuava arrumando rapidamente as coisas para sair. Agora absolutamente convencido de que o homem com botas de caubói os estava vigiando, Jack devolveu os livros de cemitérios à estante, e Will guardou o caderno de volta na bolsa.

— Meu nome é Sam Hadley — disse o caubói, entregando-lhes um cartão. — Sou genealogista autorizado e faço pesquisas por encomenda. Digam à sua mãe que pode entrar em contato comigo por intermédio da biblioteca, se achar que precisa de ajuda.

— Certo — replicou Jack. — Obrigado pela ajuda. E boa sorte com a sua pesquisa.

Eles pagaram pela cópia que fizeram no balcão da recepção. Fitch apontou com a cabeça o banheiro masculino, que ficava junto à porta da frente. Os três entraram no banheiro. Os dois compartimentos lá dentro estavam vazios.

— O que você pensa que está fazendo? — perguntou Will assim que a porta se fechou. — Por que tivemos de sair com tanta pressa? A gente podia ter perguntado àquele tal de Hadley como chegar ao cemitério metodista. E por que você estava inventando todas aquelas histórias? Estava com medo de que alguém começasse a nos interrogar?

Fitch removeu os óculos com calma e limpou-os com papel-toalha.

— O negócio é o seguinte — disse ele. — Alguma coisa não está certa. O cara disse que conhecia nossa tia Fran. Não existe nenhuma Frances Dunlevy. Por que ele diria que a conhece quando não é verdade?

Will deu de ombros.

— Vai ver ele é uma dessas pessoas que querem que os outros achem que elas conhecem todo mundo.

— E se ele for o cara do tribunal? — sugeriu Fitch.

Jack comparou a figura alta, magra e implacável na escadaria com a estatura corpulenta de Sam Hadley.

— Não. A não ser que ele seja algum tipo de meta-morfo.

Todos riram, nervosos.

— Sem dúvida ele parecia muito interessado no que a gente estava fazendo — disse Fitch, pensativo. — Se bem que esse pessoal de genealogia adora falar sobre esse tipo de coisa. Fico imaginando quanto será que ele ouviu do que a gente estava conversando.

Jack deu de ombros.

— Não há nada que se possa fazer agora. Vamos ver se a gente consegue alguém pra informar onde fica esse cemitério.

— O livro informava a localização de cada cemitério — lembrou Will. Puxou o caderno da bolsa e virou rapidamente as páginas. — Fica na Estrada da Capela Metodista. — Assumiu um ar de sábio. — Faz sentido.

— Vamos indo. — Jack apontou para a porta do banheiro com a cabeça.

Abriram a porta bem a tempo de ver o homem com botas de caubói passar apressado, o *laptop* pendurado no ombro. Eles encolheram-se de volta no banheiro e viram-no sair pela porta da frente da biblioteca. Jack correu até uma das janelas que davam para a frente do prédio. Um Mercedes preto estava

estacionado em uma das vagas em frente à biblioteca. O homem abriu uma das portas de trás, jogou o *laptop* no banco traseiro e entrou no carro, instalando-se ao volante. O carro deu a ré e disparou em velocidade pela rua, desaparecendo ao contornar uma esquina.

Fitch e Will estavam logo atrás de Jack.

— Acho que não era um carro da região — observou Fitch. — Estava com uma pressa danada.

E se o cara ouviu tudo e está indo para o cemitério agora mesmo?

—Tia Linda nos disse para descobrir onde Susannah Downey foi enterrada e que então ela nos telefonaria com mais instruções — replicou Jack. — Ele teria de saber mais do que nós.

— Isso é bem possível, já que a gente não sabe quase nada — resmungou Will.

Eles entreolharam-se, aborrecidos. Fitch virou-se sem uma palavra e voltou para dentro da biblioteca. Parou junto ao balcão da recepção e falou com a senhora idosa que ali estava. Voltou trazendo um pedaço de papel.

— Ela me disse como chegar no cemitério metodista — anunciou ele. — Acho que não é longe.

Will arreganhou os dentes.

— A bibliotecária está provavelmente em conluio com o caubói — disse ele. — Ela e toda a cidade. Vão todos nos esperar no cemitério com serras elétricas. Como num filme de terror.

— Talvez. — Fitch enfiou o papel no bolso das calças. — Mas vão levar algum tempo pra isso. Eu perguntei sobre cinco cemitérios diferentes. Isso deve retardar ou dividir os caras, no mínimo. Vamos ter de esperar até que anoiteça, de qualquer jeito, se vamos desenterrar defuntos. — Ele sorriu, mas havia

pouca alegria no sorriso, apenas aquela famosa persistência de Fitch.

"Quem sabe? Com tudo o que já aconteceu, essa bem pode ser a nossa tarefa", pensou Jack.

O sol se escondera enquanto estavam na biblioteca, tornando o clima mais frio. O vento ganhara força também. Jack lembrou-se com saudades da jaqueta quentinha que havia deixado no carro de tia Linda. O que o lembrou de outra coisa.

O frasco do remédio estava ainda na traseira do Land Rover. Havia deixado, mais uma vez, de tomar uma dose pela manhã. Jack revirou os olhos. Becka cairia em cima dele se soubesse que tinha ficado sem remédio duas vezes na mesma semana.

"Não importa", disse ele a si mesmo. Não foi nenhum problema da última vez, não vai ser problema desta também. Não havia o que fazer. A vida parecia estar ficando mais complicada.

Em todo caso, sentia-se bem. Incrivelmente bem, como se antes estivesse vendo o mundo através de uma lente embaçada e agora o véu tivesse sido removido. O dia parecia cheio de possibilidades, um presente a ser aberto. Não pôde conter um sorriso.

A voz de Will interrompeu-lhe os pensamentos:

— O que faremos agora?

Jack olhou para o relógio. Ainda tinham muitas horas de luz do sol pela frente.

— A gente vai precisar de algumas coisas. Pás, lanternas, agasalhos, coisas assim.

— Vamos até ali. — Fitch apontou para a fachada de uma loja no outro lado da praça.

Um cartaz desbotado anunciava: EXÉRCITO E MARINHA DO BICK. Abaixo, lia-se: ARMAS, MUNIÇÃO, CAMUFLAGEM, ROUPAS, ISCAS, LICENÇAS DE CAÇA. Parecia perfeito.

— Vamos fazer compras — disse Jack.

Os rapazes estavam matando tempo no Café Pássaro Azul, alimentando a *jukebox* e flertando com a garçonete por sobre uma segunda leva de sobremesas. Estavam fortalecidos pela comida da taberna e vestidos para batalha. Jack vestia uma camiseta de mangas compridas e uma blusa preta com capuz sobre o colete da Mercedes. Will escolhera um colete impermeável cheio de bolsos, e Fitch parecia um soldado punk urbano com uma jaqueta camuflada, uma corrente com placas de identificação militar e pesadas botas. As bolsas de viagem no chão continham lanternas e pás.

O celular tocou; Jack tateou os bolsos até encontrá-lo. Atendeu. Linda não perdeu tempo com gentilezas.

— Vocês estão bem? Descobriram alguma coisa hoje?

— Sim — respondeu Jack às duas perguntas, os olhos nos dois amigos. — Temos uma localização. O velho cemitério metodista. — Num reflexo, olhou em volta. Não havia ninguém perto o bastante para escutá-los, especialmente dado o volume da música. — Não sabemos onde no cemitério, mas parece que ele é pequeno. Sabemos como chegar lá.

— Ótimo. — Ela soou aliviada. — Viram alguém suspeito? Alguém seguindo vocês?

Jack hesitou. Afinal, não tinham nenhuma evidência concreta de que o caubói estava tramando algo. Provavelmente estavam só sendo paranóicos. Só que...

— Havia um... um genealogista na biblioteca que pode ter nos escutado falando sobre o cemitério.

Linda emitiu uma exclamação de irritação e medo.

— Qual era a aparência dele?

— Gordo. Careca. Botas e camisa de caubói. Ele parecia saber um bocado sobre genealogia. Tinha um cartão de visitas e tudo. Ele nos ajudou a achar as coisas na biblioteca.

Houve um breve silêncio.

— Certo — disse ela enfim, como se a descrição a tivesse acalmado. — Mas não viram o homem do tribunal? Nem ninguém... parecido com ele?

Era uma coisa estranha, mas por algum motivo Jack sabia exatamente o que ela queria dizer. Não, Sam Hadley não era como o homem do tribunal.

— Não — disse ele. — Não o vimos. O que você andou fazendo? — Já havia decidido não mencionar o remédio. Não adiantaria em nada preocupá-la.

— Estive viajando por aí — disse Linda de maneira evasiva. A voz dela soava frágil, sem fôlego, quase descontrolada.

— Qual é o problema? — indagou Jack. — Aconteceu alguma coisa?

— Só estou cansada. Estive acordada a noite toda, dirigindo por todo o sul de Ohio. Nosso amigo está me seguindo.

— Você não pode parar num hotel e se entocar por lá, dormir um pouco? Ele não vai incomodar você se houver um monte de pessoas por perto. Não foi o que você nos disse?

Ele queria palavras de encorajamento e foi isso que ela lhe forneceu, mas não rápido o bastante para soar convincente.

— É uma boa ideia — disse ela, com hesitação. — Talvez eu faça isso. Onde vocês estão?

— No Pássaro Azul — disse Jack. — Esperando escurecer.

— Tenham cuidado. Eu... eu gostaria de poder ir com vocês ao cemitério, mas estou ainda a umas duas horas de distância, perto do rio. Acho... que o despistei, mas não tenho certeza. — Ela fez uma pausa. — Se ele não me encontrar, talvez vá atrás de vocês. Se vocês desconfiarem de qualquer coisa, por menor que seja, quero que os três voltem para o hotel e esperem até eu voltar. Se eu não estiver de volta até o meio-dia de amanhã, telefonem para Becka.

Jack não gostou nada daquele tom. Houve uma longa pausa, mas quando ela voltou a falar, foi em um tom de voz pragmático.

— Agora ouça com atenção. Vou dizer apenas o que você precisa saber, porque o homem que vimos pode facilmente obrigar você a falar. Não conte a Will e Fitch mais do que precisar.

— Tudo bem — respondeu Jack, com cautela.

— O objeto que estão procurando é uma arma. Uma espada. Pertencia a Susannah. Agora pertence a você.

— Ah... sei. Certo.

Ele precisou se conter para não repetir as palavras de Linda, para não fazer as perguntas que o assaltavam. Por que Susannah tinha uma espada? Poderia ser uma arma da Guerra Civil, talvez? E por que pertenceria a ele? Susannah morreria muito antes de ele ter nascido. Parecia-lhe que Becka ou Linda teriam mais direito a ela.

— Deve estar enterrada atrás da lápide, em algum tipo de estojo. Preste atenção, isto é importante: a pessoa a abrir o estojo tem de ser *você*. Ninguém mais. Vou lhe dizer o feitiço que você vai precisar para abrir o estojo. — Ela fez uma pausa, como se esperasse uma pergunta, mas ele não a fez. — Está ouvindo, Jack?

Ele fez que sim com a cabeça sem pensar, e então disse:

— Estou.

As palavras soavam como latim, uma música suave e familiar, a verdade por trás de todas as línguas que sabia. Jack as repetiu para ela várias vezes, até ela ficar satisfeita, ignorando Will e Fitch, que o fitavam enquanto ele memorizava a frase.

— Não vai esquecer?

— Não.

— Veja se a espada está lá dentro, depois feche e leve o estojo com você para o hotel. Vou buscar vocês lá.

— Ahn, tia Linda? — Ele olhou para os amigos do outro lado da mesa. — Talvez eu deva ir sozinho. — Era meio uma declaração, meio uma pergunta.

Houve um outro longo silêncio.

— Talvez você deva mesmo.

— Eles não vão gostar dessa ideia.

— Deixe-me falar com eles.

Sem dizer nada, Jack estendeu o celular para Fitch, que ergueu as duas mãos e sacudiu a cabeça.

— Pode esquecer, Jack. Não vou deixar ela me convencer. Eu vou com você, quer você queira, quer não.

Will tinha os braços cruzados diante do peito, parecendo assustado e, ainda assim, teimoso como uma mula.

— Eles não querem falar com você.

Tia Linda suspirou.

— Sinto muito, Jack. Eu não devia ter envolvido seus amigos nisso. — Ela fez uma pausa. — Muito bem. Eles podem ajudar a cavar. Apenas façam o que têm de fazer logo. Voltem para o hotel e esperem. Vou pra lá o mais rápido que puder. Telefone mais tarde.

Estava bem mais frio quando saíram do Pássaro Azul, mas Jack mal notou. As preocupações remanescentes foram eclipsadas por uma espécie de euforia. Sentia-se tenso e esperto como um gato, cheio de uma energia que parecia prestes a extravasar. Os medos do dia anterior haviam sido esquecidos. Algo antigo se acendera dentro dele, uma clara e poderosa sede de aventuras. Sentia-se invulnerável, como se os estranhos e os planos que eles pudessem ter fossem irrelevantes. Olhou para os dois companheiros e sorriu. Qualquer coisa podia acontecer. E isso parecia bom.

A igreja era uma construção branca e modesta sobre uma faixa estreita de terra plana ao longo da estrada, a uns três quilômetros da cidade. As colinas erguiam-se por trás dela, um

denso e negro nada contra o céu mais luminoso. O estilo da construção era metodista, com uma torre tradicional e uma grande porta dupla na frente. Um santuário simples, sem nada de especial. Junto à entrada, havia um cartaz emoldurado em madeira branca com letras magnéticas. PASTOR: WILLARD F. GUFFEY. SERMÃO DE DOMINGO: DAS CINZAS ÀS CINZAS, DO PÓ AO PÓ.

Havia um pequeno estacionamento de cascalho entre a estrada e a igreja. Estava vazio. Não havia nenhuma luz em torno do prédio.

Saíram da estrada e aproximaram-se da frente da igreja. Jack iluminou com a lanterna uma placa de latão sobre as portas duplas. PRIMEIRA IGREJA METODISTA. FUNDADA EM 1850.

O cemitério era separado do resto do pátio da igreja por dois pilares de tijolos cerca de seis metros atrás do prédio, provavelmente os suportes do portão de uma cerca que havia muito desaparecera. As primeiras lápides estavam agrupadas logo do outro lado das colunas.

Jack olhou de volta para a Estrada da Capela Metodista. Haviam visto muito pouco trânsito, e a igreja estava cercada por uma densa floresta. Até onde podia dizer, não tinham sido seguidos. Não havia casas à vista. Uma vez que fossem para trás da igreja, parecia improvável que pudessem ser vistos da estrada.

Passaram por entre os pilares e entraram no cemitério. Jack logo percebeu que havia muito mais túmulos do que os listados no livro. Algumas das lápides estavam quebradas, desgastadas e ilegíveis. A grama crescia por sobre algumas delas, e outras haviam desmoronado. As mais velhas e dilapidadas pareciam ser as mais próximas da igreja.

Jack encontrou uma lápide legível junto à velha parede. Ajoelhou-se, apontando a lanterna para a superfície. BRAM WHALEY, 1863, MORTO EM CHANCELLORSVILLE. Uma

placa da associação dos veteranos da Guerra Civil havia sido colocada ao lado.

— Susannah morreu em 1900 — disse ele. — Vocês acham que o túmulo dela está mais no fundo, porque é mais antigo?

— Talvez — disse Fitch. — Mas os membros da família costumavam ser enterrados juntos. Por isso a gente pode encontrar túmulos mais novos e mais antigos no mesmo lote.

— Como é que você sabe dessas coisas? — indagou Jack.

Os três dividiram o cemitério em três seções e passaram a examiná-las metodicamente, iluminando as superfícies de pedra fria com as lanternas, raspando o musgo com as unhas, arrancando o mato que escurecia a base das pedras, às vezes cavando a terra com um graveto para expor as linhas inferiores das inscrições.

Percorreram todo o trajeto desde a igreja até a colina, andando em paralelo, temendo não notar alguma coisa. As árvores cresciam mais próximas umas das outras ao fundo da propriedade e, em alguns casos, as raízes haviam empurrado as lápides completamente para fora do solo, dividindo famílias. A lua havia surgido, mas brilhava fracamente por trás de uma fina cortina de nuvens. Não conseguiam ver nada além do alcance das lanternas. Logo, estavam quase à sombra do penhasco.

— Aqui tem um Downey — disse Jack baixinho.

Ele estava em uma pequena alameda, bem à esquerda do cemitério. Will e Fitch aproximaram-se para ver. Era uma pequena lápide branca com uma caveira no topo. JOSEPH DOWNEY, 1823-1872.

— Aqui tem outro — disse Will. Estava perto daquele que Jack encontrara e era uma criança, JEREMIAH DOWNEY, 18 MESES DE IDADE, FILHO DE JOSEPH E MARTHA, MORTO EM 1860.

Eles esgueiraram-se mais além sob as árvores, examinando pedra por pedra.

Foi Will quem a encontrou. Uma grande lápide, um pouco distante das outras, quase contra uma cerca de arame que marcava o fim da propriedade. SUSANNAH HALE DOWNEY, 1868-1900, AMADA ESPOSA DE ABRAHAM, SEMPRE SERÁ LEMBRADA.

— Vejam isso! — Fitch passou o pé pela grama rente que cercava o túmulo. — O lugar todo está coberto por mato, mas o túmulo da sua tataravó está tão bem cuidado quanto um jardim.

A pedra estava livre de musgo e entulho, e plantas de primavera abriam caminho pela relva. Uma pequena árvore havia sido plantada atrás da lápide.

— Onde está o meu tataravô?

O nome de Susannah era o único na pedra. Talvez Abraham tivesse se casado de novo. Se era o caso, Jack jamais ouvira falar a respeito.

— Olha só! — Will recolheu os restos de várias rosas de caule longo que tinham sido espalhadas pelo lote. As pétalas enegrecidas caíram suavemente ao chão quando ele as levantou.

— Você ainda tem família vivendo por aqui? — perguntou Will, olhando por cima do ombro como se um parente pudesse aparecer a qualquer momento para desafiá-lo.

— Não sei. — Jack meneou a cabeça. Mesmo que houvesse, Susannah morrera havia muito tempo. Não era possível haver alguém ainda vivo que se lembrasse dela. Pensou na jovem risonha das fotografias. SEMPRE SERÁ LEMBRADA. Ela parecia mesmo ser alguém difícil de se esquecer.

— E agora? — Fitch estremeceu e enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta. — Estou me sentindo como um violador de túmulos. Jack ajoelhou-se e abriu o zíper da bolsa. Tirou de dentro duas pás.

— Agora a gente cava. Tia Linda disse que a gente deveria procurar por algo enterrado atrás da lápide.

Will tomou uma das pás de Jack e escolheu um ponto cerca de 30 centímetros atrás da lápide, longe o suficiente para que a pedra não desmoronasse.

— Será que a sua tataravó não podia ter mantido as relíquias da família no sótão, como todo mundo? — perguntou Fitch, apoiando-se contra a lápide de Susannah. — E como é que a sua tia Linda sabe que tem alguma coisa aqui?

— Não sei — respondeu Jack, afundando a pá na terra a curta distância de Will. — Mas acho que isso era algo que a minha tataravó não queria que caísse em mãos erradas.

— Como as nossas, talvez — disse Fitch em tom seco.

Parecia que a terra atrás da lápide não fora remexida havia um século. Ou nunca. Era feita de argila e xisto e cheia de raízes. Fitch ficou de guarda enquanto os outros dois manejavam as pás. De vez em quando viam os faróis de um carro passando pela estrada da capela. As árvores nos bosques em ambos os lados queixavam--se quando o vento passava por elas. Fora isso, o único som era o tinir das pás contra a pedra e a respiração ofegante dos cavadores.

Após algum tempo, eles haviam cavado um buraco de tamanho considerável, com quase um metro de comprimento e cerca de um metro de profundidade. Apesar do ar frio, Jack suava com o esforço. De repente, a pá bateu em algo com um som metálico e abafado que era diferente dos anteriores. Isso se repetiu uma, duas vezes. Ele continuou a cavar, retirando pequenas quantidades de terra até conseguirem ver o contorno de algo tosco e retangular. Will cavou com energia renovada, aumentando o buraco, tentando achar a outra extremidade da caixa, se é que era isso o que era.

Jack removeu a terra das laterais, para que pudessem ver quão profunda era a caixa. Agora todas as quatro arestas superiores estavam expostas. A caixa tinha cerca de um metro de comprimento e era estreita.

Jack apoiou-se na pá, cansado. Algo estranho estava acontecendo. Sentia a cabeça girar e ouvia um murmúrio nos ouvidos, o som de mil vozes ansiosas. Sentou-se pesadamente à beira do buraco, com as pernas balançando no ar, e pôs as mãos sobre os ouvidos.

— Ei, você está bem? — Fitch iluminou o rosto de Jack com a lanterna. — Por que não descansa um minuto? Você fez a maior parte do trabalho. — Virou-se e remexeu na mochila, tirando duas garrafas d'água. Jogou uma para Jack e outra para Will. — Bebam.

Fitch apanhou a pá e se pôs a trabalhar com afinco, fazendo a terra voar. Will esvaziou a garrafa ruidosamente e jogou-a para o lado, continuando a cavar, motivado pelo prêmio que parecia quase ao alcance deles.

Agora Jack conseguia distinguir parte do que as vozes diziam.

— Quem vem reivindicar a espada?

Havia um rumor de tambores, a princípio bem distante, depois mais alto, cada vez mais próximo, martelando dentro de sua cabeça. Jack fechou os olhos e reclinou-se contra a lápide de Susannah; sua respiração saía em arfadas curtas e fracas, e o coração batia com fúria. O suor jorrava de seu corpo. Lembrou-se do remédio esquecido. Talvez estivesse tendo um ataque cardíaco.

— Estão ouvindo alguma coisa? Pessoas falando? Tambores? Qualquer coisa?

Will e Fitch pararam de cavar para olhar para Jack.

— Esquece — ele se apressou a dizer.

Os tambores e as vozes cresceram em volume. E então uma voz de mulher, baixa e calma, surgiu por entre o ruído.

— Acalmem-se. Ele é o herdeiro — disse ela.

As vozes e os tambores calaram-se. Jack secou o suor do rosto com a manga e respirou com mais tranquilidade.

A caixa em si tinha apenas 20 centímetros de profundidade, e Fitch e Will logo removeram a terra de três lados. Will conseguiu enfiar a ponta da pá sob ela e tentou forçá-la para fora. O solo relutou em entregar o que havia guardado por tantos anos. Foram necessárias várias tentativas, mas, enfim, um dos cantos se soltou, e Will a apoiou cuidadosamente contra um dos lados do buraco. Não parecia muito pesada. Ele desceu para dentro do buraco e empurrou a caixa para cima. Fitch agarrou a extremidade mais próxima e arrastou-a para fora, por sobre a grama.

— Devem ter enterrado a caixa dentro de uma bolsa de couro — disse Will.

A bolsa se desintegrara quase por completo, e o couro caiu quando viraram a caixa. Terra e areia haviam se incrustado na superfície. Will cuspiu nas mãos e limpou um pouco da sujeira.

— Está coberta de jóias! — exclamou ele quando a luz se refletiu nelas. — Vocês não acham que são verdadeiras, acham? Jack recobrou-se o suficiente para levantar-se do túmulo e inclinar-se para a frente a fim de dar uma olhada.

— Quem ia enterrar jóias valiosas num cemitério? — Fitch correu uma unha por sobre uma das pedras. Era vermelha cor de sangue, lapidada e mais ou menos do tamanho de seu polegar. — Isto é provavelmente o mais próximo que vou chegar de um tesouro enterrado.

Fitch reclinou-se, tateando a lateral do estojo. Jack levou alguns instantes para entender o que ele estava fazendo.

— Fitch, não!

Tarde demais. Houve um clarão e um estrondo. Fitch voou para trás, aterrissando de costas na grama, a muitos metros de distância. Uma pequena nuvem de fumaça subiu em direção aos céus.

Will correu até ele, mas Fitch já estava se sentando, sacudindo a cabeça.

— Que diabos foi isso? — Tinha o rosto manchado de fuligem e cuspiu sangue pela boca.

Will e Fitch olharam para o estojo com respeito rancoroso. Em algum lugar próximo, um cão estava latindo.

Jack se perguntou se o barulho atrairia vizinhos curiosos. Ou algo pior.

— Talvez a gente deva levar isso para um lugar mais seguro — sugeriu Will.

— Talvez a gente seja feito em pedacinhos se tentar — replicou Fitch com cautela.

— Deixem eu tentar — disse Jack.

Os outros dois o fitaram. Pondo-se em pé com esforço, Jack cambaleou até onde estava a caixa e a tomou cuidadosamente nos braços. Carregou-a até uma distância segura e a depositou no chão.

— Por que vocês não enchem o buraco e limpam a área o melhor que puderem, enquanto eu tento entender o mecanismo dessa tranca?

— Tenha cuidado, Jack — avisou Fitch.

Fitch e Will apanharam as pás e começaram a empurrar a terra de volta para o buraco. Na escuridão, era difícil ver o tamanho da bagunça que haviam feito. Jack suspeitava que de manhã seria bastante óbvio que alguém andara cavando por ali.

Jack correu as mãos pela tampa decorada até encontrar o pequeno fecho, bem onde sabia que estaria, como se ele houvesse aberto o estojo uma centena de vezes. As palavras da velha frase lhe voltaram, e ele as sussurrou ao pressionar os dedos contra a fechadura. O estojo se abriu facilmente com um estalo.

Dentro do estojo forrado de veludo, estava uma espada embainhada. A bainha era decorada em ouro e prata, e o punho que se projetava dela era moldado em um elaborado desenho espiral em ouro. Um brilhante rubi estava incrustado no punho

da espada. Quando Jack aproximou a lanterna, conseguiu ver inscrições pálidas contra o metal polido, símbolos e palavras que não compreendia.

Pôs a lanterna no chão, segurou com cuidado o punho da espada e a desembainhou, notando que o punho cabia em sua mão sem escorregar. A espada criou uma luz própria ao emergir, uma chama prateada que correu ao longo da lâmina. Tinha dois gumes, e o metal parecia ondulado, de um jeito que indicava que havia sido dobrado e redobrado em reforço. Como Jack sabia disso? Ele mesmo não poderia dizer. Após um século enterrada, não tinha nenhum traço de ferrugem. Parecia pronta para ser usada.

Will e Fitch, atraídos pela luz, olharam por cima do ombro de Jack.

— Sinistro — murmurou Fitch.

— Não — disse Jack. — Não tem nada de sinistro. Jack ergueu a arma com as duas mãos e soube que ela pertencia a ele, embora houvesse sido forjada muito antes de ele ter nascido. Era mais leve do que imaginara, mais leve do que seria de se esperar, considerando--se seu tamanho.

— Sombra Assassina — sussurrou Jack, como se a arma falasse com ele.

E o poder da lâmina correu-lhe pelas mãos e depois pelos braços como se, de alguma maneira, a espada o estivesse segurando.

— Jack... — era Will, soando temeroso, incerto.

A espada ardia na mão de Jack ao brandi-la, um casamento de homem e metal, carne e aço. Feroz e primitivo. Ele se expandiu, estendendo-se ao longo da lâmina, e a espada lançou luz e sombra por sobre a grama, iluminando as pedras inclinadas. A lâmina cantava ao cortar a escuridão, uma, duas, três vezes, dividindo-a, deixando um rastro de luz. *Matadora da Sombra*. Jack girou, segurou o punho com ambas as mãos e balançou a

espada, cortando uma planta de cinco centímetros de espessura com apenas um murmúrio de esforço. Ele viu sangue diante dos olhos, e não era o sangue das árvores. Precisou de considerável autodisciplina para terminar a dança. Quando baixou a espada, sua luz diminuía para um cintilar suave.

— É tão doce — disse ele, engolindo em seco, tentando pôr a voz sob controle. — Eu... eu não fazia ideia...

— Tome cuidado com isso. Tipo, não vá pirar, está bem? — Algo na voz de Fitch deixava transparecer que ele sentia algo mais perigoso ali do que o gume de uma lâmina antiga.

Will olhou para a bainha no estojo, como que receando chegar perto.

— Isso é algum tipo de cinto?

Jack enfiou a lâmina no chão e ergueu a bainha com as duas mãos. Estava atrelada a um cinto leve de malha de metal lavrado de forma inteligente. Havia sido projetado para ser usado de duas maneiras, em torno da cintura ou por sobre o ombro, com um *boldrié*.

De onde tirara aquela palavra? Em algum lugar dentro dele, uma porta para o conhecimento havia se aberto. Jack pôs o cinto ao redor da cintura e o fechou apertado, posicionando a bainha sobre o quadril esquerdo de forma que pudesse puxar a espada com a mão direita num movimento transversal. Caía confortavelmente sobre os quadris. Tia Linda havia dito para pôr a espada de volta no estojo, mas...

— O que é aquilo? — Fitch falou baixinho, mas de um jeito que chamou a atenção de Jack.

Ele estava olhando em direção à igreja, com as mãos na cintura. Jack seguiu-lhe o olhar. Um brilho estranho vazava através das janelas traseiras do prédio, criando sombras loucas. Alguém estava caminhando do outro lado da igreja com uma lanterna, e a luz desta se refletia nas janelas de trás.

— Ei — sussurrou Fitch. — Tem alguém aqui!

Com um movimento rápido, Jack apanhou o estojo e jogou-o para Will.

— Segura isso aí! Vamos precisar.

Jack arrancou-a espada da terra com a mão direita e segurou-a junto ao corpo com a ponta para baixo. Esconderam-se nas sombras atrás da lápide de Susannah, tomando o cuidado de evitar o buraco ainda não tapado.

Alguém dobrara a esquina da igreja, carregando uma poderosa lanterna. A princípio, conseguiram enxergar somente uma silhueta corpulenta, por causa do clarão. A figura avançou rapidamente em direção ao local onde se escondiam, apontando a lanterna para as lápides em seu caminho. Parou a uns três metros de distância, iluminando a lápide de Susannah Downey. Eles ouviram um grunhido de satisfação. E então uma voz.

— O que estão fazendo aqui fora no escuro, meninos? — Era o caubói, Sam Hadley.

Era inútil permanecerem escondidos. Fitch saiu de trás da pedra, protegendo os olhos contra a luz.

— A gente decidiu ver se algum dos nossos parentes está enterrado aqui. Mas acho que começamos meio tarde. É inútil tentar achar qualquer coisa no escuro. Acho que vamos ter de voltar amanhã. — Sacudiu os ombros de forma exagerada.

Quando Hadley falou de novo, tinha um tom cortante na voz.

— Susannah Downey não era a pessoa que estavam procurando?

— Não, era Taylor — respondeu Fitch, enfiando as mãos nos bolsos da jaqueta, tentando afetar tranquilidade. — Mas achamos que ela era casada com um Downey. Como a gente falou, esta parece ser a pessoa errada. Nossa Susannah é anterior, e parece que esta se chamava Hale. A gente só achou que seria uma boa ideia vir dar uma olhada no cemitério e ver se algumas dessas lápides nos dariam alguma pista.

Jack percebeu que Fitch estava nervoso porque as palavras jorravam dele como bolas de gude de um saco.

— A gente já estava indo embora — acrescentou Will, movendo-se para junto de Fitch. Ele havia apanhado a bolsa de viagem e segurava o estojo sob o braço em posição horizontal, do jeito mais natural possível, torcendo para que Hadley não conseguisse ver bem no escuro.

Jack permaneceu nas sombras, atrás da lápide de Susannah. Sentia nitidamente uma outra presença seguindo o caubói, algo ameaçador, sôfrego, aproximando-se. Apertou mais forte o punho da espada, o braço formigando todo até o ombro.

— Vocês querem uma carona até a cidade? — perguntou o caubói.

— Não, obrigado — disse Will.

Nesse momento, Jack saiu das sombras para se juntar aos amigos, postando-se logo atrás deles.

— O que você tem aí? — Havia um tom ríspido na voz de Hadley ao se dirigir a Jack.

Jack tentava manter o corpo entre o caubói e a espada, mas o brilho da lâmina se destacava como um farol na escuridão.

— Ele está com a espada. — A nova voz era terrivelmente fria e estava perto demais para a tranquilidade deles.

Uma sombra mais negra se destacou da lateral da igreja e se aproximou com um andar estranho, flutuante. Era um homem, alto e esguio, as roupas tremulando ao redor de si enquanto avançava. Ele ergueu um braço esquelético e apontou para a espada na mão de Jack. A lâmina flamejou em tons vermelhos, como se banhada em sangue. Era o estranho do tribunal. *Mago!* O pensamento surgiu, totalmente formado, na mente de Jack, um aviso. Um antigo terror acendeu-se dentro dele.

Os olhos de Hadley voltaram-se nervosamente para o mago e, a seguir, novamente para Jack.

— Parece que vocês andaram cavando por aqui — disse ele, gesticulando em direção à lápide de Susannah. — Parece que roubaram algo que não lhes pertence. — Ele olhou com mais atenção para os rapazes. — É melhor entregarem ao homem e ir pra casa.

— Não — respondeu Jack, inflando o peito. — Se quiser a espada, venha pegar.

Era como se um estranho falasse através dele. Hadley não o assustava. Era o mago que lhe atraía a atenção. Se não fosse pelo colete, o mago o teria matado no tribunal. Linda havia insistido que o vestisse. Como ela soubera que Jack precisaria dele?

O mago aproximou-se, movendo-se como se sentisse muita dor. Jack o observou com cautela. A barba cobria-lhe a metade inferior do rosto, mas a metade superior estava vermelha e coberta de feridas, como se houvesse se queimado. A voz era seca e sem emoção, como escamas deslizando sobre rochas.

— Sem dúvida, esta foi uma aventura excitante para vocês três, mas agora acabou. Me dê a arma. — Ele sorriu, um horrível rearranjo do rosto destroçado. — Tenho certeza de que podemos achar uma recompensa *adequada* pelo trabalho que tiveram.

"Ele vai nos matar, assim que tiver a espada", pensou Jack. Voltou-se para Will e Fitch, pensando se também haviam entendido. "Eu não devia tê-los deixado vir junto." Como se ele estivesse no comando!

— Onde está a encantadora? — Era o mago de novo. — Tenho assuntos a resolver com ela.

A maneira como o mago dissera *assuntos* deixava claro que queria dizer dor e algo mais. Do que ele estava falando? De *quem* estava falando?

Embora assustado, Jack também se sentia impulsivo, selvagem e rebelde. Tomara posse da espada; sentira seu poder e não tinha intenção alguma de entregá-la sem luta.

Hesitou, sem saber o que fazer, em pé e com uma perna de cada lado dos ossos da tataravó, de costas para a lápide. Uma súbita brisa moveu as folhas acima, sussurrando para ele.

Foi quando teve uma ideia de onde poderiam se refugiar. Colocou-se entre os amigos e o mago e gritou:

— Corram para a igreja!

Will e Fitch não precisavam de mais nenhum estímulo. Viraram-se e correram para a construção, pulando lápides como numa corrida de obstáculos. Jack recuou rapidamente, sempre de frente para o mago. Ergueu a espada com ambas as mãos, o lado cego voltado para si. Ela respondeu, flamejante, iluminando a cena.

Não conseguia ver nenhuma arma nas mãos do mago, mas de repente uma cascata de chamas azul--esverdeadas rolou na direção de Jack. Instintivamente, ele usou a espada para aparar o golpe, que explodiu em uma chuva de faíscas que lhe caíram inofensivas sobre os ombros. Duas vezes mais ele se defendeu de ataques semelhantes. O calor das chamas secou-lhe o suor do rosto. O fogo do mago tinha um odor ácido e desconhecido, como o gosto de sangue na boca.

O mago, com o horrível rosto queimado, estendeu as mãos na direção dele e começou a falar no mesmo velho latim que Linda havia usado, a linguagem da magia. Jack sabia que tinha de detê-lo, que as palavras continham poder. Desesperadamente, brandiu a Sombra Assassina com ambas as mãos em um arco largo e achatado. Chamas rugiram da ponta afiada da lâmina, e o feitiço permaneceu inacabado, pois o mago se jogou ao chão. As chamas passaram por ele gritando e atingiram as árvores atrás dele. As árvores permaneceram em pé por um momento, então tombaram, cortadas de lado a lado na altura do peito de

uma pessoa. E, de algum modo, Jack havia chegado à porta da igreja.

Uma instável escadaria de madeira levava em poucos degraus à porta de trás da igreja. Fitch e Will já estavam no topo da escada, sem saber o que fazer a seguir. Jack apontou a espada para a porta e a empurrou. Houve um grande estrondo e a porta se escancarou, pendendo torta das dobradiças quebradas. Will e Fitch encolheram-se para entrar. Jack entrou de um salto e virou-se para encarar os atacantes.

Estes estavam um pouco confusos, como se não esperassem resistência. O mago estava de novo em pé, encarando Jack. O caubói olhou para as árvores cortadas, para a abertura irregular no dossel da floresta acima, depois novamente para Jack. Tinha a boca aberta e o rosto redondo lustroso com o suor.

— O garoto é um demônio — gemeu ele. — Fui contratado para pesquisar. Lidar com demônios não faz parte do meu contrato.

— Não há nenhuma *mágica* nesse rapaz — disse o mago com desdém. — O poder está na lâmina. Esse aí é um tolo aventureiro *Anaweir* que está mais encrencado do que imagina.

— Jack escutou a palavra "*Anaweir*" (que lhe soou como a palavra inglesa "*unaware*", que queria dizer "ignorante, desinformado") sem entender muito bem a escolha de palavras.

— Agora vá buscar a espada para mim.

— Eu é que não entro lá — protestou Hadley. — Ele vai me fritar vivo.

— Magia é inútil no santuário. A espada não tem nenhum poder especial lá dentro.

E, de fato, agora que Jack estava dentro da igreja, a lâmina se apagara, tornara-se mais pesada, de forma que ele precisava das duas mãos para levantá-la. O poder da espada não ardia mais dentro dele. O que tinha nas mãos não era nada além de metal.

Algo que o mago dissera ecoou na mente de Jack. *Magia?*

Fitch estava junto dele, armado com um candelabro.

— Por que não estão vindo atrás de nós? — sussurrou ele, dando uma olhada nervosa ao redor. — São *warlocks* ou vampiros ou coisa assim, e por isso não podem entrar numa igreja?

"Magos", Jack quase murmurou.

— Não sei — disse em voz alta. Não sabia se o mago era capaz de entrar, ou se simplesmente preferia mandar Hadley para enfrentar a espada em uma situação em que magia era ineficaz.

— Aquela espada ainda é afiada o suficiente — insistiu o caubói. — E eles são três. Eu nunca concordei em enfrentar uma espada, desarmado. — Ele parecia só estar interessado em fugir.

— É mesmo? — A voz do mago escorria desdém. — Então teremos de... renegociar.

Ele pôs a mão no ombro de Hadley, e o caubói berrou, primeiro arqueando para trás, depois caindo de joelhos, indefeso contra o toque do mago. O mago não recuou, e o caubói gritou como se estivesse sendo esfolado vivo, suplicando por misericórdia e implorando que lhe desse uma nova oportunidade. Quando aquilo finalmente parou, Hadley jazia trêmulo e gemendo no chão. Jack ficou nauseado, sabendo que o objetivo da demonstração era impressioná-lo.

Com o objetivo de confirmar a impressão, o mago se voltou para Jack:

— Veja que a resistência tem consequências — disse ele com frieza. — Entregue a espada ou vocês três morrerão esta noite. E, quando eu tiver acabado com vocês, vão implorar para morrer.

Por um instante, Jack foi dominado pela imagem dele mesmo em pé na entrada da igreja como um herói de cinema, brandindo uma espada, pronto para lutar contra um homem que lançava chamas das mãos nuas, torturava e matava com um toque. Virou

o rosto e viu Will e Fitch atrás dele, seus rostos pálidos como pergaminho na escuridão da igreja. Se antes eles não haviam entendido o que estava em jogo, agora sabiam.

Ele fitou a espada em sua mão e então o mago lá fora. De onde vinha isso? Nunca havia sido especialmente ousado no passado. Devia haver algo na espada interferindo com seu juízo. Limpou o suor do rosto e sacudiu a cabeça.

Era um impasse. Se deixassem o prédio, o mago os mataria e roubaria a Sombra Assassina, pensou ele. Não poderia deixar isso acontecer.

Fitch afastara-se por um momento, e agora estava de volta.

— O Mercedes está no estacionamento — sussurrou ele.

Jack olhou para trás outra vez. A porta de trás levava diretamente ao santuário. Estavam bem atrás do púlpito, na pequena área do coro. Era um salão simples, pintado de branco, com fileiras de bancos de madeira alinhados em ambos os lados de um corredor central. Grandes portas duplas abriam-se para o estacionamento no outro extremo.

— Escutem — disse Jack baixinho, voltando-se para Fitch. — Provavelmente a gente consegue despistá-los no bosque. — *Eles vão seguir a espada.* — Você e Will se esgueiram pela porta da frente enquanto eu os mantenho ocupados. Fiquem no bosque e longe da estrada. Quando eu souber que vocês já estão longe, fugirei correndo.

— Você pirou? O cara está atirando chamas, Jack. Se sabemos que não vão entrar aqui, vamos só esperar. Eles não podem ficar aqui pra sempre.

"Ele não vai esperar para sempre", pensou Jack. "E se nos apanhar..."

Hadley havia se posto em pé e estava se aproximando, instigado pelo mago atrás dele. Agora Jack não sentia nenhuma vontade de machucar Hadley. Tinha pena dele.

— Não está vendo? — O mago dizia a Jack. — A encantadora os enfeitiçou, e são vocês que vão pagar por isso. Ela não se importa de sacrificar vocês para conseguir o que quer.

Nesse exato momento, o celular tocou, surpreendentemente alto. Com uma mão, Jack o tirou do bolso, mantendo a espada apontada para a entrada.

Era tia Linda.

— Onde vocês estão?

— Estamos na igreja no velho cemitério metodista, na Estrada da Capela Metodista. A espada está comigo, mas estamos sendo atacados.

Linda ficou em silêncio por um momento.

— Estou perto daí — disse ela. — Mantenha-os a distância por uns cinco minutos. Deixe o telefone ligado.

O caubói havia avançado até o segundo degrau. Jack deu um passo além do limiar da porta, a fim de ter espaço para se mover, e traçou um arco da esquerda para a direita com a lâmina, emitindo chamas, o bastante para afastar o homem sem cortá-lo. Hadley pulou para trás, quase caindo. A magia da espada fluiu para dentro de Jack como uma droga. Exultante, ele desceu outro degrau. O caubói desapareceu na escuridão, e restou apenas o mago, lançando uma salva de bolas de fogo após a outra, como em um tipo de videogame frenético. Jack rebateu com chamas em espiral, e seu adversário recuou. Jack avançou para o duelo, em perseguição. Estava no último degrau e prestes a sair da escada quando ouviu alguém gritando atrás de si.

— Jack! Você enlouqueceu? Entre aqui! — Era Will.

O encanto, de alguma maneira, se quebrou. Jack se lançou para trás enquanto uma grossa parede de chamas do mago rugia em sua direção, grande demais para ser contida com a espada. Will agarrou-lhe os ombros, quase arrastando-o para dentro, para longe do calor terrível. O rosto de Jack ardia, a visão borrada

pelas lágrimas, os pulmões queimados pelo golpe que não o atingira por um triz. Apoiou-se na espada, arfando, enquanto Will ainda o amparava do outro lado.

— Sou um idiota — sussurrou ele. — Um idiota. Escutou a voz da tia vindo do celular.

— Estou no estacionamento. Saiam pela porta da frente. Rápido!

Jack endireitou-se, tirando o peso do corpo de cima de Will e da Sombra Assassina, e respirou fundo. A dor que sentiu era a garantia de que ainda estava vivo.

— Tia Linda está lá fora — disse ele. — Hora de ir. Correram para os fundos da igreja.

— Cuidado! — gritou Linda, quando Will e Fitch abriram a porta da frente e deram de cara com o caubói.

Era difícil dizer quem ficou mais surpreso. Ele tentou agarrar Will, o que se revelou um erro. Will vinha passando um tempo considerável na academia de ginástica. Ele se livrou de Hadley e, apesar do tamanho do homem, ergueu-o do saguão de entrada da igreja e o arremessou no estacionamento. Hadley deslizou sobre o estômago, com braços e pernas estirados como uma água-viva. Fitch recuperou o estojo, que Will havia deixado cair.

O Land Rover estava parado ao lado do Mercedes. Eles dispararam na direção do carro. Will parou junto do Mercedes, esticou o braço pela janela aberta e arrancou as chaves da ignição. Arremessou-as o mais longe que pôde na escuridão.

Jogaram-se no banco traseiro do Rover, Jack com a espada e Fitch com o estojo. O Rover levantou cascalho quando saíram do estacionamento. Atrás deles, o caubói se pusera de quatro. Então a igreja saiu de seu campo de visão, e seguiram em alta velocidade pela Estrada da Capela Metodista.

Capítulo Cinco

O Herdeiro Guerreiro

Linda estava calma — agindo até de modo metódico, passando o telefone para Fitch a fim de que ele fizesse reservas em um hotel em Columbus sob um novo nome, pedindo a Will para achar o mapa no porta-luvas e servir como navegador, embora ela conhecesse bem o condado. A voz dela os envolvia, acalmava e relaxava, amainando-lhes o terror e a curiosidade. Como se espadas em chamas e magos fossem acontecimentos cotidianos. Ela não disse nenhum feitiço em voz alta, mas agora Jack conseguia perceber como ela usava a voz para enfeitiçar. Por que nunca havia percebido antes?

Ela não deu nenhuma tarefa a Jack. Tendo arrancado dele cada detalhe sobre o que acontecera no cemitério, deixou-o em paz. Ele sentou-se com os ombros caídos no banco, a cabeça jogada para trás, os olhos semicerrados. O corpo inteiro lhe doía, e toda a parte da frente ardia, a não ser sob o colete. A Sombra Assassina estava de volta ao estojo, descansando confortavelmente aos pés dele. Às vezes ele flagrava Linda o observando pelo espelho retrovisor.

"Ela é que é a encantadora. É dela que o mago estava falando. Talvez o que ele disse seja verdade. Talvez ela só esteja me usando para obter a espada. Ela disse que a espada era minha, não disse?"

O que ele faria se Linda tentasse lhe tomar a espada? Aquela era uma pergunta que ele não sabia responder. A espada parecia preencher uma necessidade nele que antes ele nem imaginara que existia.

Ele se contorceu, desconfortável, então se virou e se inclinou sobre o banco traseiro para ver se havia algo que poderia usar como travesseiro. Viu sua bolsa de viagem e se lembrou. O remédio! Abriu o zíper e enfiou a mão lá dentro, tateando em busca da forma familiar, o vidro frio em meio às roupas.

"Não quero tomar", pensou ele. "Nunca mais".

Tirou-o da bolsa mesmo assim e girou o frasco azul entre as mãos. Ergueu os olhos e viu tia Linda o observando outra vez.

— Deixe pra lá, Jack — disse ela, com suavidade. — Você não precisa mais tomar. A gente fala sobre isso mais tarde.

Eles ficaram em um hotel de uma rede ao norte de Columbus, com a prometida piscina e banheira de água quente. Ela pediu diversas bandejas de sanduíches e aperitivos pelo serviço de quarto e convenceu o gerente do clube de ginástica a deixá-los utilizar os aparelhos até a meia-noite. O homem retornava em intervalos durante a noite para ver se precisavam de alguma coisa e para informar Linda de que ele deixaria o serviço às onze caso ela estivesse interessada em sair para beber alguma coisa. Ela recusou. Várias vezes.

"Ele não sabe com quem está lidando", pensou Jack. Bem como o mago dissera.

Jack estava com a aparência e a sensação de quem havia passado tempo demais ao sol. A piscina teve um efeito relaxante, mas ele não conseguiu aguentar a banheira quente. Deitou-se de costas, cochilando junto à piscina, acordou de vez em quando para ouvir os outros conversar.

— Acha que aqueles homens vão tentar nos encontrar? — perguntava Fitch. — Acha que vão tentar recuperar a espada?

— Ele está procurando por nós agora — disse Linda.

Jack notou que ela usou o singular. "O caubói não conta. Provavelmente está morto."

A voz de Linda continuou a serpentear por entre seus pensamentos.

— Se tivermos sorte, ele não faz ideia de quem somos ou de onde viemos. Nada está no meu nome: o carro, o hotel, nada pode ser ligado a mim. Ele vai partir do princípio de que a espada está comigo. Essa é melhor proteção para vocês. E isto.

Enquanto Jack observava por olhos entreabertos, ela estendeu a mão e segurou as de Will e Fitch.

— Vocês não devem falar nada a ninguém sobre o que aconteceu neste fim de semana, entenderam?

Nem uma pista, nem um murmúrio, nada de se gabarem ou se queixarem. — Ela olhou para um e outro. — Está acabado, morto e enterrado. Será o nosso segredo, uma lembrança partilhada apenas por nós quatro. Compreenderam?

Eles assentiram solenemente, os olhos arregalados, como acólitos de uma nova religião.

"Ótimo", disse Jack a si mesmo. "Minha tia é uma bruxa. O que é que eu vou fazer?" Abandonou os amigos ao terno cuidado de Linda, sabendo que não podia ajudá-los. Levantou-se, cambaleou até o quarto e caiu exausto na cama, saudando a fuga temporária que era o sono. A espada estava no estojo, sob seu braço.

Jack dormiu até tarde e, quando acordou, Will e Fitch pareciam razoavelmente normais. Normais demais para que fosse normal, na verdade, pois estavam relaxados e fazendo piadas sobre as tarefas que os aguardavam em casa. Não disseram uma só palavra sobre os eventos no cemitério.

Linda só fechou a conta no hotel depois do almoço, e, quando carregaram a bagagem para fora, Jack ficou surpreso ao vê-la pondo as coisas dela em um novo carro, um Sedan bastante comum. Parecia algo rotineiro para ela: utilizar identidades falsas, trocar de carros.

Eram quase quatro da tarde quando estacionaram diante da casa de Fitch. Ele morava em uma casa destrocada com as peças dispostas uma atrás da outra como vagões de trem, e tão pequena que não parecia suficiente nem para acomodar toda a família Fitch.

Quando tia Linda tocou a buzina, foi como mexer num formigueiro. Num instante, ele estava imerso até a cintura em

um mar de pequenos Fitch. Fitch acenou com tristeza e desapareceu dentro de casa com sua comitiva.

Na casa dos Childer, um considerável monte de húmus ainda permanecia na entrada da garagem.

— Será que você pode dar mais umas voltas no quarteirão?
— implorou Will, fingindo desespero. Saiu com relutância do carro, arrastando a bolsa de viagem atrás de si. — Vejo você amanhã.

E então restaram só os dois. Quando Will já estava longe, tia Linda deu meia-volta e seguiu para o centro.

— Aonde vamos? — perguntou Jack, cauteloso.

— Acho que a gente devia ter uma conversa antes de eu levar você pra casa — respondeu a tia, sem olhar para ele. — Espero que você tenha um pouco de tempo.

A Cafeteria Lendas ocupava o primeiro andar de uma mansão vitoriana junto ao lago, a um quarteirão de distância da universidade. Linda escolheu uma mesa no solário com vista para o lago. A luz do sol de fim de tarde entrava pelas janelas. Ela se sentou de costas para o lago e de frente para a porta.

Jack pediu um pãozinho de canela e chocolate quente. Linda pediu chá aromatizado com laranja. Ela quase não falou até que a garçonete terminou de servi-los e se afastou. Então se voltou para Jack.

— O que acha da espada?

— É... — Jack lembrou-se da sensação de poder. Buscou um adjetivo apropriado. — Eu nunca vi...

senti... nada parecido. — Ele a levava para o restaurante e a apoiara contra a parede, recusando-se a deixá-la no carro.

— Não achei que você fosse ter de usá-la. — Linda sorriu com tristeza. — Você se saiu bem. Acho que nosso amigo nem sabe o que o atingiu. Pelo menos, espero que não saiba!

— Se você vai continuar fazendo mistério, esqueça

—reclamou Jack. — Por que envolveu a gente nisso, afinal? Ou eu estou ficando louco ou não estou e, seja como for, não estou gostando disso. Ele podia ter matado a gente. E agora você fez alguma coisa com meus amigos, enfeitiçou eles de um jeito que eles nem sabem o bastante pra ter medo.

—Sou uma encantadora, Jack. Não uma feiticeira.

—O rosto de Linda não revelava nenhum traço de humor. — Feiticeiros se especializam em magia material: venenos, poções, amuletos. Infelizmente, não são muito bons quando se trata de pessoas, então...

— Está bem, então você os *encantou* — interrompeu Jack. Tinha vontade de cobrir as orelhas com as mãos. — Chega. Quanto menos eu souber sobre isso, melhor. Aquele cara no cemitério quase me mata de medo.

— Eles me metem medo também, Jack — disse Linda, baixinho. Ela o olhou com uma simpatia compreensiva demais.

— Quem são eles? — perguntou Jack, após um minuto, sem conseguir se conter.

Linda franziu o cenho e tamborilou as unhas na xícara de chá.

— Não posso contar tudo. E vai ter de ficar satisfeito por enquanto com o que eu disser.

Jack lambeu o glacê dos dedos e cortou outro pedaço do pãozinho de canela.

— E se eu não ficar satisfeito?

— Então vai ter de esperar.

Quando Jack ergueu os olhos, ela estava olhando para a água, o queixo enrijecido.

— Que seja — disse ele, com rancor.

Linda o estudou por um momento.

— Há algo que você precisa saber sobre nossa família. Os Downey e os Hale têm um histórico de dons mágicos que data de centenas de anos atrás. Já tinha ouvido falar disso?

Jack pensou a respeito.

— Bom, tem a Susannah.

Linda assentiu.

— Ela lia o futuro nas cartas. Esse talento é comum na nossa família. Mas não é o único dom. A princípio, a linhagem era bem pura. As pessoas como nós tendiam a se casar entre si e ter filhos que preservavam a linhagem. Nossos ancestrais vieram do Reino Unido, que em certa época tinha uma enorme população de *Weirs*.

— *Weirs*?

— As ordens mágicas. Nossos ancestrais. — Tia Linda levantou a xícara e colocou-a de novo no pires, sem beber. — Temos a nossa quota de poetas, escritores, revolucionários e visionários. Mas os *Weirs* herdam habilidades incomuns.

Jack deu de ombros.

— Tais como...?

Linda estendeu os braços por sobre a mesa, segu-rando-lhe as mãos, e olhou-o nos olhos.

— Nós herdamos o poder. Nossos ancestrais incluem magos, encantadores, adivinhos, feiticeiros e guerreiros.

Jack ficou imóvel, esperando pelo fim da piada. Que nunca veio. Linda o observou como se ele fosse uma bomba prestes a explodir a qualquer minuto.

"Ela realmente acredita nesse negócio", pensou ele. A mãe e a tia sempre tiveram interesse no que Linda chamava de "magia restrita": astrologia, leitura de cartas, quiromancia e coisas do tipo. Mas ele sempre tivera a impressão de que era mais por entretenimento do que por qualquer outra coisa.

Jack lambeu os lábios.

— Certo. Feitiçaria na família. O que isso tem a ver conosco?

— Somos herdeiros, você e eu — respondeu tia Linda. — Como disse antes, sou uma encantadora.

— Uma encantadora — repetiu Jack. Lembrou-se do que o mago no cemitério dissera. "A encantadora os enfeitiçou, e são vocês que vão pagar por isso." — E qual é... o seu dom? — perguntou ele.

Ela ficou um tanto corada e torceu um guardanapo entre as mãos.

— Nós, ahn, temos poder pessoal sobre as pessoas

— disse ela, afinal. — Somos persuasivos. As pessoas se sentem atraídas por nós, quer gostem quer não. Acho que se pode dizer que somos... irresistíveis. — Ela lhe lançou um olhar como que para avaliar sua reação.

Era verdade. Nunca na vida Jack fora capaz de resistir a ela, mas sempre havia pensado que era só... o jeito dela. Lembrou-se de Will e Fitch no hotel.

— Certo. E quanto a mim?

Linda hesitou.

— Você é um guerreiro. Um dos *Weirlind*, como são chamados.

— Guerreiro? — Se o dom de Linda parecia apropriado, o dele não se encaixava de modo algum, decidiu.

— Não me soa muito mágico.

Tia Linda suspirou.

— As relações nunca foram muito pacíficas entre as diferentes ramificações dos *Weirs*. Têm havido guerras de tempos em tempos, quando uma facção tenta dominar as outras. Guerras precisam de guerreiros, que têm... dons apropriados. — Ela fez uma pausa. — Há realmente guerras entre magos. Como eles são a ordem mais poderosa, controlam as outras. Muitas das guerras da história britânica se originaram de disputas da nossa família. Em anos recentes, as batalhas continuaram, sem que aqueles que não são da família sequer percebam do que acontece.

— Ainda estão lutando no Reino Unido — disse Jack. — Mas e aqui?

— Um de nossos ancestrais, um Hale, veio para os Estados Unidos por volta de 1600 para fugir das guerras européias. Trouxe com ele muitas centenas de imigrantes que tinham o dom e que buscavam a paz no Novo Mundo. Fomos esquecidos. Por algum tempo. — Ela desviou o olhar.

Jack alternava os pensamentos entre o passado e o futuro. Pensou na mãe, tão diferente de Linda.

— Se você é uma encantadora, quer dizer que a mãe...

— Becka não é uma herdeira. Ela e o seu pai não sabem nada a respeito disso. Os *Weirs* do Novo Mundo se casaram com *Anaweirs*, aqueles sem dons. Nem todos herdaram os dons.

Anaweir. O mago no cemitério o chamara disso. Naquele momento, Jack havia entendido que ele havia dito "*unaware*", ou seja, "desinformado, ignorante" em inglês. O que não deixava de ser apropriado, também.

— Por que você não contou à minha mãe sobre esse seu dom? — Ele voltou os olhos para o pôr do sol lá fora.

— Jack, acredite ou não, quando eu tinha a idade que você tem hoje, eu achava que sabia de tudo. Mas eu não entendia o meu dom. Por isso estava despreparada quando encontrei meu primeiro mago.

Ele não pôde se conter. Virou-se para ela. Mas ela desviou os olhos para longe.

— Eu tinha 16 anos. Meus pais não podiam me ajudar. Becka não podia me ajudar. Os *Anaweirs* não são páreo para os dotados. Mas perderiam a vida tentando. Então é melhor que não saibam. — Ela deu um meio sorriso. — Você vai ver. Contar seu segredo a um *Anaweir* é como puxar um fio solto. Tudo acaba se desatando.

— O que Susannah tem a ver com isso? — perguntou Jack.

— Ela era uma guerreira. Como você.

— Uma mulher guerreira?

Tia Linda deu de ombros.

— Tanto homens como mulheres podem ser guerreiros, magos ou encantadores. Dizem que ela possuía o dom. Não sei se ela o usava.

— Se tenho algum tipo de poder especial, por que nunca notei nada?

Jack fez uma rápida inspeção pessoal só para ter certeza. O corpo doía como se tivesse levado uma surra, e o peso das roupas sobre a pele queimada o incomodava. Fora isso, sentia-se diferente: irascível, impaciente, eufórico, *vivo*. Um ser estranho e imprevisível vivia agora sob sua pele. O que estava acontecendo?

— Seus poderes foram bloqueados. Aquela medicação que você toma desde a cirurgia impede que os seus poderes se manifestem.

Ele levou um momento para compreender o que isso significava.

— A doutora Longbranch sabe disso?

Jack estava começando a se perguntar se ele era o único a não saber de nada.

Linda inclinou-se para a frente.

— O dom é passado de geração para geração por meio de uma pedra ou cristal que fica atrás do coração. Os magos carregam pedras de magos, os encantadores têm pedras de encantadores. Você estava destinado a ser um herdeiro *Weir*, mas... algo saiu errado. Não havia nenhum cristal. Sem ele, você estava morrendo.

— Por que eu não tinha um cristal?

— Talvez tenha a ver com a mistura de sangue. Não sei. Mas você estava morrendo. Então eu contatei a doutora Longbranch. Eu... eu a conheci por intermédio de umas pessoas na Inglaterra.

— O que você disse à minha mãe?

— Até onde ela e Thomas sabem, você nasceu com um defeito no coração, e a doutora Longbranch foi sua cirurgiã cardíaca. Que é o que ela é — acrescentou Linda.

— Uma cirurgiã cardíaca — repetiu Jack. — E o que mais?

— Inclinou-se para trás, esperando pelo resto.

— Jessamine Longbranch é uma maga. Ela trouxe uma pedra e implantou em você. Você se recuperou. Só que... — Ela desviou o olhar. — Só que você deveria ter sido um mago.

Jack pressionou os dedos contra as têmporas.

— Eu nasci mago, e ela pôs em mim uma pedra de guerreiro?

Linda concordou com um gesto de cabeça.

— Por que ela faria isso?

Linda fitou a mesa, contraindo um músculo do maxilar.

— Foi... foi uma experiência. Ela queria ver o que ia acontecer.

"Ela está com raiva", pensou Jack, "mas não quer que eu perceba".

— E o que é que eu sou, afinal? Mago ou guerreiro?

Linda o encarou, os olhos marejados de lágrimas que não caíam.

— Não sei, Jack — disse ela, engolindo em seco. — Você é um guerreiro, imagino.

Jack deu de ombros, sem entender por que isso seria má notícia.

— Então por que a doutora Longbranch queria bloquear esses poderes de guerreiro, sejam eles quais forem?

— É importante manter o seu segredo escondido. Embora Linda houvesse iniciado aquela estranha conversa, Jack se sentia como se tivesse de arrancar as informações dela, um precioso fragmento de cada vez.

— Escondido de quem? — perguntou Jack.

— Pode haver pessoas procurando por você, Jack — disse ela baixinho.

— Que pessoas? E por quê? — Jack estava perplexo.

— Magos. Como o homem no tribunal. Eles estão sempre procurando por guerreiros para lutar por eles, ou tentando matar os guerreiros que lutam em nome dos adversários. Eles não querem que o outro lado leve vantagem. O melhor momento para recrutar ou atacar um guerreiro é quando ele ainda não foi treinado, antes que chegue à maioridade.

Jack estremeceu e olhou para o salão em torno. A garçonete havia acendido velas nas mesas enquanto a luz do dia esmorecia. Sombras tremeluziam e dançavam nas paredes. O lago adquirira uma cor cinza ardósia com o escurecer. De repente, o mundo parecia um lugar perigoso.

— Mas não estou de lado algum — observou Jack. — Não quero lutar contra ninguém.

— Não importa. Eles virão atrás de você mesmo assim.

"Ela não está me contando tudo", pensou Jack. Sentiu como se estivesse espiando pelo buraco da fechadura um quarto cheio de demônios e só conseguisse ver aquele que estava mais próximo da porta. Era bem possível que os demais fossem até maiores e mais feios.

— Será que eu não posso me livrar do cristal de algum jeito?

— Você morreria — disse tia Linda simplesmente. Os dois ficaram em silêncio por um momento.

— Qual é a probabilidade de alguém me encontrar em Trinity? — perguntou Jack.

Ela soltou um suspiro suave.

— Há magos em Trinity agora, procurando por você. Não sei como te encontraram aqui. Não sabíamos a respeito deles até o teste de futebol. Quando você atirou Garrett Lobeck na rede. Você se esqueceu de tomar o remédio e começou a vazar magia. — Ela hesitou. — Seus poderes estão começando a se

manifestar. Com guerreiros, isso costuma acontecer na sua idade.

A voz dela tremeu um pouco. Na verdade, havia uma boa dose de emoção não explicada em toda aquela conversa.

— Eles vieram atrás de você naquela tarde, mas você já tinha ido embora. — Linda estremeceu. — Os magos podem detectar o uso do poder e relacionar a uma pedra. O Nick conseguiu... distraí-los.

— Nick! — Ele falou mais alto do que pretendia e olhou em volta, sentindo-se culpado. O salão estava quase vazio. Nick. Até o Nick. Um deles. Um de nós? — Quem é ele, na verdade?

— O nome dele é Nicodemus Snowbeard. Ele é um mago — replicou Linda. — Ele tem tomado conta de você desde que você nasceu.

Em algum lugar no fundo da mente, Jack sempre se perguntara por que um homem tão inteligente quanto Nick trabalhava como zelador e faz-tudo em uma pequena cidade de Ohio. Mas que tipo de influência Linda poderia ter sobre um mago para persuadi-lo a aceitar esse trabalho?

— Uma encantadora pode encantar um mago? Ela pensou por um momento e pigarreou.

— Somos mestres da magia da mente. Os magos são mais poderosos do que os encantadores, por causa do uso de feitiços falados. Mas são vulneráveis a nós também, principalmente se os pegamos desprevenidos. Nem sempre eles conseguem detectar o nosso uso do poder. Podemos mudar de aparência, usar de sedução, fazer com que ajam de modo tolo.

Ela enfiara a parte sobre sedução no meio de todo o resto. "Eu nem quero saber nada disso", Jack disse a si mesmo. "Por que é que eu fico fazendo tantas perguntas?"

— Cada uma das outras ordens tem alguma vantagem específica sobre os magos. Por exemplo, um guerreiro pode derrotar um mago numa luta física, se conseguir impedir o mago de lançar um feitiço. Como você descobriu no cemitério. Feiticeiros são especialistas em magia material, poções, talismãs, ferramentas mágicas e coisas assim. Pequenas magias. Um feiticeiro pode produzir um artefato que aumente ou limite a magia de um mago. Um encantador pode encantar um mago. A maioria dos *Weirs Anamagos*, uma vez alertados de sua presença, pode sentir uma pedra de mago, mas os magos não conseguem detectar as outras pedras, a menos que haja uma descarga de poder. Mas os magos podem usar feitiços falados, físicos e a magia da mente, o que os torna mais poderosos do que todos.

Jack se perguntou se deveria estar tomando nota de tudo aquilo.

— Quer dizer que o mago no cemitério nos seguiu de Trinity até Coal Grove?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Graças a Deus. Conheço ele só de ouvir falar. O nome dele é Geoffrey Wylie. Mas parece que ele não sabe quem eu sou e, considerando o que aconteceu no cemitério, ele também não sabe quem você é. Ele estava atrás da espada, e o fato de vocês terem se trombado foi uma coincidência. Temos de torcer para que ele não continue seguindo a genealogia. Se descobrirem quem você é, vai ter de sair de Trinity.

Jack a encarou. Linda se inclinou sobre a mesa, falando com suavidade.

— Temos de reprimir ou esconder os seus poderes. É aí que entra o novo colete. Ele impede os outros de detectarem a sua pedra, mesmo que haja uma descarga de poder. Além de algumas outras vantagens que, tenho certeza, você já notou.

Deu-se conta da importância disso lentamente.

— Quer dizer que a Mercedes está nisso também? — A excêntrica Mercedes Forster e suas nuvens de cabelo cinza encrespado e estranhas roupas feitas à mão. Mercedes e seu jardim cheio de plantas exóticas, algumas venenosas demais para serem tocadas.

— A Mercedes é uma feiticeira — disse Linda, no tom de quem diz algo trivial.

Jack fez um mapa mental da vizinhança.

— O Blaise e o Richard?

— O Blaise é um adivinho — disse tia Linda, não conseguindo evitar o riso diante da expressão no rosto do sobrinho. — O Richard é um *Anaweir*. Um não-herdeiro — ela acrescentou.

— A Íris?

— Maga.

— O Hanson e a Sarah?

— *Anaweirs*. Um casal idoso e simpático que adora bebês.

— E lá se vai a vizinhança — grunhiu Jack. Massageou a testa com a ponta dos dedos. O que tinha começado como uma pressão agora se tornara uma dor de cabeça terrível. Sentia como se o mundo houvesse virado do avesso. Queria parar e rever cada detalhe de sua vida até então, peneirá-los em busca de pistas que o pudessem ter alertado. — Quer dizer que são todos meus parentes?

— Pode-se dizer que sim — respondeu Linda. — Vocês todos carregam o mesmo sangue antigo.

Jack se afastou da mesa, fazendo o chá se derramar da xícara de Linda.

— Bem, muito obrigado por compartilhar isso tudo comigo. Finalmente. E agora? Vou pra casa e me escondo embaixo da cama? Espero e vejo se alguém vem atrás de mim?

— Não — disse ela. — É tarde demais pra isso. Eles não desistem. É só uma questão de tempo até que descubram onde você está. — Aparentemente não gostando de algo que viu no rosto dele, Linda se apressou em acrescentar: — É por isso que nós... ahn... eu decidi recuperar a espada da sua tataravó. Nós... quero dizer... eu pensei que, talvez, com algum treinamento...

— Treinamento? — Tudo isso era uma loucura, mas havia algo nas maneiras da tia que era absolutamente irresistível, impossível de se ignorar. Talvez aquele fosse o dom dela. Aquela habilidade de capturar uma pessoa e manipulá-la até que ela deixasse de lado as regras do bom senso. "A encantadora os enfeitiçou". Ele olhou dentro dos olhos azul-dourados de Linda e soube que era verdade. Não tinha como resistir. — Treinamento para o quê?

— Vamos ensinar você a lutar, Jack. Em uma luta física, pelo menos, você poderá ser páreo para um mago. — Ela fez um gesto em direção ao estojo apoiado contra a parede. — A Sombra Assassina é... uma espada lendária. Queremos ter certeza de que, quando vierem atrás de você, vão encontrar um adversário mais perigoso do que o menino no cemitério. Jack achava que tinha se saído bem, dadas as circunstâncias.

— Quem é *nós*? É *você* quem vai me ensinar a lutar com a espada? — Achava isso difícil de imaginar, se bem que, àquela altura, nada o surpreenderia.

Linda sacudiu a cabeça.

— Achei um treinador pra você. Um mago. Infelizmente, não vou estar por aqui.

— Quê? Você vai embora?

— Jack.

Ela pôs a mão sobre a dele. O poder fluiu para dentro dele como uma droga potentíssima. Ele tirou a mão como se houvesse sido escaldado.

— Nem tente isso comigo.

Foi como se ele lhe tivesse dado um tapa.

— Tudo bem. Sem magia. Nesse momento, você está bem escondido em uma família *Anaweir* sem nenhuma feitiçaria. Meu plano é atrair Wylie para longe.

— O que quer dizer?

Ela afastou o cabelo que lhe caía sobre o rosto.

— Ele vai me seguir. Não tem opção. Vai curtir a caçada, mas nunca vai me pegar.

Jack pensou no caubói, berrando sob as mãos de Wylie; lembrou-se do mago e do que ele dissera sobre assuntos a resolver, e estremeceu.

— Tia Linda. Por favor, não mexa com esse cara. Fique longe dele.

— Não se preocupe, Jack. Sei tudo sobre magos.

Pelo jeito como falou, ela sabia de coisas que ele não queria saber.

— Agora me escute. — Era como se ela lesse os itens de uma lista. — Você precisa usar o colete sempre. Isso vai tornar mais difícil para eles detectar a sua pedra. Você precisa resistir à tentação de usar seus poderes, exceto durante o treinamento. Não vai ser fácil. Mas cada vez que usa seus poderes, você manda um sinal para olhos inimigos. — Linda fez uma pausa. — Leve a espada com você. Mantenha-a no estojo quando não a estiver usando. A caixa vai protegê-la de qualquer um que não seja o herdeiro de direito.

Linda tirou três frascos de vidro da mochila. Jack levou um susto ao perceber que eram alguns dos frascos que íris fizera para ele quando Jack era só um bebê. Aqueles para sonhos e poções, como contava a história.

— Pare de tomar o remédio da doutora Longbranch e comece a tomar estes. — Ela passou-lhes os frascos. Jack abriu um deles. O aroma o fulminou com um golpe que era quase

físico. Era potente e inebriante, como uma bebida alcoólica muito forte. Ele torceu o nariz e repôs a rolha. — Uma colher de chá de cada, uma vez por dia. Você não pode contar aos seus pais sobre a troca e também não deve de forma alguma contar à doutora Longbranch.

— Longbranch? — Jack ficou confuso. — Ela não está na jogada?

— Não exatamente — disse ela. — Não confie em ninguém. A não ser no Nick.

O que o fez pensar em outra coisa.

— Por que você envolveu o Will e o Fitch nessa história? Eles podiam ter morrido.

Linda baixou os olhos para a mesa, as faces rosadas de remorso.

— Nunca tive a intenção de arriscar a vida deles. Às vezes nós, das ordens, somos descuidados em relação aos *Anaweirs*. Eu não fazia ideia de que havia magos por perto até falar com o Nick. E aí já era tarde demais. — Jack lembrou-se de que ela tentara mudar de ideia, e ele resistira. — Eu tinha planejado deixar os dois no hotel e ir com você apanhar a espada. Sabia que eles nunca diriam nada... se eu pedisse a eles.

— Se encantasse eles, você quer dizer.

— Não vou me desculpar pelo que sou — ela disse com suavidade. — Quero que você tenha orgulho de quem você é, também. Sei que isso não é fácil de ouvir, mas estou feliz de poder finalmente lhe contar a verdade.

— Mesmo? O que impediu você todo esse tempo?

Linda estremeceu, mas não respondeu. Tirou do bolso da jaqueta um envelope selado, que entregou a ele.

— A informação sobre o seu treinador está aqui — disse ela.

— Alguma pergunta?

Ele sacudiu a cabeça. Estava furioso e assustado, com os nervos à flor da pele, o sangue quente fluindo por músculos e ossos. Fechou os olhos, lembrando-se do peso da Sombra Assassina em suas mãos.

— É como eu disse. Não posso contar tudo hoje. Mas isso é o bastante pra começar. — Ela olhou para o relógio. — É melhor a gente ir, ou a sua mãe vai mandar uma equipe de busca.

Linda deixou algum dinheiro sobre a mesa, e os dois deixaram a cafeteria. Já estava escuro, e Jack podia ver luzes a distância, sobre a água. Voltaram em silêncio no carro para a rua Jefferson, cada um ocupado com os próprios pensamentos. A luz da varanda estava acesa quando Linda estacionou na frente na casa dos Swift. Tia Linda resolveu não entrar.

— Agradeça a Becka por me emprestar você esse fim de semana.

Jack saiu do carro e tirou a bolsa de viagem do banco de trás. Os três frascos de vidro estavam a salvo ali dentro. Linda passou a caixa com a espada através da janela. Trocaram um olhar, de simpatia de um lado, furioso e um tanto quanto desesperado do outro.

— Guarde o telefone — ordenou tia Linda. — Vou manter contato.

— Claro. Ótimo.

Se o que ela disse era verdade, então ele estava bem encrocado, e a tia era a única corda de salvação que tinha. Ela despejara esse fardo sobre ele e agora ia embora. Jack virou-se para entrar em casa, mas ela segurou-lhe o braço, puxou-o para perto e beijou-o no rosto.

Felizmente, Becka não fez muitas perguntas. Relatórios legais se espalhavam por toda a mesa da cozinha. Quando ela viu o rosto de Jack sob a luz da lâmpada do teto, exclamou:

— Essa não! Você esqueceu de levar o filtro solar?

Ele ergueu a mão, tocou a face queimada e fez que sim com a cabeça. Ela perguntou se ele e Linda haviam encontrado novos parentes, e Jack disse:

— Alguns.

Ela perguntou se a viagem havia sido tediosa no final das contas, e ele disse, com sinceridade:

— Não.

Isso pareceu satisfazê-la.

Ele pensou em ir até a garagem para falar com Nick, mas mudou de ideia. Já havia visto magos suficientes para um único fim de semana.

Mais tarde, no quarto, Jack guardou os frascos de vidro no fundo da gaveta de roupas de baixo e pôs a caixa com a espada embaixo da cama.

O bilhete com a informação sobre o treinador estava no bolso da calça jeans. Jack abriu o envelope e desdobrou o papel que havia dentro.

O nome no papel era Leander Hastings. O novo diretor-assistente do Colégio de Trinity.

Capítulo Seis

Jogos Perigosos

Na manhã seguinte, Jack levou o frasco azul de remédio para o banheiro no andar de cima, com uma colher de medida.

— Vai ser mais fácil me lembrar dele se eu o tomar antes de escovar os dentes — explicou a Becka.

Após o banho, mediu cuidadosamente uma colher de chá do remédio de Longbranch e derramou-o na pia. Então trouxe os

frascos de poção que estavam no quarto. Abriu-os e tomou uma colher de chá de cada. Duas das poções tinham gosto forte. A terceira era mais suave, quase agradável. Guardou os frascos de novo na gaveta e vestiu o colete da Mercedes por cima da cabeça. Já se sentia vulnerável sem ele. Imaginou se poderia ser atacado pelos magos quando o tirasse. Quando estivesse no chuveiro, por exemplo. Vestiu uma camisa de flanela por cima. Ainda tinha a aparência de quem passara o dia inteiro no salão de bronzeamento.

A cozinha estava vazia, mas uma tigela de cereal o esperava sobre a mesa, junto de um bilhete: "Fui para a universidade. Tenha um bom dia. Tome o remédio. Com amor, Mãe".

Jack despejou leite sobre o cereal e sentou-se para comer. Um instante depois, Will bateu de leve à porta da cozinha.

— Entre — disse Jack. — Já estou acabando.

Will entrou. Jack pensou se deveria começar a trancar a porta, agora que sabia que estava sendo caçado. Solto um suspiro.

— A sua tia já foi? — perguntou Will, olhando em torno como se ela pudesse aparecer a qualquer momento.

— Ela foi embora.

— Melhor assim — disse Will, parecendo um pouco triste.

— Não me leve a mal. Eu gosto dela, mas ela parece atrair encrenca.

Jack se perguntou se seria a tia Linda ou ele próprio que atraía problemas. Esperou que Will mencionasse a espada, o cemitério ou o mago, mas ele não o fez.

Em vez disso, Will falou:

— Pegou o uniforme de futebol? Se tivermos sorte, talvez tenhamos treino hoje à noite. — Em outras palavras, se tivessem sido aceitos no time.

— Peguei. — Jack apontou para a bolsa de ginástica junto à porta.

— Então é melhor irmos — disse Will. — Penworthy nos aguarda. — Alçou a mochila por sobre o ombro e fez uma careta.

— Você também está sentindo dores? — perguntou Jack.

— Estou — respondeu Will. — Deve ser de ficar cavando túmulos. — Ele sorriu. E isso foi tudo o que foi dito entre eles.

Jack não fazia idéia de como começar o treinamento. Será que ele deveria abordar Leander Hastings na escola e dizer: "Pelo que entendi, o senhor vai me ensinar a ser um guerreiro e usar minha espada mágica. Que horário o senhor tem disponível?". Ele desejou que tia Linda houvesse ficado para agir como intermediária. Nada parecia muito real, agora que ela partira e ele estava de volta à escola. E Hastings era, sem dúvida, intimidador.

Fora as preocupações, Jack se sentia ótimo. Era difícil de explicar. Sentia-se lúcido e concentrado, emancipado, como se alguém lhe houvesse varrido os velhos cantos empoeirados da alma. Provavelmente o remédio da doutora Longbranch tinha algum efeito sedativo.

Uma vez na escola, as preocupações sobre magos e guerreiros pareceram exageradas e sem substância, como um pesadelo. Penworthy estava no lugar de costume, mas não havia vestígio de Hastings. Jack e Will tinham algum tempo livre antes do primeiro sinal, por isso foram até o escritório de educação física para ver se a lista do time de futebol já havia saído. Descobriram que sim, e que Jack, Will e Fitch haviam entrado no time principal. Melhor ainda: Garrett Lobeck havia caído para o time de juniores.

— Ele vai ficar furioso — previu Jack, sabendo que, de alguma maneira, ele seria culpado por isso e não daria a mínima. O primeiro treino estava marcado para aquela tarde.

Ainda não havia nenhum sinal do Hastings quando caminharam de volta para suas classes. Talvez fosse melhor esperar alguns dias e ver se o diretor-assistente o contactava.

Depois do final das aulas, Jack e Will carregaram as bolsas de ginástica até o vestiário masculino a fim de trocar de roupa para o treino. O dia estava frio, por isso vestiram calças de ginástica sobre as caneleiras e meias. Jack deu uma olhada em volta antes de despir a camisa de flanela. Ainda era cedo, e ele e Will eram os únicos no vestiário. Jack pôs uma camiseta de mangas compridas sobre o colete.

Will o olhava com curiosidade.

— Esperando encrenca? — perguntou.

— Nunca se sabe — replicou Jack.

Ao se reunirem no campo de treino, os jogadores se cumprimentaram batendo as mãos espalmadas nas dos companheiros, sorrindo, felizes por terem entrado em um ou outro time, dada a competição. A notável exceção era Garrett Lobeck, que, é claro, esperava entrar no time principal. Harkness e Leonard, amigos de Lobeck, haviam conseguido. Lobeck parecia prestes a explodir, mas estava importunando outro jogador. Sem dúvida, ficara intimidado após o encontro anterior com Jack. O que, para Jack, era ótimo.

Após quinze minutos de exercícios de aquecimento, Jack percebeu que não estava nem ao menos respirando mais rápido. "Devo estar em melhor forma do que imaginei", disse a si mesmo. Então teve início o coletivo entre o time principal e os juniores.

O time principal marcou primeiro, mas depois disso os juniores conseguiram impedi-los de fazer outro gol até o fim do primeiro tempo de cinco minutos. Jack jogou no meio-de-campo no segundo tempo. O time dele tomou posse da bola junto à área dos juniores, e um dos zagueiros passou a bola para Jack, que começou a driblar pelo campo, desviando-se

sem esforço dos defensores do outro time. Ao se aproximar do gol, os juniores abriram caminho para ele como se tivessem pressa de sair da sua frente. Ele deu o chute quando estava prestes a entrar na grande área. O goleiro praticamente pulou para longe do trajeto da bola, que entrou direto no gol. O time principal vibrou, e Will e Fitch comemoraram batendo as palmas das mãos.

Jack sentiu um arrepio de medo, como um dedo gelado correndo-lhe espinha abaixo. Havia algo de sobrenatural em ação ali. Agora que não estava tomando o remédio de Longbranch, manter seus poderes sob controle era mais difícil na prática do que em teoria. Por instinto, passou os olhos pelo público, que era pequeno: apenas alguns pais e namoradas. Eilen Stephenson estava sentada na arquibancada, inclinada para a frente, atenta ao jogo. Olhando para todos os lados, menos para Jack.

— Muito bom, Swift — disse o treinador Slansky. — Você melhorou bastante desde o ano passado.

Jack foi substituído logo depois do gol. Ficou em pé junto à lateral, sentindo-se miserável. De que jeito ia conseguir jogar toda uma temporada sem chamar a atenção para si?

— A primeira coisa que precisa fazer é melhorar o controle.

— A voz estava praticamente no ouvido de Jack, que deu um pulo e girou nos calcanhares. Era Leander Hastings, vestindo uma blusa vermelha de Harvard e calças caqui, as mãos nos bolsos. Estava próximo o bastante para não ter de falar alto para ser ouvido. — Posso ajudá-lo nisso.

— Pode? — Jack falou no mesmo código. — Isso seria ótimo. O que o senhor sugere?

— Vejamos — Hastings correu a mão pelo cabelo. — Haverá treinos de futebol todas as tardes, das três às cinco, esta semana. Vamos marcar para a quarta-feira à tarde, logo após o treino regular. Diga à sua mãe que estará em casa às oito. —

Hastings tinha as maneiras de um homem acostumado a dar ordens e vê-las obedecidas.

Jack concordou com a cabeça.

— Vamos praticar aqui?

— Não — respondeu o mago. — Vou achar um lugar. Jack hesitou.

— E quanto a... preciso trazer alguma coisa? — Ele teria dificuldade em guardar a Sombra Assassina no armário do vestiário. Além disso, tinha certeza de que espadas eram proibidas na política de tolerância zero do Colégio Trinity em relação a armas.

Havia um traço de sorriso no rosto de Hastings, como se houvesse lido os pensamentos de Jack.

— Não. Não desta vez.

— Swift! — Era o treinador. — De volta ao campo!

Jack fez um gesto de cabeça para Hastings e correu de volta ao campo. Muito bem. Acontecesse o que acontecesse, o importante era que ele tinha um plano. Torceria para que tudo desse certo. Hastings o deixava nervoso. Entretanto, a tia o havia escolhido, e Jack supunha que ela sabia o que estava fazendo.

Só que ela dissera outra coisa. Dissera que ele não podia confiar em ninguém. E agora ele se colocava nas mãos de um estranho.

Quando olhou de novo para a lateral, Hastings havia sumido.

Muitos dos convidados de Jessamine optaram por vir pela água; não que fosse necessário, mas por causa das reminiscências de uma era mais elegante. Desembarcaram nas docas do Tâmis e passearam pela alameda de bétulas até o terraço sul da mansão, que estava iluminada pela luz de tochas, cercada por canteiros de rosas brancas: *Glamis Castle*, *Honor*, *Penélope*, *Iceberg* e *Fair Bianca*, entre outras

espécies. Velhas rosas, rosas-chá híbridas, *floribundas* e rosas de arbustos.

Os botões apareciam como manchas brancas na escuridão, a fragrância uma lembrança sutil de quem controlava as ordens. Servos em uniformes da Rosa Branca circulavam entre a multidão, carregando bandejas de vinho e canapés. Cada um dos dotados levava uma comitiva de servos: membros das ordens inferiores para servir como guardas. Alguns dos mais afortunados tinham encantadores nos braços. Eram o foco de olhos invejosos e de gestos malevolentes.

Jessamine Longbranch recebeu os convidados no local onde a alameda encontrava o terraço. Ela os escolhera de propósito; entretenimento era um elemento essencial da política dos magos, próprio para extrair informações, intimidar e até causar derramamento de sangue de vez em quando. Vir era um risco, não vir também. Nenhuma opção era segura.

Os cabelos de Jessamine caíam-lhe sobre os ombros, confinados em uma rede de minipérolas. O vestido era confeccionado em seda diáfana, com bordados de rosas brancas em locais estratégicos. As mãos que ela estendia para serem beijadas cintilavam de jóias.

Geoffrey Wylie fez-lhe uma reverência. Estava vestido de forma discreta, adequada para uma Casa em declínio. O casaco era de um vermelho tão profundo que quase parecia preto; um rubi brilhava no lóbulo de umas das orelhas.

— Jessamine. — Um sussurro de poder roçou na pele da maga. Um gesto, apenas, para informá-la de que ele se sentia em casa. Ele mantinha a cabeça virada de forma que um lado do rosto era iluminado pela luz das tochas e o outro estava sob as sombras.

— Geoffrey! Pobrezinho! O que aconteceu com seu rosto?

Ela lhe agarrou o queixo, virando-lhe a cabeça a fim de ver melhor. O lado direito do rosto parecia ter sido queimado

gravemente desde a linha do queixo até a testa. Ele aplicara um glamour mágico que teria enganado qualquer um menos perspicaz.

Ela estalou a língua.

— Trombou com algum Dragão furioso? — Aquele era o nome atribuído a um dos líderes demagogos da Ordem dos Servos.

A respiração do mago soou como um sibilo. Queria dizer que ele tivera esperanças de que ela não notasse. Ela sabia que Wylie era vaidoso. Haviam tido um relacionamento no passado.

— Não é nada. Um acidente. — Mas a fúria nos olhos dele dizia que encontrara alguém para culpar, e que aquele alguém ainda não havia morrido. Wylie era poderoso, era o promotor dos guerreiros para a Rosa Vermelha. Poucos se arriscariam a contrariá-lo. Ela arquivou a informação na memória.

Jessamine olhou por cima do ombro dele.

— Onde está aquele bonitão, o senhor Paige? Eu estava ansiosa por vê-lo de novo.

— Simon pede desculpas. — A fúria havia se dissipado, sendo substituída por calma impassível. Simon

Paige era o mestre de guerreiros da Rosa Vermelha. Um título um tanto vazio, já que tivera pouco a fazer por muitos anos.

Ele devia ter algo muito importante a fazer, para perder aquele evento. Será que a Rosa Vermelha finalmente encontrara um guerreiro? Se era esse o caso, havia coisas importantes demais em jogo para brincar de adivinhação.

Ela passou os olhos pela comitiva de Wylie e encontrou o que estava procurando. Um belo jovem em uniforme da Rosa Vermelha que baixou a cabeça quando ela o encarou. Um aprendiz de feiticeiro, talvez (davam em árvores, os aprendizes de feiticeiro). Um servo que sabia o bastante para ter medo dela talvez soubesse de outros segredos também.

Ainda sorrindo, Jess fez um gesto para um dos guarda-costas postados discretamente junto à parede.

O sol havia raiado antes de ela haver terminado com o rapaz. Não porque ele tivesse tanto assim a dizer, mas porque a tarefa era muito prazerosa. Ele se mostrara ansioso por agradá-la, no fim. Ela estava confiante de que arrancara dele cada migalha de verdade, as pequenas pistas e vestígios que sugeriam que a Rosa Vermelha poderia lançar um desafio muito em breve.

Jess tomou banho, trocou de roupas e levou o chá para tomar no terraço. A manhã estava fresca e límpida. O rio seguia seu caminho, a antiga estrada dos bretões.

Wylie havia feito ameaças e muito alvoroço, é claro, quando descobrira que seu servo desaparecera. Mas esse era o risco de se trazer uma comitiva para uma reunião de magos. Se as Casas não podiam se atacar diretamente, os servos podiam ser eliminados quando preciso. O que ela podia fazer se o jovem de Wylie havia bebido demais e caíra despercebido no Tâmis, onde o corpo seria encontrado algum dia, terrivelmente decomposto?

Pensou no jovem guerreiro que ela deixara nos Estados Unidos. O segredo mais bem guardado de Jessamine. Ela fora extraordinariamente cuidadosa, havia minimizado o contato com ele. Mas plantara olhos e ouvidos naquela cidadezinha insípida para vigiar o menino, embora nenhum deles soubesse por que ele era importante. Não poderiam revelar o que não sabiam.

Ele já tinha idade suficiente para que seu poder se manifestasse, mas ela o mantivera bloqueado. Jessamine mordeu o lábio inferior, pensativa. Precisava optar entre a necessidade de começar o treinamento do menino e o desejo de mantê-lo vivo por mais algum tempo. Talvez fosse hora de

reclamá-lo para si, contatar os mestres dos guerreiros e dizer-lhes para prepararem suas ferramentas.

Naquela noite, após o jantar, Jack não conseguia se concentrar na lição de matemática. Depois de brigar com os números por meia hora, apanhou os papéis e seu material e foi para a garagem.

Nick estava ocupado pintando a casinha de um pássaro azul quando Jack bateu à porta, mas afastou o projeto para o lado e abriu espaço na mesa para a lição de casa de Jack. Era um comportamento rotineiro. Por alguma razão, era sempre mais fácil se concentrar na cozinha de Nick. Mas hoje Jack viera preparado para brigar.

Nick tirou o avental verde com respingos de tinta e pendurou-o no encosto de uma cadeira. Jack recusou a bebida que lhe foi oferecida e sentou-se, olhando feio para a mesa surrada enquanto Nick preparava uma xícara de chá para si.

— E então? — disse Nick, ajeitando-se na cadeira diante de Jack. Deu uma olhada na lição de casa intocada. — Você parece que comeu da fruta do conhecimento e não gostou do sabor.

Jack estudou o homem mais velho, à procura de algum sinal de magia. Percebia uma inteligência brilhante, nada mais.

Nick o observava de forma penetrante.

— Como você está, Jack?

— Ótimo — Jack explodiu. — Estou mentindo para a minha mãe, contrariando as ordens da minha médica e sendo caçado por magos. Na verdade, quando não estou sendo caçado por magos, passo meu tempo com eles.

Nick se reclinou na cadeira.

— Mas você está com a espada.

Jack assentiu, mal-humorado.

— Estou.

— Você deveria estar contente, considerando o que enfrentou — disse o velho. — Em um combate entre guerreiros e magos, em geral, o resultado é o oposto.

— O que vai impedir que eles tomem a espada de volta?

— Eles não podem sentir a presença dela, e não vão violar estas paredes. Eu cuidei disso. — Por um momento, ele pareceu *assustador* de novo, e então o rosto voltou ao padrão costumeiro, de linhas sorridentes e história. — Antes, os magos estavam caçando você, e você não fazia idéia. Não só isso: você estava desarmado. Está em melhor situação agora do que antes.

— Acho que eu estava melhor não sabendo de nada.

— Não seja tolo! — O tom de Nick era brusco. — A ignorância pode matar você. Ou pior.

— Então, por que não me contaram tudo isso antes? Vocês me mantiveram no escuro por anos, me observando, me drogando com poções, falando pelas minhas costas. Praticamente toda a vizinhança. Devem ter achado que sou bem estúpido.

— Você era uma criança, Jack — disse Nick gentilmente. — Não era necessário que soubesse. A situação era estável, e não havia razão para você se preocupar com essas coisas. Já existem coisas demais para meter medo nas crianças, como monstros embaixo da cama e coisas assim.

Jack tinha de admitir que tivera uma infância relativamente despreocupada. Preocupar-se com magos não a teria melhorado. Mas não se sentia muito generoso no momento.

— Bom, estou preocupado agora. E nem a tia Linda explicou de verdade o que está acontecendo.

Nick suspirou, parecendo terrivelmente triste.

— Não sei no que isso vai dar. Apenas lembre-se de que sua tia Linda tem feito tudo ao alcance dela para proteger você,

desde que você nasceu. Ela é completamente devotada a você. Nunca duvide disso.

— Ainda não entendo. Se você é um mago, por que aceitou este trabalho? — Jack indicou os arredores com um gesto da mão. — Isso não parece nada excitante, em comparação com o mundo de feitiços e encantamentos.

Nick sorriu.

— Às vezes, quando ficamos mais velhos, o que é excitante já não tem tanto atrativo. Digamos apenas que tenho um interesse especial em você e na sua tia. Você é importante. O que torna este trabalho importante. Além disso, agora que você sabe quem é e o que você é, muitas portas vão se abrir. Tanta coisa foi mantida fora do seu alcance até agora! Venho guardando coisas por anos à espera deste dia. — Nick se levantou, apoiando-se na bengala, e desapareceu no quarto que Jack julgara ser a biblioteca. Um instante mais tarde estava de volta, com um grosso livro com capa de couro. — Pode começar com isto aqui — sugeriu o velho mago, passando-o para Jack.

O título da capa estava gravado em alto-relevo, em ouro. "*Weir Hale*". Mais embaixo, "Jackson Downey Swift". Ele o abriu.

Uma grande parte do livro estava tomada por uma árvore genealógica: páginas e páginas de nomes de pessoas ligadas entre si e seus filhos. Alguns dos nomes na árvore da família estavam delineados em brilhantes cores metálicas: azul, vermelho, dourado, verde e roxo. O resto estava em letras simples e pretas.

Jack ergueu os olhos para Snowbeard.

— O que é isso?

— Este é o seu Livro Weir, Jack. Foi criado quando você nasceu. Todos os *Weirs* têm um. Olhe na última página.

Lá Jack viu seu próprio nome, Jackson Downey Swift, e os nomes dos pais, Thomas Swift e Rebecca Downey. Tudo escrito com a mesma grafia fluente.

— Os nomes iluminados são herdeiros, e as cores indicam de que tipo: magos, guerreiros e assim por diante. Os magos estão em dourado.

Jack notou que o nome dele estava em dourado. O guerreiro que deveria ter sido um mago.

— Tradicionalmente, o livro é feito pela Ordem dos Feiticeiros por encomenda dos pais da criança, usando o Livro *Weir* da família como modelo. Neste país, as coisas se tornaram bem confusas por causa da miscigenação. O parente *Weir* mais próximo se torna o padrinho ou madrinha. A Linda é sua madrinha, como você sabe. Ela pediu a Mercedes Foster para fazer o trabalho.

— Não entendo — disse Jack devagar. — Por que os magos são tão mais poderosos que as outras ordens?

— Os magos são especiais entre os *Weirs* porque moldam a magia com palavras. Conseguem executar tarefas bem mais difíceis e sofisticadas por meio de feitiços. São limitados somente pela extensão do conhecimento da linguagem mágica que possuem e pelo poder da pedra que carregam.

Nick apontou para o livro nas mãos de Jack.

— Passe algum tempo lendo isso. Estude. Especialmente a parte sobre feitiços e encantamentos. Então vamos tentar algumas coisas. — Mediu Jack com um olhar. — Acho que vale a pena testar para ver se você tem algum talento como mago. Apesar da pedra de guerreiro.

Ótimo. Ele não sabia nem como ser um guerreiro, e agora Nick Snowbeard ia ensiná-lo a ser um mago também.

— Mas no momento é melhor você terminar a lição de casa — acrescentou Nick.

Magia e cálculo. Jack suspirou, levantou-se, apanhou o livro e a lição de casa.

— Posso estudar matemática na sala de estudos — disse ele.

— Vou dar uma olhada no livro depois. Obrigado, Nick.

Mais tarde, no quarto, Jack acendeu a luz de cabeceira. Já estava ficando tarde. Pôs o pesado volume no colo e abriu-o na primeira página — papel grosso, adornado com a figura estilizada de um urso.

JACKSON DOWNEY SWIFT

UM HERDEIRO MAGO

UM GUERREIRO CRIADO

Sob *Fundação das Corporações*, lia-se:

As Corporações foram fundadas por cinco primos que perambulavam em um vale encantado no norte da Inglaterra. Lá vivia um imenso dragão. O dragão dormia no topo de uma montanha feita de pedras preciosas. Ao descobrir o tesouro, os viajantes, sem perceber o dragão, começaram a lascar pedaços da montanha para levar consigo. O dragão acordou com um rugido, exigindo saber quem se atrevia a lhe roubar o tesouro. A fim de se salvar, os primos engoliram as pedras que haviam roubado. Eram pedras mágicas que lhes conferiram poderes fantásticos, mas que também os tornaram escravos do dragão e os prenderam ao alto vale conhecido como Ravina do Corvo.

Os primos serviram ao dragão por sete longos anos. À noite, conspiravam juntos, embora o dragão dormisse com um olho aberto. O mago escreveu um contrato de proteção mútua que todos assinaram com sangue. O adivinho os avisou de que não deveriam matar o dragão, apenas colocá-lo para dormir, ou perderiam os poderes que haviam adquirido com as

pedras mágicas. O encantador cantou para o dragão, distraíndo-o, enquanto o feiticeiro preparava uma poderosa poção do sono. Ao guerreiro foi dada a tarefa de derramar a poção na orelha do dragão.

O plano funcionou perfeitamente. Foi somente quando os primos celebravam a vitória sobre o mestre de outrora que o mago revelou que o contrato que haviam assinado atribuía aos magos o domínio sobre as outras ordens. Se o contrato fosse rompido, o dragão despertaria e exigiria uma terrível vingança de todos eles.

Assim foram fundadas as Cinco Corporações.

Jack sentiu como se houvesse entrado em um conto de fadas. Abriu uma página no meio do livro e leu o seguinte poema:

*Gareth chegou no auge do verão
Com seus cavallos e seus cavalleiros;
A guerra é sua fortuna e maldicção,
Mil lanças perseguiam os guerreiros.
Seus cabellos brilhavam ao poente;
O fracasso da causa era imminente,
Seu destino, traçado de antemão:
Servo de um mago ele sempre seria;
Seu doce sangue derramado em vão
A Ravina do Corvo regaria.*

Certo. Isso deixava tudo bem claro.

No fim do livro, havia um compêndio de feitiços, receitas e encantamentos. Reclinou-se para ler. Passava das duas da madrugada quando finalmente apagou a luz, a cabeça fervilhando com o brilho e o mistério da herança genealógica. E, quando adormeceu, um guerreiro de cabelos loiro-avermelhados lutava em seus sonhos.

Na manhã seguinte, na sala de chamada, Jack estava mais letárgico do que de costume. Sentia-se como se houvesse ficado acordado e lutando a noite toda. Acabou cochilando, esperando pelos anúncios da manhã. O segundo grau é incompatível com uma vida secreta, pensou ele ao acordar pela terceira ou quarta vez.

Ergueu a cabeça e viu Ellen Stephenson enroscada na carteira, observando-o. O estômago de Jack deu uma espécie de cambalhota acrobática para trás. Jack empertigou-se na cadeira, tentando parecer vivo, se não alerta.

— Você parece exausto — disse ela.

Ela, por outro lado, parecia ótima, com uma mini-blusa branca e calça jeans.

— Ficou até tarde fazendo a lição de matemática?

— A lição de matemática! — grunhiu ele. — Certo. Preciso terminar aquilo! — "Começar, melhor dizendo".

Jack apanhou a pasta de matemática. Talvez conseguisse resolver alguns problemas antes de o período da chamada (que era também um horário reservado para estudos e para avisos dos professores) terminar.

— Ajuda se eu mostrar pra você o que eu fiz? — Ellen lhe estendeu a pasta de matemática.

— Não precisa. Acho melhor eu me virar sozinho. Obrigado.

— Está bem. — Ela pôs a pasta de volta na mochila e apoiou os braços no encosto da cadeira. Havia tomado sol; a pele dos braços adquirira um leve tom dourado, e algumas sardas haviam surgido nos ombros. — Quer dizer que não estava trabalhando na lição, então. Você tem um emprego de meio período ou coisa assim?

— Não. — Jack sacudiu a cabeça. — Estive trabalhando numas outras coisas. Projetos especiais — acrescentou ele, quando Ellen franziu a testa.

Ellen fazia parte de um programa especial para os melhores alunos, por isso estava na maioria das aulas em que ele estava. Todas as classes em que ele estava, percebeu ele, de repente.

— Eu estava observando você no treino de futebol — disse ela, as palavras saindo aos borbotões. — Quero dizer, observando o time. Você é muito bom, em especial no meio-de-campo. Mas não os deixe colocarem você na zaga, é o meu conselho.

Jack procurou uma lapiseira e uma resposta pelo menos parcialmente inteligente.

— Obrigado. Você parece saber um bocado sobre futebol.

— Eu costumava jogar como atacante e goleira na minha outra escola. — respondeu Eilen. — Mas não consegui jogar este ano. Quando me mudei para cá, os testes já tinham acabado. — Futebol feminino era um esporte de outono em Trinity.

— Talvez você possa tentar de novo no outono. — "Brilhante. Aposto que ela nunca pensou nisso".

Jack pegou a folha da lição de matemática. Hesitou, batendo a lapiseira de leve contra a página.

— Você gostaria de ficar até depois do treino de hoje à noite e ir até o Corcoran's depois?

Ela mordeu o lábio, então sorriu.

— Seria ótimo. Só que... você se importa se o Will for junto?

— Will? — Jack nem sabia que Eilen e Will se conheciam.

— É que eu estava falando com o treinador Slansky e me ofereci para ajudar com o time de futebol, e ele disse que Will estava planejando alguns exercícios com o time de juniores. Nós íamos nos encontrar depois do treino para conversar. — Ela deu de ombros. — A gente pode fazer isso outro dia, mas...

— Não, não tem problema. Vamos todos. — Um encontro a três não era bem o que Jack tinha em mente, mas se Will e Eilen já tinham planos, então...

No treino, Jack não foi nada brilhante. A presença de Ellen não o deixava à vontade, e ele receava desencadear algum tipo de demonstração mágica.

— Está se sentindo bem, Jack? — perguntou Fitch durante um dos intervalos. — Você parece meio tenso ou coisa assim.

— Acho que machuquei um músculo qualquer no treino de ontem. Vai melhorar.

Foi um alívio quando o treino acabou. Olhou para Ellen, perguntando-se se ela notara o quão mal ele havia jogado. Na verdade, ela estava em pé junto à barraca de comida conversando com Will, fazendo embaixadinhas com uma bola, distraidamente. Era evidente que ela levava jeito.

Escolheram uma mesa no canto do Corcoran's. Pediram sanduíches e *milk-shakes*. Fitch estava sentado junto à janela da frente com Alison, a namorada gótica que estudava no St. Catherine, um colégio católico. Eles viviam rompendo e reatando; ela rompia com ele sempre que Marte estava em retrocesso. Ou algo assim.

Ellen e Will iniciaram uma discussão sobre estratégia, jogadores e datas e locais possíveis para exercícios. Ellen ficava tentando incluir Jack na conversa, mas ele se contentava em observá-la.

Quando ela conversava com Jack a sós, parecia desajeitada e envergonhada, como se navegasse por estrelas desconhecidas. Mas agora que o assunto era futebol, ela irradiava entusiasmo, rabiscando idéias em uma folha de caderno, brincando sobre o tamanho e o talento atlético de Will.

— Ele sempre foi grande desse jeito? — ela perguntou a Jack, indicando Will com a cabeça. — Ele não tem exatamente o corpo de um jogador de futebol.

Jack estreitou os olhos em direção a Will, medindo-o.

— Acho que ele era um pouco menor na pré-escola. Mas ele é bom em qualquer esporte. Ele era nomeado capitão, ou o pai dele era o treinador, e me escolhiam para o time. — Ele sorriu. — E então, é claro, a gente vencia.

Ellen estava estudando o cardápio de novo.

— Vamos pedir sorvetes — disse ela.

Will se levantou e pegou a conta dele.

— Eu preciso ir. Minha mãe está me esperando pro jantar. — Inclinou a cabeça para Ellen. — A gente tenta nas quintas-feiras, então, a não ser que não se encaixe na agenda do senhor Hastings. A gente se vê, Jack.

Ellen olhou do cardápio para Jack em uma pergunta silenciosa.

— Não tenho planos — disse Jack, sorrindo, sabendo que Becka voltaria tarde. — Quando você tem de estar em casa?

Ela deu de ombros, retribuindo o sorriso. Mais confortável do que ele jamais a vira.

Os sorvetes chegaram, com a caixa de coberturas de *sundae* que era a marca registrada do Corcoran's. Ellen cobriu o dela com calda quente de chocolate, calda de caramelo, nozes e chantilly. Jack fez o mesmo.

Alguém se sentou no banco de Jack.

— Oi, Jackson. — Era Leesha Middleton, vestindo um suéter felpudo branco e uma calça apertada de brim cor-de-rosa.

Com relutância, Jack deslizou para o lado, tentando criar espaço entre eles.

— O que você quer, Leesha?

Leesha olhou em volta, inspecionando o público dela.

— Estava pensando se você gostaria de ir a algum lugar comigo mais tarde.

— Estou ocupado.

— Não vai ficar ocupado a noite toda, vai?

Leesha lançou a Ellen um sorriso arrogante e pôs a mão na coxa de Jack.

Ele baixou os olhos para a mão dela, depois os ergueu para encará-la.

— Lobeck está com gripe ou o quê?

— Veja quem fala. Sem querer ofender, mas acho que você não quer que as pessoas vejam você com o estepe que arrumou. Isso é patético.

Ellen se pôs em pé. Jack achou por um momento que ela ia embora, furiosa. Em vez disso, ela pegou a jarra de calda quente de chocolate e a derramou sobre a calça jeans cor-de-rosa e o suéter branco felpudo de Leesha Middleton.

— Ops. — Ellen se sentou novamente e voltou a tomar o sorvete.

Leesha deu um berro tão alto que poderia ser ouvido no Canadá. Todos os olhos no Corcoran's estavam voltados para ela. Ela se levantou e passou um guardanapo no jeans, o que não adiantou de nada. Então afastou o suéter do corpo puxando-o entre o polegar e o indicador para conferir o estrago.

— Você... você... Não acredito que fez isso!

Eilen lambeu o chantilly das costas da colher e olhou calmamente para Leesha.

Leesha era pequena, mas pareceu se expandir, como um anfíbio inchando de ar. Empertigou-se e resgatou a bolsa de couro cor-de-rosa do banco junto a Jack. Estava manchada de calda também.

— Você vai pagar por isso, eu juro — disse Leesha a Ellen em um tom de voz que eriçou os pelos na nuca de Jack. Então ela girou nos calcanhares e saiu do restaurante.

Por um momento, o Corcoran's ficou em absoluto silêncio.

Eilen olhou para o *sundae* de Jack, do outro lado da mesa.

— Você vai terminar isso aí?

Capítulo Sete

Arte do Guerreiro para Principiantes

O dia seguinte era quarta-feira, dia da primeira sessão de treinamento de Jack como guerreiro. Só isso já bastava para deixá-lo apreensivo. Além disso, a notícia sobre os eventos no Corcoran's havia se espalhado como fogo em palha. Eilen era a nova heroína de Fitch. Will não conseguia acreditar que perdera tudo por meros minutos. Lobeck andava de um lado a outro do *campus*, derrubando estudantes do primeiro ano e outros objetos pequenos. Leesha parecia prestes a explodir. Mas Ellen faltara por motivo de doença.

Após o treino da tarde, Jack estava ajudando o treinador Slansky a recolher as bolas quando notou Hastings junto à lateral. Estava vestido para jogar, com agasalho, calção de futebol e tênis esportivos. Jack apanhou sua garrafa d'água e a bolsa de ginástica e estava caminhando na direção dele, quando alguém lhe tocou o braço. Era Ellen.

Ele piscou, surpreso.

— Pensei que estivesse doente. — Ela parecia bem pálida.

— Bem... ah... estou melhor, acho — disse ela, como se a pergunta a tivesse pegado completamente de surpresa. — Escute, será que a gente pode ir a algum lugar e conversar?

Jack olhou para o outro lado do campo, onde Hastings o esperava, e de volta para Eilen.

— Desculpe, agora não posso. Vou treinar com o senhor Hastings.

— Com o Hastings? — Ela olhou de Jack para o mago e de volta para Jack. — Não sabia que estava treinando com ele.

— Hoje é o primeiro dia — disse Jack, em tom de desculpas.

— Posso encontrar você mais tarde, se quiser. Não sei quanto tempo vou levar, mas...

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, tudo bem. Eu... eu só tinha algumas perguntas sobre a lição de casa que eu perdi. Posso pedir ajuda no plantão de dúvidas.

Ela se virou e se afastou rapidamente, os ombros curvados, como que se protegendo contra o mau tempo.

Jack a viu cruzar o campo de futebol em direção ao estacionamento. Depois foi até onde o mago, que sem dúvida assistira a toda a cena, o aguardava.

— Quem era essa? — indagou Hastings, indicando Ellen com a cabeça.

— Ellen Stephenson, uma colega de classe — disse Jack, ainda se perguntando o que acontecera.

Hastings franziu a testa, observando-a. Então voltou a atenção a Jack.

— Está pronto para ir? A sua mãe concordou?

Jack assentiu. Becka só voltaria do escritório para casa bem tarde, de qualquer maneira.

Hastings guiou Jack até um Volvo preto com placa de Nova York no estacionamento. Jack atirou a bolsa de ginástica no banco de trás e sentou-se no banco do passageiro. O interior estava limpíssimo. Nenhum adesivo esportivo ou pedaço de papel, nenhum resquício de comida no banco de trás. Nenhuma pista que conduzisse ao mistério que cercava aquele homem. Hastings tirou o carro do estacionamento e rumou para a cidade.

— O senhor nasceu em Nova York? — perguntou Jack, com polidez.

— Eu me mudei muitas vezes — respondeu ele. — Mais recentemente, estive em Nova York.

— O senhor sempre foi professor?

— Ensinar tem sido um dos meus papéis, embora não no chamado cenário tradicional.

— Como conheceu a minha tia?

Pararam em um semáforo. Hastings se virou e o estudou atentamente por um momento, como se avaliasse quanto Jack já sabia.

— Linda e eu somos velhos amigos — disse ele.

— E o senhor veio a Trinity para ocupar a posição do senhor Brumsfeld? — insistiu Jack. Achava difícil conciliar trabalhos rotineiros com o papel de mago. Pensou no mago no cemitério e não conseguiu imaginá-lo trabalhando como, digamos, um contador nos dias de semana.

— Vim a Trinity para ensinar você, Jack — disse Hastings.

— Meu trabalho no colégio me dá acesso e um disfarce conveniente. Só isso.

Jack o encarou. Aquele homem de aparência mortífera tinha vindo de Nova York para Ohio só para ensinar a arte do guerreiro para principiantes?

— Por que faria uma coisa dessas? — indagou Jack, antes de se dar conta do quão rude aquilo soara.

Para a sua surpresa, Hastings enrubesceu um pouco, como se estivesse embaraçado.

— Se quer mesmo saber, acho que foi porque eu não pude dizer não — respondeu ele, olhando direto para a frente.

— Oh. — Linda o havia encantado? Não parecia muito provável. Jack decidiu que era hora de passar para território mais seguro. — Aonde estamos indo?

— Eu me associei a uma academia de ginástica. Reservei uma das quadras para uso exclusivo.

A academia ficava em um conjunto de prédios de escritório junto ao complexo viário. Dava para ver pessoas correndo em uma pista circular por uma parede de janelas de vidro no segundo andar.

A área da recepção estava lotada de pessoas que tinham vindo se exercitar após o trabalho. Hastings digitou um código em

um pequeno teclado no balcão. Eles passaram por um grande salão, entraram em um corredor nos fundos paralelo às quadras de raquetebol, às de aeróbica e de musculação. Hastings pegou uma chave e abriu uma das portas.

Parecia com uma quadra de raquetebol com o piso de madeira bem polido, mas tinha uma parede coberta por um espelho. Jack largou a bolsa de ginástica no chão.

— Para que serve esta sala? — indagou ele.

Hastings sorriu.

— Esgrima. Adequado para nós, não acha?

Jack deu de ombros.

— Não sei. Não sei bem que tipo de coisa a gente vai ver aqui. — Ele sabia que soava irritado, mas não se importava. Todo aquele mistério estava começando a lhe dar nos nervos.

— Vocês guerreiros são pessoas impulsivas — replicou Hastings, com apenas um leve toque de rispidez na voz. — Vai ter de aprender a ter paciência, entre outras coisas. Vamos resolver o seu problema de controle hoje.

Hastings tirou o abrigo. Trajava uma camiseta por baixo. Ele parecera alto e esguio quando Jack o vira na escola. Jack estava surpreso ao descobrir que o diretor-assistente era musculoso, apesar de magro.

— Você nunca treinou antes. — Não era uma pergunta.

— Isso mesmo. Nada.

Jack removeu a camisa, revelando o colete por baixo. Hastings gesticulou com impaciência, e Jack despiu o colete também, ficando só de camiseta.

O mago andou ao redor dele, estudando-o de todos os ângulos.

— Há quanto tempo parou de tomar a *Antiweir*?

— Quê?

— A poção que a doutora Longbranch deu pra você.

— Oh. Uma semana atrás, mais ou menos. Hastings soltou um grunhido.

— Já usou seus poderes antes?

— Bom... — Jack hesitou. — Sempre que aconteceu, foi... acidental.

— Quando estava zangado? Fora de controle? — insistiu Hastings.

Jack pensou no episódio no cemitério. Era difícil dizer quanto de magia estivera envolvida lá.

— Zangado ou com medo, acho — admitiu.

Hastings tirou um pequeno objeto do bolso do calção e o levantou para que Jack o visse. Parecia ser um pião, finamente laqueado e decorado com um padrão intrincado de símbolos e pictogramas. Hastings o pousou no banco em frente ao espelho.

— Faça-o girar — ordenou ele, afastando-se para o lado, as mãos na cintura. Aparentemente, Jack tinha de fazê-lo de onde estava.

— O que isso tem a ver com...

A respiração de Hastings sibilou em frustração.

— Olhe, nosso tempo junto é limitado, e você já está começando bem tarde. Apenas faça o que lhe digo.

Jack olhou para o pião, cheio de dúvidas.

— *Certo* — resmungou ele.

Tentou focar toda a atenção no alvo, retesando-se e cerrando os dentes sem nenhuma estratégia em particular. "Mexa-se!", sussurrou ele para si mesmo. O pião se manteve imóvel, irreduzível. Jack deu de ombros.

— Não está funcionando.

— Tente relaxar. Não segure o fôlego. Imagine o pião girando.

Jack tentou de novo, sentindo o olhar atento do professor sobre si. O pião não se moveu.

— Vamos tentar outra coisa. — Hastings abriu o zíper da bolsa e tirou de dentro dois floretes leves com rolhas nas pontas. Passou um para Jack. — Apenas faça o possível para manter a ponta do meu florete longe de você. — Sem mais instruções, atingiu Jack com força embaixo das costelas.

Jack ergueu seu florete e tentou se defender dos ataques que agora vinham rápido e com força. Hastings atingiu o alvo mais uma vez, e outra — ombro, peito, costas, estômago —, sem fazer esforço. Por mais que se concentrasse, Jack não conseguia se proteger ou atacar. Gradualmente, Hastings o fez recuar até Jack ficar se defendendo num canto.

Jack foi ficando cada vez mais irritado. Aquele homem devia ser um professor, não? Ele sabia que Jack precisava de treinamento, então por que o humilhava? Jack levou outro duro cutucão nas costelas, e algo nele se soltou. Foi como se uma energia quente tivesse se acumulado sem que ele percebesse em seus braços e nas pontas dos dedos. O braço da espada se ergueu, e chamas irromperam da ponta da lâmina. O florete de Hastings caiu ao chão.

Imediatamente, a outra mão de Hastings apareceu, lançando um arco do que parecia ser ouro em pó. A substância pairou no ar, cintilando.

— Agora veja! — ordenou Hastings. Ele agarrou o cotovelo de Jack e virou-o até que estivesse de frente para o espelho.

Jack estava no centro de uma estrela radiante delineada em purpurina, o corpo cercado por um contorno brilhante.

— Agora desligue isso — disse Hastings. Mantendo a atenção focada na imagem no espelho,

Jack começou a inspirar, como se inalando um sonho. Lentamente, a estrela se dissolveu diante de seus olhos, até que somente alguns vestígios de purpurina se refletiram sob a luz e apagaram-se.

— Esse é o processo que queremos. — O mago parecia estar se divertindo. — Agora você tem de aprender a concentrar a energia sem precisar ser provocado. E a controlar a energia, quando provocado. Use o braço da espada, se for útil. Você precisa perceber o fluxo de energia para controlá-la. É como o vapor se acumulando numa caldeira. Você precisa liberar antes que ocorra a explosão. — Apontou novamente para o pião sobre o banco. — Tente de novo. Agora você sabe qual é a sensação. Localize a energia. Não é muito difícil. Depois, direcione a energia pelas pontas dos dedos.

Jack fechou os olhos e traçou uma pequena imagem do pião no vazio diante de seus olhos. Coloriu-a e acrescentou a misteriosa inscrição na lateral. Depois o fez girar em sua mente, cada vez mais rápido, até que as cores se fundiram em um borrão exótico. Sentiu um formigamento nas mãos, como o sangue retornando, a energia escoando pelos dedos. Quando abriu os olhos, o pião estava girando com firmeza cerca de trinta centímetros acima do banco.

— Agora faça com que ele pare — instruiu o professor.

Sem fechar os olhos desta vez, Jack conteve a magia, permitindo que o pião pousasse suavemente na superfície arranhada do banco de madeira. O pião girou em silêncio por um momento até cair de lado e parar. Hastings lançou o punhado de ouro de novo. Havia um brilho suave em torno de Jack desta vez, menos nítido do que antes. Jack reembainhou as armas, e a imagem se dissipou como antes.

Seguiram-se vários exercícios similares, em que Jack acumulava energia mágica e depois a descarregava. Finalmente, passaram algum tempo trabalhando com o florete, começando com movimentos clássicos de esgrima, depois acrescentando magia. Jack aprendeu a conter o poder, canalizá-lo para a lâmina e enviar chamas em espiral a partir da ponta quando queria. Lembrando do modo como se sentira

no cemitério, o casamento da carne com o metal, e do ataque bem-sucedido contra o mago, Jack se perguntou quanto havia contribuído para que aquilo ocorresse.

— Eu tenho uma espada. A Sombra Assassina, esse é o nome dela. O que me pergunto é quanto da magia está em mim e quanto está na espada?

A princípio, Jack achou que não obteria uma resposta para essa pergunta. Hastings franziu o cenho e passou os dois floretes para Jack sem nenhum comentário, indicando que deveria devolvê-los à bolsa. Também lhe entregou o pião e uma pequena bolsa de camurça macia.

— O pião é um brinquedo dos magos — disse Hastings. — Você pode usar para praticar o controle em casa. Tem mais do pó brilhante na bolsa.

Jack guardou ambos os itens em sua bolsa de ginástica.

— A autoconsciência é o primeiro passo — continuou Hastings. — A prática é a chave. Logo você vai saber manejar seu poder de forma intuitiva, e isso, mais do que tudo, vai manter você a salvo. Só então vamos passar para outros treinos.

— A tia Linda disse para eu não usar meus poderes, disse que isso enviaria alguma espécie de sinal.

— Ela quis dizer que você não deve usar os poderes como entretenimento. É claro que precisa praticar, ou nunca vai se aprimorar. Magia não é uma ferramenta para ser usada de maneira imprudente ou insensata. Precisa ser domada por um intelecto forte o bastante para mantê-la sob controle. Fale com o Snowbeard. Se ainda não há feitiços de proteção sobre a sua casa, ele pode providenciar isso. — Hastings o fitou com as mãos na cintura. — Você sabe de quem está se escondendo, Jack?

Embaraçado, Jack sacudiu a cabeça.

Hastings franziu a testa e esfregou o queixo com o polegar.

— Vamos continuar a nos encontrar para trabalhar as suas habilidades nas segundas, quartas e sextas. Estou trabalhando com alguns dos outros jogadores de futebol também, por isso não vai parecer estranho. — O mago estava dando ordens de novo, quase que inconscientemente.

Hastings se voltou para a porta, mas parou, a alta estatura preencheu a entrada.

— A Sombra Assassina é uma das Sete Grandes Espadas forjadas pelo feiticeiro Althis Mac, na Ravina do Corvo, há mais cinco séculos. As outras seis foram perdidas. O corpo da espada é um pedaço da Cabeça do Corvo. Há um poder fortíssimo nela, e foi feita para a sua mão. Outros podem brandir a Sombra Assassina, mas não tão bem quanto o herdeiro, quando treinado de modo apropriado. — Ele fez uma pausa. — Há um poder considerável em você também, Jack, apesar de seu histórico incomum. Com a arma que tem e o treinamento adequado, você pode se tornar... impressionante. Vamos embora.

A lição terminara.

Capítulo Oito

O Aprendiz

Jack avançou implacável contra Hastings, o corpo posicionado de forma a representar um alvo menor, o cotovelo para cima e a espada estendida para impedir uma fuga pela direita, o pequeno escudo protegendo o peito. O mago não lhe dava moleza, obrigando-o a se esforçar a cada passo de sua evolução. Aço encontrou aço com guinchos e faíscas, e, quando Jack pensou que havia encurralado o professor, Hastings girou para longe da parede, a lâmina sibilando em direção a Jack ao nível da cintura. Jack teve de

pular para trás para evitá-la, e Hastings estava livre de novo, com espaço às costas e Jack contra a parede.

— Esta... sala é... pequena... demais! — Jack arquejou, forçando-o a se afastar mais uma vez.

— Você nunca chegaria perto de mim numa sala maior — replicou o mago, os dentes brilhando num sorriso, embora estivessem treinando há mais de uma hora. — Nem sempre se consegue escolher *onde* se luta, ou *com quem* se luta... ou mesmo... *como* se luta. Mas dê um jeito para que seja você quem faz a escolha... sempre que puder.

Hastings continuava ensinando, mas agora dava para notar-lhe a respiração. Talvez estivesse mais lento para bloquear os ataques, aparando as chamas. Talvez *estivesse* sem fôlego, só um pouquinho.

— Vamos ter de terminar isso... você sabe. A sua mãe está esperando por você.

— Você se rende? — perguntou Jack.

O ombro de Jack estava dormente por causa das centenas de colisões que já absorvera. Sentia os pesos nos pulsos e tornozelos, colocados ali com o intuito de fortalecer os músculos e prepará-lo para uma espada mais pesada. Até o florete estava ficando mais pesado, ou talvez fosse o braço de Jack, agora pesado demais para levantar.

— A sua mãe pode esperar um pouco mais — respondeu Hastings.

Lentamente, Jack empurrou Hastings pela sala até este se encontrar mais uma vez contra um canto. Jack impulsionou o braço da espada para a frente, e Hastings se moveu para aparar. Naquele momento, Jack endireitou o braço do escudo, expondo o peito, mas liberando a mão não dominante. Chamas voaram em espiral a partir das pontas de seus dedos, e o florete de Hastings caiu ao chão. Hastings ergueu as mãos, capitulando.

— Eu me rendo, guerreiro — disse ele, sorrindo.

Jack voltou a ponta da espada para o chão.

— Graças a Deus — disse ele.

Jack apanhou uma toalha e esfregou-a no rosto. O cabelo estava colado à cabeça e a camisa, ensopada. O piso estava escorregadio de suor. A sala fedia a suor.

— Da próxima vez, vamos trabalhar mais com o machado — prometeu o mago. — Acho que você está começando a aprender a brincar com as duas mãos.

— A gente estava brincando, não é? — Jack sorriu.

— É a primeira *brincadeira* que eu venço. — Sentiu a necessidade de enfatizar o fato, no caso de Hastings não ter percebido.

— Você melhorou muito, Jack. — Hastings era sempre econômico em elogios e pródigo em cobranças.

— Como está se saindo com a leitura?

— Estou tentando.

— Não pedi pra você *tentar*.

Jack fez uma careta.

— É como inglês shakespeariano sem a poesia — queixou-se ele.

As aulas com o mago eram sobretudo físicas, mas Hastings havia lhe dado recentemente um fino volume intitulado *Leis de Combate*. Era uma espécie de Bíblia da luta no torneio *Weir*, tratando de elementos da vestimenta, armamentos e etiqueta de batalha. O armamento era explicitamente limitado a armas de mão medievais, como espadas, fundas, maças e outras armas do gênero.

Hastings não respondeu, e Jack insistiu:

— Não entendo por que eles não se atualizaram.

— As leis são para os torneios — disse Hastings com paciência, secando os floretes e devolvendo-os ao estojo. —

Não foram feitas para serem modernas. Não se permite que as armas ofusquem as habilidades dos guerreiros.

— Mas não é verdade que algumas armas são melhores que outras? E quanto à Sombra Assassina? O que tem de justo nisso?

Hastings deu de ombros.

— Essa é uma peça especial. Mas ainda dentro das regras.

— E quanto ao resto? Você não tem como negar que está bem desatualizado. — Ele tirou o livro da bolsa de ginástica e o folheou. — Escute isso: "Os encantadores foram criados para o entretenimento dos magos". E aqui: "Um mago responsável pode escolher manter e proteger um encantador em troca de serviços prestados". Isso não pode estar certo. E as regras governando as relações entre as ordens são injustas. Todas favorecem os magos. — Ele havia ouvido falar de coisas assim, leis municipais obsoletas que ainda estavam nos livros. Regras que proibiam o casamento inter-racial ou entrar a cavalo em igrejas, por exemplo.

— Você não tem de gostar das regras — replicou Hastings.

— Foram escritas por magos, então é claro que são parciais. E eu não falei pra você ler a coisa toda. Só o regulamento do torneio.

— Esse já é ruim o bastante. Que negócio é esse de chamar guerreiros mortos pra combates de treinamento?

Por que é preciso ter uma regra de que apenas guerreiros vivos podem ser usados em batalha?

— Vamos falar sobre isso quando chegar a hora. — A essa altura já haviam guardado tudo. — É melhor irmos. Você já está atrasado.

Jack percebeu que Hastings estava perdendo a paciência, mas não conseguiu se conter.

— Não entendo por que tenho de aprender sobre torneios, afinal. Você acha que um mago vai me desafiar para algum

tipo de duelo? É mais provável que eu seja pego de surpresa. Talvez você devesse me ensinar lutas sem armas, como *tai chi*.

— Talvez. Talvez eu faça isso. Mas não vim aqui para discutir com você. Vamos. — Hastings pousou uma mão quente no ombro de Jack, empurrando-o porta afora.

Era sempre assim. O mago nunca respondia às perguntas dele. Hastings era incansável ao ensinar cada aspecto de seu novo talento — armas, equipamento, condicionamento e treinamento físico —, mas não compartilhava nada sobre o próprio passado.

Jack tentara anteriormente fazer perguntas sobre a família de Hastings, sobre onde ele recebera seu treinamento. Dera de cara com um muro de pedra. O foco estava sempre em Jack. Às vezes, Jack tinha a sensação de que Hastings lidava com ele como se ele fosse um problema, descascando gradualmente as camadas exteriores até que se revelasse por inteiro. Ou talvez a pessoa que ele costumava ser estivesse sendo desmontada.

Jack só não tinha muita certeza de quem estava tomando seu lugar.

Não tivera notícias de tia Linda desde a viagem a Coal Grove. Ela o abandonara com Hastings. Será que ainda estava fugindo de Wylie? E se ele a tivesse apanhado?

Queria poder telefonar para ela. Sentia-se solitário e nervoso. Até seu relacionamento com Nick havia mudado. Nos velhos tempos, o apartamento sobre a garagem havia sido um refúgio. Agora, certas noites ele ia diretamente das lições sobre a arte do guerreiro às lições de magia sem nenhum intervalo. Como nesta noite.

A voz de Nick interrompeu seus pensamentos.

— Lembre-se de que, de todos os *Weirs*, só os magos sabem usar feitiços para explorar e controlar a magia. Nas outras

ordens, a magia é pessoal e manual. É mais um poder físico. Menos versátil. Está me ouvindo, Jack?

— Menos versátil — repetiu ele, obediente, mordendo outro biscoito com gotas de chocolate. Andava sempre faminto naqueles dias.

— Os magos são artesãos sofisticados da magia, e é por isso que têm sido capazes de dominar os outros *Weirs* por séculos.

— Nick encontrou uma passagem marcada no *Livro Weir* de Jack. — Agora, vamos repassar o que vimos na semana passada. *Transformare*: a arte de transformar uma coisa em outra.

Estavam estudando o *Livro Weir*, capítulo a capítulo. Feitiços falados para mover objetos, confundir o inimigo, barreiras e feitiços de ataque. Feitiços pequenos o suficiente para testar no apartamento sobre a garagem.

— Quando você vai me ensinar alguns encantos de amor? — perguntou Jack, pensando em Ellen.

— Vamos guardar esses para quando você for mais velho e responsável — observou Nick secamente. — Encantos de sedução são tentadores demais para o adolescente típico. Vai ter de confiar no seu encanto *pessoal* por enquanto.

— Só estou tentando ser eficiente — grunhiu Jack. — Com o futebol e a escola, mais o treinamento como guerreiro e mago, além de ler todos os livros que você me dá, não sobra tempo pra muita coisa.

Nick passava livros novos para ele toda semana: ensaios sobre magia, poções e filosofia, volumes empoeirados que pareciam ter ficado fechados por anos.

— Há sempre tempo para as coisas mais importantes — disse Nick suavemente.

— Não me venha com esse papo furado sobre gerenciamento de tempo. — Jack suspirou e enterrou o rosto nas mãos. — Só o que faço é estudar e treinar com Hastings. Eu nunca durmo.

Minhas notas estão caindo. O que eu quero saber é se vou ter de estudar assim para sempre.

— A magia se manifesta cedo, você se lembra — replicou Nick. — A maioria dos aprendizes começa a trabalhar com isso quando bem jovens. Você tem de recuperar o tempo perdido. Além disso, por causa da pedra de guerreiro, os seus poderes de mago são relativamente fracos.

— Talvez eu deva simplesmente largar a escola, agora que estou aprendendo um ofício. — Quando Nick não lhe deu uma resposta, Jack se levantou e começou a caminhar pela sala. — Não entendo por que tenho de fazer isso tudo. A tia Linda me disse que eu tenho de estar preparado pra me defender contra alguém que possa me atacar. Não sei quem e não sei quando. Francamente, não acho que tenha alguém atrás de mim. Talvez Wylie estivesse atrás da Sombra Assassina e eu simplesmente estava no caminho. Só tenho dezesseis anos, e só faz uns dois meses que comecei a treinar. Um mago teria de ser estúpido pra achar que eu posso ser uma grande ameaça ou um grande aliado.

Ele fez uma pausa.

— A mãe diz que, quando alguém compra armas ou reúne um exército, começa a procurar um pretexto para fazer uso deles. E mais: torna-se uma ameaça muito maior aos outros. Quanto mais treinamento eu recebo, maior a probabilidade de que alguém venha atrás de mim. É o que eu penso.

Jack olhou de esguelha para Nick, avaliando a reação dele à sua teoria. Estivera pensando naquilo por algum tempo.

— Certo. Linda não falou pra você sobre o Jogo — disse Snowbeard. — Sente-se aqui, Jack.

Jack se sentou na cadeira diante do velho mago. Tinha uma forte premonição de más notícias chegando.

— O conflito entre os magos é altamente ritualiza-do, por necessidade — começou Nick. — Caso contrário, nós nos

destruiríamos uns aos outros, certo? Na verdade, quase fizemos isso. A luta é usada para demarcar o poder. Em particular, o controle de artefatos mágicos. As Casas dos Magos ganham poder por meio de uma vitória. Originalmente, havia batalhas de verdade entre exércitos criados e liderados por magos. Mas isso evoluiu para uma série de torneios. Eles usam os guerreiros como substitutos. Chamam isso de o Jogo. Só que, para os guerreiros, não é um jogo coisa nenhuma. É uma luta até a morte.

— Hoje em dia é difícil achar guerreiros — continuou Nick.

— São os mais raros dos *Weirs*, e estão ficando cada vez mais raros, pois são mortos muito rapidamente. Poucos torneios acontecem hoje em dia por causa da falta de jogadores. E, quando um lado localiza um guerreiro, o outro lado faz o que pode para matá-lo.

Jack sacudiu a cabeça, incrédulo, enquanto Snowbeard prosseguia:

— Há até mesmo um mercado negro de guerreiros e *Weirs* não magos, que chamamos simplesmente de Mercado. Os guerreiros são vendidos pelos maiores preços. Há também mercadores que trabalham em tempo integral estudando genealogias, seguindo pistas, caçando e sequestrando guerreiros para lucrar com a venda. Eles tentam encontrar jovens guerreiros como você, que estão começando a manifestar o poder e ainda não se deram conta de quem são.

— Eles compram e vendem pessoas? — Jack estava escandalizado. — Eles não podem fazer isso! É ilegal.

Snowbeard sorriu com tristeza.

— Queria que isso fosse verdade. Mas qualquer um com poder suficiente pode fazer o que quiser. E os magos são um bando poderoso e arrogante. Na perspectiva de um mago, as outras ordens são uma classe servil com talentos específicos.

Aqueles que acreditam nisso pensam nas outras ordens como propriedade e, portanto, como uma mercadoria negociável.

— Quantos guerreiros ainda restam? Nick o olhou nos olhos.

— Bom, neste momento, tem você, que eu saiba — disse ele gentilmente. — Pode haver outros dos quais eu não saiba.

Jack abriu a boca, mas nenhum som saiu. Tomou subitamente consciência do suor escorrendo entre os ombros, apesar da brisa agradável que entrava pela janela.

Agora as coisas estavam se tornando claras para ele. Porque sua tia estava convencida de que os magos viriam atrás dele, mais dia, menos dia. Porque Leander Hastings viera de tão longe até Trinity para treiná-lo. Porque Nick Snowbeard morava sobre a garagem dos Swifts. Porque a doutora Longbranch iria... Um tremor correu pelo corpo de Jack.

— A tia Linda disse que a doutora Longbranch implantou a pedra de guerreiro em mim porque queria ver o que ia acontecer. — Jack se inclinou para a frente, as mãos agarrando os braços da cadeira. — Ela estava tentando criar um guerreiro, não é?

— Desconfio que sim — disse Nick baixinho.

— Então eu sou algum tipo de aberração. O Frankenstein do mundo dos magos. Por que a tia Linda não me contou? — indagou Jack.

O velho mago coçou a barba.

— Linda se sente... responsável por você. Foi ela quem envolveu a doutora Longbranch nessa história. Ela fez isso para salvar a sua vida, Jack. Mas a sua situação tem sido difícil para ela.

— Difícil para ela? — Jack estava em pé de novo. — Difícil para ela? É por isso que você fica por aqui, você e Mercedes e Íris e... e todos os outros? Porque eu sou tão *valioso*? Vocês todos têm planos de lucrar comigo?

Nick permaneceu imóvel, o olhar firme e gentil, até que Jack finalmente se deixou cair novamente na cadeira, corado e embaraçado.

— Apesar de não sermos guerreiros, somos todos pessoas que desaprovam esse sistema. Assim como os que mantinham as rotas clandestinas para a fuga de escravos aqui nos Estados Unidos no século XIX. Estamos aqui porque você está em perigo. É por isso que começamos o treinamento. Foi o melhor plano que pudemos imaginar. Pode acreditar, é uma vantagem tremenda que você possa usar magia. Não é má ideia ter algumas surpresas escondidas na manga. Se quiser sobreviver, precisa ter armas à sua disposição além das que o Hastings vai dar a você.

Jack cobriu o rosto com as mãos. Quando fechou os olhos, viu uma imagem de si mesmo acorrentado, sendo leiloado em um mercado de escravos. Uma imagem de si mesmo como um gladiador diante de uma multidão sedenta de sangue.

— O que você sabe sobre Leander Hastings? — perguntou ele abruptamente.

Se Snowbeard ficou surpreso com a pergunta, não demonstrou.

— Hastings é o que chamamos de um mestre, o que significa que ele é especialista em diversas artes mágicas. São os melhores professores, pois conseguem desenvolver os alunos em várias áreas. É claro, a maioria dos mestres têm suas especialidades. A do Hastings é o combate. Mas ele é, acima de tudo, um mago. Uma combinação pouco usual de talentos perfeitamente adequada para a sua situação — acrescentou ele.

— Como sabemos que podemos confiar nele?

— Leander Hastings é o melhor. Tem reputação internacional, embora tenha feito muitos inimigos ao longo do caminho. — O velho pigarreou. — Acho que não foi fácil

para ela fazer essa escolha. Entenda, sua tia Linda e Leander Hastings estavam... ahn.... *juntos*, anos atrás.

Jack estava chocado. Tentou imaginar os dois juntos, sua tia, pequena e radiante, com o alto, sombrio e perigoso Leander Hastings.

— Eles não estão mais... — Jack não completou a frase, mas nem precisava.

— Não — o velho replicou rapidamente. — Eles não se vêem há anos.

— Oh. — A raiva de Jack se dissipava, deixando-o com uma devastadora sensação de desespero. — Eu perguntei ao senhor Hastings por que ele está fazendo isso, e ele disse algo sobre não ser capaz de dizer não. Não tenho certeza de que ele quer estar aqui.

— Hastings não estaria aqui se não quisesse — declarou Nick. — Jack, não tente entender tudo de uma só vez. É muito difícil lidar com tudo isso. Concentre o seu foco. A sua tarefa é aprender a usar todas as ferramentas que tem à disposição. Por exemplo...

Mais uma vez, o mago se ergueu com esforço e arrastou os pés até o quarto ao lado. Voltou alguns minutos mais tarde com um pacote embrulhado em couro macio. Entregou-o a Jack.

Jack o desembulhou. Era um espelho, emoldurado em prata, decorado com dragões e magos. Era familiar. Blaise Highbourne lhe dera como presente quando era bebê. Havia sido guardado no baú embaixo da cama de Jack por anos.

Jack o virou entre as mãos.

— Onde conseguiu isto?

— Isso pode ajudar você, agora que parou de tomar *Antiweir* por algum tempo. Blaise é um adivinho. Isto é um espelho que mostra a verdade: no passado, no presente e, às vezes, no futuro.

— Já tem coisas assustadoras o bastante no presente — disse Jack. — Não quero saber o futuro. — Ele não olhou para o espelho.

— Dê uma olhada — sugeriu Nick. — Mas tenha em mente que o significado da imagem nem sempre é claro. É a maldição da profecia.

Com cautela, Jack puxou o espelho para si, virando-o de forma que pudesse ver o lado de vidro.

A imagem clareou, revelando duas figuras em pé sobre uma ribanceira alta junto a um rio. Jack esfregou os olhos, espantado, e voltou a olhar para o espelho.

Viu uma mulher jovem em um vestido longo, o cabelo louro-avermelhado voando solto, e um homem alto e magro a encarando, de costas para Jack. Estavam discutindo com fúria. A mulher se virou e tentou saltar do penhasco, mas o homem a puxou de volta e derrubou-a no chão, pressionando-a com o corpo. Jack queria desviar o olhar, mas estava fascinado.

A imagem mudou, focando o rosto da mulher por sobre o ombro do homem, os assustados olhos azuis, os cabelos flamejantes espalhados pela pedra.

— Não... — sussurrou Jack, mas não desviou o olhar.

O homem no espelho se inclinou para a frente e agarrou os ombros da mulher.

— Escute-me agora. Você vai dizer onde escondeu o menino, e nós vamos lá buscá-lo. E então vou levar você embora daqui. — A voz era assustadoramente familiar, mas tudo o que Jack podia ver era a nuca do homem.

De repente, a mulher tinha uma faca nas mãos, como se colhida do ar. Girando a lâmina, ela se esfaqueou. O homem a segurou nos braços, ninando-a, balançando-a para a frente e para trás.

— Aaaaaaah! — Jack jogou o espelho contra a parede. Este não quebrou, mas caiu atrás da estante.

— O que você viu?

— Eu vi um cara atacando a minha mãe, exigindo saber onde eu estava. E aí ela se matou.

— Tem certeza de que era a sua mãe?

— Acha que eu não a reconheceria? — Jack estremeceu. Recuperou o espelho de trás da estante e o pôs sobre a mesa com a face de vidro para baixo. — Agora nem olhar no espelho é seguro.

— Como ela estava vestida?

Jack considerou a pergunta.

— Como... bom, em algum tipo de roupa de época.

— Certo. Talvez uma ancestral, então, que apenas se parece com a sua mãe. O espelho vai tentar dizer coisas que você precisa saber. Mas você tem de interpretar o que vir.

— Escute, eu não preciso ver isso, está certo?

— Tudo bem, Jack. Vamos deixar isso de lado por enquanto.

Jack tentou seguir o conselho de Snowbeard nos dias que se seguiram, ao menos quanto a se concentrar na tarefa que tinha a cumprir. Não achava que tivesse escolha além de ir em frente. A pior parte eram os sonhos. Jack começou a adiar o momento de ir para a cama até que estivesse absolutamente exausto. Todas as noites ele precisava travar batalhas com mercadores e monstros, amigos e parentes que se voltavam contra ele e o vendiam pelo valor mais alto. Seus amigos, professores, parentes, vizinhos, todos passavam por seus pesadelos, interpretando diferentes papéis. Durante o dia, sentia-se nervoso e mal-humorado, sempre em guarda.

O relacionamento com os vizinhos mudara. Começara a compreender que todos na rua Jefferson haviam investido nele. Quando Mercedes acenava para ele do jardim da frente da casa dela, ele pensava no colete macio junto à pele. Quando íris trazia ervilhas para Becka, sorria para Jack em

encorajamento, perguntava como estava, se precisava de alguma coisa. Blaise lhe fez um par de luvas com acabamento em prata, com a inscrição A FORÇA ATRAVÉS DA VIRTUDE. Jack sentia-se alternadamente seguro e sufocado na fortaleza da rua Jefferson.

Algo peculiar estava acontecendo com o corpo de Jack. Suas camisas se tornaram apertadas no tórax e nos braços e o jeans, justo nos quadris. Ele disse à mãe que começara um programa de levantamento de pesos na escola. Ela o levou para comprar roupas novas duas vezes em dois meses. Às vezes ele ficava se olhando no espelho após o banho, espantado. Jack sempre fora magro e tivera boa forma física, mas agora se via diante de um estranho musculoso.

Passou a vestir camisas de flanela e jeans largo para ocultar a metamorfose, o que dava certo quando o tempo estava fresco. Não ajudava quando ele estava no campo de futebol ou no vestiário. Seria engraçado, se Jack não estivesse tão apreensivo. Lá estava ele tentando esconder o que a maioria dos rapazes na idade dele adoraria exibir. Pareço um garoto-propaganda de esteróides, pensou ele. Considerou todas as poções que estava tomando e se perguntou se conseguiria passar num exame de urina.

O futebol, pelo menos, estava definitivamente melhorando, agora que não tinha de se preocupar em mandar alguém voando para fora do campo. Não que a ideia não fosse tentadora às vezes. Garrett Lobeck parecia ter recuperado a velha arrogância no que se referia a Jack. Ele ainda culpava Jack por não ter entrado no time principal. E o interesse persistente de Leesha em Jack não o ajudava em nada. Com receio de perder o controle, Jack fazia o possível para evitar um confronto. Naturalmente, Lobeck via isso como um sinal de fraqueza.

Jack estava jogando melhor do que nunca. Estava mais forte, agressivo e veloz — mais disposto a correr riscos. Parecia que as qualidades necessárias na arte do guerreiro eram igualmente úteis em jogos menos mortais. O sucesso de Jack não melhorava o estado de espírito de Lobeck em nada.

Ironicamente, a estrela de Jack parecia estar em ascensão no gráfico social do Colégio de Trinity. Agora, Jack encontrava seu armário todo decorado antes de cada jogo e tinha o seu próprio grupo de torcida. Meninas que Jack conhecera a vida inteira de repente o achavam totalmente fascinante.

Via Eilen com frequência, mas sempre no meio de um bando de gente. Nos dias em que não se encontrava com Hastings, muitas vezes dava um pulo no Corcoran's depois do treino. Eilen se tornara cliente regular lá desde que ela e Will começaram os exercícios com o time juvenil.

Will e Eilen formavam uma boa dupla, o contraste entre eles ressaltando as qualidades de cada um. Will era eternamente paciente com os jogadores menos competentes, enquanto Eilen pregava um jogo agressivo, estilo europeu de confronto. Sob a tutela dos dois, a equipe melhorara de modo espetacular. Até alguns dos jogadores do time principal tinham começado a participar.

Will, Fitch e Eilen haviam se juntado à Sociedade Chauceriana, um clube de cultura medieval fundado por Hastings. Estavam planejando um banquete medieval em um velho teatro no centro da cidade antes do fim das aulas. Jack não participava do clube. Já passava tempo suficiente com Leander Hastings.

Jack se sentia cada vez mais isolado pelo fardo que carregava e pelos segredos que guardava, pela exaustão mental e física e o medo contínuo de que o descobrissem.

Certa tarde, Jack, Will e Fitch permaneceram no Corcoran's após uma vitória sobre o Colégio McKinley. Eilen tinha

faltado à aula de novo, e Jack se viu preocupado com a saúde dela. Ela parecera bem no dia anterior.

Leesha tinha acabado de sair, após distribuir convites para sua festa de aniversário.

— A Leesha ainda quer você, Jack — comentou Fitch. — A princesa quer o que não pode ter.

— Ela vai ter de entrar na fila, se quiser tempo com o Jack — disse Will devagar. — Perdi a conta das meninas que vieram me perguntar de quem ele gosta. E eu nem sei o que dizer pra elas. — Estava estendido na cadeira, as longas pernas esticadas à frente. — Você sabe que a Eilen é louca por você. Jack se sentou com as costas mais eretas.

— Como assim? Ela disse alguma coisa? Ela não me disse nada. Parece que eu nunca consigo nem conversar com ela.

Will revirou os olhos.

— Ela simplesmente não sabe como lidar com a competição. Mas, falando sério, Jack, a gente está se perguntando o que está acontecendo. — Ele se inclinou para a frente. — Tem algo diferente em você. Fisicamente, parece ótimo. Ganhou um monte de músculo. E está jogando muito bem, como nunca vi você jogar antes.

Jack estremeceu e deu uma olhada no restaurante em torno. Estava ficando tarde, e o lugar estava quase vazio. Não havia ninguém em condições de ouvir a conversa entre eles.

— Mas é como se você estivesse em outro planeta — continuou Will. — Você nem escuta o que a gente fala metade do tempo. E está sempre estudando ou se exercitando. Fitch tinha um lápis na mão e estava rabiscando em um guardanapo.

— Você nunca mais está *on-line* à noite. Uma hora está ligado e na outra está caindo no sono durante a aula. Eu diria que você está apaixonado, mas as meninas se jogam aos seus pés e você nem nota. Seria legal se você mandasse algumas

pro meu lado — acrescentou ele. Aparentemente, ele e Alison haviam se separado de novo, e Jack nem soubera.

— A gente está pensando se isso tem algo a ver com aquele lance do cemitério — disse Will baixinho.

Jack desmoronou na cadeira, pousando os cotovelos na mesa. Ele havia subestimado os dois amigos e sua habilidade de chegar tão perto da verdade. "Não confie em ninguém", tia Linda lhe havia dito. Mas fora ela quem envolvera Will e Fitch na história. No final das contas, ele não precisava dizer muito.

Fitch assentiu com a cabeça quando Jack não respondeu, como se este houvesse confirmado a sugestão. Ele se recostou na cadeira.

— A sua tia voltou?

Jack sacudiu a cabeça negativamente, sem falar.

— E você não tem dormido bem, aposto — disse Will.

— Acho que não é um assunto sobre o qual você possa conversar com a sua mãe — disse Fitch lentamente.

Jack ergueu a cabeça de repente. O rosto de Fitch era inescrutável. Os amigos de Jack já estavam em perigo por causa do episódio no cemitério e do relacionamento com ele. E eles não haviam herdado nenhum dom especial. Não tinham armas mágicas à disposição. Quanto menos soubessem, melhor... para o bem de todos.

— Olha — disse Jack, cansado. — Agradeço a preocupação. Mesmo. Mas é um problema que vou ter de resolver sozinho.

— Não entendo por que não podemos ajudar você nisso — disse Will, com teimosia. Ele sempre confiara que seu tamanho, boa vontade e habilidades diplomáticas poderiam resolver qualquer problema.

Fitch pegou um punhado de notas e a conta.

— Não somos casamenteiros, e eu tenho minha própria vida amorosa com a qual me preocupar. Mas me parece que você

não está muito feliz. Por que não tenta se divertir um pouco pra variar? — Ele empurrou a cadeira para trás. — Mal é que não vai fazer.

Capítulo Nove

O Combate

Na noite seguinte, após o treino de futebol, Hastings levou Jack de carro até sua casa para apanhar a espada. Jack tinha a sensação de que toda a rua Jefferson observava quando o Volvo estacionou. Para sua surpresa, Hastings desligou o motor e seguiu Jack até dentro de casa. Becka ergueu os olhos da escrivaninha na sala da frente quando eles entraram. Estava descalça, vestindo calça jeans e uma camiseta, com o cabelo preso no topo da cabeça com um clipe. Estava trabalhando no laptop, com pilhas de papéis espalhados por todo o piso. Ela se levantou e saiu ao saguão da frente.

— Oi, querido. Não achei que fosse voltar pra casa tão cedo.

— Ela deu um rápido beijo em Jack, olhando por cima do ombro dele para o homem alto que o acompanhava.

Jack tivera esperanças de conseguir entrar e sair da casa sem ser notado.

— Ahn, este é o senhor Hastings. Ele é o novo diretor-assistente, eu falei dele pra você. É ele quem está me ajudando no futebol.

— Ora, é bom conhecer o senhor, afinal — disse Becka, afável. — É muito gentil de sua parte passar tanto tempo trabalhando com Jack. Eu estive em alguns dos jogos e notei quanto ele progrediu. — Ela lhe estendeu a mão.

Hastings tomou a mão dela entre as suas e a segurou por alguns segundos mais do que o necessário.

— Seu filho tem muito talento natural. — Ele absorveu cada detalhe da aparência de Becka daquele seu jeito intenso,

depois passou os olhos pela sala. — Tenho apreciado trabalhar com ele.

Jack estava ansioso para tirar Hastings da casa o mais rápido possível.

— Vim pegar umas coisas para o treino — explicou ele, embora ninguém parecesse estar escutando. Subiu as escadas dois degraus de cada vez. Ouviu a voz de Hastings atrás dele.

— Dá pra ver que o seu filho puxou à senhora — ele estava dizendo.

Jack removeu a espada e a bainha da caixa e conseguiu enfiá-las dentro da bolsa de viagem que tirou do armário. Acrescentou algumas toalhas do guarda-roupa para servir como acolchoamento e fechou o zíper. Quando voltou para o andar de baixo, Becka estava inclinada contra o batente da porta, rindo de algo que Hastings dissera, revirando uma mecha de cabelo ao redor do dedo. O mago sorria, mas Jack não conseguiu deixar de imaginar que havia algo de predatório na postura dele.

— Tudo pronto — disse Jack, bem alto.

— Vão chegar muito tarde? — Becka olhou de um para o outro.

— Oito e meia está bem? — indagou Hastings. — Vamos começar com um pouco de atraso hoje.

— Está ótimo — disse Becka. — Jack e eu somos flexíveis.

E, com isso, Jack e Hastings finalmente deixaram a casa.

Jack pôs a bolsa no banco de trás e subiu no da frente.

— Aonde vamos? — perguntou ele quando o carro se afastou do meio-fio.

Hastings não respondeu. Parecia perdido em pensamentos. Jack repetiu a pergunta.

— Pensei em praticarmos ao ar livre desta vez.

Como de costume, Hastings não forneceu uma resposta completa. Jack logo percebeu que iam na direção do Parque

Perly. Estivera lá centenas de vezes em sua infância. Era o maior e menos urbanizado parque municipal em Trinity, cheio de bosques e de difícil acesso, com poucas trilhas de caminhada. Ficava longe do lago Erie, e os parques ao longo da costa sempre eram mais freqüentados, em especial na primavera e no verão.

Hastings parecia saber para onde ia. Após dirigir longos quilômetros pela estrada, parou num estacionamento no início de uma das trilhas. Não havia nenhum outro carro no local. Hastings jogou uma pequena mochila sobre o ombro.

— Vamos. Traga a espada.

Caminharam por cerca de dois quilômetros e meio para dentro do bosque. Hastings mantinha uma passada rápida, sem proferir nada além de instruções. Quando um riacho cruzou a trilha, Hastings andou ao longo de seu leito por umas poucas centenas de metros, então virou à direita no bosque novamente até chegarem a uma pequena clareira. Parecia que as árvores ali tinham sido cortadas havia alguns anos. Pequenos arbustos principiavam a preencher o espaço aqui e ali, mas a maior parte era grama alta e alguns espinheiros, como Jack logo descobriu. A luz do final do dia banhava a clareira. Aquele, então, era o destino deles.

Jack pôs a bolsa no chão e abriu-a. Libertou a espada do ninho de toalhas, passou a bainha ao redor da cintura e atou-a, bem apertada. Desembainhou sua arma. Era uma sensação boa tê-la nas mãos de novo. Girou-a de forma a refletir a luz e ensaiou com agilidade as posições praticadas, ajustando-se à espada maior. Como antes, sentia-a leve na mão, sem peso. Hastings observou-o por algum tempo, fazendo uma ou outra sugestão ocasional.

— Vamos ter de lidar com o seu treinamento de um jeito diferente, agora que está usando a Sombra Assassina — disse ele finalmente. — Eu não posso ser seu oponente. Vamos

fazer o melhor possível com as ferramentas que temos. — Um rápido vislumbre de sorriso se estampou no rosto do mago.

Hastings abriu a mochila e pegou algumas estacas de metal e um martelo. Andou em volta da clareira, pregando nove estacas ao todo. Então se pôs em pé ao centro da clareira e falou algumas palavras na agora familiar língua da magia. Jack tentou memorizar as palavras o melhor que pôde. Seguiu-se um silêncio perturbador. Jack percebeu que não conseguia mais ouvir os sons da floresta ao redor. A área fora dos limites marcados pelas estacas se tornou enfumaçada e surreal.

Nick havia dito que Hastings era um mago poderoso, mas o professor nunca havia exibido suas habilidades até agora.

Hastings caminhou de volta até Jack.

— Isso vai impedir qualquer um de interferir no nosso trabalho — explicou ele. — Vou mandar alguns guerreiros contra você. Sua tarefa é se defender contra eles e matá-los, se puder.

Jack estava perplexo.

— Guerreiros? Do que você está falando? — Ele olhou assustado para a clareira ao redor.

— Não se preocupe. Pense nisso como um tipo de videogame, mas... em maior escala.

O mago se postou num canto da clareira, deixando Jack sozinho no centro. Momentos depois, um homem enorme, vestindo uma túnica e perneiras, atravessou a fronteira enfumaçada no lado oposto da clareira. Seu cabelo louro estava preso em tranças que lhe caíam sobre os ombros largos, e ele ostentava uma espessa barba vermelha. Carregava um grande machado em uma mão e uma espada na outra. Não vestia nem armadura nem elmo. Pareceu um pouco desorientado a princípio, mas então seus olhos se concentraram em Jack.

— O que é isso? Mandam uma mera criança contra mim? Volta para a tua mãe, menino, até teres crescido! — gritou ele.

Sem saber o que fazer, Jack olhou de relance para Hastings, em pé junto às árvores, calmo, os pés separados e os braços cruzados.

Não recebendo nenhuma resposta de Jack, o homem se aproximou, balançando o machado. Parecia leve nas mãos dele, como um brinquedo. Os insultos cresciam em volume e veneno.

— Volta para aquela que te pariu, antes que eu te mande para o inferno! — bradou o homem.

— Ele é real? — gritou Jack para Hastings.

Hastings não disse nada.

O homem estava agora perto o bastante para Jack ver as contas que decoravam as tranças em seu cabelo e os largos aros de metal em torno dos braços volumosos. Seu cheiro era opressor, um fedor de suor e metal e pura força física.

— Ele é real? — gritou Jack de novo em desespero.

Não houve resposta.

E então o homem se lançou sobre ele. Em um momento de pânico, Jack ergueu a espada para bloquear o golpe, mas era tarde demais. O homem erguera o machado e já o estava baixando. Jack sentiu uma dor fria no ombro, e trevas surgiram diante de seus olhos. Quando recuperou a visão, estava caído com o rosto na grama. Havia aterrissado em um espinheiro, e os espinhos lhe furavam palmas e braços. Quando ergueu a cabeça, viu que o homem desaparecera.

— Veja só, Jack — disse Hastings de seu canto. — Receio que você tenha sido decapitado. Não é um bom começo. — Ele parecia estar se divertindo.

Jack se pôs em pé com esforço, arrancando espinhos da pele e das roupas.

— Teria sido bom saber as regras antes de começar!

— queixou-se ele.

— Mas você sabe as regras do jogo — replicou Hastings. — Estávamos estudando esse tempo todo. As Leis do Combate. Agora você só tem de aplicar o que aprendeu.

— Ele cortou minha cabeça, mas ainda estou vivo — disse Jack.

Hastings deu de ombros.

— Essas são as regras deste jogo em particular, sob o feitiço que usei para invocar o guerreiro. Não podemos nos dar ao luxo de perder você durante os treinos. Vamos tentar de novo. Ele apontou para a extremidade da clareira outra vez. Desta vez apareceu um homem a cavalo, vestindo cota de malha e carregando uma lança.

— Abra caminho! — rugiu o homem. — Ou morrerás hoje! De algum modo, Jack sabia que não deveria abrir caminho. Buscou sua espada na grama alta e apanhou-a.

— Desmonte! — gritou ele em resposta. — Como pode ver, estou a pé!

Torceu para que o homem visse que não havia honra em atropelá-lo.

O cavaleiro desceu de seu cavalo de batalha. Vestia um elmo e uma longa cota de malha, mas tinha a face descoberta. Parecia ter uns vinte ou trinta anos, o rosto barbeado e bastante bonito. O homem se aproximou com a espada desembainhada e uma maça pendendo da outra mão. Jack ergueu sua espada e colocou-se em posição de combate. A Sombra Assassina se incendiou, sedenta de sangue, e Jack ficou surpreso em ver que seu oponente parecia um pouco assustado.

As palavras dele, porém, eram ousadas.

— Abra caminho, menino. Suponho que sejas o escudeiro de um bravo cavaleiro que vem atrás de ti.

— Sou só eu — respondeu Jack, desejando fervorosamente ter algum reforço.

— Então prepara-te para te defenderes!

O homem atacou, a espada estendida, mas Jack estava pronto desta vez e aparou o golpe. Havia tremenda força por trás do golpe, e o braço de Jack sacudiu até o ombro. Jack se abaixou, e a maça cantou ao cortar o ar onde a cabeça dele estivera. Jack lançou chamas de sua espada, que o homem bloqueou com a dele. Jack o arremessou para trás com uma rajada de ar. Jack se sentia mais confiante agora. Embora o homem fosse definitivamente mais forte, Jack movia-se mais rápido, e a rotina lhe era familiar por causa das sessões na academia. Após vários minutos de um equilibrado combate de espadas, Jack disparou um raio através de sua lâmina, que fez voar a espada do cavaleiro e derrubou-o ao chão. O homem se sentou, estonteado, o braço da espada pendendo, inútil. Ninguém estava mais surpreso do que Jack, que lançou um olhar para Hastings pedindo instruções.

— Acabe com ele — disse o professor.

— Não — disse Jack, baixando a espada e recuando.

Foi a vez de o cavaleiro ficar surpreso. Após alguns segundos, o cavaleiro se dissolveu e sumiu. O cavalo também.

Hastings entrou no campo, os olhos brilhando.

— Fez um excelente trabalho nesse último combate — disse ele. — Excelente trabalho. Mas por que não conseguiu continuar?

— Não quero matar ninguém — explicou Jack, sacudindo os ombros. Jamais esperara ter de se desculpar por isso.

— Esse é o seu dom, guerreiro — Hastings o repreendeu. — Matar pessoas. É melhor se acostumar.

— Talvez eu não queira esse dom — disse Jack. — Nunca pedi por ele. — Enfiou com raiva a espada na terra e cruzou os braços.

A voz do mago se suavizou um pouco.

— Eu falei pra você pensar nisto como um video-game.

Jack estremeceu, olhando para a clareira em torno, então ergueu o queixo com teimosia.

— Isto não é um videogame — replicou.

— Bem, não é nada parecido com uma batalha real — disse Hastings.

Jack ficou impressionado com a amargura na voz dele. Mais uma vez, Jack desejou saber algo mais sobre o professor, de onde viera e o que o motivava. Houve uma pausa breve e desconfortável.

— Quem são eles? — perguntou Jack, referindo-se aos seus oponentes.

— Guerreiros — respondeu Hastings. — Campeões do passado, mortos há muito tempo. Segundo as regras, estão aprisionados no mundo pós-morte. Assim, estão disponíveis para nós para o treinamento quando chamo por eles. — Ele esfregou o queixo. — Como você sabe, não sobraram muitos guerreiros para disputar uma justa. Talvez a expressão moderna seja "travar um combate".

Então era isso que aquela passagem nas regras significava. Quer dizer que não há como escapar nunca, pensou Jack. Nem depois de morto.

— Quem escreveu essas regras, afinal?

— São parte de um contrato assinado pelos representantes das cinco ordens quando foram fundadas.

Jack se lembrou da história em seu Livro Weir sobre o dragão e os cinco primos.

Hastings pôs a mãos no ombro de Jack, e Jack pôde sentir o poder do professor penetrando-lhe como eletricidade nos ossos.

— O que você vai fazer, Jack, quando alguém tentar matar você de verdade?

— Então eu mato de volta — respondeu Jack.

— Você não vai ter como matar de volta — disse Hastings.

— Porque aí já vai estar morto.

Jack compreendeu.

— Então acho que vou ter de matar antes.

Hastings pareceu satisfeito com aquela resposta.

Quando finalmente deixaram a clareira, Jack havia lutado contra dez oponentes, e estava na frente no placar por seis a quatro.

A partir de então, Jack e Hastings treinaram na clareira pelo menos duas vezes por semana. Às vezes iam num sábado, quando podiam ficar mais tempo. Jack estava sempre arranhado e exausto após esses combates e, com o clima ficando mais quente, descobriu que lutar era um trabalho que dava muito calor e sede.

Hastings nunca o pressionou de novo a matar alguém a quem houvesse subjogado, mas Jack dava e recebia alguns golpes sérios no calor da batalha, alguns dos quais eram "mortais" em ambos os lados. Os cortes aos quais sobrevivia eram dolorosos quando os recebia, por isso supunha que seus adversários sentiam o mesmo. Uma vez que o combate terminava, porém, nada restava além de desconforto e dores.

— Parte das regras da invocação — explicou Hastings. O mago carregava um frasco de um líquido picante que dava para Jack beber uma ou duas vezes após um combate particularmente difícil. Era fantástico para reduzir a dor, mas Jack suspeitava que não seria aprovado pela política de tolerância zero em relação a drogas e álcool no Colégio de Trinity.

O desempenho de Jack melhorava continuamente, embora Hastings sempre parecesse ter novos desafios para ele. Às vezes, Jack lutava com dois ou três guerreiros de uma vez. Às vezes, os oponentes eram mulheres. Levou um tempo para ele

se acostumar a isso, mas descobriu que esses combates eram tão duros quanto qualquer outro. Certa vez, Jack lutou contra um adolescente só um pouco mais velho do que ele, usando roupas de estilo mais moderno, talvez do século XIX. Jack o desarmou rapidamente.

— Ele era bem jovem — comentou ele com Hastings. — E mal treinado.

— Sim, era — replicou Hastings.

— Os guerreiros costumam ser tão jovens quanto eu? — perguntou Jack.

— Às vezes ainda mais jovens — disse Hastings, em tom sóbrio. E recusou-se a falar mais sobre isso.

Jack desistira de fazer perguntas sobre muitas coisas. Ainda não entendia como aprender a lutar com uma espada que o protegeria dos magos inimigos. Afinal, ele não poderia andar por Trinity com uma espada na cintura. Sentia que estava sendo preparado para algum tipo de desafio, mas não fazia idéia do quê. Cada vez mais parecia que sua vida estava sob o controle de outras pessoas, em particular de Hastings. Tia Linda o havia abandonado. Ele se sentia como um esquizofrênico, com um pé em cada um dos dois mundos: a delicada normalidade da escola e o risco e mistério do mundo dos Weirs. Uma obediência apática se alternava a uma raiva poderosa que se tornava cada vez mais difícil de controlar.

Sua vida amorosa também estava fora de controle e, ao mesmo tempo, era totalmente insatisfatória. Embora Leesha estivesse oficialmente namorando Lobeck, parecia que ela colocara Jack de volta em sua lista de favoritos. Ela não perdia qualquer oportunidade de flertar com ele, não importando quem estivesse ao redor. Em consequência, Jack estava na lista de Lobeck também. Em um tipo de lista diferente.

Ellen parecia tão tensa, preocupada e irritável quanto Jack. Ela aprofundara seu trabalho com a equipe com o passar dos dias, forçando-a praticar de modo cada vez mais intenso. Ela e Hastings funcionavam como auxiliares técnicos, rivalizando entre si.

E, então, no fim do ano escolar, uma rápida sucessão de acontecimentos veio perturbar a nova cadência da vida de Jack.

Capítulo Dez **A Briga de Rua**

A temporada de futebol continuou em junho, e o time principal de Trinity chegou às finais. Jack era titular, atuando no meio-campo e no ataque. Will jogava na defesa, e Fitch era goleiro e meio-campo. O jogo do campeonato distrital contra o Colégio Benjamin Harrison estava marcado para a mesma noite da festa de aniversário de Leesha. Do meio do campo, Jack fez um lançamento para o gol da vitória, mas torceu o tornozelo. O placar final foi 3 a 2.

O vestiário se esvaziou rapidamente, já que a maior parte do time ia à festa de Leesha. Jack não tinha pressa, não tendo grande interesse em chegar lá. O treinador enfaixou-lhe o tornozelo. Depois de tomar uma ducha e se vestir, Jack notou que estava sozinho. A festa era a alguns quarteirões a oeste, no Clube Lakeside. Jack caminhou mancando até o estacionamento, arrependido por não ter pensado em pedir uma carona e nada entusiasmado com a idéia de andar a pé até a festa de Leesha.

Alguém saiu das sombras na entrada do prédio. Jack recuou e ergueu as mãos em defesa.

— Jack! Sou eu.

Era Ellen. Tinha as costas apoiadas no poste de luz, o rosto nas sombras.

— O que você está fazendo aqui? Todo mundo já foi.

— Eu queria... cumprimentar você pelo jogo, Jack. Você foi incrível.

— Oh, obrigado! — Ele se sentiu extraordinariamente contente. — Não tinha certeza de que você vinha.

Ela revirou os olhos, como que para dizer, "mas é óbvio que eu vinha!"

— Como está o tornozelo?

— Vai ficar bom. Um pouco duro, acho. — Ele girou o pé para demonstrar.

— Que bom. — Ela se endireitou. — Bem, boa-noite — disse bruscamente, virando-se para ir embora.

— Espere — disse Jack, e ela deu meia-volta. — Quando a gente pode se encontrar?

Ela olhou em torno, como se houvesse achado que ele estava falando com outra pessoa.

— Se encontrar?

— É, você sabe. Sair juntos. Agora que a temporada de futebol acabou, nós dois temos mais tempo.

Ela deu de ombros.

— O que você está fazendo agora?

— Eu... ahn... estava indo pra festa da Leesha.

— Feliz aniversário, Leesha. — Ela se virou novamente.

Jack a segurou pelo braço.

— Vamos fazer outra coisa.

Ela enfiou as mãos nos bolsos, balançando-se nos calcanhares, olhando-o por sobre o seu longo nariz.

— Está falando sério? Ela não está esperando por você?

— Qual é, Ellen?! Leesha e eu não estamos juntos. Ela me dá calafrios.

Ellen olhou para os próprios pés e empurrou uma pedra para um lado e para outro com a ponta do tênis. Então ergueu a cabeça e deu um sorriso torto.

— Tudo bem. O que você quer fazer?

Jack tentou ter alguma idéia.

— Eu posso acompanhar você até sua casa.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Você está machucado.

— Eu me apoio em você.

Se Jack se apoiou em Ellen mais do que era estritamente necessário, ela não reclamou.

Quando saíram para o estacionamento, o ar estava ameno, quente e úmido, prometendo um verão em breve. Ellen e Jack desceram a rua Bank e rumaram para a praça. Jack se deu conta de que nem sabia onde Ellen morava.

— Moro perto do lago — explicou ela quando ele perguntou.

— Na rua Walnut. Em um daqueles prédios.

Caminharam em silêncio por meio quarteirão, movendo-se devagar, embora o tornozelo de Jack estivesse relaxando.

— O que quer fazer quando se formar? — indagou Ellen. — Se você pudesse fazer qualquer coisa que quisesse.

— Eu? — Jack pensou por um momento. — Bom, eu gostava de pensar que ia velejar ao redor do mundo.

— Você sabe velejar?

Jack assentiu.

— Meu pai e eu costumávamos velejar sempre. Ele mora em Boston agora. Ele tem um veleiro lá, e a gente vinha falando em construir outro.

— Vocês devem ser bem unidos.

— Não exatamente. Não o vejo há quase um ano. — Jack apreciou o fato de Ellen não fazer mais perguntas a respeito. Era uma das coisas de que ele gostava nela. — Você já velejou alguma vez?

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu levo você a algum lugar neste verão, se quiser. Quer dizer, acho que vou estar na Inglaterra na maior parte do verão, mas...

— Inglaterra! — Ela o encarou. — Você vai com o senhor Hastings?

— Não, minha mãe vai dar um curso lá. Algo sobre a influência britânica na cultura dos Apalaches. Que história é essa do Hastings?

— Ele vai levar a Sociedade Chauceriana numa viagem. Will e Fitch vão. Pensei que você soubesse.

Jack sacudiu a cabeça. Estava mesmo perdendo o contato.

— E você? Não vai também?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, não posso ir. Vou estar fora durante todo o verão. Num acampamento. — Ela soltou um longo suspiro e olhou para ele, como que se perguntando se deveria continuar ou não. — Talvez eu não volte no outono.

Jack sentiu o peito se contrair de aflição.

— O quê? Por que não?

— Meu pai tem um cargo temporário na Ohio Power. — A Ohio Power era uma usina perto de Trinity. — O tempo dele lá está quase acabando. Então é provável que a gente vá embora.

Ele parou de andar e voltou-se para ela.

— Ellen, sinto muito. Que droga!

— Eu queria contar pra você antes. Faz algum tempo que sei disso. — Ela deu de ombros. — A gente se muda de cidade um bocado. Estou acostumada.

Jack sempre achara que viver toda a vida num lugar em que todos conheciam a história dele era uma desvantagem. Agora não tinha tanta certeza.

— Seria bom se ele pudesse ficar num lugar só até você se formar, pelo menos.

— Pois é. — Ela sacudiu a cabeça. — Fico pensando se vou ver você de novo.

O futuro do próprio Jack parecia meio nebuloso no momento.

— Temos tempo até eu partir para a Inglaterra, pelo menos. Vamos tentar aproveitar ao máximo.

A essa altura, haviam cruzado a praça e virado na avenida Lake.

— Você sabe dançar? — perguntou ela quando chegaram ao estacionamento da praia. Ele olhou para ela, surpreso com a pergunta. Ela continuou, apressada. — Quer dizer, eu não sei dançar, e pensei que, se você souber, talvez possa me ensinar. Ou, se você não souber, talvez a gente...

Ela parou no meio da sentença. Jack olhou para cima e viu alguém no estacionamento. Três pessoas. Era Garrett Lobeck e seus dois amigos, Harkness e Leonard. Estavam apoiados contra uma picape com um engradado de cerveja aberto na traseira.

— Ora, se não é o herói do jogo — zombou Lobeck. — A gente procurou por você na festa. A gente queria fazer um brinde.

Ele terminou o que parecia ser mais uma de muitas cervejas, amassou a lata com a mão e jogou-a no chão. Tirou uma outra do engradado, e Jack ouviu um psssss quando ele a abriu. — Leesha estava procurando por você também. Ela estava furiosa.

— Oh. Certo. Até amanhã — disse Jack. Inclinou a cabeça para Harkness e Leonard, que estavam no time principal. — Bom jogo.

Ele tomou o braço de Ellen e começou a contornar o trio, mas Lobeck se colocou em seu caminho.

— Quem você pensa que é? Aquela sua jogada suja me tirou do time principal.

— Se manda, Lobeck — disse Jack, cansado. — Esquece isso.

— Vou esquecer quando tiver lhe dado o troco.

— Lobeck se lançou para a frente, tentando socar Jack, mas a cerveja e o rápido passo de Jack para o lado combinados fizeram com que o punho de Lobeck voasse além da orelha de Jack. Como um enorme caminhão, Lobeck levou um tempo para conseguir manobrar de volta. — Fique parado e lute! — berrou.

— Não quero lutar com você, Garrett — replicou Jack. Deu uma olhada de esguelha para Leonard e Harkness, para ver se iam participar. Eles estavam bloqueando o caminho de Jack, mas, por enquanto, só assistiam.

— Ellen, vá. Por favor.

Ellen cerrou os punhos.

— Não sejam idiotas. Jack é companheiro de time de vocês. Qual é o problema de vocês? — Ela parecia prestes a esmurrar alguém também.

"Você não está ajudando", pensou Jack. Se houvesse uma briga, não fazia questão de que Ellen a presenciasse.

— Oh, então agora a namorada vai proteger ele. — Leonard riu, com um som rude e sibilante.

Farejando o sangue na água, eles começavam a circular, como tubarões famintos. O clima não parecia muito bom.

Lobeck o atacou de novo. Jack conseguiu se desviar do golpe uma segunda vez, mas alguém o agarrou por trás e prendeu-lhe os braços. Devia ser Harkness.

— Acerte-o de uma vez e vamos embora. — A voz veio por cima do ombro de Jack, com um sopro repulsivo cheirando a cerveja.

Lobeck estava a caminho, uma expressão mortífera no rosto, e Jack teve o pressentimento de que ele não erraria dessa vez. Lembrou-se de um feitiço para confundir as pessoas, resultado de suas lições com Nick. Disse as palavras rápido, baixinho, e a expressão de cachorro louco de Lobeck se transformou em uma de espanto. Ele olhou de Jack para Harkness e de volta para Jack.

— Ahn, o que é que eu estava fazendo? — perguntou ele, completamente perdido. Começou a cambalear sem rumo pela calçada.

— Ei! — Harkness o chamou. — Vai esmurrar ele ou não? Lobeck se voltou num giro.

— O quê? — Os olhos turvos contemplaram a cena. — Oh, claro. — Andou novamente na direção de Jack.

Maravilha. Jack se desvencilhou de Harkness e virou-se em tempo de ver Ellen acertar o joelho direito de Harkness com os dois pés. Os treinos de futebol estavam se mostrando úteis, pelo jeito.

Harkness gritou e caiu para trás, segurando a perna, mas a essa altura Lobeck estava chegando. O punho direito deste se chocou com a bochecha e olho direito de Jack com força estonteante. Na seqüência, o punho esquerdo e depois o direito de Lobeck acertaram o estômago de Jack. Jack viu estrelas e sentiu o sangue fluir, quente e molhado, pelo nariz. Era como se os ossos de seu rosto tivessem sido empurrados para dentro dos olhos. Ele cambaleou para a frente, inspirando desesperadamente a fim de repor o ar que lhe havia sido roubado. E então a fúria e o instinto o dominaram.

Ele estendeu os braços para a frente, os dedos esticados, e uma rajada de ar atingiu o torso de Lobeck, mandando-o pelos ares até aterrissar com força no asfalto.

A raiva ainda queimava dentro de Jack, assim como o poder, branco e quente. Ele arrancou um enorme galho de árvore,

segurando-o transversalmente ao corpo como um bastão de luta, e avançou na direção de Lobeck, que estava caído de costas, momentaneamente aturdido. Com o retornar da consciência, o rosto de Lobeck foi tomado pela incredulidade, depois pelo medo. Ergueu-se sobre os cotovelos, lutando para se pôr em pé, tentando se arrastar para trás e para longe do perigo. Trombou com a mureta de pedra que cercava o estacionamento. Não era uma barreira alta, mas era alta o suficiente para detê-lo. Jack estava em pé diante de Lobeck, apoiado com firmeza sobre os pés separados. Uma chama reluzente correu ao longo de sua arma quando ele a ergueu sobre a cabeça, pondo-a na vertical para o golpe mortal.

— Jack! Não! — A voz de Ellen perturbou-lhe a fúria sanguinária. Ele sacudiu a cabeça com violência, concentrado na tarefa diante de si. Os olhos de Lobeck estavam arregalados e sua boca se movia, Jack não saberia dizer se implorando ou rezando.

— Jack! Meu Deus, Jack! — Ellen o agarrou pelo cotovelo e puxou-lhe o braço para trás com uma força incrível.

Jack voltou a si, enfim. Consternado, arremessou o galho em chamas para longe. Este voou de um lado a outro num grande arco, atravessando o estacionamento, um catavento flamejante que se extinguiu no lago. Jack respirou com dificuldade e virou-se para os outros.

Harkness estava sentado no asfalto, o corpo dobrado em dois, segurando a perna, praguejando baixinho. Leonard estava boquiaberto, fitando Jack e Lobeck. Não demonstrava nenhuma vontade de se meter naquilo. Ellen parecia pregada ao chão, as mãos erguidas, o rosjto pálido e horrorizado. Lobeck se apoiou nos cotovelos, com a expressão de um péssimo final de dia. Por um longo momento, ninguém se moveu.

O olho de Jack já estava inchando, de forma que ele mal o conseguia abrir. O sangue escorria-lhe do nariz e entrava-lhe pela boca. Jack passou as costas da mão pelo rosto e ela ficou ensangüentada.

— Vamos — murmurou ele a Ellen, usando a outra mão para tomar-lhe o braço. Ela arquejou e recuou ante o toque dele, e ele a soltou de imediato. — Eu... estou bem agora. Prometo. Vamos embora daqui.

Nenhum dos três rapazes fez qualquer movimento para detê-los.

A caminhada até a casa de Ellen foi deprimente. O rosto dele estava em chamas e cada respiração doía. Ele falhara em sua tarefa mais importante: manter seus poderes mágicos em segredo e sob controle. Ellen provavelmente estava morta de medo, e com razão.

Ele estivera a milímetros de matar o bêbado Garrett Lobeck numa briga de rua. No que ele estava se transformando?

Talvez o uso do poder já o houvesse exposto. A sorte dele não duraria para sempre. Era uma bela noite sob uma lua cheia, e a festa em Lakeside acabara havia pouco. Qualquer um poderia estar passeando pelas margens do lago e ter visto o que acontecera. Ele olhou em torno com cautela. Ninguém se movia na rua silenciosa além de Ellen e ele. Suas longas sombras se estendiam à sua frente, encolhiam-se sob as luzes da rua e então se esticavam novamente.

Havia pelo menos quatro testemunhas. A mente humana tem uma habilidade impressionante tanto de descartar o que vê quanto de fazer a realidade se adaptar às expectativas. E Lobeck e seus amigos haviam bebido um bocado de cerveja. Mas essa era a segunda vez que Jack perdia o controle na frente de Lobeck. Era difícil imaginar que conseguiria se safar de novo.

Ellen era outra história. Ela estava perfeitamente sóbria e não era idiota.

Ela não lhe fez nenhuma pergunta. Na verdade, ela não disse coisa alguma no caminho até a rua Walnut. Apenas caminhava com firmeza, a cabeça baixa, as mãos nos bolsos.

— Ellen, escute, eu...

— Cale a boca, Jack.

Então Jack se ocupou pensando no que diria a sua mãe.

Quando chegaram à varanda da casa de Ellen, Jack já havia decidido não lhe dar um beijo de boa-noite naquelas circunstâncias, com Ellen se sentindo como se sentia e com o rosto dele na condição em que estava. Antes da briga, ele havia planejado beijá-la.

Ellen olhou nervosa para trás, para o interior escuro do apartamento. Parecia terrivelmente ansiosa para que ele partisse. Jack imaginou que aquela não era uma boa ocasião para se apresentar à família.

— Boa-noite, Ellen — disse ele, as palavras abafadas na boca machucada. — Sinto muito pelo que aconteceu. Eu me diverti bastante antes daquilo.

Para a surpresa dele, Ellen se inclinou e roçou os lábios sobre sua face não machucada.

— Boa-noite, Jack — disse ela. — Eu também sinto muito.

— Com isso, ela desapareceu dentro do prédio.

Quando ele chegou de volta à rua Jefferson, tinha pouca esperança de que a mãe já tivesse ido para a cama. Ela estivera no jogo, e ele supunha que ela esperaria por ele para uma pequena celebração e uma recapitulação da partida. Estava certo. A casa dos Downey estava iluminada. Um grande cartaz pregado na porta da frente dizia: "Bem-vindo ao lar, herói!". Jack não se sentia muito como um herói naquele momento. Estendeu a mão para a maçaneta, mas a porta se

abriu antes que pudesse tocá-la. E a pessoa junto à porta era Linda Downey.

— Jack! — disse ela, toda animada. — Jack! — disse ela outra vez, agora horrorizada ao ver com clareza o rosto dele sob a luz da varanda.

Becka se aproximou, e a festa de boas-vindas se transformou numa sessão de primeiros socorros e interrogatório.

— Está me dizendo que se meteu numa briga? Você sabe que eu sempre falei pra você ficar longe de brigas.

Becka sempre tivera fortes laços com o movimento pacifista. Jack se perguntava o que ela diria se visse o que ele andava fazendo na clareira.

— Pode acreditar, eu tentei cair fora. Não costumo puxar briga com pessoas com o dobro do meu tamanho.

— Ah, não sei não, Jack — disse tia Linda. — Você parece alguém que seria capaz de enfrentar praticamente qualquer um. — Ela estivera olhando fixamente para ele, e a princípio ele imaginara que era por causa do olho inchado.

— Você não está ajudando, Linda — Becka a repreendeu.

— Eles eram três — explicou Jack à tia.

— Era alguém do Harrison? — indagou Becka, referindo-se ao outro time de futebol. — Ou torcedores do Harrison?

— Era o Garrett Lobeck e os amigos dele. Eles estão no meu time.

— Então por que iriam querer bater em você? — Becka parecia perplexa. — Em especial depois da jogada que você fez?

— É difícil de explicar — murmurou Jack. — É meio complicado.

Becka se levantou.

— Bom, eu vou telefonar para Bill Lobeck agora mesmo. Cansei de ver os filhos dele aterrorizando a cidade. — Ela apanhou o telefone.

— Eu não faria isso, mãe — disse Jack, afobado.

— Quero dizer, não sei como o Garrett está agora. — Ambas as mulheres se viraram para ele. — Eu derrubei ele. E aí a gente foi embora.

— A gente quem? — perguntou Linda.

— Lembra da Ellen Stephenson, mãe? Eu a acompanhei até a casa dela.

Becka estava prestes a telefonar para alguém.

— Talvez a gente deva contatar os pais da Ellen, para ter certeza de que ela está bem — sugeriu ela. — Ela deve ter ficado com muito medo.

— Oh, eu não diria que ficou com medo, pra falar a verdade — disse Jack. "A não ser de mim", pensou ele. Quase sorriu ao se lembrar de Ellen partindo para cima de Harkness, mas isso fez seu rosto doer. — Escute. Não acho que ele vá me incomodar de novo. Por mim, eu esqueceria a coisa toda. Tenho certeza de que o Garrett sente a mesma coisa.

— Isso me parece uma boa idéia — apressou-se em dizer Linda. — Além do mais, estamos festejando aqui.

— Ela apontou para um grande prato de camarões sobre a mesa e garrafas de vinho e suco de uva espumante em baldes de gelo. Um bolo enorme na mesa auxiliar fora decorado com a inscrição "Campeões!" e o desenho de uma bola de futebol.

— Isto está fantástico — disse Jack, grato pela mudança de assunto. — Quando vocês fizeram tudo isso?

— Eu tinha esperanças de chegar aqui a tempo do jogo, mas meu avião atrasou — explicou Linda. Então achamos que a festa seria uma boa surpresa.

— É uma surpresa maravilhosa — disse Jack. — Quanto tempo vai ficar?

— Não tenho certeza — respondeu tia Linda.

Becka estava servindo o vinho e o suco de uva em cálices.

— Você chegou na hora certa. Mais tarde você não teria nos encontrado. Jack e eu vamos partir para a Inglaterra assim que acabarem as aulas.

— Inglaterra! — Linda se recobrou rapidamente, aceitando um cálice de vinho tinto. — Vocês estão indo para a Inglaterra?

Becka confirmou com a cabeça.

— Não se lembra? Falamos sobre isso na sua última visita. Eu tinha esperanças de que você pudesse nos ajudar a arrumar uma casa, mas não consegui entrar em contato com você. Mas Thomas tem uma amiga que tem um chalé em Oxford. Ela vai passar o verão nos Estados Unidos, por isso vai sublocar a casa pra nós. Se você estiver em casa, a gente pode visitar você, mas não precisa se sentir obrigada.

— Isso parece... maravilhoso. — Linda tentou sorrir, mas Jack tinha a sensação de que algo a estava incomodando.

Capítulo Onze

Sitiado

A manhã seguinte era um sábado e, para comemorar o término das aulas, a classe de Jack havia programado uma excursão a Cedar Point, um parque de diversões junto ao lago. Quando Jack se viu no espelho do banheiro, o lado direito do rosto estava todo roxo, e ele mal conseguia abrir o olho. Fantástico. Vou ter de responder a milhares de perguntas sobre isso hoje. Ele queria poder ficar em casa. Mas Will viria apanhá-lo em meia hora e, após a conversa que haviam tido no Corcoran's, Jack relutava em cancelar.

Tia Linda estava na varanda, bebendo uma xícara de chá.

— Desculpe por eu ter de sair hoje — disse Jack. — Não teria planejado nada se soubesse que você vinha.

— A gente conversa à noite, Jack. Divirta-se. — Ela parecia triste, quase como se houvesse chorado. — Eu falei que você está diferente?

Ele assentiu.

— Eu provavelmente percebo mais do que outras pessoas, por ter estado fora — disse ela. — Você deve estar se exercitando bastante.

— Três ou quatro vezes por semana.

— Com Leander Hastings?

— É. — Ele pigarreou. — Por onde você andou esse tempo todo? Eu... eu... não sabia o que pensar. Estava com medo de que Wylie tivesse apanhado você ou algo assim.

— Desculpe-me. Eu armei uma trilha falsa bem longa para ele seguir. E aí tive... de tratar de uns negócios, lá em casa.

— Você fala como se fizesse esse tipo de coisa o tempo todo.

— Jack não pôde reprimir a amargura em sua voz.

— Eu tenho bastante prática em me esconder de magos, se é isso o que quer dizer. — Ela ia dizer algo mais, quando ouviram uma forte batida na porta da cozinha.

— Entre! — gritou Jack. — Estamos na varanda.

— Jack? Onde você estava ontem à noite? A gente... — Will parou no meio da frase quando viu Linda. — Oh, olá — disse para ela. Então viu o rosto de Jack por inteiro. — Minha nossa! O que aconteceu com você?

— Topei com o Lobeck e os amigos dele depois do jogo ontem à noite. — Essa seria a versão resumida da história, e Jack tinha intenção de aferrar-se a ela.

— O quê? Você ganha o jogo pra nós e ele dá uma surra em você?

— Esquece. Acho que ele tinha bebido umas cervejas a mais. Tipo, uma dúzia a mais. O que fez com que ele se lembrasse que não entrou no time principal.

— É por isso que você não foi à festa da Leesha? Ela achava que você ia. Eu e Fitch ficamos procurando por você.

Jack sacudiu a cabeça.

— Não. Na verdade, eu estava com a Ellen. Nós... ahn... resolvemos esquecer a festa.

— Oh. Tudo bem, então. — Will inclinou a cabeça. Pela expressão em seu rosto, ele aprovava a escolha de Jack. — Você não perdeu muita coisa. Tinha um monte de gente bebendo, um monte de gente chapada. — Will passou os dedos pelo cabelo curto e eriçado. — Talvez seja hora de alguém dar uma lição no Lobeck. Talvez eu deva me oferecer como voluntário.

Jack piscou. Os olhos negros de Will estavam furiosos e intensos. Era como se Will seguisse uma trajetória. Como um grande veleiro, virava devagar. Uma vez a caminho, contudo, era melhor sair da frente.

— Está tudo bem, Will. Sério. Acho que ele não vai me incomodar de novo. — Jack pendurou uma pequena mochila sobre o ombro. — Estou pronto.

Will estudou-o por um momento, sacudindo a cabeça.

— Se você diz...

Fitch estava esperando no carro, e Jack teve de contar sua história de novo. Aquele seria um longo dia.

Ellen havia prometido encontrá-los por volta do meio-dia em uma das montanhas-russas. Era um lindo dia, quente e ensolarado, e Jack imaginava que praticamente todas as turmas do primeiro e segundo anos e a maioria dos professores estariam lá.

Tendo chegado ao parque, Jack começou a se animar. Após alguns comentários iniciais, ninguém fez muitas perguntas sobre seu rosto ou a briga com Lobeck. A vitória na final transformara Jack em uma espécie de celebridade. Ele ficou de olho para ver se avistava Leesha, mas não a viu.

Assim que chegaram, foram andar nas montanhas-russas maiores, supondo que o parque ficaria lotado mais tarde. Jack sempre adorara montanhas-russas e estava começando a compreender que o perigo virtual era muito mais atraente do que o real. Quando terminaram de assistir a uns dois espetáculos bregas em estilo circense, já era quase meio-dia, hora de encontrar Ellen.

Ela estava esperando junto à montanha-russa Blue Streak, vestindo uma camiseta branca, shorts e chinelos. Quando Will e Fitch tentaram perguntar-lhe sobre a briga, ela desconversou. Jack tentou captar-lhe a atenção para agradecer-lhe, mas ela se recusava a olhar para ele.

Eles andaram na Blue Streak, depois experimentaram alguns dos fliperamas, e então foram almoçar. Compraram raspadinhas de cereja de sobremesa. Estava ficando quente, e os brinquedos aquáticos pareciam mais atraentes do que nunca.

— Vamos no Thunder Canyon? — sugeriu Will. — É hora de se molhar. — Ele despiu a camiseta.

— Não acabei minha raspadinha. — Jack levantou o copo de papel.

— Vamos deixar as raspadinhas aqui — sugeriu Ellen, apontando para um largo corrimão junto à lagoa. — A fila não está muito comprida agora.

Todos ficaram ensopados no Thunder Canyon. Como a fila não era muito longa, eles foram duas vezes. Emergiram, sacudindo-se como cães, jogando água para todos os lados.

— Você ainda não está molhado o bastante, Jack!

Ellen apanhou o copo dele e ameaçou esvaziá-lo sobre a cabeça de Jack. Ele ergueu uma mão, estapeando o braço dela, e a maior parte do conteúdo do copo derramou-se no laguinho de peixes abaixo.

— Veja só o que você fez! — disse Jack, feliz por Ellen ter recobrado o senso de humor. Era praticamente a primeira vez que ela falava com ele o dia todo.

Jack se virou para ver se as carpas na lagoa iriam atrás do gelo. Will também se inclinou por sobre o corrimão, rindo, mas de repente pareceu intrigado. Jack seguiu-lhe o olhar. Peixes mortos subiam à superfície em um círculo crescente em torno da raspadinha que se derretia, as barrigas pálidas reluzindo na água lamacenta do parque de diversões. Centenas deles.

Por um momento, Jack ficou paralisado, tentando entender o que tinha visto. Então seu olhar encontrou o de Will, e o encanto se desfez. Num movimento rápido, Jack apanhou o copo com o que restara de sua bebida e colocou-o dentro do saco plástico que trouxera consigo para as roupas molhadas. Enfiou o saco dentro da mochila, depois passou o braço ao longo do corrimão, derrubando o resto das raspadinhas na lagoa. Ellen e Fitch geraram em protesto ao verem suas bebidas voarem do corrimão.

— Desculpem-me — disse Jack. — Minha culpa. Eu compro uma outra rodada. Vamos pegar limonadas desta vez.

E Jack conduziu com firmeza Fitch e Ellen, que ainda protestavam, para longe da água. Will seguiu atrás, sacudindo a cabeça e franzindo o cenho.

— Isto é interessante — disse Nick Snowbeard, erguendo o olhar do microscópio.

Nick havia armado o que era praticamente um laboratório químico em sua minúscula cozinha. Jack e tia Linda estavam sentados à mesa da cozinha. Jack havia levantado uma barreira mágica de modo que ninguém mais pudesse entrar. Nick estava deixando seu aluno exibir algumas das técnicas que aprendera.

— É um antigo veneno anglo-saxônico que ataca os nervos. Solúvel em gordura. Bem rápido e eficaz. Difícil de detectar. Uma pequena quantidade é suficiente para matar. — Ele coçou a barba. — Acho que não deve ter sobrado uma carpa viva em Cedar Point.

— Quem teria esse tipo de veneno? — indagou Jack.

— Onde ele é encontrado?

— É um derivado de plantas. Não é difícil de fazer, se tiver os ingredientes certos. Só não é muito conhecido. Deve ter sido alguém da família.

— Se por família você está falando das Rosas, então acho que acertou na mosca! — explodiu Jack.

— Quem mais ia querer me matar? — Ele se encolheu na cadeira.

— Quem mais estava no parque hoje? — perguntou Linda.

— Todo mundo que conheço — disse Jack. — E um monte de gente que não conheço.

Leesha Middleton provavelmente gostaria de envenená-lo àquela altura.

Tia Linda suspirou, encolhendo os joelhos até encostarem no queixo.

— Obviamente, alguém sabe do segredo.

Nick estava pensativo.

— Veneno pode facilmente errar o alvo. Como aconteceu neste caso. É um meio bem... ineficiente de se matar alguém.

Jack bateu a mão na mesa.

— Eles podem ter envenenado toda a Grande Bacia do Oeste, mas duvido que fossem ficar com dor na consciência por causa disso. Não entendem? Eles sabem quem eu sou! Eles sabem onde eu moro! O que os irá impedir de vir me pegar? Ou de pegar a Sombra Assassina? — Ele se endireitou na cadeira. — Uma das Sete Grandes Espadas está escondida embaixo da minha cama junto com a minha caixa de

figurinhas de beisebol. Quanto tempo acha que eles vão levar pra descobrir isso?

Jack sentiu o impulso repentino de ir até em casa para certificar-se de que a espada ainda estava lá.

— Eu coloquei feitiços de proteção ao redor da casa — disse Nick, em tom afável. — Não vai ser fácil vir atrás de você aqui. E eu ficaria muito surpreso se matassem você logo de cara.

— Isso faz com que eu me sinta bem melhor — resmungou Jack.

— Pode ter sido algum tipo de aviso. Ou uma tentativa de fazer você entrar em pânico e fugir.

— Bom, está funcionando.

Linda ergueu os olhos.

— Nicodemus, como ele está se saindo com a magia?

— Jack tem uma aptidão surpreendente para a magia, apesar da pedra de guerreiro.

— Estamos falando de truques de salão ou de algo que possamos usar de verdade?

— Ele avançou bem mais do que isso — Nick assegurou-lhe.

— Ele tem se saído muito bem. Não é o que eu chamaria de um mago poderoso, mas é mais poderoso do que alguns que carregam a pedra. Nunca vi ninguém fora da Ordem dos Magos que consiga fazer o que ele faz.

— Conte-me sobre o seu treinamento, Jack — disse tia Linda, abruptamente. Jack recapitulou o programa em poucas palavras, começando com as sessões na academia e progredindo para as da clareira. Ela franziu a testa. — Isso é basicamente o treinamento clássico — disse ela. — Ele não tratou de mais nada?

Jack pensou a respeito.

— Passamos algum tempo treinando com uma funda. Fizemos algumas coisas sem armas, como luta livre e tai chi.

Estive levantando pesos por conta própria. Mas passamos a maior parte do tempo com os floretes e com a Sombra Assassina na clareira.

Linda hesitou antes de fazer a próxima pergunta.

— Como é Leander Hastings como professor?

— Ele sabe o que está fazendo. Não se importa de passar um bocado de tempo comigo, mas é bem exigente às vezes. —

Jack pensou por um momento. — Ele tem de estar totalmente no controle. Ele só responde às perguntas que quer responder.

Linda assentiu, como se aquilo não a surpreendesse.

— Isso é bem o estilo do Leander.

Jack não pôde evitar pensar que aquilo era bem o estilo de Linda também. Estava ficando irritado com o interrogatório. Ele também tinha perguntas para as quais queria respostas. Linda se levantou e começou a andar de um lado para o outro no pequeno espaço entre a mesa e o balcão.

— Acho que essa viagem à Inglaterra não é uma boa idéia — disse ela, sem olhar para Jack.

— Do que você está falando? — indagou Jack, surpreso.

Linda falou rápida e persuasivamente:

— Se você for, a doutora Longbranch vai querer ver você. E não acho que isso seja uma boa idéia... do jeito que você está agora.

Jack se levantou, os pés levemente afastados, os braços cruzados.

— Tia Linda, acho que é hora de ser franca comigo. Tem gente tentando me matar. Acho que mereço saber quem e por quê.

— Muito bem — disse Linda, pousando as mãos no encosto da cadeira. — Você se lembra que eu falei que os Weirs têm um histórico de luta, especialmente entre si?

Jack fez que sim com a cabeça e se sentou, suspeitando que essa seria uma história longa e desagradável.

— Há, na verdade, duas ramificações principais da família que têm lutado entre si por centenas de anos. Começou com dois irmãos. Você se lembra da Guerra das Rosas?

— Uma guerra civil entre duas facções da realeza britânica, Lancaster e York, não é? — Jack se esforçou para se lembrar das aulas de história britânica. — Não terminou com a Batalha de Bosworth Field? — Ele e Nick haviam passado um bocado de tempo naquilo. Não era de surpreender que o velho mago fosse um especialista no assunto.

— Não para nós. Um ramo da nossa família era da Rosa Vermelha e o outro, da Rosa Branca. Durante anos, após Bosworth, a luta continuou, sem que nenhum lado obtivesse a hegemonia — disse Linda. — Lá pelo século XVI, até os magos mais sedentos de sangue em ambas as casas perceberam que as coisas não podiam continuar daquele jeito. Foi nessa época que várias centenas de Weirs migraram para os Estados Unidos, para fugir da guerra que nunca acabava e da dominação dos magos. Entre eles, havia representantes de todas as ordens. Nós descendemos desse grupo de democratas, chamados de o Clã do Urso. Para os que ficaram, um novo sistema foi desenvolvido, um sistema de torneios. Jack olhou nos olhos dela.

— Nick me falou sobre o Jogo.

Linda estremeceu, e suas faces coraram de leve.

— O Jogo — repetiu ela. — Assim os magos não se envolveram mais na luta de fato. A ênfase se transferiu para o recrutamento e treinamento de guerreiros... a procriação visando gerar guerreiros com certos poderes e características que se provariam vantajosas. — Ela olhou para Jack, depois desviou o olhar. — Mas esses esforços saíram pela culatra. Havia tanta ênfase no dom do poder que eles negligenciaram a carne e o sangue que carrega esse poder. Por causa da procriação consanguínea, a linhagem se tornou doente,

começou a morrer. Por isso e pelo fato de que os guerreiros morrerem aos montes nos torneios. Até os que tinham sucesso muitas vezes não viviam por tempo suficiente para ter filhos.

— Por que eles não pararam simplesmente de lutar?

— Por várias razões. Tradição. Vingança. Controle de um tesouro de artefatos mágicos, os últimos deles.

É verdade — disse ela, notando a reação de Jack. — O vencedor de um torneio passa a controlar o Conselho dos Magos, que governa as ordens. É improvável que aqueles que tenham chegado ao poder por meio desse sistema queiram mudar as coisas. A nossa família é uma aristocracia: privilegiada e ociosa, com pouco a fazer a não ser criar intrigas. Nos idos de 1700, quando começaram a escassear os guerreiros no Velho Mundo, alguém nas ordens européias deve ter se lembrado dos que haviam partido para os Estados Unidos dois séculos antes. Eles têm registros extensos. São maníacos por genealogia. O ramo da família nos Estados Unidos havia rompido os laços com as Rosas, usando o Urso Prateado como emblema. Muitos de nós se casaram com Anaweirs, pessoas sem o dom. Como resultado, nem todos são herdeiros. Talvez seja por isso que você nasceu sem uma pedra. Mas muitas pessoas neste ramo da família carregam o dom e são fisicamente sadias. São vulneráveis, porque não sabem que têm um dom ou não foram treinadas. São os não afiliados, o que significa que estão desprotegidos. Então as Rosas começaram a vir atrás de nós. Eles procuravam pessoas que carregavam cristais, especialmente de guerreiros. E essas pessoas desapareciam. Eles adoram roubar crianças e criar para o Jogo. Levou muito tempo até entendermos o que estava acontecendo. Mas havia alguns de nós na família que estudavam as velhas artes, que conheciam as tradições, que entendiam os significados dos Livros Weir.

— Onde está o resto da família? — indagou Jack.

— Por todo lado — respondeu Linda —, ainda há várias grandes fortalezas no Reino Unido, mas eles estão espalhados por todo o mundo. São pessoas muito ricas e poderosas, Jack. Pessoas que podem ver o futuro e controlar os outros. Pessoas que não têm nenhuma dificuldade pra ganhar a vida.

Jack pensou na tia, que sempre tivera bastante dinheiro e nenhum meio visível de sustento.

— Está me dizendo que esses torneios acontecem o tempo todo e que ninguém sabe disso?

— Nem tantos hoje em dia, por causa da falta de guerreiros. Mas eles continuam, sim. — Linda deu de ombros. — O sistema de torneios tem funcionado muito bem, sob o ponto de vista de um mago. Salva vidas e propriedades. Entenda, os magos não têm permissão de atacar outros magos sob as Leis de Combate, que não foram mudadas desde que foram escritas no século XVI. As outras ordens, é claro, são presas fáceis para eles.

Jack se lembrou do livro de regras de combate que Hastings lhe havia dado.

— As regras. Oh, certo. Eu tenho aqui.

Sua mochila estava sobre a mesa. Ele enfiou a mão num bolso lateral e retirou o fino volume.

Linda reagiu como se Jack houvesse tirado uma cobra da mochila.

— Onde conseguiu isso? — indagou ela.

— O senhor Hastings me deu. Eu andei estudando.

— Você não vai precisar disso, porque não vai lutar com ninguém — disse a tia categoricamente.

— Então por que eu tenho de passar por todo esse treinamento? — Jack meteu o livro de volta na mochila, mais confuso do que nunca.

Linda agarrou-lhe o braço, piscando para conter as lágrimas.

— Jack, eu só estou tentando fazer o melhor que posso, todos os dias, para manter você vivo. Quando você nasceu, tive de envolver Jessamine Longbranch nisso, ou você teria morrido. Ela é a chefe, a Premiê da Rosa Branca. Ela deu a você uma pedra de guerreiro imaginando que um dia você lutaria por eles. Eu consegui convencê-la a deixar você onde estava, dizendo que você poderia ser treinado mais tarde, que seria difícil para a Rosa Vermelha encontrar você em Trinity. — Tia Linda deu-lhe um sorriso pálido. — Você sabe como posso ser persuasiva. E, até recentemente, você ficou escondido. O Premiê da Rosa Vermelha é um homem chamado Geoffrey Wylie. Foi ele que encontramos no cemitério. Já que a Rosa Branca sempre soube que você estava aqui, só posso imaginar que o grupo de Wylie esteja por trás do veneno. Mas isso não faz muito sentido. Se eles sabem quem você é, eles só matariam você como um último recurso.

Nick fez um gesto de cabeça, concordando.

— Se um mago quisesse matar você, não usaria veneno. Agiria de modo mais direto. Mas Wylie não iria querer matar você. Ele iria capturá-lo e convocar um torneio. Se a Rosa Branca não colocasse um jogador em campo, ele venceria por desistência. — Ele esfregou a barba, pensativo. — Não vi nenhum sinal de magos em Trinity desde o dia do teste de futebol. Se eles ainda estão na cidade, estão se escondendo, talvez por causa do Hastings. Acho que é cedo para entrarmos em pânico.

Linda franziu a testa.

— Se a doutora Longbranch souber que a Rosa Vermelha achou você, ela vai levar você embora. — Ela notou que Jack não compreendera, e prosseguiu. — Ela vai levar você para ser treinado. Eu sei um pouco sobre como eles treinam os guerreiros para o Jogo. — A voz dela sumiu, como se ela se

desse conta, de repente, de com quem estava falando. — Você é quase um adulto, Jack. A doutora Longbranch não vai esperar muito mais para levar você, de qualquer jeito. Por isso eu contatei o Hastings. Foi ele quem sugeriu que a gente recupe-rasse a espada e treinasse você em segredo. Ele achava que a Sombra Assassina poderia ser um trunfo, nivelar as coisas.

— Quem é o Hastings, exatamente? — perguntou Jack.

— Eu o conheço há muito tempo. Ele descende da linhagem do Urso, como nós. É um mago poderoso e sempre teve um grande interesse em guerreiros e treinamento de guerreiros. Ele tem defendido as ordens menores, o que chamamos de Weir Anamagos, ou seja, Weirs que não são magos. Eu sabia que ele seria um professor excelente.

Jack estava começando a entender quão negra era a situação. Trinity não parecia mais segura. Parecia um buraco pequeno demais para se esconder. Talvez fosse hora de deixar a cidade.

— Tia Linda, eu tenho de ir pra Inglaterra. Minha mãe já comprou as passagens. Ela vem falando há meses sobre todas as coisas que a gente vai fazer.

— Você pode evitar ver a doutora Longbranch?

— Acho que ela já telefonou dizendo que a gente vai.

Linda parecia resignada.

— Então você vai ter de começar a tomar a Antiweir de novo.

— Não! — Jack se pôs em pé, afastando-se deles. — Não tomo mais aquela coisa. Você prometeu.

— Mas, Jack, ela vai suspeitar de algo. A mudança em você foi... notável.

— Sou adolescente. Adolescentes mudam. — Jack sacudiu a cabeça. — Não vou tomar. Estou falando sério. Prefiro morrer. — Ao dizer aquelas palavras, ficou um pouco

impressionado consigo mesmo. Não conseguia se lembrar de já ter dito não a Linda.

Linda parecia surpresa também, mas guardou qualquer comentário a respeito para si mesma.

— Tudo bem, Jack. Se é assim que se sente.

A semana após o passeio em Cedar Point foi semana de provas, a última semana de aulas. Quando Will chegou à casa de Jack naquela manhã de segunda, encontrou a porta da cozinha trancada. Olhando através da tela, conseguiu ver Jack com a cabeça na mesa, adormecido, o cereal deixado de lado. Will teve de bater na porta diversas vezes até que Jack acordasse, os olhos arregalados. Quando Jack viu quem era, levantou-se e deixou Will entrar, trancando de novo a porta atrás dele.

— Quer dizer que está trancando as portas agora? — comentou Will. Ele fez um gesto para que Jack terminasse de comer o cereal e se serviu de meia tigela. Jack parecia péssimo. O olho roxo estava agora ficando verde e amarelo. Havia olheiras sob o outro olho. Ele podia ter um físico perfeito, mas parecia emocionalmente em frangalhos. — Ficou até tarde estudando ciências sociais ontem à noite?

— Ciências sociais? Ah, é. — Em movimentos mecânicos, Jack meteu uma colherada do cereal empapado na boca.

— O Fitch disse que pode se encontrar com a gente hoje à noite pra estudar matemática. A Ellen não poderá vir. Parece que uns parentes dela estão de visita a semana toda.

Jack deu de ombros, como se não desse a mínima.

— Certo.

— Escute, Jack. — Will hesitou. — Estive pensando se o seu problema é algo em que a polícia pode ajudar.

Aparentemente, demorou alguns segundos até que as palavras de Will se registrassem no cérebro de Jack. Jack encarou-o.

— O que você quer dizer?

— Sabe como é, estou pensando se você e a sua tia estão em algum tipo de encrenca. Parece que toda vez que ela vem visitar você, coisas acontecem. — Como Jack não dissesse nada, Will apressou-se em continuar. — Meu tio Ross é sargento da polícia aqui em Trinity. Talvez a gente possa conversar com ele. Só informalmente, entende? Ele poderia dar algum conselho pra você.

Jack sacudiu a cabeça. Havia um ar de resignação nele que incomodava Will.

— Não, está tudo bem. Vai ficar tudo bem — repetiu Jack, sem nenhuma convicção. — A gente vai partir para a Inglaterra em uma ou duas semanas.

Will assentiu.

— Você não é o único que vai viajar neste verão. Você sabia que eu e o Fitch também vamos pra Inglaterra?

Isso despertou Jack de sua letargia.

— Ah, sim. A Ellen me contou. Mas não sei muito a respeito.

— O senhor Hastings armou tudo. A Sociedade Chauceriana vai passar um mês na Inglaterra. Vamos estar lá no mesmo período que você, já que você vai ficar lá a maior parte do verão, não é?

— Acho que sim. Mas como é que o Fitch pode pagar uma viagem pra Inglaterra?

— É um patrocínio de uma empresa privada. O senhor Hastings fez cada um de nós escrever um ensaio. O de Fitch foi impressionante mesmo. Todos nós conseguimos um subsídio, mas ele conseguiu uma bolsa de estudos integral.

Nesse momento, Will ouviu alguém descer as escadas dos fundos até a cozinha. Era Linda Downey. Will olhou-a com uma mistura peculiar de hostilidade e fascinação. Will estava convencido de que a bela tia de Jack era, de algum modo, responsável pelos problemas de Jack.

— Oi, Jack. Oi, Will. — Linda saudou-os calorosamente, mas o sorriso dela se desfez quando viu a expressão de Will. Jack não percebeu nada. — Eu levo vocês de carro até a escola.

Will estava desapontado. Esperava ter algum tempo para falar em particular com Jack, tentar chegar ao fundo do que acontecera em Cedar Point e persuadi-lo a conversar com o tio Ross. Não conseguia pensar em nenhum outro jeito de ajudar.

— Está bem — disse Jack, como se não tivesse nenhuma preferência. — Vou pegar minha mochila.

Tia Linda havia alugado um pequeno carro esporte de cor prata para aquela viagem. Normalmente, Will teria implorado para ter a oportunidade de dirigi-lo, mas dessa vez eles atravessaram a curta distância até o Colégio de Trinity em silêncio. Linda estacionou em frente ao colégio. Quando Jack saiu do carro, Linda se inclinou sobre o câmbio em direção a Will, falando de modo que só ele ouvisse.

— Por favor, fique de olho nele, Will.

Will ergueu os olhos, surpreso. Ela estava perto, muito perto; aqueles olhos impossivelmente azuis estavam fixados nele e ela parecia absolutamente séria, quase implorando.

"Ai, meu Deus", disse ele a si mesmo, sentindo o sangue subir-lhe às faces.

Ela lhe passou um pedaço de papel.

— Esse é o número do meu celular. Se acontecer alguma coisa incomum, me chame.

— Claro. Está certo.

Os dedos deles se tocaram quando ele pegou o papel. Com relutância, ele deslizou pelo banco do carro e saiu para a calçada. Ficou ali, hesitante, segurando o papel na mão, vendo o carro de Linda se afastar.

Depois disso, Will achou difícil se concentrar na prova de ciências sociais, e quase ficou aliviado quando o tempo acabou. Ele e Jack entregaram as provas e seguiram para seus armários para pegar o material de matemática. O armário de Jack era do lado do de Will e estava aberto. Parecia ter sido saqueado.

— Acho que deixei meu armário destrancado — disse Jack a Will, sacudindo a cabeça. — Devo estar ficando maluco.

Penworthy surgiu de repente.

— Senhor Swift, preciso que venha à diretoria imediatamente. — Penworthy parecia tão nervoso que estava literalmente se contorcendo.

Jack piscou.

— É sobre o meu armário?

— Podemos dizer que sim. — A boca do diretor se retorcia em repugnância sempre que parava de falar.

— Está tudo bem — Jack assegurou-lhe. — Acho que não levaram nada.

— Eu já lhe disse para vir comigo — repetiu o diretor. — O senhor pode deixar suas coisas aqui.

Algo no tom de voz dele fez Will se voltar para ver. Penworthy estava praticamente empurrando Jack pelo corredor, e Jack tentava se virar para olhar para Will. Perplexo, Will seguiu a uma distância discreta. O diretor conduziu Jack até a frente do prédio e para dentro do escritório da administração. Will entrou no escritório externo bem a tempo de ver a porta da sala interna de Penworthy se fechar. A secretária lançou-lhe um olhar inquisitivo.

— Ahn, estou esperando alguém vir me buscar — disse Will. Ele se sentou numa cadeira junto à porta. — Vão chegar a qualquer minuto.

As palavras de Linda voltaram-lhe à mente. "Fique de olho nele, Will." Ela estava contando com ele. Não tinha nenhuma intenção de sair dali até descobrir o que estava acontecendo.

Quando Jack entrou na sala do diretor, viu dois homens sentados a uma pequena mesa. Estavam trajados de forma casual, em blusas de abrigo e calças jeans. Ambos pareciam ter cerca de trinta anos, e tinham um ar severo. Um era moreno com barba rala, e o outro era loiro e tinha o rosto barbeado, com uma cicatriz proeminente atravessando-lhe o maxilar. Ambos exibiam um físico atlético. Eles se ergueram ao mesmo tempo com expressões idênticas de perplexidade quando Jack entrou na sala.

— Tem certeza de que é esse aí? — perguntou um deles a Penworthy, indicando Jack com a cabeça.

— Este é Jackson Swift — disse Penworthy respeitosamente. O diretor se sentou atrás da escrivaninha e gesticulou para que Jack ocupasse a cadeira vaga à mesa em frente aos dois homens. Jack sentou-se, observando os homens com cautela. Os homens estudavam-no como se estivessem vendo algo inesperado.

Cada um dos dois estranhos tirou do bolso uma carteira em imitação de couro, abrindo-as para revelar um distintivo. O homem moreno falou.

— Jack, meu nome é Brad Hansford, e este é Mike Sowicky. Trabalhamos na divisão de Narcóticos do Departamento de Polícia de Trinity. A gente gostaria que você respondesse a umas perguntas.

Jack estava desconcertado. Ele conhecia vários policiais de Trinity, inclusive o tio de Will, Ross, mas jamais vira aqueles dois homens. Olhou de um para o outro e depois para Penworthy. As mãos do diretor deixavam pontos úmidos no mata-borrão da escrivaninha.

— O que está acontecendo?

Sowicky falou pela primeira vez.

— Jack, a gente fez uma vistoria no seu armário esta manhã e achou isso. — Ele jogou dois sacos plásticos sobre a mesa. Um continha ervas verdes, o outro um punhado de pílulas e cápsulas.

— Espere aí! — protestou Jack. — Eu nunca vi essas coisas antes.

— É por isso que a gente quer conversar com você, Jack. Queremos esclarecer isso. — Quem falava era Hansford, o detetive moreno. A voz dele era reconfortante.

A mente de Jack processava devagar, vazia de pensamentos úteis.

— Por que estavam vistoriando meu armário? — indagou finalmente, a fim de ganhar tempo.

— Recebemos uma denúncia de que você talvez estivesse envolvido em tráfico de drogas — disse Sowicky. — Então contatamos o senhor Penworthy, aqui. Ele tem sido de grande ajuda. — Sorriu para o diretor, que pareceu embaraçado e orgulhoso ao mesmo tempo.

— Olha, vocês pegaram a pessoa errada. Eu não vendo drogas! — "Sonhando. Eu devo estar sonhando de novo", disse Jack a si mesmo. Mas como fazer para acordar?

— Como arranjou esse olho roxo, Jack? — perguntou Sowicky. — Se meteu em algum tipo de encrenca?

Jack começou a dizer alguma coisa, mas mudou de idéia. Sabia que estava com sérios problemas e não entendia por quê. Quem colocaria drogas no armário dele para incriminá-lo? Claro, havia pessoas que o queriam morto e outras que queriam dominá-lo, mas por que alguém iria querer vê-lo na cadeia? Esforçou-se para pensar com clareza, mas o cérebro parecia estranhamente preguiçoso.

Aqueles deviam ser policiais disfarçados, dado o modo como se vestiam. Mas eles não deveriam ter-lhe oferecido um

advogado antes de começarem a fazer perguntas? Ele tentou solucionar esse enigma, mas a mente não respondia.

Hansford estava falando de novo.

— Por que não vamos até a delegacia e você responde a algumas perguntas? Já chamamos os seus pais. Eles disseram que vão nos encontrar lá.

— Mas eu tenho prova em duas horas! — disse Jack, então se sentiu estúpido por ter dito aquilo.

Hansford sorriu. Era, com certeza, o mais amigável dos dois.

— Com alguma sorte, a gente esclarece isso, e você estará de volta em tempo para a prova.

Jack fechou os olhos. Algo se agitou no fundo de sua mente, como minúsculas asas. Não, não eram asas. Palavras. Uma ladainha reconfortante. "Vá até a delegacia. Converse sobre a questão. Vai ficar tudo bem." Ele se empertigou. Eles disseram que haviam falado com os pais dele. Mas o pai de Jack estava em Boston. Era impossível que tivessem falado com ele. E a mãe dele teria insistido para levá-lo ela mesma à delegacia.

Foi então que caiu em si. Abriu os olhos. Hansford olhava firme para Jack, concentrando-se, e Jack conseguiu sentir o poder que emanava dele. "Vá até a delegacia, vai ficar tudo bem", a voz insistente dizia.

Os homens eram magos.

Jack respirou fundo, lutando contra o pânico. Acima de tudo, sabia que não podia revelar o que sabia sobre o jogo mortal que estavam jogando. Sua única vantagem era o fato de eles pensarem que ele era apenas um garoto destreinado do segundo grau.

"Deve ser a Rosa Vermelha." Pousou o olhar sobre Penworthy. Uma escola cheia de Penworthys não seria o suficiente para detê-los. Jack precisava de ajuda.

Jack se levantou.

— Acho que vou vomitar — anunciou ele, segurando a barriga. E não estava longe da verdade. — Preciso ir. Volto num minuto.

Os magos se agitaram, descontentes.

— Por que não vamos logo, Jack? — sugeriu Hansford. — Vai se sentir melhor assim que estiver ao ar livre.

— Estou falando sério — replicou Jack, erguendo a voz. — Vou vomitar.

Penworthy levantou-se num salto. O carpete do escritório era de uma pálida cor de pêssego.

— O banheiro é por aqui, na terceira porta. Vocês podem ir com ele, se quiserem.

Com relutância, Hansford e Sowicky seguiram Jack até o escritório externo. Will estava sentado em uma cadeira junto à porta e ergueu a cabeça quando Jack emergiu da sala de Penworthy acompanhado pelos dois "detetives". Will estava prestes a dizer algo, mas naquele momento Jack tropeçou no pé de uma cadeira e caiu praticamente no colo de Will. Com a boca junto ao ouvido de Will, Jack sussurrou:

— Will, estou com problemas. Encontre o Hastings, rápido. Conte pra ele.

Hansford e Sowicky agarraram um braço de Jack cada um, puseram-no em pé e o levaram para fora da sala.

Will ficou imóvel por um momento, atordoado. Hastings? O que ele tinha a ver com tudo aquilo? Mas Will se levantou rapidamente, lembrando-se do desespero no rosto de Jack.

— Onde está o senhor Hastings? — indagou ele à senhorita Prentiss, a secretária, que observava a saída de Jack e sua escolta com curiosidade.

— Não tenho a menor idéia — respondeu ela. — Sei que ele está no prédio, mas é semana de provas, então a agenda de todo mundo está um pouco...

Will ergueu a mão para conter o fluxo de palavras.

— Escute, é importante. Preciso achar ele agora mesmo.

Penworthy apareceu à porta da sala dele, endireitando nervosamente a gravata.

— Senhor Childers, não gosto do seu tom de voz. Quando virmos o senhor Hastings, avisaremos que o senhor está procurando por ele.

Will se voltou e olhou feio para o diretor, pondo a mão sobre o ombro dele. Dada a diferença de tamanho entre eles, o gesto era bastante ameaçador.

— Não estou brincando, senhor Penworthy. Se sabe onde ele está, precisa me dizer, ou... ou todo mundo vai se arrepender.

Tanto a secretária quanto o diretor encaravam Will, que nunca havia levantado a voz para ninguém.

Penworthy recuou um passo, engoliu em seco e pareceu encolher ainda mais.

— Não sei onde ele está. Talvez esteja ajudando em alguma das provas. O intercomunicador ainda está quebrado, por isso vai ter de procurar por ele.

— Quem eram aqueles homens e pra onde levaram o Jack?

— indagou Will.

— São policiais. Estão levando-o até o banheiro. Ele não estava se sentindo bem.

— Se virem o senhor Hastings, digam que Jack Swift precisa da ajuda dele.

Will girou nos calcanhares e correu para fora do escritório.

Parecia uma tarefa impossível. O prédio era imenso, e Hastings poderia estar em qualquer uma da centena de classes do colégio. Como as portas das salas não tinham janelas, seria necessário abrir uma centena de portas. Will seguiu rapidamente pelo corredor, escancarando portas, assustando supervisores e alunos fazendo prova, perguntando a todos que

via se sabiam do paradeiro de Hastings. Afinal, dobrou uma esquina e praticamente trombou com Fitch.

— Opa, cuidado aí, Will. Se atropelar alguém, pode haver mortos e feridos.

Fitch parou de rir quando viu o rosto de Will.

Will explicou a situação, apressado. O tempo passava, e ele não estava chegando a lugar algum.

— É o seguinte — disse ele a Fitch. — Você continue procurando pelo Hastings. Eu vou telefonar pra Linda. Ela me deu o número do celular dela. .

Correu até a fileira de telefones públicos do lado de fora da cafeteria e discou. Ela atendeu quase que de imediato. Pelo ruído de fundo, ela parecia estar no carro.

— Alô, aqui é o Will. O Jack está em algum tipo de encrenca. Ele me mandou procurar pelo senhor Hastings, mas não consigo encontrá-lo.

Houve um momento de silêncio. Então a voz de Linda vibrou no telefone.

— Onde o Jack está agora?

— Da última vez que eu o vi, estava saindo da sala do diretor com dois homens.

— Will, me escute. Estaremos aí assim que pudermos. Encontre o Hastings. — E ela desligou.

Os dois seqüestradores de Jack seguravam-no com força. As mãos deles queimavam-lhe a pele através da camisa. Jack achou que eles pudessem tentar forçá-lo a sair naquele momento mesmo. Vendo que o corredor estava lotado de estudantes, Jack se inclinou, queixando-se em voz alta de que se sentia mal. Alguém que Jack não identificou chamou por ele. Jack não olhou para trás. Os dois magos se encaminharam para o banheiro, aparentemente acreditando na palavra de Jack.

Hansford continuava tentando confundir-lhe a mente. "Você está bem, Jack", dizia a voz dentro de sua cabeça. "Coopere e vai ficar tudo bem." Uma vez no banheiro, Jack se trancou em uma das cabines e fez o maior barulho que pôde, simulando tentativas de vômito. Não fazia idéia do que Will faria com a mensagem dele. E se Will não conseguisse encontrar Hastings? Jack estava decidido a não ir a lugar algum com Hansford e Sowicky. Só que ele não parecia ter saída.

Os magos estavam ficando impacientes.

— Vamos — disse Sowicky, batendo na porta da cabine. — Está demorando muito.

— Só mais um minuto — respondeu Jack. — Não quero vomitar no carro de vocês.

— A gente não liga, Jack — disse Hansford. — É hora de ir. Seus pais devem estar se perguntando onde você está.

— Escutem — disse Jack em voz fraca. — Quem sabe eu vou com meus pais um pouco mais tarde. Depois da minha prova. Eles vão querer chamar o advogado deles, de qualquer maneira.

— Você não vai precisar de advogado — disse Sowicky com aspereza. — Porque vai ser uma coisa bem informal — apressou-se em acrescentar. — Agora saia, ou a gente entra pra pegar você.

Jack refletiu sobre suas opções. A porta de uma cabine de banheiro não seguraria os dois magos por muito tempo. Pensou em tentar um dos feitiços de ataque que Nick lhe ensinara. Sabia, contudo, que não era muito poderoso como mago, e não fazia idéia de quem estava enfrentando. Decidiu que seria melhor continuar a bancar o idiota até que estivessem fora do colégio, e então tentar pegá-los de surpresa em um local onde houvesse menos risco para outras pessoas e mais possibilidades de escapar.

Ele acionou a descarga e destrancou a porta. Mas, assim que saiu, Sowicky segurou-o pela garganta, prendendo-o contra o batente da porta, cortando-lhe o suprimento de ar e silenciando-o com eficácia. Jack ouviu Hansford pronunciar um feitiço, e foi como se metal quente lhe corresse pelas veias. Seus braços e pernas de repente pareciam pesados demais para que pudesse erguê-los. Um feitiço de imobilização, supôs Jack. Tarde demais.

Sowicky puxou-o para longe da parede e o jogou de bruços no chão; o joelho de alguém pressionava as costas de Jack. Seu braço foi torcido para trás com tanta força que teve medo de que seu ombro se quebrasse. O outro braço teve o mesmo destino, e algo se fechou ao redor de seus pulsos, ligando-os bem apertado.

O tempo passava devagar agora, e todos os sentidos de Jack estavam em alerta total. O fedor familiar do banheiro do colégio assaltava-lhe as narinas, o frio da cerâmica atingia o seu rosto arranhado. Havia sujeira no rejunte entre os ladrilhos cinza e vinho do piso, as cores do Colégio de Trinity. Ele teve uma fração de segundo para se perguntar se isso seria a última coisa que veria, se eles o matariam ali mesmo. Então compreendeu que eles provavelmente não atariam suas mãos se planejassem matá-lo.

— Acabou a brincadeira, Jack — sussurrou alguém.

Era Hansford. O cara legal. Eles o rolaram no chão de modo que ficasse deitado desconfortavelmente sobre os braços amarrados, olhando para o rosto deles, um de cada lado. Sowicky ergueu a camiseta e o colete de Jack para expor-lhe o peito.

Hansford retirou do colarinho da blusa um cone prateado, semelhante ao que a doutora Longbranch usava, só que menor. Colocou-o contra a pele de Jack e segurou-o lá por um momento. Em seguida, fez um gesto brusco de cabeça para o

parceiro e guardou o cone dentro da própria blusa. Jack tentou desesperadamente rolar para longe, mas não conseguiu nem se mover.

— Escute com atenção — disse Sowicky. — Vamos levar você vivo, já que vivo você vale uma fortuna e morto não vale nada. Venha com a gente por bem, e ninguém se machucará. Mas vamos matar qualquer um que se ponha no nosso caminho. Quero que pense nisso antes de fazer uma cena quando a gente sair.

Nesse exato instante, Jack ouviu a porta do banheiro se abrir. Ergueu os olhos e viu Leesha Middleton.

Ele tentou gritar, avisá-la para fugir.

Então se perguntou o que ela estava fazendo no banheiro masculino.

Ela fechou a porta atrás de si e veio na direção deles. Ajoelhou-se ao lado de Jack no piso de ladrilhos.

Leesha sorriu e despenteou o cabelo de Jack como se fosse sua dona.

— Então vocês o pegaram — disse ela.

Jack abriu e fechou a boca como um peixe fora d'água.

— Achei que você tinha dito que ele não era treinado — disse Hansford. — Não conseguimos detectar nenhum vazamento de magia. Tivemos de contar com a sua palavra.

— O que deveria ser o suficiente pra vocês. — Leesha deslizou as pontas dos dedos sob a camisa de Jack, afastando-a de cima do colete. — O que temos aqui? — Ela passou um dedo pelo colete. — Segredos não revelados? A gente acha que conhece uma pessoa...

Jack estava pensando mais ou menos a mesma coisa.

Leesha se sentou no chão ao seu lado e deitou a cabeça dele em seu colo, acariciando-lhe suavemente o rosto.

— Não está tão bonito quanto da última vez que eu vi você. Parece que o meu namorado deu uma surra em você. É bem-

feito, por ter boicotado minha festa. — Ela suspirou de modo dramático. — Oh, Jack, que tola eu fui.

"Eu também."

— Quem é você? — murmurou Jack. Ele queria poder se mover, um pouquinho que fosse, para aliviar a tensão nos braços. — Para quem você trabalha? — Cada pergunta fazia com que ganhasse um pouco mais de tempo.

— Eu? Sou maga. A doutora Longbranch me contratou para manter um olho em você no outono passado. Não entendi por que Longbranch considerava você digno de ser observado, então decidi descobrir. Trabalhei duro com você, Jack. Arranquei todos os seus segredos tediosos, mas escolhi a hora errada. Na época, você era totalmente ignorante e não tinha nada a me dizer. E Longbranch mantinha você dopado com Antiweir, por isso seu corpo não vazava magia também.

Jack não se lembrava muito de seus encontros com Leesha. Um borrão bastante prazeroso e nada mais.

— Agora trabalho pra mim mesma — continuou Leesha. — E mereço o que conseguir desta vez, pode acreditar. Presa neste fim de mundo, sendo legal com caipiras e idiotas. Se bem que nem tudo foi desagradável. — Ela se inclinou e beijou-o. — O que me lembra...

Ela remexeu na bolsa com uma mão e sacou um pequeno frasco. Tirou a rolha com os dentes. Segurando o maxilar de Jack, forçou-o a abrir a boca e despejou o conteúdo, massageando-lhe a garganta para que engolisse a maior parte. Parecia ter prática naquilo.

O gosto era familiar. Leesha confirmou:

— Antiweir. Pra impedir que o guerreiro apronte alguma sacanagem. Alguns minutos até fazer efeito, e vamos embora.

— Como você... como descobriu?

— Bem, devo dizer que a mudança física atraiu meu interesse. E então Leander Hastings apareceu em Trinity, o que indicava que algo estava acontecendo.

— Conhece o Hastings?

Leesha chegou mesmo a estremecer.

— Aquele traidor de coração mole? Todos nós conhecemos. Depois que ele chegou, vocês estavam sempre juntos. Então resolvi pôr alguma coisa na sua bebida na festa, levar você até uma sala nos fundos e ver o que conseguia descobrir. Quando você não apareceu, saí procurando por você. E qual não foi a minha surpresa quando vi você jogar o coitado do Garrett de um lado pro outro no estacionamento. — Ela deu um tapa na própria testa. — Era tão óbvio!

Hansford pigarreou.

— Falando no Hastings, acho melhor a gente ir.

— O que vão fazer comigo? — indagou Jack rapidamente. Leesha estava se divertindo, demonstrando o quão estúpido ele havia sido. Talvez ele pudesse adiar o inevitável um pouco mais.

— Depende. As duas Casas estão ansiosas... ou melhor dizendo, desesperadas pra pôr as mãos em você. Isso deve subir o preço.

— Vocês são mercadores — disse Jack, entendendo enfim.

— Você quer... me vender.

Jack sentiu o estômago se contrair e pensou que vomitaria de verdade. Só que, deitado de costas como estava, incapaz de se mover, ele provavelmente se afogaria. Jack varreu o pensamento da mente.

— Isso mesmo, Jack. Um negócio como esse e nunca mais vamos precisar trabalhar — disse Sowicky. — Você é o que chamamos de uma mercadoria especial.

Chega de passar horas em bibliotecas empoeiradas e tribunais de cidadezinhas, chega de arrancar adivinhos e feiticeiros medíocres de suas tocas pra vender por uma mixaria.

— Acho que ele está pronto. — Leesha se levantou e sacudiu o pó da saia. — Preciso ir, Jack. Alicia Middleton não quer ter nada a ver com um suspeito de tráfico de drogas. Mas vejo você mais tarde. Prometo.

Ela se olhou no espelho, retocou o batom, empurrou a porta e foi embora.

Hansford e Sowicky agarraram um braço cada um e puseram Jack em pé, de maneira que ele pendia entre os dois, impotente.

— Agora vamos sair daqui, rápido e em silêncio — disse Sowicky.

Sowicky pronunciou um feitiço, e Jack sentiu a energia voltando a fluir. Jack esperou um segundo, então baixou a cabeça e arremeteu contra a barriga de Sowicky. O mago caiu de mau jeito, batendo a cabeça contra a parede com um barulho considerável. Jack se retorceu e pulou alto, chutando com o pé direito a virilha de Hansford. Entretanto, com as mãos atadas, Jack não pôde controlar a queda e bateu forte contra a quina da pia. A Antiweir estava funcionando, embotando-lhe os reflexos, pondo-lhe os instintos físicos em desordem.

Alguém, provavelmente Sowicky, agarrou-o pelo cabelo, forçando-lhe a cabeça para trás e para dentro da pia. O mago abriu a torneira ao máximo. Jack estava se afogando, cuspidando e arfando, inspirando água em vez de ar. Sowicky cravou os dedos em seu torso, rasgando-o por dentro com seu poder. Quando Jack tentou gritar, apenas engoliu mais água. Ele se contorceu e girou, mas não pôde evitar o toque do mago.

Depois do que pareceu uma eternidade, eles ergueram-lhe a cabeça da pia e o atiraram de joelhos no chão. Sowicky

atingiu-o com força nas costas, e Jack vomitou água sobre os ladrilhos, tanto pelo nariz quanto pela boca. As mãos dos magos sob suas axilas o impediam de cair de rosto no chão.

— Incrível, não é, quanto se pode machucar uma pessoa sem causar nenhum dano real — disse Hansford com suavidade.

— Esta é apenas uma demonstração sem grande refinamento, Jack. A gente sabe como fazer você se arrepender de um modo como você nunca imaginou ser possível. Não se meta conosco.

Eles ergueram Jack outra vez. Segurando firme cada braço, praticamente carregaram-no para fora do banheiro. Jack notou com alguma satisfação que Hansford estava mancando feio.

Jack examinou o corredor com os olhos o melhor que pôde, os olhos ainda escorrendo a água em que o haviam submergido e que ele não conseguia secar. Havia ainda um bom número de estudantes por ali. O zumbido de conversas parou gradualmente quando aqueles que vagabundeavam no corredor notaram o trio andando em direção à porta, os dois homens arrastando o prisioneiro entre eles, Jack com o cabelo pingando e colado à cabeça, as mãos amarradas às costas. As pessoas no corredor abriram caminho para eles, os estudantes recuaram para junto dos armários de ambos os lados como se desejassem se esconder dentro deles. Alguém disse o nome de Jack em uma voz baixa e assustada. Ele não viu quem era.

Então ele viu Will e Penworthy junto à porta do escritório. Jack se perguntou o que Will estava fazendo ali, se havia conseguido achar Hastings, mas não quis lhe perguntar na frente dos mercadores. Penworthy estava boquiaberto. Os dois magos avistaram o diretor, e Hansford pareceu em dúvida sobre oferecer-lhe ou não uma explicação. No final, ele disse, bem alto para que todos ouvissem:

— Sinto muito. Ele meio que pirou lá dentro. Devem ser as drogas. Está tudo bem agora.

Will deu um passo na direção deles.

— Jack, o que está acontecendo? — Falava em voz baixa, mas tinha os punhos cerrados e parecia prestes a atacar assim que a ordem fosse dada.

— Não, Will. — Jack sacudiu a cabeça, lembrando-se muito bem da promessa dos magos no banheiro. — Está tudo bem. Vai ficar tudo bem. Eu preciso ir com eles.

Will avançou outro passo, ameaçando bloquear-lhes o caminho. A porta da rua se abriu, e a mãe de Jack entrou em passos firmes, com tia Linda logo atrás. Jack praguejou baixinho. O que elas estavam fazendo ali? Becka olhou de Penworthy para a cena de Jack sendo arrastado para fora pelos dois magos. A expressão no rosto dela era perigosa. Mas foi Linda quem falou.

— Parem aí! — ordenou aos mercadores.

Eles se detiveram, encarando-a, como que surpresos demais para fazer outra coisa além de obedecer.

Becka se virou para o diretor.

— Leotis, acho que você me deve uma explicação.

Leotis Penworthy parecia mais nervoso do que nunca. Ele fez um gesto na direção dos dois homens.

— Becka, estes são o senhor Hansford e o senhor Sowicky, do departamento de polícia. Eles precisam fazer algumas perguntas ao Jack. Pensei que você fosse se encontrar com eles na delegacia.

— Eu não sabia nada a respeito disso até que Will Childers me telefonou, 15 minutos atrás. — Jack reconheceu o tom de advogada de Becka. — Quero saber o que está acontecendo aqui.

O coração de Jack se contraiu. A mãe nunca seria intimidada pela polícia. Ela jamais permitiria que eles o levassem sem desafiá-los. Becka podia ser uma temível adversária num tribunal, mas não era páreo para magos. E Linda estava ao

lado da irmã, tendo o pleno conhecimento do perigo estampado em seu rosto, tentando decidir o que fazer. "Por favor, meu Deus", rezou Jack. "Isso não." Só ele poderia impedir aquilo.

Concentrou-se na mãe.

— Mãe, me escute. Estes homens não são da polícia.

Ela olhou para Jack, então desviou o olhar para os dois magos. Sowicky segurou o braço de Jack com mais força, em aviso. Becka colocaria de lado quaisquer preocupações sobre a própria segurança, por isso ele usou o único argumento que sabia que a convenceria.

— Eles vão me matar se você interferir. Eles podem fazer isso num segundo. Minha única chance é se você me deixar ir com eles. Estou falando sério.

— Jack — sussurrou ela, a voz falhando na única sílaba —, por favor. Isso tem de ser algum engano. Vocês pegaram a pessoa errada. Não o machuquem.

Jack percebia o movimento atrás dele, o leve deslocamento de corpos que lhe dizia que ainda havia estudantes no corredor.

— Por favor, mãe. Tia Linda. Deixem-me ir. Façam isso por mim.

Pousou os olhos em Linda, torcendo para que ela também permanecesse onde estava. Ela estudava os dois magos, medindo-os.

— Levem-me no lugar dele — sugeriu Linda. — Devo valer alguma coisa para o Mercado.

Só a voz dela já era o bastante para derreter corações, e agora Linda brilhava, como se estivesse iluminada por dentro. Jack sentiu uma súbita pressão de poder na direção dos dois magos. Os mercadores praticamente cambalearam diante dessa pressão.

Hansford lançou a mão livre na direção de Linda, e ela voou de costas, atingindo a parede, com força. Ela deve ter perdido

a concentração com o impacto, pois o efeito do feitiço se desfez de imediato. Ela ficou lá caída, tonta, por um momento.

— Vamos levá-la conosco — pediu Sowicky a Hansford, que parecia estar no comando. — A gente troca o menino e fica com a encantadora. Ninguém precisa ficar sabendo.

Becka olhou para Sowicky e então para Linda, franzindo a testa.

Hansford sacudiu a cabeça.

— Não. Não quero mais saber de encantadores. Antes que você perceba, ela nos faria cortar a garganta um do outro. Já vamos ter trabalho suficiente com este aqui. Vamos embora antes que ela comece de novo com aquilo.

Os dois homens pareciam nervosos, como se pudessem perder o controle a qualquer momento.

— Vamos — disse Jack com urgência, torcendo para tirá-los dali antes que mudassem de idéia sobre Linda.

— Que bom que resolveu ser razoável — resmungou Hansford, empurrando-o na direção das portas da frente.

"Pelo menos até eu chegar ao estacionamento", pensou Jack. A idéia de ser leiloado para as Rosas o fez estremecer. "Vou fazer com que me matem primeiro", prometeu ele para si mesmo, em silêncio.

Quando atravessaram as portas de saída, o calor e a luz do dia de verão atingiram Jack como um golpe físico, desorientando-o por um momento. Alguém gritou:

— Abaixese, Jack!

Com uma espécie de grito de guerra, ele se livrou dos magos e se jogou para trás no asfalto, aterrissando dolorosamente sobre os braços amarrados, arranhando as mãos no concreto áspero. No mesmo instante, algo zuniu pelo ar, logo acima da cabeça dele, algo com cheiro de fogos de artifício e ozônio.

Alguém gritou. Hansford ou Sowicky. Ambos, esperava Jack. Ergueu a cabeça.

Hansford jazia de bruços no concreto em frente à porta. Havia sido cortado quase que pela metade, seu corpo contorcido de um jeito incompatível com algo vivo. Sangue se espalhava em uma poça ao redor dele. Sowicky estava em pé ao lado dele, pernas afastadas, olhando para todos os lados em busca da fonte do ataque. O mercador moveu o braço em um arco horizontal, lançando chamas em todas as direções, murmurando feitiços em desespero. Ele se curvou de leve, tentando alcançar Jack onde este jazia no chão, agarrando-o pela frente da camisa, tentando colocá-lo em pé e usá-lo como escudo.

Então houve uma forte rajada, uma explosão sônica, que deixou os ouvidos de Jack zumbindo. Sowicky levantou vôo, braços e pernas esticados, levando a frente da camisa de Jack com ele. Colidiu com um carro a meio caminho do lado oposto do estacionamento com um ruído pavoroso. Sowicky caiu imóvel sobre o capô do carro.

Leander Hastings passou por Jack e cutucou Hansford com o pé. Jack não tinha dúvidas de que Hansford estava morto, e era difícil de acreditar que Sowicky pudesse ter sobrevivido àquela aterrissagem também. Hastings se ajoelhou ao lado de Jack.

— Você está bem?

O rosto de Hastings estava sombrio, feroz.

— Estou bem — disse Jack, rouco.

Jack rolou para o lado. Agora estava de frente para o mago morto, sangue e carne espalhados pelo chão.

— Ótimo. Não temos muito tempo.

Hastings passou os olhos rapidamente pelo estacionamento, depois estendeu as mãos sobre o mago aos seus pés. Murmurou algumas palavras, e a energia jorrou-lhe dos

dedos. O corpo tremeluziu e pareceu se desfazer diante dos olhos de Jack, dissolvendo-se e infiltrando-se no asfalto. Jack fechou os olhos, tremendo. Após um instante, ouviu Hastings se afastar dele para cuidar do outro mercador.

Jack queria ficar onde estava, mas usou as mãos esfoladas e feridas para se sentar. Não havia sinal de Hansford, nenhuma mancha de sangue no asfalto. Era como se ele houvesse sonhado tudo aquilo. Com esforço, pôs-se em pé. Os limites do estacionamento tinham a aparência enfumaçada que indicava uma muralha mágica. O mundo além dela era indistinto. Hastings estava voltando para junto dele, tendo se desfeito do outro corpo.

— O que... que você fez com eles? — gaguejou Jack.

— Estão 15 metros abaixo da superfície. Isso deve ser fundo o bastante. — Ele era duro, frio, implacável, assustador, mas, quando se voltou para Jack, a expressão em seu rosto se suavizou.

Hastings segurou-lhe os cotovelos com cuidado e virou-o. Fechou as mãos sobre as algemas nos pulsos de Jack. Jack sentiu uma pulsação de energia no antebraço, e suas mãos estavam livres. Moveu os ombros em círculos, gemendo de dor. Hastings pousou as mãos sobre eles; o poder infiltrou-se até os músculos, e a dor diminuiu. Jack ouviu a voz do mago atrás dele, inesperadamente gentil.

— Está tudo bem, Jack. Você está a salvo por ora.

Por alguma razão, o gesto trouxe lágrimas aos olhos de Jack, e ele se viu tremendo. As mãos permaneceram, acalmando-o.

— Leesha Middleton ainda está lá, acho. Ela trabalha pra doutora Longbranch. Só que é mercadora. Ela sabe quem você é. — Jack sabia que estava falando de modo descontrolado, mas não conseguia evitar.

— Está tudo bem. Ela provavelmente já se foi. Vou ser a menor das preocupações dela quando a Jessamine descobrir o que ela andava tramando.

Jack se deu conta de que estava ouvindo um som de pancadas repetidas, como alguém batendo nas portas duplas da escola por dentro. Jack se virou para encarar Hastings e viu um sorriso cruzar de leve o rosto do mago.

— Pensei que você nunca ia sair de lá. Eu não queria começar nada lá dentro, com todas aquelas pessoas. — Hastings gesticulou em direção às portas. — Eu pus uma barreira, para impedir que eles se metessem. Suponho que eu os deva deixar sair antes que a polícia chegue. Está pronto para lidar com eles?

Quando Jack assentiu, Hastings disse:

— Apenas finja que está em choque e deixe que eu dou as explicações. As pessoas não vão esperar coerência de você nesse momento, de qualquer jeito.

De algum lugar não muito distante, Jack ouviu o som de sirenes.

Hastings desfez a muralha mágica e, de repente, as sirenes soaram muito mais alto. Ele fez um gesto em direção ao prédio da escola, pronunciou um feitiço. As portas duplas se escancararam, e Will Childers veio voando por elas, obviamente surpreso quando elas cederam de súbito sob seu ombro. Por pouco não caiu de cara no chão. Becka e Linda vinham logo atrás dele.

Becka soltou um grito quando viu Jack. Ajudou-o a subir os degraus da entrada e fez com que se sentasse. Ela e Linda sentaram-se uma de cada lado dele, cada uma segurando uma de suas mãos ensangüentadas, sujando assim as próprias roupas, mas sem parecer se importar.

Hastings ficou na calçada, fitando Linda. Ela ficava olhando para ele e depois desviando o olhar para longe quando ele a

flagrava, em uma espécie de luta de esgrima, ataque e defesa, entre eles. Jack se lembrou do que Nick dissera. "Eles não se vêem há anos."

Fitch aparecera do nada. Ele e Will ficaram de lado, sem dizer nada, ainda alertas, esperando que alguém lhes desse alguma explicação.

Três carros da polícia entraram cantando pneu no estacionamento. Policiais uniformizados saíram dos carros, de armas em punho.

— Eles foram por ali — disse Hastings, apontando para as quadras de esporte nos fundos da escola.

— Dois homens vestindo jeans e blusas de abrigo. Um loiro e o outro moreno. Podem estar armados.

Mais carros da polícia chegaram, e policiais passaram por eles, espalhando-se como um enxame pela quadra esportiva e avançando para a vizinhança. Uma multidão de curiosos crescia, estudantes e professores que haviam deixado a escola, além daqueles que chegavam para as provas da tarde. Dois policiais reuniram todos no estacionamento dos professores, atrás de uma barreira de fita amarela. "Todos os policiais de Trinity devem estar aqui", pensou Jack. A força policial simplesmente não era tão grande assim. Ele deixou Becka e Linda cuidarem dele, evitando contato visual com todos.

— Você está bem, Jack?

Jack levantou a cabeça e viu um homem corpulento de cabelos cor de areia e bigode. Era o tio de Will, Ross Childers.

— Só arranhado. E esfolado, acho.

— Gostaria de lhe fazer algumas perguntas que possam nos ajudar a pegar esses caras. E você vai ter de ser examinado.

— Ele olhou de relance para Becka. Ela pousou a mão no ombro de Jack, como para protegê-lo.

— Você conhecia aqueles homens, Jack?

Ele sacudiu a cabeça.

— Nunca os vi antes. — "Verdade".

— Algum motivo por que alguém ia querer pegar você? Você se meteu em algum tipo de encrenca?

Ele sacudiu a cabeça de novo. "Mentira."

— Becka? Você recebeu alguma herança ou coisa assim? Fez novos inimigos no tribunal?

Ela pensou a respeito antes de responder:

— Nenhuma herança. Ninguém em particular me vem à cabeça.

— Como foi que você escapou, filho? — perguntou ele.

Alguém falou por cima do ombro de Jack, respondendo à pergunta por ele. Era Hastings.

— Will Childers me disse que estava havendo um problema no escritório. Vim até o corredor e vi o que estava acontecendo. Então saí pela porta lateral e dei a volta pela frente, na esperança de surpreendê-los quando saíssem, e foi o que eu fiz. Jack conseguiu escapar na confusão, e eles fugiram. — "Tudo verdade, a não ser por aquela última parte".

— Foi isso mesmo, Will? — Ross fixou os olhos cinzentos no sobrinho.

Will concordou, com um gesto de cabeça, olhando de relance para Hastings.

Becka levantou-se e abraçou Hastings.

— Senhor Hastings, não tenho palavras para expressar minha gratidão — disse ela. — Se não fosse pelo senhor, não sei o que teria acontecido.

Linda sorriu hesitantemente para Hastings e estendeu-lhe a mão.

— Obrigada, Lee.

Ele tomou-lhe a mão, encarando-a. Era como assistir a uma tempestade elétrica em pequena escala entre duas pessoas.

Nos dias que se seguiram, uma versão da história foi divulgada. Os seqüestradores haviam abandonado no estacionamento da escola uma van que havia sido roubada naquela tarde em um shopping center em Cleveland. Houve uma série de encontros acalorados entre Becka, a polícia e Penworthy. Por que o diretor não exigira melhores identificações dos policiais falsos? Por que não telefonara a Becka quando surgira a questão de vistoriar o armário de Jack? Penworthy não conseguia explicar nada disso. Jack chegou a ficar com pena do homem. Fossem quais fossem os seus defeitos, o diretor não tinha defesa contra magia.

Leesha Middleton nunca voltou à escola. Houve alguma preocupação de que ela pudesse ter se envolvido com os seqüestradores, mas então se soube que os pais dela a haviam transferido para uma escola particular em Boston, onde ficaria mais segura.

A polícia continuou interrogando Jack, que se aferrou à sua versão da história, mas tinha consciência de que, na opinião do tio de Will, algumas coisas não se encaixavam. A advogada Becka acompanhava aquelas sessões de pergunta e resposta e, de vez em quando, passava o braço ao redor de Jack e murmurava:

— Ele é a vítima aqui, Ross, lembra? De sua parte, Jack gostaria de ter a habilidade de Hastings de se desviar de perguntas.

A tia de Jack também era hábil em esconder o jogo.

Cada testemunha lembrava a oferta de Linda, de ser trocada por Jack, de um jeito diferente. Alguém até se lembrava de ela ter mencionado o Mercado, e de os seqüestradores falarem algo sobre "encantadores", mas ela encarou Ross com um ar perplexo quando ele mencionou o assunto.

— Ross, como é que eu posso saber do que eles estavam falando? Nem faço idéia do que eu disse. Eu só estava tentando convencer os caras a soltarem o Jack.

A história criou um certo estardalhaço na mídia local e até apareceu em algumas reportagens nacionais. Equipes de vídeo de emissoras de Cleveland acamparam em frente à casa deles por alguns dias, mas por algum motivo nenhuma das cenas que filmaram foi transmitida. Linda persuadiu Becca e Jack a se mostrarem rigorosamente inacessíveis aos repórteres, na esperança de que a história morresse logo. Seria um desastre se a notícia do ataque chegasse a Jessamine Longbranch.

Jack acabou conseguindo fazer todas as provas da semana. Todos os dias Hastings ou Nick o levavam de carro para a escola, esperavam no corredor fora da sala de exame e depois o traziam de volta para casa. Will, Fitch e Ellen iam à casa de Jack quase todas as noites para estudar. Havia sempre um mago ao alcance de seus olhos.

Jack se sentia numa prisão. Ele sempre andara livremente por toda a cidade de bicicleta ou a pé, e, mais recentemente, de carro. Agora não podia se mover sem uma escolta. Todo o tempo sabendo que, se a Rosa Vermelha não conseguisse capturá-lo, iria atrás das pessoas a quem amava.

Will, Fitch e Ellen eram os únicos amigos que Jack queria ver, os únicos que não lhe faziam centenas de perguntas, que não tinham planos secretos. Mas ele sabia que, passando tempo com eles, colocava a vida deles em perigo.

Era impossível conseguir um momento a sós com Ellen. Aqueles eram provavelmente os últimos momentos que teriam juntos, e o tempo se esgotava.

As lições de Jack com Hastings foram suspensas; assim Jack pôde passar horas com Nick afiando suas habilidades como mago. Ele ficara perturbado com a facilidade com que os

mercadores o haviam imobilizado. Agora se concentrava em defesas contra feitiços.

— A chave para a defesa contra a magia é ficar alerta — aconselhou-o Nick. — O feitiço falado é como qualquer outra arma. Uma adaga, por exemplo. Se o seu inimigo pegar você desprevenido, ele pode enfiar a adaga entre as suas costelas antes que você tenha tempo de reagir. Se um mago lança um feitiço, você precisa pronunciar o contra-feitiço antes que o dele faça efeito. Se não conseguir, precisa interromper o feitiço. Caso contrário, você talvez não tenha outra chance. Felizmente, é muito mais fácil bloquear um feitiço do que lançar um.

Isso era uma boa notícia para Jack, cujos poderes como mago eram limitados. Ele passou horas revisando feitiços e contra-feitiços.

Na noite do último dia de provas, Jack estava deitado na cama lendo ficção científica, tentando se distrair, feliz por haver terminado os estudos naquele dia, quando escutou uma leve batida na porta de seu quarto.

Era Becka.

— Posso falar com você um minuto?

Quando ele fez que sim com a cabeça, ela entrou e se sentou ao lado dele na cama.

— Jack, eu estava pensando... — Ela retorceu as mãos no colo, girando no dedo o anel de opala que pertencera à avó dela. — Tem alguma coisa sobre a qual você gostaria de conversar?

Jack pôs o dedo no livro para marcar onde interrompera a leitura e se sentou mais ereto.

— Como assim?

— É que... você parece diferente. Como se estivesse tenso. Você sempre foi... temperamental, mas ultimamente perde a cabeça por coisas que antes não costumavam aborrecer você.

De repente, você começou a fazer exercícios o tempo todo. — Ela estendeu a mãos e tocou-lhe gentilmente o bíceps. — Não que haja algo de errado nisso, mas você nunca se interessou por fisiculturismo antes... — A voz dela sumiu. — E... agora isso que aconteceu na escola.

Ela engoliu em seco.

— Eu sei que seu pai e eu sempre estivemos ocupados com mil coisas, mas você nunca foi de criar problemas. Você parecia estar bem, apesar do divórcio. Mas agora...

— Qual é, mãe? — disse Jack, sentindo-se desconfortável. — Vocês não me abandonaram ou coisa assim.

— Eu sei que tenho uma... personalidade forte. — Becca olhou-o de esguelha. — Mas quero que saiba que você pode me contar qualquer coisa.

— Está bem — disse Jack com cautela. — Qualquer coisa. Vou me lembrar disso.

— Então, tem alguma coisa que gostaria de me contar? — Becca ergueu os olhos das próprias mãos para Jack.

Jack suspirou, pois estava preso a uma mentira gigantesca que não podia largar. Nunca poderia largar. Iniciou com uma verdade.

— Eu amo você, mãe — E terminou com uma mentira. — Tenho certeza de que tudo está bem agora.

Algum instinto a impedia de se convencer. O olhar que ela lhe dirigiu dizia isso.

— Sabe, Jack, estou com medo. Quase perdi você quando você era bebê. Isso teria partido o meu coração, porque eu ficaria sempre imaginando como você seria ao crescer. Mas... se eu perdesse você agora, seria muito pior. Porque agora eu sei como você é especial para mim.

Ela sorriu com tristeza, beijou-o e saiu do quarto.

Linda começava a concordar com Jack: ir para a Inglaterra não seria muito mais arriscado do que ficar em Trinity.

Embora fosse do conhecimento de todos que eles iriam, Linda não queria que ninguém soubesse exatamente quando ou como. A tentativa de seqüestro foi uma bênção disfarçada, pois permitiu que ela convencesse Becka a concordar com seus planos. Eles finalmente decidiram que a partida seria uma semana antes do que fora marcado, e que partiriam do aeroporto de Pittsburgh em vez do de Cleveland.

A Sociedade Chauceriana também se preparava para sua viagem ao exterior. Dez membros iriam, com os pais de Will como responsáveis. Fitch andava ocupado tirando livros da biblioteca e fazendo buscas on-line, estudando todos os aspectos da história e da cultura britânicas. O entusiasmo dele era contagioso. Até Jack foi ficando mais entusiasmado com os planos de verão.

Hastings e Linda se encontraram várias vezes naquele período, quando o professor de Jack o buscava em casa ou o trazia da escola, ou passava para uma visita. Eram sempre polidos e corteses um com o outro, mas Jack sentia uma carga de energia no ar quando estavam juntos, como um aquecedor ligado em um dia abafado. Hastings parecia pouco confiante, o que não lhe era característico. Jack às vezes notava-o em pé, observando-a intensamente, a mão segurando o antebraço oposto, como que tentando solucionar um problema.

Quando chegou a hora de Jack fazer as malas para a viagem, não conseguiu se convencer a deixar a Sombra Assassina para trás. Pôs a espada no estojo, que guardou dentro de uma grande mala de mão, lançando um feitiço simples sobre ela para que ninguém mais pudesse abri-la. Jack começava a ver como seus dons lhe poderiam facilitar as coisas, especialmente em se tratando de lidar com os Anaweirs.

Ao arrumar suas outras armas mágicas, Jack lembrou-se de que não havia olhado no espelho de Blaise desde a noite que

Nick o devolvera a ele. Tirou o invólucro de couro e revirou-o nas mãos. Enfim, espiou dentro do vidro nebuloso.

A imagem clareou, revelando a nave de uma igreja medieval. Velas derretiam nos cantos, pouco eficazes contra a escuridão. Um corpo jazia em um colchão rústico no chão, coberto por um cobertor áspero. Estava cercado por uma guarda solene de guerreiros. Duas mulheres se ajoelhavam junto ao corpo, as cabeças baixas, rezando; suas vozes suaves eram o único som em meio ao silêncio. Demônios espreitavam nas sombras, circundando o esquife, avançando e recuando. A oração das mulheres mantinha-os a distância.

Jack apertou os olhos, tentando ver quem eram as pessoas. A cena com certeza era do passado. Entretanto, as mulheres pareciam estar vestindo roupas modernas. A imagem se desfez, substituída pelo reflexo do rosto de Jack.

"Obscuro como sempre", pensou Jack. Totalmente inútil. Ainda assim, ele enfiou o espelho de Blaise dentro da mala de mão. Toda ajuda era bem-vinda.

Nick ficaria mais duas semanas para fazer parecer que a casa estava ocupada, então se juntaria a eles em Oxford. O velho zelador não parecia muito entusiasmado com a idéia de visitar a Inglaterra.

— Lá é muito barulhento — explicou o mago a Jack. — Vai ver o que quero dizer quando chegar lá. Além disso, a comida é ruim. Os ingleses nunca aprenderam a arte da sobremesa.

— Queria que fosse conosco — admitiu Jack. — Mais do que nunca, preciso de alguém para zelar por mim.

— Apenas se lembre de quem você é, Jack — disse o velho.

— O mundo vai tentar transformar você em outra pessoa. Não deixe. E o melhor conselho que qualquer um pode dar a você.

Jack não contou sobre a mudança de planos a ninguém, nem mesmo a Will, Fitch ou Ellen. Mas ele os convidou para jantar na noite anterior à verdadeira partida. Todas as malas estavam

feitas e escondidas, tudo pronto para a manhã seguinte. Eles comeram do lado de fora, na varanda. Tia Linda manteve todos rindo com suas imitações satíricas de várias personalidades de Trinity. Normalmente, Becka tentava conter a irmã irreverente, mas naquela noite ela riu com todos os outros. Nicodemus Snowbeard contou uma história muito antiga e romântica sobre reis e rainhas, mal-entendidos e amor não correspondido. O herói Leander Hastings estava lá como convidado especial, e ele e Becka entraram numa acalorada discussão sobre arte medieval que fez os outros lhes implorarem por uma trégua.

— Está bem — disse Becka, inclinando o queixo e erguendo o copo. — Desisto, mas não concedo. Gostaria de propor um brinde a Will Childers, Harmon Fitch e Leander Hastings, todos bravos homens, que ajudaram a salvar a vida do meu filho.

Hastings ergueu o copo, sorriu para Becka, e uma certa suspeita insinuou-se nas margens da consciência de Jack.

— Talvez nos encontremos na Inglaterra, então — disse o mago.

Ao anoitecer, Snowbeard acendeu os lampiões no corrimão da varanda, e os vaga-lumes reluziram nas sombras sob as árvores.

Parecia haver um pouco de magia em todos naquela noite. O ar estava impregnado dela. Jack se recostou numa cadeira de vime contra a casa, calado e alerta a tudo aquilo. Linda e Hastings sentaram-se juntos no balanço, a uma pequena distância, e conversavam. Will e Fitch jogavam uma bola de um para o outro no quintal, a esfera branca quase invisível na luz que diminuía. Jack teve a sensação melancólica de que algo importante estava mudando ou morrendo, que eles talvez nunca ficassem juntos de novo daquele jeito.

Ellen estava sentada na cadeira em frente à dele. Vestia uma longa saia volumosa e um suéter branco sem mangas. Jack não se lembrava de tê-la visto com outras roupas além de calças antes. Desde que o tempo ficara mais quente, a pele dela ganhara uma rica cor dourada por conta do trabalho no jardim. Jardinagem parecia fazer bem a ela, pois ela parecia muito... em forma, pensou Jack.

— Eu gosto da sua mãe — disse Ellen, em tom melancólico. Jack olhou de relance para onde Becka estava agora, mergulhada numa conversa com Hastings e Linda.

— Ela é bem intensa às vezes — disse ele.

— É, sim — disse Ellen. Ela nunca exigia longas explicações. Ela balançou as pernas, os dedos nus dos pés aparecendo sob a saia. — Esta cidade é legal. — Ela olhou para a rua Jefferson, onde as lâmpadas a gás começavam a brilhar. O som das crianças brincando vinha de longe no ar suave. — Queria que você não fosse para a Inglaterra.

— É, eu sei. — Jack fitou a rua. Ellen estava de partida para o Wisconsin no dia seguinte e provavelmente não voltaria no outono. — Você também vai embora, e nem sei se você vai voltar.

— Pois é — disse ela.

Becka se aproximou.

— Quer mais alguma coisa pra beber, Ellen?

— Não. — Ellen se levantou. — Preciso ir. Ainda tenho de acabar de arrumar as malas. Obrigada por me convidar, senhora Downey. O jantar estava ótimo. Espero que tenha um verão maravilhoso.

Jack desceu os degraus com ela até as sombras ao lado da varanda.

Ellen tomou as mãos dele nas dela.

— Adeus, Jack. Tome cuidado.

Ela o soltou, mas Jack segurou-lhe o pulso e puxou-a para si. Trazendo-a para perto, inclinou-lhe o rosto para cima e a beijou. O primeiro beijo de verdade entre eles e, como ele não queria que fosse o último, beijou-a de novo, sem pressa, perguntando-se por que havia esperado tanto tempo. Quando finalmente se separaram, Ellen permaneceu no lugar, os olhos fechados, o rosto voltado para cima. Como se quisesse prolongar o beijo também.

Pousando a testa contra a dela, ele disse:

— Tchau, Ellen. Mando um e-mail pra você quando chegar lá. Ela engoliu em seco e se virou. Jack ficou observando enquanto ela atravessava o gramado, o suéter branco pálido contra a escuridão, até que ela dobrou a esquina.

Capítulo Doze

A Visita à Doutora Longbranch

Linda havia reservado quartos para ela mesma, Jack e Becka em um hotel pequeno e elegante em Thurloe Place, junto ao Museu Vitória e Alberto e aos Kensington Gardens. O quarto de Jack era iluminado, arejado e dava para um jardim. Ele escancarou as portas do jardim e respirou fundo. Rosas. Empurrou a bolsa com a espada para baixo da cama, pôs feitiços de proteção em torno do quarto e caiu, exausto, na cama.

Desde o momento em que o avião pousara, Jack se sentira dominado por uma sensação de estar de volta ao lar, apesar de nunca ter estado na Inglaterra. As placas de rua, passando pelos ônibus e os gramados, até a arquitetura, tudo lhe parecia incrivelmente familiar. O que era mais desconcertante era o murmúrio constante, uma cacofonia de vozes de Weirlinds mortos havia muito tempo. Estavam em todos os lugares,

chamando dos cemitérios de igrejas, dos jardins e dos edifícios antigos.

— Bem-vindo, guerreiro — sussurravam elas.

Jack começava a entender o que Nick quisera dizer com barulho. Não se sentia como se houvesse entrado na cidade despercebido.

Após desfazerem as malas, ele e Becka almoçaram no restaurante do hotel. Linda tinha outros negócios a resolver, pelo que dissera. Embora tivessem viajado a noite toda, Becka estava cheia de planos.

— A Harrods é logo aqui, subindo a rua; temos de ir lá. Podemos ir a pé até o Palácio de Kensington, ver os jardins e o lago Serpentine, e caminhar pela Rotten Row. — Ela sacudiu o garfo no ar. — Amanhã vamos até o Palácio de Buckingham de manhã, e quem sabe ver a Torre de tarde. — Ela abriu um sorriso travesso. — Acho que você vai gostar.

— Parece ótimo, mãe. — Depois de tudo o que havia acontecido, Jack estava verdadeiramente ansioso por se fazer de turista.

Ele e Becka passearam por Kensington e Knightsbridge naquela tarde, e todos os três passaram o dia seguinte vendo a Londres para turistas: o Palácio de Buckingham e o Big Ben, Trafalgar Square e a Torre.

Jack achou a Abadia de Westminster cansativa, e não foi por ainda estar no fuso horário de Ohio. Eles começaram o passeio no túmulo de Eduardo, o Confessor. Um clérigo de expressão carrancuda fazia um longo e tedioso discurso sobre a história da igreja, enquanto guerreiros fantasmas flutuavam sobre seus ombros e sua cabeça, gesticulando nervosamente para Jack. Suas vozes ecoavam nas pedras como um coro desafinado.

Eles o seguiram através da Capela à Virgem Maria, onde estavam enterradas três grandes adversárias da época dos

Tudors: Elisabeth I, Maria Tudor e Maria I da Escócia.
PARCEIRAS TANTO NO TRONO QUANTO NO
TÚMULO, AQUI JAZEMOS, DUAS IRMÃS, ELISABETH
E MARIA, NA ESPERANÇA DA RESURREIÇÃO.

Jack parou junto aos túmulos de Henrique VII e Isabel de York. O casamento deles havia posto fim à Guerra das Rosas. Oficialmente, pelo menos. Ali os Weirlinds estavam quase frenéticos. Um soldado fantasma magérrimo segurou Jack pelo braço. Sua carne cinzenta era quase translúcida. Um grande corte embaixo do queixo se estendia de orelha a orelha.

— Cuidado, guerreiro! — proferiu ele, lembrando o fantasma de César. — Cuidado com a Ravina!

Jack deixou Becka e Linda seguirem um pouco à frente, então virou-se e sussurrou:

— Quer me deixar em paz?

— Cuidado, guerreiro! — repetiu o fantasma. — Eles pregarão uma rosa em teu peito, a Branca de York ou a Vermelha de Lancaster, e enviar-te-ão ao matadouro!

— Olha, não tenho intenção nenhuma de lutar com ninguém — retorquiu Jack, então tapou a boca. Um casal obeso, de bermudas e regatas combinando, o encarava. Um deles levantou uma câmera digital e tirou uma foto.

— Jack, você vem? — Becka estava em pé junto à entrada da Capela à Virgem Maria, batendo o pé com impaciência. — Você está tão distraído hoje!

— Desculpe. — Jack seguiu-a até a frente do santuário. — Depois do almoço, será que a gente poderia ir a algum lugar onde não tenha tantos fantasmas?

— Cuidado! — disse o fantasma quando Jack se afastou. Se tivesse uma corrente, ele a teria arrastado.

Durante os dias seguintes, eles mergulharam em Londres. Foram ao teatro, comeram em pubs e restaurantes indianos e pegaram o trem até Kew Gardens. Havia uma excursão de um dia inteiro até Bath, a Catedral de Salisbury e Stonehenge. Stonehenge foi outro daqueles lugares que tinham muito a dizer a Jack...

Jack queria comprar um presente para Ellen, uma camisa de um clube de futebol inglês. Do Manchester United ou do Chelsea? Comprou as duas. Levou uma hora para se decidir sobre o que escrever num cartão postal. Escreveu: "Espero que esteja se divertindo!" e depois riscou. Enfim, fez uma lista de lugares que tinha visto e terminou dizendo: "Sinto saudades. Queria que você estivesse aqui". Enviou o postal para o endereço dela em Trinity, torcendo para que os pais dela o encaminhassem a ela. Mandou-lhe um e-mail a partir de um cibercafé, mas não obteve resposta.

Becka havia marcado uma consulta para Jack com Jessamine Longbranch no último dia deles em Londres. Tanto Linda como Jack estavam tentando não pensar a respeito, mas a data chegou rapidamente mesmo assim. Na noite anterior à consulta, eles jantaram em um restaurante tailandês em Knightsbridge. Perdidos em pensamentos, Linda e Jack falaram pouco. Finalmente, durante a sobremesa, Linda convenceu Becka a visitar a Galeria William Morris enquanto levaria Jack à consulta. Foi feitiçaria, pura e simplesmente. Mas ambos se sentiram melhor com Becka fora de perigo.

Na manhã seguinte, Jack e Linda tomaram o metrô até St. James Park. O consultório de Longbranch era em Westminster, junto à Praça do Parlamento. Por todo o caminho, Linda se mostrou insegura a respeito de sua decisão de manter a consulta, mesmo depois de eles terem saído do trem e deixado para trás o ar viciado da estação do metrô.

Linda tinha certeza de que a doutora Longbranch contataria Becka para remarcar a consulta se eles não aparecessem. Na próxima vez, Becka e Jack poderiam estar sozinhos.

O prédio era antigo, e o elevador era apenas um pouco mais recente, mas o consultório da doutora Longbranch era mobiliado com elegância, com tecidos caros e peças de antiquário. A recepcionista ofereceu-lhes chá, que eles recusaram. Eram os únicos na sala de espera. Logo, uma enfermeira os guiou até uma sala de exame. Esta, na verdade, parecia mais um escritório, não tendo a aparência médica e fria das clínicas norte-americanas com as quais estava acostumado. A enfermeira o fez tirar os sapatos para pesá-lo; a seguir, pediu-lhe que tirasse a camisa e se sentasse sobre a mesa de exame. Jack tirou a camisa e o colete e depositou-os a seu lado sobre a mesa.

Ele baixou os olhos para dar uma espiada em si mesmo. A cicatriz cirúrgica em forma de estrela brilhava de leve sobre o peito. Deu-se conta de que deveria estar bem pálido. O peito não vira a luz do sol por todo o verão. Linda pareceu ainda mais indecisa, vendo as mudanças nele, os músculos que se destacavam nos braços e no peito. Ela andava de um lado para o outro, nervosa.

Finalmente, Jessamine Longbranch irrompeu na sala. Trajava calças de seda e um suéter elegante, um jaleco branco limpíssimo por cima, aquele estetoscópio incomum pendurado ao redor do pescoço. Carregava uma pasta – o prontuário dele, Jack supunha. Jack ficou impressionado pelo fato de ela não parecer nem um pouco mais velha, mas então se lembrou de que os magos não demonstram o avanço da idade como outras pessoas.

Ela parou diante de Jack e o olhou de cima a baixo, segurando a pasta junto ao peito.

- Ora, ora, Jackson – disse ela, pronunciando lentamente o nome dele. – Creio que você cresceu. – Algo no jeito como ela falou fez com que ele se sentisse ainda mais tímido do que antes. Ela olhou de relance para Linda. – A Becka não pôde vir? Que pena!

Ela continuou falando enquanto examinava, os dedos emanando poder, transmitindo-lhe minúsculos choques elétricos ao tocar a pele dele. Ele recuou e cerrou os dentes.

- Vamos lá, não fique tenso, Jack. Assim está melhor. Essa é sua primeira viagem a Londres? Espero que sua mãe e sua tia estejam lhe mostrando a cidade.

Jack assentiu, então ofegou quando ela correu as mãos quentes pelos músculos de suas costas.

— Ahn... vimos um bocado de coisas em pouco tempo — ele conseguiu dizer. — Estou me divertindo bastante. — Ele não se lembrava de suas sessões anteriores com Longbranch serem assim tão físicas.

— E devia mesmo — disse a médica. — Terra dos seus ancestrais, não é isso? Você já foi à Torre?

Realmente excitante. Todas aquelas histórias sobre tortura e assassinato.

A doutora Longbranch mantinha a conversa em andamento, fazendo perguntas sobre a estadia deles em Londres enquanto examinava a pressão san-güínea de Jack e apertava aquele estranho estetoscópio contra o peito dele. Ela o fez descer da mesa e andar de um lado a outro da sala enquanto o observava, de braços cruzados. O exame levou mais tempo do que de costume, mas Jack disse a si mesmo que era porque ele tinha vindo de tão longe para vê-la. Ela jamais demonstrara tanto interesse nele antes. Enfim, a médica deu um passo atrás e o aprovou de cima a baixo.

— Você está em ótima forma, Jack. Diga, quando parou de tomar o remédio?

A pergunta pegou Jack de surpresa, como uma facada rápida sob as costelas, como Nick diria. Ele levou um momento para responder.

— Não sei do que a senhora está falando — gaguejou ele.

— Jack e Becka sempre foram bons em seguir instruções, Jessamine — disse Linda. O rosto dela havia perdido toda a cor.

— É mesmo, Linda? Eu estava pensando que o Jack aqui parece que gosta de quebrar as regras. Já ouviu falar da Rosa Branca?

Uma outra facada rápida, mas dessa vez Jack estava mais preparado. Pensou por um momento e disse:

— Não era um emblema de batalha na Guerra das Rosas? York carregava uma rosa branca; Lancaster, a vermelha.

— Muito bom! — Ela se moveu para o lado da mesa de exame e correu as pontas dos dedos de leve pelo ombro dele. Ele se retesou quando a corrente passou através dele. Ela não parecia estar fazendo qualquer esforço para atenuar os efeitos.

— Você andou estudando história. Há muita história nesta parte do mundo. Muito mais do que a maioria das pessoas imagina. E a sua família sempre esteve no centro de tudo, sabia disso? — Agora ela estava acariciando-o, afagando-o como a um cachorro. — Acho que é hora de você se familiarizar com ela. Conheço algumas pessoas que podem ensiná-lo.

A mudança na voz dela o alertou, e, quando o feitiço veio, ele estava preparado. Ela o pronunciou rapidamente, apertando a nuca de Jack com os dedos, um simples feitiço de imobilização. Ele murmurou o contra-feitiço baixinho antes que ela pudesse completá-lo. Então ficou quieto, tentando parecer tão imóvel quanto possível. Ele não tinha de fingir estar assustado.

— Jessamine, que diabos você está fazendo? — A voz de Linda era severa.

— Devo lhe dizer que isto é uma surpresa maravilhosa — disse Jessamine. — Pensei que levaria meses para que ele ficasse em condições de lutar, e agora descubro que você fez isso por mim.

— Escute — disse Linda com urgência, persuasivamente. — Não sei o que está pensando, mas ele é só um menino. A única razão pela qual ele está vivo hoje é porque esteve escondido. Assim que a Rosa Vermelha souber dele, ele vai ser um alvo.

Jessamine deu risada.

— Ele não me parece um menino. Cresceu 15 centímetros e ganhou 20 quilos desde o meu último exame, e é tudo músculo. Ele é de tirar o fôlego. — A voz dela endureceu. — Você se lembra do nosso acordo, não é? É hora de desistir dele, Linda. Temos de começar o treinamento. Não temos mesmo outra escolha. Eu teria de ir buscá-lo em Trinity, se você não o tivesse trazido a mim. A Rosa Vermelha convocou um torneio para o solstício de verão. — Ela fez uma pausa. — Parece que vão apresentar um campeão.

— Isso é impossível! — exclamou Linda. — Como eles conseguiram isso? Você teria sabido disso antes.

— Estamos trabalhando na localização e eliminação do jogador deles — disse a doutora Longbranch com frieza. — Mas não podemos excluir a possibilidade de fracasso. Se não pudermos responder ao desafio, teremos de nos render. E isso não vai acontecer. — Ela sorriu. — Se tivermos sucesso em apanhar o jogador deles, a Rosa Vermelha se renderá. E, mesmo que o torneio prossiga, talvez Jack vença. Devo admitir que estou otimista, agora que o vejo pessoalmente.

— Não há chance de ele estar preparado para um torneio no solstício de verão — insistiu Linda. — Ele não sabe nada sobre luta.

A médica tamborilou as longas unhas sobre o ombro dele.

— Ele nasceu para isso, Linda. Ele vai dar um jeito. Meus treinadores podem trazer à tona o assassino interior de qualquer um. Só espero que eles não danifiquem muito esse corpo magnífico. — Ela deve ter visto alguma reação àquilo no rosto de Jack, pois segurou-lhe o queixo e virou-lhe o rosto de forma que a encarasse. — Não se assuste, meu mestiço. Eu sei que vai se adaptar logo. — Ela lançou um olhar especulativo. — Dizem que uma raça miscigenada é muitas vezes mais forte do que seus pais. Eu me pergunto se ele vai transmitir a pedra de guerreiro para a prole. Uma pergunta interessante.

Ela continuou, como que pensando alto:

— Talvez, se ele sobreviver ao torneio, ele possa procriar para nós. Gostaria disso, Jack? — ela perguntou, como se estivesse lhe oferecendo um osso por rolar na grama.

Jack sentiu-se humilhado, e o sangue correu para o seu rosto.

— Veja, ele está corando — disse ela, como se ele fosse um cãozinho fofinho.

Jack olhou para a tia, enviando-lhe uma mensagem desesperada. "Vamos embora daqui."

— Chega, Jessamine — avisou Linda. Ela inclinou a cabeça de leve para Jack, e ele deslizou os quadris para a beirada da mesa.

A doutora Longbranch falava rapidamente agora, de um jeito metódico, concentrando-se em Linda.

— A história é a seguinte: infelizmente, Jack caiu ou pulou no Tâmis da Ponte Westminster logo após a consulta comigo. Você o viu cair. Vai haver várias outras testemunhas. Eu vou me lembrar de que ele parecia preocupado, deprimido,

quando eu o examinei. O corpo nunca vai ser encontrado. Você vai convencer a sua irmã disso. Entendeu?

Estava claro que Jessamine tinha pouco interesse se a história convenceria ou não.

— Na verdade, eu tinha esperanças de que Becka viesse à consulta com Jack. Nós descobrimos que a presença de membros da família pode ser um grande incentivo durante o treinamento. Mas não tem importância. Tenho algumas pessoas aqui que vão levar Jack para o norte e trabalhar intensamente com ele até o torneio. Há também a questão de localizar uma espada adequada.

Linda acenou com a cabeça para Jack por sobre o ombro da doutora Longbranch, um movimento quase imperceptível. Jack pressionou os dedos contra a clavícula da cirurgiã e descarregou seu poder sobre ela, derrubando-a ao chão.

Jack enfiou os pés nos sapatos e puxou o colete por sobre a cabeça. Saltou da mesa, e os dois correram de volta para o corredor em direção à recepção. Irromperam na elegante sala de espera e viram que a recepcionista havia sumido e que dois homens corpulentos folheavam revistas. A escolta de Jack, pelo jeito. Magos, com certeza. Os dois homens ergueram as cabeças, surpresos, e Jack disse:

— Deixei minha espada lá fora.

Ele e Linda passaram rapidamente por eles e saíram para o corredor. Jack esperava que os magos voltassem para ver o que tinha acontecido com a médica, o que os faria perder tempo.

Mas quando abriram as portas sanfonadas, o carro do elevador não estava lá. Podiam ouvi-lo se movendo em algum lugar lá embaixo. Ele sabia que seu feitiço primário não manteria a doutora Longbranch no chão por muito tempo.

— As escadas! — exclamou Jack.

O consultório de Jessamine ficava no nono andar. Eles lançaram-se escada abaixo descendo dois degraus de cada vez, contornando as plataformas estreitas, quase voando ao fazer as curvas. Jack ouvia claramente e com preocupação o elevador se deslocando no poço junto à escadaria.

Chegaram ao andar térreo bem a tempo de ver a doutora Longbranch e os magos da Rosa Branca saindo do elevador. Jack e Linda correram em direção à porta da frente, que explodiu em chamas diante deles. Cobrindo os rostos com os braços, eles mergulharam nas chamas e as atravessaram até o ar fresco lá fora.

Estavam na rua Vitória, perto da Praça do Parlamento.

— Em direção ao rio! — sussurrou Linda.

A calçada estava lotada de turistas e funcionários públicos em hora de almoço. Quando Jack olhou para trás, a entrada ainda estava em chamas, mas nenhum dos Anaweirs parecia notar. Alguns olharam com curiosidade para Jack, que estava pondo a blusa por cima do colete. Eles fundiram-se à multidão que tirava fotos do Big Ben e da Ponte Westminster. Ponte Westminster! O local do acidente que a doutora Longbranch havia planejado para ele.

Eles continuaram se movendo junto da multidão em direção à água. Deveriam cruzar o rio? Esconder-se num prédio? Mas Jack não conhecia a área e tinha receio de cair numa armadilha. Estava se inclinando para perto de Linda para perguntar-lhe o que ela pensava quando algo o atingiu com dureza no peito, fazendo-o voar até a calçada. Ele se sentou a tempo de ver os dois magos da sala de espera correndo em sua direção. Eles haviam mirado em Linda, e Jack havia se colocado no caminho no último minuto. Mais uma vez, o colete havia amenizado o golpe.

Linda ajudou Jack a se levantar, e eles correram em ziguezague pela praça, mantendo-se juntos. Os magos

atiravam somente quando achavam que tinham Linda na mira. Parecia que queriam levar Jack vivo. Os dois grupos criaram uma espécie de onda ao se mover através da multidão. Não havia armas à mostra, por isso não houve pânico, mas as pessoas tinham de se afastar às pressas do caminho de perseguidos e perseguidores. Alguém lhes gritou quando passaram:

— Olhem pra onde vão, seus idiotas!

Estavam na rua Broad Sanctuary. Isso deu a Jack uma idéia.

— A Abadia de Westminster é considerada uma igreja?

A Abadia estava ainda a alguma distância.

— Do que você está falando?

— Ela é considerada uma igreja?

— Boa idéia — disse Linda.

— Esquece. Vamos entrar aqui.

Uma igreja menor ficava em frente à própria abadia. Uma elaborada dança do mastro se desenrolava no pátio da igreja. Meninas e moças em vestidos medievais trançavam grandes fitas em um padrão intrincado ao redor do mastro. Jack e Linda se abaixaram sob as fitas e correram para a porta da igreja. Assim que chegaram à entrada, algo atingiu Jack no ombro, onde o colete não o protegia, quase o fazendo rodopiar. Doía terrivelmente, mas ele conseguiu entrar aos tropeços no santuário.

Estava frio e silencioso lá dentro. Turistas se amontoavam ao redor dos vitrais e dos memoriais em mármore nos corredores laterais. Jack e Linda deixaram-se cair no banco mais próximo, olhando de relance para trás para ver se alguém os tinha seguido até dentro da igreja. Ninguém os seguira.

O ombro de Jack começava a latejar. Quando ele tirou a blusa, contudo, não conseguiu ver nenhum arranhão nem marca onde a pele havia sido ferida.

Uma mulher trajando uma saia e suéter recatados os abordou.

— Bem-vindos à Igreja de St. Margaret. Haverá uma excursão começando em dez minutos junto à janela oeste. — Ela apontou para um elaborado vitral em uma das extremidades da nave.

— Será que a gente pode só se sentar aqui por alguns minutos? — indagou tia Linda. — Precisamos rezar um pouco.

A mulher sorriu e se afastou. Jack rezou mesmo um pouco, assim que recuperou o fôlego. Linda se sentava com as costas retas, as mãos apoiadas contra o assento do banco, os olhos fechados. Jack não tinha certeza se ela estava rezando ou não. Ele se perguntou quantos magos os esperavam lá fora. O bastante para cobrir todas as saídas? "Talvez eu simplesmente fique por aqui." Não era verdade que os fugitivos na época medieval buscavam asilo em igrejas a fim de evitar a lei? Havia algo familiar nos tetos abobadados, no piso de pedra desgastado, na tonalidade da luz. Como se ele houvesse estado lá antes.

Enquanto permaneciam lá, o ombro de Jack enrijeceu-se, ficando cada vez mais dolorido e perturbando-o como a mordida de um inseto venenoso. Quando não conseguiu mais ignorar a dor, ele cutucou a tia.

— Acho que algo me atingiu, fora da igreja. Talvez você deva dar uma olhada.

Ela ergueu sua camisa e tocou seu braço com as pontas dos dedos. A área exibia um tom vermelho brilhante agora, inchada e quente ao toque.

— Droga! — Linda soltou um longo suspiro. — Deve ter sido um graffe — disse ela. — É um tipo de adaga mágica.

— Mas não rompeu a pele — comentou Jack.

— Nem precisa. Na verdade, é um encantamento. Muito esperto da parte deles, pra falar a verdade. Só um mago

habilidoso pode tratar isso. Eles sabem que não podemos ficar aqui.

— Eu pensei... pensei que magia não funcionasse numa igreja.

— O dano já foi feito. O seu corpo está simplesmente reagindo a ele.

— O que acontece se não for tratado? — Essa era daquelas perguntas que Jack tinha de fazer, embora tivesse certeza de que não gostaria da resposta.

— Você morre.

Sentaram-se em silêncio por alguns minutos. Linda inclinou a cabeça, deixando as mãos entrelaçadas caírem entre os joelhos. Os ombros dela tremiam, e ele compreendeu que ela estava chorando.

— Não se preocupe — disse ele, afagando o braço dela, sem jeito. — Está tudo bem. Vou pensar em alguma coisa.

Diante disso, Linda se endireitou, secando as lágrimas com as costas da mão.

— Não, Jack — replicou ela. — Eu vou.

Ela pegou o celular, deslizou para a extremidade do banco e começou a discar.

O ombro de Jack vibrava de dor, uma chama fria que se espalhava pelo pescoço. Parecia que não havia jeito de ele se sentir confortável. Tentou falar alguns feitiços de cura e relaxamento, mas nada parecia adiantar. Ele havia lido em algum lugar que os magos eram incapazes de curar a si mesmos. Em particular os mestiços, como a doutora Longbranch o chamara.

As sombras na frente da nave tomaram a forma de meia dúzia de guerreiros fantasmas medievais que marchavam solenemente pelo corredor até o banco de Jack, trazendo os elmos sob os braços. Eles se ajoelharam no corredor junto a ele, um semicírculo de homens que parecia ter vindo direto de uma batalha. A faixa etária variava dos 13 anos à meia-idade.

O líder era um homem de barba ruiva em uma túnica manchada de sangue, bordada com rosas vermelhas. O punho da espada se salientava sobre o ombro.

— Nós não te dissemos para ficar longe, rapaz? Não te avisamos?

Jack lambeu os lábios e olhou em volta. Ninguém mais parecia notar a invasão dos Weirlinds.

— Eu tinha de vir.

O guerreiro olhou de volta para seus companheiros.

— Ele tinha de vir — repetiu ele, erguendo as mãos, exasperado.

— Ele tinha de vir — sussurraram os Weirlinds, as vozes como vento soprando por galhos cobertos de gelo.

Virando-se de novo para Jack, o guerreiro disse:

— E onde está a Sombra Assassina?

— Eu... eu a deixei no meu quarto — admitiu Jack, sentindo-se sitiado.

O homem de barba ruiva arqueou uma sobrancelha.

— Então vieste a terras estrangeiras enfrentar magos com nada a não ser tuas mãos? — Voltou-se para a guarda. — Deixando a espada para trás.

— Deixando a espada para trás — disse o eco, como um tipo de coro grego.

— Ah, bem — disse o guerreiro. — Agora recebeste um ferimento mortal. — Ele pousou uma mão enluvada no joelho de Jack. — Não te preocupes, rapaz. Manteremos vigília com a dama até o fim. Vigília para o herdeiro guerreiro! — disse ele aos outros.

— Vigília para o herdeiro guerreiro!

— Jack!

Os guerreiros recuaram, mas não se dispersaram. Jack se virou e viu Linda a seu lado.

Ela tomou a mão dele entre as dela.

— Não se preocupe. Eu falei com Hastings. Ele está vindo de Canterbury. Fica a 96 quilômetros daqui.

— Quanto tempo leva?

Quer Jack se referisse ao graffe ou à viagem desde Canterbury, a resposta era a mesma.

— Não sei — disse a tia.

Grupos de turistas iam e vinham. Jack se sentia cada vez pior. Ele se apoiou contra o canto do banco para não cair. Sentia frio num momento e calor intenso no outro. Pior ainda, estava começando a ver coisas, coisas escuras e sombrias como demônios agachados nos cantos da igreja. As paredes se retorciam e trepidavam, avançavam e recuavam. Os Weirlinds se aconchegaram desconsolados no corredor, sussurrando entre eles.

Linda achou um bebedouro na entrada do santuário e trouxe-lhe um pouco d'água num copo de papel, que ele bebeu com avidez. Ela lhe trouxe mais dois copos.

Então alguém se sentou no banco em frente a ele. Era Jessamine Longbranch. Ela parecia reluzente e monstruosa para Jack, que mal conseguia focar os olhos. Ele ergueu ambas as mãos, debilmente, para mantê-la a distância. Os Weirlinds estremeçeram e resmungaram.

— Jack, você não parece muito bem. Certamente não tão bem quanto parecia no meu consultório esta manhã.

— Saia desta igreja, Jessamine, antes que Deus encontre você aqui — Linda murmurou com ferocidade.

— Você sabe o que há de errado com você, Jack? — A voz da médica provavelmente tinha a intenção de ser reconfortante, mas, sem o véu costumeiro de magia, soava somente densa e sinistra.

— Graffe de mago — Jack tentou responder, mas era difícil falar com a língua tão pesada na boca.

— Venha para fora, Jack, e eu tomo conta de você. Caso contrário, vai morrer antes que o dia acabe. — Ela se voltou para Linda. — Você pelo menos deveria saber o bastante para não tentar esse tipo de truque.

— Saia daqui, Jessamine — repetiu Linda.

A doutora Longbranch deu de ombros.

— Nós estaremos lá fora. Avise quando estiver pronta para desistir dele. — Ela puxou para trás os cabelos escuros. — Já posso ver que Jack é bastante talentoso. Eu detestaria vê-lo desperdiçado.

Ela estendeu a mão para ele, e ele se encolheu no banco como um animal acuado. Ela prendeu uma mecha de cabelo úmido atrás da orelha dele. Então ela se levantou e saiu da igreja, os saltos dos sapatos retinindo secamente no piso de pedra.

O fim do dia significava pôr do sol ou meia-noite? "Pode ser importante", pensou ele, mas já não conseguia se lembrar por quê. Sabia que havia algo que precisava dizer desesperadamente.

— Tia Linda. — A voz saiu como um murmúrio rouco. Ela chegou-se junto a ele e aninhou a cabeça dele nos seus braços, tomando cuidado com o ombro dele, inclinando-se de forma a poder ouvi-lo. — Tia Linda, por favor, não deixe ela me levar. Por favor. Não me importo... com o que acontecer. Prometa.

Linda prometeu, as lágrimas escorrendo-lhe pela face.

A mulher que lhes dera as boas-vindas quando entraram na igreja retornou. Parecia preocupada.

— O seu filho está doente? — perguntou ela a Linda.

— Sobrinho — Linda corrigiu-a automaticamente.

— Ele está doente, mas é um tipo de doença espiritual - explicou.

— É mesmo? — A mulher arqueou as sobrancelhas. Jack estava totalmente esticado ao longo do banco duro, a cabeça no colo de Linda. Estava tremendo, delirante, sussurrando para si mesmo. — Tem certeza de que não é melhor levar o garoto para o hospital?

— Por favor. Ele precisa ficar aqui — disse Linda em desespero. — Ou vai ser o fim dele.

A mulher hesitou.

— Talvez ele possa ficar mais confortável. — Ela desapareceu por alguns minutos e reapareceu com um colchonete fino e cobertores. — Acho que devo me apresentar. Meu nome é Sarah Barham. Sou uma das professoras da igreja, mas também dirijo um programa para os sem-teto — explicou ela. — Nós aceitamos doações aqui na igreja. Por isso temos alguns artigos de cama.

— Meu nome é Linda Downey — replicou Linda. — E este é Jack. Agradecemos muito a sua ajuda.

Quando Leander Hastings chegou, meia hora mais tarde, Jack estava deitado no colchonete num canto da igreja. Linda e Sarah Barham se ajoelhavam junto a ele, rezando. Estavam cercados de fantasmas de guerreiros ajoelhados, em vigília. Jack parecia à beira da morte, as sardas destacando-se contra a palidez da pele, a respiração rasa e ineficiente. Os guerreiros se afastaram, resmungando descontentes, quando Hastings se aproximou.

Linda pôs-se em pé num salto ao vê-lo.

— Depressa, Leander. Eu já tinha quase desistido.

Quando o mago hesitou, ela disse:

— Vamos! Não é possível que haja problema em curar uma pessoa dentro de uma igreja!

Hastings se ajoelhou ao lado de Jack e pousou a mão sobre o ombro ferido. Estava vermelho, lustroso e inchado, com

longas listras vermelhas que se estendiam desde o braço até o peito. Jack gemeu e tentou recuar, contorcendo-se.

— Segurem-no bem.

Linda e Sarah pressionaram os pulsos de Jack contra o chão. Hastings postou as mãos sobre o ferimento, pronunciando um feitiço devagar e de forma bem articulada. De imediato, a pele se cobriu de bolhas de uma horrível tonalidade verde e amarela, como se o veneno houvesse subido e se acumulado logo abaixo da pele.

Sarah Barham pigarreou.

— Quem é ele, um sacerdote? — perguntou ela a Linda.

— Não exatamente — respondeu Linda.

Hastings esperou um minuto, mantendo as mãos no lugar, e proferiu um feitiço diferente. Minutos se passaram sem que houvesse mudança. Então, lentamente, Jack foi perdendo a aparência de figura de cera. Sua respiração tornou-se mais regular e todo o seu corpo relaxou. Hastings sorriu para as duas mulheres. Estava pálido e transpirando, os olhos verdes obscurecidos pela exaustão. Ele removeu as mãos; as bolhas haviam diminuído.

A professora da igreja olhou de Jack para Hastings.

— Vejam só. Achei que ele ia morrer — admitiu ela.

— Eu também — disse Hastings laconicamente. Levantou-se e secou as mãos nas calças. — Existe alguma outra saída da igreja? — perguntou baixinho. — Além da óbvia?

— Há uma outra porta — disse Sarah. — A sudeste. Mas não costuma ser aberta ao público — acrescentou ela.

— Podemos sair por ela? — Hastings sorriu para a mulher. — Por favor? O garoto corre perigo.

— Bem... — Ela olhou para Jack, depois novamente para Hastings. — Creio que sim. Vou mostrar a vocês onde fica.

Hastings se virou para Linda.

— Preciso que você retarde aqueles magos lá fora pelo maior tempo possível. Eles não devem perceber que Jack foi embora. Melhor ainda, veja se consegue convencê-los de que ele morreu. — Ele esticou a mão e roçou-lhe a face com os nós dos dedos. — Tenha cuidado. Acho que eles não vão ficar nada felizes.

— Magos! — Sarah recuou um passo, levando as mãos à boca como se houvesse percebido de repente que aquele homem alto e estrangeiro tinha mesmo um certo ar sobrenatural.

— Por assim dizer — disse Hastings, com um sorriso reconfortante. — O garoto se envolveu com uma seita. — Ele se inclinou e ergueu Jack novamente. Jack franziu a testa e murmurou alguma coisa. — Mais uma coisa. Linda, você consegue ir até Canterbury e tomar conta da minha Sociedade Chauceriana? Eles estão no Albergue Dovecote, na cidade velha. Estamos visitando todos os locais dos grandes assassinatos. Amanhã eles vão querer ver onde Beckett foi morto. São um bando sanguinário, pelo jeito.

Linda assentiu com a cabeça, sem falar.

Hastings seguiu a espantada Sarah Barham até os fundos da igreja e desapareceu. Linda rearranjou as roupas de cama para parecer com uma pessoa deitada e sentou-se junto ao colchonete para esperar.

Sarah Barham deixou que Linda ficasse depois das quatro e meia, horário oficial de fechamento da igreja. A encantadora manteve-se em vigília, sentada no chão, as costas contra a parede. A luz do dia diminuía atrás dos vitrais enquanto as luzes internas eram acesas. Passava das nove da noite quando Jessamine Longbranch entrou de novo na igreja e encontrou Linda semi-adormecida em seu posto. A maga parou e pôs as mãos na cintura, fitando Linda.

— Pelo visto... o menino está morto? — Ela fez um gesto para o arranjo de roupas de cama no chão.

— Sim — respondeu Linda.

— Sua tola! — As palavras estavam carregadas de veneno. — Não acredito que sacrificou o seu sobrinho desse jeito. Por que não deixá-lo lutar e dar a ele pelo menos uma chance?

— Você lançou o graffe, Jessamine, não eu. Você que explique isso para o resto da sua Casa. Jack disse que preferia morrer a acabar em suas mãos. Eu honrei o desejo dele.

— Não estou nada contente com isso. Acho que vou fazer uma visitinha à sua irmã Becka. Ela está em Thurloe Place, não é? A doutora Longbranch saiu da igreja em passos firmes.

Linda tentou telefonar para Becka várias vezes, mas ninguém atendeu. Permaneceu na igreja até cerca de meia-noite e então saiu pela porta de trás.

A Sociedade Chauceriana era um grupo flexível. Quando Linda se apresentou como uma especialista em mito e magia medievais que substituiria Leander Hastings por alguns dias, houve apenas um leve murmúrio de preocupação. Os rapazes, em especial, gostaram da mudança. As notáveis exceções eram Will e Fitch, que sabiam que a aparição inesperada de Linda Downey significava que problemas a seguiriam.

Linda era uma boa escolha para o trabalho. Ela era uma anglófila apaixonada, e compartilhava o interesse da família por literatura inglesa e estudos medievais. Vivera a maior parte de sua vida na Inglaterra e era capaz de adicionar cor e detalhes às informações fornecidas pelo guia oficial da catedral. Ficaram todos adequadamente impressionados com a pura crueldade do assassinato de Beckett numa igreja. "Não estávamos longe disso na noite passada", pensou Linda.

Ela tentou telefonar para Becka várias vezes durante o dia, mas ninguém atendia no quarto de hotel em Londres. Becka certamente não partiria para Oxford sem Jack. Linda deixou uma mensagem na Devon House para que Becka lhe

telefonasse em Canterbury. A história que havia planejado contar era que eles haviam avistado os seqüestradores em Londres e, embora Hastings houvesse levado Jack para um lugar seguro, estavam todos em perigo.

Não havia mensagens para ela quando Linda voltou ao quarto de Hastings. Havia esparsos indícios da presença dele: um livro sobre a mesa, um estojo de couro com material para barbear no banheiro, um suéter deixado ao pé da cama. Num impulso, ela pressionou a lã contra o rosto, sentindo o cheiro dele. Embaraçada, ela o deixou cair na cama.

Àquela altura, Becka devia estar desesperada. E se ela telefonasse para a doutora Longbranch? Com certeza, agora que a maga achava que Jack estava morto, deixaria Becka em paz, a despeito da ameaça feita na igreja. A menos que Longbranch decidisse usar Becka para se vingar de Linda pela traição.

E onde estavam Jack e Hastings? Hastings possuía uma propriedade em algum lugar em Cúmbria. Talvez tivessem ido para lá. Talvez Hastings tivesse telefonado para Becka e lhe contado alguma história por conta própria. Qualquer coisa era possível.

Alguém bateu à porta. Quando Linda a abriu, Will e Fitch estavam em pé no corredor, Fitch com uma pasta sob o braço. Pareciam estar numa missão.

— Olá, tudo bem? Precisamos falar com você. Está ocupada?

— Will transferiu o peso do corpo de um pé para o outro.

— De jeito nenhum. Por favor, entrem! Vocês querem chá ou alguma outra coisa? — Linda olhou de um para o outro.

Fitch sacudiu a cabeça.

— Viemos porque queremos saber por que você está aqui, e o que isso tem a ver com o Jack — disse ele, direto ao ponto.

— Entendo. Por que não se sentam? — Ela fez um gesto em direção à pequena mesa junto à janela que dava para a rua estreita lá embaixo.

Eles se arranjaram da melhor forma que podiam, parecendo grandes demais para a mesa delicada, com seus cotovelos, joelhos, pernas longas e determinação cheia de desconfiança.

Fitch pôs a pasta na mesa e perguntou:

— Onde está o Jack? Por que você está substituindo o senhor Hastings?

Linda pôs os cotovelos na mesa e apoiou o queixo na ponta dos dedos, estudando os dois rapazes. Eles haviam conquistado o direito à informação. Sem eles, Jack sem dúvida estaria morto ou pior.

— Jack teve problemas de novo desde que chegou em Londres. Ele teve de partir com o senhor Hastings. É por isso que estou aqui.

— A gente está cansado de não saber de nada. — Will colocou as duas palmas abertas sobre a mesa. — O Jack não nos conta nada. Ele só diz pra gente não se preocupar, que não tem nada que a gente possa fazer, esse tipo de besteira. Achamos que você pode nos contar o que está acontecendo.

— Eu posso fazer isso. Vocês é que têm de decidir no que querem acreditar.

Linda poderia fazê-los acreditar que Jack havia sido raptado por alienígenas, se quisesse. Mas, desta vez, preferiu convencê-los por métodos não mágicos. Ela respirou fundo.

— Jack deveria ter sido um mago, mas recebeu o implante de uma pedra de guerreiro quando era bebê.

Fitch estreitou os olhos, desconfiado, como que tentando decidir se ela estava brincando.

— Implante de uma... o quê?

— Uma Pedra Weir. Aqueles que carregam uma pedra de guerreiro têm certos atributos mágicos que se manifestam quando eles atingem a maioridade...

— Certo. — Fitch revirou os olhos. — Jack Swift é... é algum tipo de gladiador com super-poderes. É isso o que está nos dizendo?

Linda assentiu.

— Existem outras pedras e outras ordens. A dos magos é a mais poderosa entre elas. Os magos jogam com os guerreiros em um torneio chamado Jogo. Só que não restaram muito guerreiros. Por isso, Jack é o que se pode chamar de um achado raro. Por causa disso, os magos estão atrás dele, tentando capturá-lo ou matá-lo.

— Espere aí — disse Will, com uma carranca. — Magos? Como num conto de fadas?

— Mais como um pesadelo, imagino. São artesãos da magia, que sabem lançar feitiços, falados ou não. Diferentemente dos guerreiros, os magos não têm nenhuma manifestação física específica, mas uma presença poderosa.

Will bateu com as mãos na mesa.

— Certo. Se não vai nos contar a verdade, é só dizer e parar de nos fazer perder tempo.

— Will — Fitch pôs uma mão no ombro de Will —, lembra-se daquele cara no cemitério, e da espada flamejante e tudo o mais?

— Aquele era um mago. Na verdade... — Linda hesitou, então continuou. — Na verdade, há vários magos morando em Trinity.

— Tipo quem? — indagou Fitch, procurando pistas no rosto dela. Então seus olhos se arregalaram atrás dos óculos. — O senhor Hastings, aposto.

Relutantemente, Linda concordou com um gesto de cabeça.

— Quem mais? — Fitch empinou o queixo, assumindo uma postura de inquisidor.

— Bem, tem Nick Snowbeard. E Leesha Middleton.

— O Nick? E aquela vaca da Leesha Middleton? A princesa?

— É — respondeu Linda. — Ela estava trabalhando com aqueles homens que tentaram raptar Jack do colégio.

— Sem chance! — Fitch estremeceu.

— Não me diga que o Lobeck estava envolvido também — disse Will.

Linda sacudiu a cabeça.

— Um brutamontes e um cretino, talvez, mas não um mago.

— Não, a não ser que sejam naturalmente estúpidos — acrescentou Fitch. — Vamos poder ver o Jack enquanto estamos aqui?

Linda hesitou.

— Não sei. Nem tenho muita certeza de onde ele está neste momento.

Fitch bateu de leve na pasta com as pontas dos dedos.

— O que isso tem a ver com a sua bisavó e o cemitério?

— Susannah tinha o mesmo dom, a mesma pedra de Jack. Ela era uma guerreira como ele. Foi a espada dela que vocês desenterraram. Tínhamos esperança de que ele pudesse usar a espada para se proteger.

— Uma Pedra Weir pode ser roubada?

— Não sem matar a pessoa que carrega a pedra.

— Mas ela pode ser roubada? Tipo, se você cortar uma pessoa? Alguém teria algum motivo para fazer isso, talvez para implantar em outra pessoa? Como o Jack?

Linda pensou por um momento.

— As Pedras Weir têm algum poder mágico por si mesmas. Os magos às vezes as compram de mercadores e as usam como talismãs. Jack é a única pessoa de quem ouvi falar que teve uma pedra implantada. Foi porque ele não tinha uma.

— Eu estava pensando sobre a tataravó do Jack, Susannah Downey, e em como ela morreu. Sempre que eu vejo aquela cicatriz em forma de estrela no peito do Jack, eu penso nisso.

— Do que você está falando? — Linda olhou de um rapaz para o outro. — Ela morreu num acidente. Vocês não disseram que ela caiu do cavalo?

Fitch assentiu e abriu a pasta.

— Mas a causa da morte foi um buraco no peito. Dizia no jornal que ela talvez tivesse caído sobre a estaca de uma cerca ou coisa assim. Olhe. — Ele tirou da pasta uma impressão de microfilme. — Eu acabei ficando com isso quando fomos à biblioteca. Sou meio forçado pra mim. Suponho que a ciência forense não fosse muito sofisticada naqueles dias.

Ele passou o papel para Linda. Era o obituário de Susannah. Linda passou os olhos sobre o papel rapidamente, depois releu mais devagar.

— "Lee Hastens, um visitante no município, encontrou-a caída no bosque atrás da fazenda da família à noite. Embora conhecida por ser uma amazona habilidosa, a senhora Downey caiu contra a estaca de uma cerca. Um corte profundo no peito foi a causa da morte."

A centelha de uma idéia acendeu-se no fundo da mente de Linda. Ardia com intensidade cada vez maior, apesar dos esforços em apagá-la.

Fitch interrompeu-lhe os pensamentos.

— Vai ver é porque a gente esteve falando sobre todos esses assassinatos nos últimos dias. E agora as Pedras Weir. É possível que Susannah tenha sido assassinada e tenha tido sua pedra roubada? — Fitch parou, olhando para Linda. — Qual é o problema?

— É o Jack — Linda murmurou. — Receio que eu tenha cometido um terrível engano.

Capítulo Treze

Cúmbria

Jack lembrava-se vagamente de suas últimas horas na igreja. Jazia ferido mortalmente, os Weirlinds em vigília ao seu redor. Uma vasta escuridão ameaçava dominá-lo, mas de alguma maneira era mantida a distância pela música de vozes femininas rezando. Ele se agarrou àquele som como a uma boia salva-vidas até que, enfim, havia uma nova voz e uma nova prece; a escuridão recuou e o latejar no ombro diminuiu. Alguém o ergueu, e ele sentiu o ar fresco e a chuva contra o rosto. Foi carregado por alguma distância sob a chuva e, a seguir, acomodado no banco de trás de um carro. Ele se lembrava do cheiro e da sensação de couro contra o rosto. Alguém levantou sua cabeça e despejou um líquido escaldante goela abaixo, e então ele dormiu. Acordou uma vez em meio à escuridão e escutou a batida das portas do carro e o que poderia ser a voz de sua mãe. Tentou chamá-la, mas era impossível ficar acordado.

Despertou novamente quando a suave luz do dia invadiu-lhe o sono. Ele rolou na cama e enterrou o rosto no travesseiro para se abrigar da luz. Estava numa cama grande, coberta de lençóis um tanto quanto grosseiros com uma colcha leve por cima. Vestia roupas que não lhe eram familiares: shorts e uma camiseta. As lembranças começaram a voltar, e ele se levantou rápido, tão rápido que ficou tonto e teve de se recostar de novo contra os travesseiros.

O quarto era despojado, como se fosse esculpido em rocha, com paredes e piso de pedra, uma lareira e uma única janela sem adornos. Havia uma porta de madeira em arco no outro lado do quarto. Além da cama, a única mobília era uma cômoda com uma bacia e um jarro, uma mesinha de cabeceira com frascos de feiticeiro alinhados em seu topo, duas cadeiras

simples de madeira e uma cadeira de balanço junto à cama. Um estojo ornado de jóias estava apoiado contra a lareira. Era a Sombra Assassina, a espada de Jack, e, junto dela, sobre a pedra, estava o espelho de Blaise em seu invólucro de couro. Como haviam chegado lá? Ele os deixara no hotel, sob feitiços de proteção.

Ele tentou desesperadamente se lembrar do que acontecera no fim da longa tarde na igreja. Não sentia nenhuma dor ou desconforto no ombro, nenhum resquício do graffe de mago. Será que Hastings havia chegado a tempo, ou será que ele estava agora nas mãos da Rosa Branca? Esse pensamento fez com que se levantasse e virasse as pernas para o lado da cama. Sua idéia era apanhar a espada. Se eles eram tolos o bastante para deixar-lhe uma arma, ele tinha intenção de tirar vantagem disso.

Nesse momento, a porta se abriu, e a mãe dele entrou. Becka vestia calça jeans e um suéter folgado, e estava descalça, apesar do frio chão de pedra. Ela carregava uma bandeja com um bule de chá e um generoso café da manhã.

— Mãe! — Jack estava espantado e felicíssimo em vê-la. Becka depositou a bandeja cuidadosamente na mesinha de cabeceira e o tomou nos braços. Ficaram ali abraçados na beirada da cama por um longo instante.

Enfim, Becka sentou-se e olhou para ele.

— Você parece bem melhor, Jack. Eu fiquei tão preocupada quando o Leander veio me buscar. Você parecia péssimo.

Havia torrada e geléia, bacon e ovos, e um tipo de peixe defumado. Jack espalhou a geléia na torrada, ganhando tempo enquanto formulava uma pergunta. Jack não sabia como a condição dele havia sido explicada a ela.

— O senhor Hastings contou o que aconteceu?

Ela franziu a testa, como que se esforçando para lembrar.

— Ele disse que você apanhou um... um vírus, e que precisava de descanso, paz e tranquilidade. Então viemos para cá. — Ela afastou-lhe o cabelo da testa. — Quer que eu vá buscar algo pra você ler? Tem uma biblioteca maravilhosa no andar de baixo.

Jack parou de mastigar e fitou a mãe. Essa não era de maneira alguma a reação que estava esperando. Ele imaginara um milhão de perguntas que ele não poderia responder. Ele se perguntou como Hastings havia lidado com ela e por que ela não insistira em levá-lo a um hospital. Entretanto, talvez ele já soubesse a resposta para aquela pergunta.

— Onde estamos? — indagou ele, olhando o quarto em torno. — E por quanto tempo estive... doente?

— Esta é a casa do Leander. Faz três dias que estamos aqui.

Jack deu uma nova espiada no quarto. Era tão frugal quanto o próprio homem. A única cor que havia era nos frascos de feiticeiro sobre a mesa. Hastings nunca mencionara qualquer conexão com a Inglaterra, muito menos que tivesse uma casa ali. Mas fazia sentido, se Hastings conhecia tia Linda.

— Ainda estamos em Londres? — Alguma coisa no aspecto da luz e no silêncio lá fora lhe dizia que não.

— Estamos em Cúmbria. No norte da Inglaterra. Estamos nas montanhas, na verdade, não muito longe da Escócia.

Jack se perguntou como os recentes acontecimentos afetavam o resto do tempo deles na Inglaterra, e se os magos logo não os estariam caçando por todo o Reino Unido.

— E quanto a Oxford? Eles não estão esperando por você?

— Eu tenho todo o verão pra chegar a Oxford. — Ela falou languidamente, como se não houvesse mais qualquer urgência em chegar lá. Sentou-se na cadeira de balanço. — Jack, tome o seu café da manhã antes que esfrie. Você não come há três dias, e precisa recuperar as forças.

Por que Hastings havia trazido Becka? Talvez para ajudar a cuidar dele, mas isso com certeza tornava as coisas estranhas. De qualquer jeito, não via como seria possível manter seus problemas em segredo por muito mais tempo. Sentia-se como se toda a sua vida estivesse se desfazendo e ameaçando destruir sua família no processo.

Empurrou o café da manhã para o lado e saiu da cama, que era inesperadamente alta, e os pés de Jack atingiram o chão com um baque. As venezianas da janela estavam abertas, e o ar matutino era fresco. As roupas dele não estavam à vista.

A vista na janela atraiu-lhe a atenção. Estavam talvez no terceiro andar, diante de uma linda paisagem de montanhas e colinas verdes envoltas em névoa.

De repente, a porta se abriu, e Leander Hastings entrou. Ele também trajava um suéter pesado para se proteger do frio da manhã. Parecia surpreso de ver Jack em pé e caminhando.

— Becka! — exclamou ele, sorrindo. — Parece que o seu filho está mesmo se recuperando.

Hastings postou-se atrás de Becka, pousando as mãos nos ombros dela. Havia algo que sugeria posse naquele gesto que fez com que Jack cerrasse os dentes.

— Ele parece bem melhor — concordou Becka, virando-se um pouco para olhar para o rosto do mago. — Mas não consigo fazer com que ele coma muito.

Hastings foi para junto da janela e olhou por sobre o ombro de Jack.

— Lindo, não é? Eu me sinto renovado sempre que venho para cá.

Jack deu-lhe as costas com rudeza.

— Mãe, acho que gostaria de ler alguma coisa depois do café da manhã, afinal. Será que você poderia ir lá embaixo e me trazer alguns livros?

Becka olhou para Hastings como se lhe pedisse aprovação. O mago assentiu.

— É uma boa idéia — disse ele. — Jack e eu precisamos conversar. Eu vou buscar você daqui a pouco.

Becka ergueu-se da cadeira de balanço e beijou Jack na testa.

— Tente comer um pouco mais — disse ela, e saiu do quarto. Hastings seguiu-a com os olhos até que a porta se fechou atrás dela.

Jack estufou o peito, descansando os punhos nos quadris.

— O que há de errado com ela?

Hastings sentou-se na cadeira de balanço junto à cama.

— Não há nada de errado com a sua mãe. Ela está ótima.

Ele parecia prestes a sorrir, mas desistiu quando viu a expressão no rosto de Jack.

— Você colocou um feitiço nela — Jack insistiu. — Ela não está agindo normalmente.

— Não usei nenhum feitiço desnecessário nela — replicou Hastings, dando de ombros como um homem inocente. — Embora talvez precise dar a ela... mais instruções, agora que você está acordado.

— Você nunca deveria tê-la trazido aqui.

— Entendo. — Hastings brincava com um anel peculiar em seu dedo anular esquerdo. Era uma pedra belamente lapidada sobre um engaste de ouro decorado, irradiando luzes em milhares de cores. — Eu mantive a sua mãe a salvo — disse ele. — A esta altura, as Rosas estão com certeza procurando por ela. Não sei o que mais você quer de mim.

Jack não sabia o que mais dizer ao homem que, mais uma vez, havia salvado sua vida. Então não disse nada.

— Sente-se, Jack. — Hastings fez um gesto em direção à outra cadeira, com a expressão de alguém que tem uma tarefa desagradável a desempenhar. Relutantemente, Jack se sentou.

Hastings indicou com a mão a bandeja do café da manhã. — E melhor comer.

Jack examinou a bandeja e, com rancor, pegou um pedaço de torrada.

— Como está se sentindo? — indagou o mago.

— Estou bem — admitiu Jack. — É como se eu tivesse tido um sonho ruim.

— Um sonho bem ruim — concordou Hastings. — O seu ombro deve ficar bom, sem nenhuma rigidez. Desde que o feitiço seja destruído a tempo, tudo se cura.

— Não me lembro bem do que aconteceu.

Jack terminou a fatia de torrada e partiu para os ovos.

— Depois que o feitiço foi rompido, eu carreguei você até o meu carro. Linda ficou para trás para distrair a doutora Longbranch e os outros. Achei melhor ir buscar a sua mãe. Sabia que ela ficaria preocupada se você e Linda não voltassem, e tive receio de que ela fosse procurar a doutora Longbranch. Por isso eu a trouxe para cá.

— Eu não sabia que você tinha uma casa aqui.

— Esta casa é o lar ancestral da minha família, embora eu só a tenha adquirido há poucos anos. Aqui é o Lake District, a terra dos poetas, um dos lugares mágicos do Reino Unido.

Jack ergueu os olhos e viu Hastings ainda o observando, como se o estivesse medindo. Aquilo deixava Jack nervoso.

— Por que não me diz o que está acontecendo? — Jack se recostou na cadeira, pondo de lado o café da manhã. — O que você quer de mim?

— Já ouviu falar que há um torneio marcado para o solstício de verão? — O rosto de Hastings não revelava nenhuma emoção.

— A doutora Longbranch nos contou a respeito. — Jack se esforçou para lembrar. Muita coisa havia acontecido desde a visita ao consultório de Longbranch. — Ela disse que a Rosa

Vermelha havia feito um desafio, que eles tinham um campeão. Ela quer que eu lute.

Hastings assentiu.

— Ela quer, sim. E eu também. — As palavras pairaram pesadamente no ar entre eles.

A compreensão veio aos poucos, como a mudança da luminosidade que marca o início de um clima tempestuoso. Os olhos deles se encontraram brevemente, e Jack sentiu que lhe roubavam a respiração. Tantos enigmas, tantas incongruências, e agora tudo fazia sentido. Ficou furioso, com Hastings e com sua própria estupidez.

— Esse era o seu plano o tempo todo, não é mesmo? — A voz dele tremia, apesar de seus esforços para mantê-la firme. Empurrou a bandeja para longe e se inclinou para a frente. — Era pra isso que você estava me preparando, todo o treinamento formal, os combates na clareira, tudo!

— Sim.

Hastings não ergueu os olhos, ainda concentrado no anel.

— Esta viagem à Inglaterra também foi idéia sua? — A mãe dele havia decidido isso por conta própria, não havia? Jack tentou se lembrar.

O mago estendeu os dedos num gesto de confissão.

— Eu teria dado um jeito de você vir à Inglaterra neste verão, de um jeito ou de outro. Eu pensei que talvez você pudesse vir com a Sociedade Chauceriana. No final, você veio com a Becka.

— Então você mentiu para a tia Linda — Jack continuou. — Fazendo-a acreditar que ela podia me manter fora disso.

— Sim, eu menti. — Hastings não se desculpou. — A sua tia me passou a tarefa bastante desafiadora de manter você vivo. Nós simplesmente discordamos sobre o método.

— Bem, você escolheu a pessoa errada. Você não pode me obrigar a lutar por você. Se for preciso, eu joga a toalha na competição.

— Não existe isso de "jogar a toalha" no torneio. É uma luta até a morte.

— Então vai ter de encontrar outra pessoa pra sacrificar.

— Não se engane. De um jeito ou de outro, você vai ser sacrificado.

Jack o encarou, achando que tinha ouvido uma ameaça. Mas a expressão de Hastings era uma mistura de simpatia e impaciência.

O mago se reclinou e fechou os olhos.

— Encare os fatos, Jack. No que diz respeito a você, isto tudo começou há uns três ou quatro meses, com a ida ao cemitério, certo? Nas últimas três semanas, você foi atacado três vezes. Isso é só uma amostra do que está por vir. — Hastings abriu os olhos, fixou Jack com seus olhos verdes. — Lembre-se de que a Rosa Branca deixou você em paz até agora. Assim que descobrirem que você está vivo, virão atrás de você também. Talvez a Rosa Vermelha tenha tentado envenenar você. Mesmo que não tenham sido eles, com certeza sabem quem você é, graças ao incidente na escola. E ainda é preciso levar em consideração os mercadores. Você vale uma fortuna dos diabos. E o mundo está cheio de aventureiros que querem ficar ricos.

Jack não conseguia mais ficar sentado. Levantou- -se e voltou para junto da janela. A névoa estava se extinguindo nos locais mais baixos, desintegrando-se em fitas irregulares no ar parado. Algumas ovelhas haviam aparecido em uma das colinas distantes. Ele desejou poder voar para longe daquele lugar, de quem ele era, de seu passado e de seu futuro.

Hastings continuou, impiedoso.

— Supondo que consiga voltar para casa, o que pensa que vai encontrar lá? Trinity vai se tornar um campo de batalha para os magos. Os seus amigos, cada pessoa na sua família vai ser um ponto de vulnerabilidade, especialmente os Anaweirs. — Ele fez uma pausa. — Você viu a sua mãe. Eu a trouxe aqui como um exemplo para você. Tudo o que eu preciso fazer é lançar um feitiço, e ela fará o que eu mandar. Posso demonstrar, se você quiser.

— Vá pro inferno — resmungou Jack no ar cristalino.

— O que significa que ela vai estar à mercê de qualquer mago de qualquer das Casas que vá atrás dela. O seu pai, Will e Fitch, ninguém vai estar a salvo. Quantos deles você está disposto a sacrificar? — Hastings se juntou a Jack na janela. Sua voz tornou-se mais suave. — Confie em mim, eu sei. Mesmo que você durma com um olho aberto, minha aposta é que você não passa de seis meses ou um ano. E, mesmo que você sobreviva, vai acabar sozinho. Entenda, não existem regras lá fora.

Jack apoiou o rosto contra a pedra fria que emoldurava a janela. Pensou em Trinity, em suas avenidas tranquilas flanqueadas por árvores, nos prédios de pedra da universidade, nas casas vitorianas com decorações berrantes da rua Jefferson. E então imaginou uma ruína deserta em seu lugar.

— Por que eles fazem isso? Esses torneios, quero dizer? Hastings falou com paciência, como se estivesse dando uma aula de história.

— Eles são pessoas cruéis e poderosas, com muito tempo disponível e meios para destruírem uns aos outros. Esse sistema atende a muitas necessidades. Permite que haja disputas com mínimo derramamento de sangue. Os magos alegam ser herdeiros do legado do Dragão da Ravina da Masmorra. Segundo o contrato, você nos pertence. Desse

ponto de vista, os guerreiros são considerados propriedade. E, portanto, são... descartáveis.

Jack pensou em Jessamine Longbranch e em como ela o havia tratado. Como se ele fosse algum tipo de animal que pudesse ser usado e depois posto para pro-criar. A mão de Jack se infiltrou por sob a camisa, onde estava a cicatriz em forma de estrela.

— Eles deviam ter me deixado morrer, naquela época — sussurrou ele. — Teria sido melhor pra mim.

— Bom, eles não deixaram. E agora temos de lidar com isso. Hastings tocou o braço de Jack, e Jack recuou.

— O que você entende sobre isso? Você é um... um...

— Eu entendo tudo sobre isso. — A voz de Hastings era tão suave que Jack quase não a ouviu.

"Eu poderia me matar", pensou Jack. Olhou para o peitoril de pedra da janela, mediu a queda até o pátio lá em baixo. Provavelmente, seria o suficiente. É claro, ele poderia acabar paralisado. Então não poderiam obrigá-lo a lutar. Suspirou e pressionou as palmas contra as pálpebras. Até suas mãos tinham calos, por causa do uso da espada. Ele tinha dezesseis anos. Não queria morrer ou ficar aleijado. Queria se formar no colégio, ir para a faculdade e se apaixonar. Nada disso parecia provável agora.

— O que acontece se eu lutar?

Jack percebeu que havia ultrapassado um limite.

— Todos os guerreiros no Jogo são vinculados a um patrono. Há uma certa proteção concedida a você e a sua família, uma vez que seja declarado. Se você vencer: fama, fortuna. E, baseado na atual carência de guerreiros, provavelmente uma trégua considerável até que tenha de lutar de novo. — Hastings pigarreou. — Até eu ouvir falar que a Rosa Vermelha estava pondo em campo um campeão, eu tinha esperança de que ninguém fosse capaz de responder ao seu

desafio. Se o desafio não é respondido, o Jogo é ganho por desistência. Tão bom quanto uma vitória e não tão sangrento. — Hastings quase sorriu. — Você não tem muita experiência, mas a sua arma pode fazer a diferença.

— Vou poder voltar pra casa? Depois?

"Se eu vencer", pensou ele. "Depois que eu matar alguém." Jack sabia que poderia ter matado Garrett Lobeck. Mas ele não estaria enfrentando Garrett Lobeck. Jack varreu aquele pensamento de sua mente.

Hastings pensou um pouco.

— Não sei, Jack. Essa é provavelmente uma pergunta pra você responder. Você já está bem diferente do menino que foi até Coal Grove. — Ele correu a mão pelo cabelo e se apoiou contra a parede. — Não é justo, e essas não são opções atraentes. Encare deste jeito: mesmo que perca o torneio, sua família e seus amigos estarão a salvo. — Ele fez uma pausa, por uma fração de segundo. — Mas não tenho a intenção de ver você perder.

— O que acontece no torneio?

— É uma celebração que dura vários dias: cerimônias, apostas e os dois lados fazendo pose e desafiando um ao outro. Então os campeões lutam entre si em combate um contra um. Tudo é regulamentado pelas Leis de Combate.

— Onde acontece?

— Aqui em Cúmbria, tradicionalmente, mas é um festival móvel. O último foi na Austrália.

— O que você lucra com isso?

— Talvez uma chance de mudar o sistema. Talvez uma chance de salvar a sua vida. Não há nenhuma garantia, nem de um nem de outro.

Ele tinha mesmo alguma escolha? Jack não tinha dúvidas de que Hastings poderia forçá-lo a participar, quer ele quisesse quer não. Ele era como qualquer outro mago no que se referia

a manipular pessoas. Hastings agia como se seguisse algum tipo de livro pessoal de regras. Se era assim, esse livro era indecifrável para Jack.

Não havia mesmo esperança. O melhor que podia fazer era tentar minimizar o risco para a sua família. Talvez isso fosse mais fácil do que se jogar de uma janela.

O sopro suave das montanhas resfriou-lhe a pele corada, sussurrando-lhe um aviso.

— Vou jogar — disse ele, sem tirar os olhos da janela.

Hastings soltou um longo suspiro. Jack se perguntou se era um suspiro de alívio.

— Achei que faria isso — disse Hastings.

— E quanto à tia Linda?

Ela ficaria furiosa com ele, mas não havia nada que ele pudesse fazer. Minha escolha. Minha vida e minha morte.

— Estou torcendo para que o torneio termine antes que ela descubra que você está jogando. — Hastings sacudiu a cabeça. — Ela vai ficar bem zangada comigo. Mas talvez zangada não seja tão ruim quanto indiferente.

Hastings olhou pela janela.

Jack não conseguiu se conter.

— Mas como pôde...? Vocês não...? — A voz dele se desfez sob o escrutínio dos olhos claros de Hastings.

— Sim. Estivemos juntos no passado. — Ele deu um meio sorriso. — Sabe, Jack, todas as mulheres na sua família são cheias de magia, herdem a pedra ou não. Elas estão entre as vítimas dessa guerra. — Com algum esforço, Hastings afastou a melancolia. — Vou tratar dos arranjos para que a gente vá ao torneio, então.

Hastings se virou para sair, mas Jack ainda tinha uma pergunta.

— Se a Rosa Vermelha já tem um campeão, suponho que vou lutar pela Rosa Branca?

O mago parou e se virou, parecendo surpreso e quase como se achasse aquilo engraçado.

— Não, Jack. Pensei que tivesse entendido. Você vai lutar por mim.

Capítulo Quatorze

Quando Amantes Se Encontram

Jack retornou ao treinamento no dia seguinte à conversa com Hastings. A rotina era quase reconfortante. A idéia de um prazo era também atraente, em comparação com o jogo de gato e rato que se desenrolara por meses. Todas as manhãs ele corria quilômetros pela névoa, subindo e descendo as colinas traiçoeiras que cercavam a casa de pedra. Hastings corria com ele.

Depois voltavam para casa e tomavam o café da manhã com Becka. A casa de pedra era quase um castelo, com paredes escarpadas como as de uma fortaleza, que davam para uma planície coberta de grama cercada por montes. Jardins naturais se estendiam da porta dos fundos até a área de floresta ao pé das montanhas. O primeiro andar da casa incluía um grande salão, uma biblioteca, uma cozinha e áreas de refeição. Havia pelo menos seis quartos nos andares de cima. Jack nunca viu nenhum empregado por perto, embora parecesse sempre haver comida e bebida disponíveis quando tinham fome. Talvez fosse tudo feito por meio de magia.

Após o café da manhã, praticavam com os floretes na clareira atrás da casa. Agora o foco não estava mais em se defender, mas em atacar, em penetrar as defesas do adversário, em desferir o golpe mortal. Todas as tardes, Hastings mandava guerreiros contra Jack. Alguns eram novos para ele, outros já eram velhos conhecidos, de combates anteriores.

Agora não havia motivo para erguer uma barreira quando ele lutava, para manter bisbilhoteiros a distância. Ninguém chegava perto, com exceção de alguma ovelha que se perdera nas colinas. De algum modo, Hastings mantinha Becka longe dos combates, embora Jack não soubesse dizer se era por intermédio de seu encanto pessoal ou de magia.

Jack percebeu que sua falta de experiência deixava Hastings preocupado. Apesar do treinamento rígido e da qualidade de sua arma, era difícil ignorar o fato de que Jack só vinha treinando havia poucos meses. O mesmo talvez se aplicasse ao seu oponente, mas ele não podia contar com isso.

Jack desejava saber mais sobre os guerreiros com quem lutava durante o treinamento; sobre suas vidas anteriores, como haviam se tornado guerreiros, em quantos torneios haviam lutado, como haviam morrido. Bom, talvez não essa última parte...

Na terceira tarde de treinamento, um jovem irrompeu na clareira: o quinto adversário de Jack naquela tarde. O cabelo castanho do homem estava puxado num rabicho decorado com penas, e ele vestia trajes de camurça com franjas. Carregava uma machadinha em uma mão, uma espada curva na outra e uma faca no cinto. Parecia ser um pioneiro do Novo Mundo, do século XVII ou do XVIII. Ele correu em direção a Jack com um rugido de congelar o sangue.

Jack ergueu a mão.

— Espere um minuto!

Por um momento, Jack achou que o homem não o tinha ouvido. Ele continuou vindo, a toda velocidade, como se pretendesse arrancar a cabeça de Jack sem diminuir o passo. Finalmente, no último minuto, o homem freou e derrapou até parar um pouco além do alcance da espada de Jack.

— Como assim, espere um minuto? — O homem fez uma carranca indignada. — Você me chamou para um combate, e

eu vim, como está estabelecido. Então vá em frente. — Ele esticou os braços para os lados, uma arma em cada mão, pronto para receber o ataque de Jack.

— É que... — Jack hesitou — Eu pensei que talvez a gente pudesse conversar um pouco antes.

— Conversar um pouco? — O guerreiro fungou e cuspiu no chão. — Que diabos, para quê? Estamos lutando, não namorando.

— Eu só estava me perguntando de onde você é, como se tornou um guerreiro, coisas desse tipo.

Pelo canto do olho, Jack viu Hastings aguardando, as mãos na cintura, sacudindo a cabeça. Provavelmente revirando os olhos também, mas Jack estava longe demais para ver.

— Por que se importa com isso? — indagou o guerreiro.

— Acho que nós provavelmente temos algo em comum — insistiu Jack. — Já que ambos somos guerreiros, sabe como é. O guerreiro olhou-o de cima a baixo, para a blusa de Jack e os tênis esportivos.

— Você não se parece com nenhum guerreiro que eu já tenha visto. Se quer mesmo saber, eu comecei lutando contra os franceses quando eu tinha 14 anos. Quando me cansei daquilo, fui viver com os índios shawnee. Então fui capturado por magos. Eles me acorrentaram e me puseram a bordo de um navio de volta para o Velho País. Puseram-me nas mãos dos mestres dos guerreiros. Eu teria sido capaz de cortar a garganta da minha própria mãe quando eles acabaram comigo. Provavelmente lutei uns oito ou dez combates por aqui antes de esticar as pernas. E acho que o que temos em comum é que um mago de uma figa nos tem presos pelas partes genitais. — Ele apontou para Hastings com o polegar. — Agora vá em frente, antes que ele faça algo de que nenhum de nós goste.

Relutantemente, Jack ergueu a ponta de sua espada e ficou de prontidão.

— Espere um minuto! — Desta vez era Hastings. O mago atravessava o campo em passos decididos.

— Agora olhe só o que você fez — resmungou o outro guerreiro para Jack, praguejando baixinho. Ele se virou para encarar Hastings. — Não é minha culpa! — gritou ele, quando Hastings estava ainda a seis metros de distância. — Eu queria lutar, mas ele veio com essa conversa mole. Dê-me uma chance, e eu prometo que faço um bom combate. — Ele secou o suor do rosto com a manga suja e remexeu os pés, nervoso.

— Qual é o seu nome? — perguntou Hastings ao guerreiro.

— Brooks, meu senhor — respondeu o guerreiro, lambendo os lábios. — Jeremiah é o meu primeiro nome, meu senhor.

— Eu ouvi você dizer que lutou em alguns torneios...

Quando Hastings se aproximou, o guerreiro recuou.

— Eu disse isso mesmo, senhor. — Jeremiah Brooks falava com relutância, como se estivesse em dúvida sobre se deveria admiti-lo ou não.

— Ótimo — disse Hastings. — Preciso de você para ajudar meu aluno aqui.

— Era exatamente isso o que eu ia fazer, meu senhor — disse o guerreiro, voltando-se para Jack e se agachando para pular.

— Não! — disse Hastings rapidamente. — Tenho outra coisa em mente. Algo um pouco mais... direto.

Brooks começou a recuar.

— Por favor, meu senhor. Eu vim para um combate e estou aqui de bom grado. Não me enfeitece.

— Não vou machucar você — Hastings assegurou-lhe.

Não convencido, Brooks virou-se para fugir, mas Hastings estendeu as mãos e o ar tremeluziu ao redor do pioneiro. Brooks foi firmemente amarrado, as mãos coladas aos

flancos, as armas, inúteis. Ele tentou se libertar, contorcendo-se sem sucesso. Os olhos estavam fixos em Hastings, arregalados de medo.

Agora foi a vez de Jack.

— Não o machuque — protestou Jack.

— Não comece você também — Hastings repreendeu-o. — Não vou machucar ninguém. Só vou tomar emprestado o que ele sabe para ajudar você. Venha aqui, Jack.

— O que você vai fazer? — Jack perguntou, cauteloso.

— Se vamos trabalhar juntos, você vai ter de confiar em mim de vez em quando — grunhiu Hastings. — Eu falei para vir aqui.

Zangado, Jack enfiou a Sombra Assassina na bainha e cruzou a distância entre eles, pondo-se ao lado de Brooks. Hastings empurrou os dois para que ficassem de joelhos e se agachou, de frente para eles. Ele pôs as mãos sobre as cabeças deles. Brooks murmurava baixinho para si mesmo, praguejando ou rezando. Praguejando, supôs Jack, baseado no que ouvira até então.

— Vou tentar editar isso, Jack, mas é uma arte e não uma ciência, por isso tenha paciência — disse Hastings, sem que Jack entendesse o sentido.

O mago fechou os olhos, concentrando-se, pronunciando um feitiço, e então o poder começou a fluir-lhe pelos dedos. Jack sentiu como se seu couro cabeludo estivesse sendo espichado para fora do crânio e como se calor e luz fluíssem para dentro de sua mente, uma invasão. Ele queria se livrar do toque do mago, mas descobriu que não podia se mexer.

Sua respiração vinha rápida e rasa, em arfadas ineficazes. Achou que havia gritado. As imagens começaram a deslizar por seu consciente, devagar a princípio, depois mais rápidas, como quadros brilhantes de uma fita emaranhada de vídeo. Havia paisagens: densas florestas verdes, nunca tocadas por

um machado, o chão aberto sob um dossel de árvores, uma trilha indígena que serpenteava, seguindo um riacho, batizado com um nome shawnee, que cantava por sobre as rochas ao descer até Ohio. Um largo vale, coberto por névoa, cercado de montanhas, cheio de ossos, aonde os guerreiros eram levados para lutar.

Havia pessoas: soldados ingleses de casaca vermelha, colonos imundos que transitavam pela floresta tão bem quanto qualquer shawnee, uma moça numa taberna com cabelos dourados e uma blusa que lhe deslizava suavemente dos ombros. Magos, de rostos severos e cruéis, com suas artes negras, com suas coleiras e correntes de metal, que o torturavam até que ele implorasse pela oportunidade de matar alguém, que o fizeram conhecer o medo pela primeira vez na vida. Os guerreiros que vinham até ele, altos e baixos, alguns muito jovens, mas nenhum muito velho. Ele lia os rostos deles, podia ver a esperança e então a morte em seus olhos.

E sensações: o cheiro da chuva correndo pelos lagos. O tilintar e as faíscas do aço no aço. O fedor de muitos homens sujos juntos por muito tempo. A dança rápida e mortal do Jogo. Carne e osso se rendendo à sua lâmina, e o som molhado quando a retirava. E, no fim, a vida lhe escapando suavemente enquanto ele jazia de costas, fitando o céu, o sangue jorrando para fora de seu corpo, sabendo que outra pessoa lutaria da próxima vez.

Quando Hastings o soltou, Jack caiu de rosto no chão e ficou lá, tremendo, por um longo tempo. Não queria olhar para os outros dois, pois não queria que eles o vissem chorar. Pôde ouvir Hastings falando baixinho — com Brooks, ele presumiu. Quando Jack finalmente levantou a cabeça, o guerreiro havia sumido.

A partir daí, Jack sabia tudo sobre Brooks — até demais. Para todos os efeitos, ele era o herdeiro das experiências do

guerreiro. Se isso era bom ou mau, ele não sabia. Ele tinha a memória corporal de derramamento de sangue, tanto no Novo Mundo como no Velho. Era capaz de dizer que direção um homem tomaria numa luta só pelo jeito como mudava sua postura ou pela expressão nos olhos. Era capaz de atirar uma machadinha e atingir uma árvore a cem passos de distância. Não precisava tentar, simplesmente sabia que podia. Ele temia os magos e suas mãos incandescentes do mesmo modo que alguns homens temem cobras e coisas voadoras: com um terror irracional e paralisante.

Havia outras coisas. Ele conhecia o sabor de carne seca, carne de cervo e de esquilo. Foi só quando Becka comentou a respeito que ele se deu conta de que havia adquirido um novo vocabulário nada elegante. Depois disso, ele se esforçou ao máximo para manter a língua sob controle.

Cuidado com o que deseja. Mais uma vez, estava zangado com Hastings, que lhe havia dado uma história que nunca havia pedido. Ao mesmo tempo, reconhecia-o como o presente que era.

Ele venceu os dez combates seguintes em que lutou.

Os dias se passaram, mais do que os poucos que Becka havia prometido, e ainda assim ela ficou. Ela era uma presença quase etérea, movendo-se pelos corredores e jardins, lendo no pátio, escrevendo poesia. Como Jack e Hastings passavam muito tempo treinando, ela passava um tempo considerável sozinha. Mas nunca se queixava.

Os três sempre jantavam juntos. À noite, após a ceia, Becka e Hastings saíam para longas caminhadas nas colinas. Era nesse período que Jack tirava proveito da biblioteca. Era uma maravilhosa coleção de livros, alguns raros e valiosos: literatura inglesa, estudos de grandes filósofos, trabalhos científicos, volumes sobre misticismo oriental. O conteúdo de uma caixa de vidro em um canto exercia uma fascinação

especial em Jack. Era uma coleção de livros sobre magia. Embora fosse protegida por um feitiço de tranca, Jack sabia desfazê-lo com facilidade. Ele passava horas lendo textos antigos, alguns em latim, alguns em inglês médio, alguns em francês (que ele havia estudado na escola, mas o vocabulário era bastante diferente do que estudara). Desejou que Nick estivesse lá para traduzir. Ele bem que precisava de alguns conselhos.

Jack cuidara para não revelar nada a Hastings sobre seu treinamento em magia. Acreditava que manter aquilo em segredo poderia ser uma vantagem, em um jogo no qual ele tinha poucas.

Depois de lutar durante a maior parte do dia, Jack sempre chegava exausto ao cair da noite e ia cedo para a cama. Nem mesmo sua relutância em deixar a mãe sozinha com Leander Hastings era capaz de mantê-lo acordado.

Jack sentia-se ambivalente em relação à presença de Becka. Sabia muito bem que a mãe nunca aprovaria a decisão dele de lutar no torneio, mas estava contente pela oportunidade de passar o que poderiam ser os seus últimos dias com ela antes do solstício de verão.

Às vezes ele olhava no espelho de Blaise, na esperança de que se lhe revelasse alguma coisa. Mas sobre a superfície prateada uma névoa pairava, como a bruma que envolvia as montanhas ao pôr do sol.

Certa noite, dez dias depois da chegada dele a Cúmbria e quatro antes do solstício de verão, Becka e Hastings haviam saído para a caminhada de costume, e Jack estava imerso num livro sobre transformare — ou seja, a arte de transformar uma coisa em outra —, quando ouviu um ruído de uma porta se fechando em algum lugar da casa. Pensou que talvez Becka e Hastings houvessem voltado mais cedo. Devolveu o livro

rapidamente à estante, fechou o armário e reaplicou o feitiço de tranca.

Não ouviu nenhuma voz vinda do corredor, ninguém chamando o seu nome. Curioso, ele se esgueirou até a porta da biblioteca e olhou para o salão de um lado a outro. Vazio. Poderia ter sido o vento? Era improvável que qualquer brisa conseguisse mover as pesadas portas de madeira daquele lugar, pensou ele. Um intruso? Talvez os magos da Rosa Vermelha ou da Branca o houvessem seguido até ali.

A Sombra Assassina estava no Grande Salão, onde ele a deixara depois do treinamento. Ele seguiu silenciosamente pelo salão até a enorme entrada com dois andares de altura e examinou a sala adiante. Estava fracamente iluminada pela luz pálida que vazava pelas janelas da galeria. Não havia nenhum sinal de alguém ou de alguma coisa se movendo no piso principal ou na galeria acima. A espada ainda estava apoiada contra o canto da lareira. Ele respirou fundo e correu por sobre os ladrilhos que o separavam de sua arma. Tinha alcançado o degrau de proteção da enorme lareira quando ouviu um ruído atrás de si. Jack apanhou a espada e girou, meio agachado, e se viu cara a cara com Linda Downey.

— Jack! — Ela o agarrou e o abraçou com força, tomando cuidado para evitar a espada. — Sabia que você não podia estar muito longe da espada. — Ela lhe deu um tapinha no braço da arma, então o soltou e o fitou com atenção. — Você está bem? O ombro está curado?

Jack fez que sim com a cabeça, completamente atrapalhado com aquela reviravolta. Largou a espada de novo na lareira, com cuidado, e recuou até suas costas encostarem contra a estrutura de pedra. As idéias giravam loucamente em sua cabeça. E agora?

Linda não lhe deu muito tempo para pensar. Parecia estar com pressa.

— Onde está o Hastings? — indagou ela.

Jack encontrou sua voz.

— Saiu para caminhar, acho.

— Ótimo. Temos de sair daqui antes que ele volte.

Ela apanhou o estojo e a espada, passando-os para Jack.

— C-como nos encontrou? — gaguejou Jack.

— Eu sabia que ele tinha uma propriedade aqui. Só levei algum tempo pra encontrar o lugar. Venha, Jack — disse ela com urgência. — Estamos em perigo aqui.

— Não posso ir embora sem mais nem menos — protestou Jack.

— Podemos escrever para ele quando estivermos longe daqui — replicou Linda, com raiva. — Sem endereço de remetente.

— Mamãe está aqui — disse Jack, enfim.

— Becka? — O tom de Linda era de surpresa. — Eu estava tão preocupada com ela. Ela estava aqui esse tempo todo? Graças a Deus ela está bem. — Linda fez uma pausa e franziu o cenho. — Mas o que ela está fazendo aqui?

— O Hastings achou que seria melhor se ela não estivesse procurando por mim por toda a cidade, fazendo perguntas, quem sabe até indo procurar a doutora Longbranch. — Jack deu de ombros de maneira nada convincente.

— Ela está na casa? — Linda apressou-se em perguntar. Jack sacudiu a cabeça.

— Ela saiu para caminhar com ele.

Linda fitou-o por um momento, então pareceu chegar a uma conclusão.

— Deixa pra lá. Preciso levar você pra um lugar seguro, depois eu venho buscar a Becka. O Nick está esperando por nós em Oxford. De lá, vamos achar um lugar melhor. — Havia uma mistura de sedução de encantadora e desespero na voz dela. — Por favor, Jack. Você tem de vir comigo agora!

— Não pode pelo menos ficar para uma xícara de chá? — A voz veio de junto à porta. — Ou um copo de vinho, em nome dos velhos tempos? — Era Hastings, o braço carregado de lenha, Becka logo atrás dele. — Eu já ia acender o fogo. — Ele se virou para Becka. — Veja, Becka, a sua irmã veio nos visitar.

— Linda! — Becka abraçou a irmã. — Como nos encontrou? Eu queria telefonar pra você, mas não tem telefone por aqui. Você viu o Jack? Ele está bem melhor.

Linda se afastou do abraço de Becka o suficiente para olhar com raiva para Hastings.

— Lee, isso é bem a sua cara.

Becka fitou-a, olhando da irmã para o mago.

— Vocês se conhecem?

Hastings ergueu os olhos da lareira, apoiando os antebraços nos joelhos.

— Becka, perdão. Você se importaria de ir buscar um pouco de vinho pra nós?

Becka assentiu, contraindo os lábios, pensativa.

— Vou ver se encontro algo na cozinha — disse ela, saindo do salão.

— Quer dizer que você abandonou minha Sociedade Chauceriana — disse Hastings, levantando-se. Ele apontou para a lenha, que se incendiou. — Espero que eles estejam em boas mãos. — Ele evitava cuidadosamente olhar para a encantadora, o que não teria sido fácil para qualquer homem.

— Estão suficientemente seguros — replicou ela. — Os pais de Will estão com eles. Estão de partida para uma excursão pela Escócia e pela Irlanda. O que você deveria saber, já que foi você quem planejou tudo.

— Então talvez... talvez você possa ficar alguns dias... — Ele olhou para ela por um instante, depois para o outro lado. Para surpresa de Jack, ele soava esperançoso, quase ansioso.

Linda não queria nem saber.

— Eu agradeço tudo o que fez, mas acho que é hora de Jack e Becka irem a Oxford — disse ela, afetando calma. — Meu carro não está muito longe, e eu vim para buscá-los.

Hastings cruzou os braços com um murmúrio exasperado.

— Você acha mesmo que Jack pode ir a Oxford? Com todos os magos do Reino Unido à caça dele?

— Bom, aqui é que ele não pode ficar! — resmungou Linda, cerrando os punhos.

— Com quem você está preocupada? Jack ou Becka? — Ele ergueu uma mão para impedir um ataque verbal. — Não percebe? A Jessamine sabe quem ele é. O Geoffrey também. Acabou.

Jack não conseguiu mais agüentar aquele jogo.

— Eu decidi lutar no torneio, tia Linda — disse ele.

— Jack! — Ela se voltou para Hastings. — A idéia era que você impedisse isso! Que tipo de feitiço você pôs nele?

Hastings suspirou.

— Se eu quisesse forçá-lo a isso, eu poderia tê-lo levado comigo há muito tempo e me poupado um monte de problemas.

Becka retornou com uma garrafa de vinho e alguns copos. Ela estudou os rostos irados e serviu um copo para Linda primeiro.

— Quem sabe você se sinta melhor depois de beber um pouco de vinho — sugeriu Becka com calma, passando-lhe o copo.

— Há mais de uma maneira de enfeitiçar uma pessoa — disse Linda, em tom sombrio. Então se conteve, olhando de relance para a irmã. — Becka, eu preciso falar com o Leander em particular.

Becka passou um copo de vinho a Hastings e pousou uma mão no braço dele, um gesto de apoio.

— Linda, eu quero saber por que está sendo tão rude com ele. Ele salvou a vida de Jack lá em Trinity. Quando Jack ficou doente em Londres, ele nos convidou para vir para cá para que Jack pudesse se recuperar. Ele tem sido absolutamente generoso com o Jack e comigo. Então você aparece aqui sem avisar e age como se ele fosse um vilão na própria casa dele.

— Leander! — Linda vibrava de raiva.

— Oh, está bem!

Com relutância, Hastings largou o copo na mesa. Passou um braço em torno de Becka e murmurou baixinho algumas palavras. Becka ficou paralisada, olhos e lábios abertos, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa. Hastings levantou-a e deitou-a gentilmente no sofá. Então pegou seu copo novamente, segurando-o à frente dele como um escudo.

— Diga o que tem a dizer, se acha que precisa — disse Hastings a Linda.

Linda se virou para Jack.

— Jack, se você participar desse sistema bárbaro, só vai fazer com que ele se perpetue.

Hastings esvaziou o copo num instante e o encheu de novo com o conteúdo da garrafa sobre a mesa.

— Linda, não vou deixar que interfira nisso — disse ele com suavidade.

— Quer dizer que agora resolveu usar meninos de 16 anos para conseguir sua vingança, não é?

— Se eu pudesse fazer isso por conta própria, não acha que eu faria? Você me conhece bem demais para pensar isso.

Jack estava totalmente perdido.

— Do que vocês estão falando? — indagou ele. Deixou-se cair pesadamente numa cadeira.

A voz de Linda era fria e seca.

— Você não me disse uma vez que o senhor Hastings sempre escolhe sobre o que ele quer falar? Suponho que ele tenha escolhido não contar a você sobre a família dele.

Jack sacudiu a cabeça, já se sentindo deprimido. Sabia que estava prestes a ouvir outra história antiga. Sentia-se como se sua vida tivesse sido inteiramente arruinada por eventos que haviam ocorrido muito antes de ele ter nascido.

— A irmã mais velha de Leander, Carrie, nasceu guerreira. Lee passou a infância mudando-se de um lugar para outro, a família tentando fugir das Rosas.

— Linda tomou um gole de vinho. Hastings fitava o fogo. — Não deu certo. Aos 18 anos, ela foi encontrada por Geoffrey Wylie e reivindicada pela Rosa Vermelha.

— O tom dela suavizou-se. — Ela nem mesmo chegou a disputar um torneio, porque foi morta antes pela Rosa Branca. O pai e o irmão dele foram mortos, e a mãe nunca mais foi a mesma. Leander tinha dez anos na época.

— Wylie? — repetiu Jack.

Ela olhou de relance para Jack.

— É uma história que tem se repetido milhares de vezes na nossa família. Só que o Leander ficou obcecado com a idéia de lutar contra o Wylie e as Rosas desde então. Por isso, quando eu estava procurando alguém para me ajudar a proteger você contra as Rosas, pensei nele. Nunca imaginei que ele decidiria se submeter ao sistema que matou a irmã.

Linda jogou o que restava do vinho dela no rosto de Hastings. Ele a segurou pelo pulso com uma mão e sacudiu até que o copo caísse. Este se despedaçou nos ladrilhos, espalhando gotas de vinho como sangue sobre a lareira. Hastings limpou o vinho de seus olhos com a outra mão.

— Não me faça perder a cabeça, Linda. — A voz dele era enganosamente gentil.

Linda não recuou, mas se inclinou na direção dele, pondo-se na ponta dos pés para se aproximar de seu rosto.

— Por quê? Foi isso o que aconteceu com a Susannah?

A luz do dia havia fugido por completo, e a sala era iluminada apenas por magia e pelas chamas na lareira. Por um momento, a pequena cena pareceu uma pintura, o alto mago, a pequena encantadora, ambos emitindo fragmentos de luz em espiral; Jack e a mãe dele, os dois congelados. Então Hastings soltou o pulso de Linda e recuou. Os dois se encararam por um longo momento.

— Algo assim — disse ele.

O mago se sentou em uma cadeira junto à lareira e pôs a cabeça entre as mãos.

Jack olhou da tia para Hastings e de volta para a tia. Linda apoiou-se, cansada, contra a lareira.

— Jack, conheça o homem que assassinou a sua tataravó.

— Mas isso foi há cem anos — protestou Jack. — E ela caiu do cavalo!

Nada daquilo fazia qualquer sentido.

— Não, Jack. — Hastings se endireitou, mas não olhou para ele. — A Susannah era guerreira, mas também era pacifista. Ela não quis me ajudar a lutar contra as Rosas, nem me permitiu treinar o filho dela. Quando ela descobriu qual era o meu propósito, ela não quis ter nada a ver comigo. Eu não consegui convencê-la de que fugir e se esconder jamais daria certo.

— Então você a matou e roubou a pedra dela — disse Linda baixinho.

Ele estremeceu.

— Não exatamente. Ela se matou por minha causa. Há uma diferença, mesmo que pequena. Ela ofereceu a pedra, e eu aceitei. — Hastings estendeu a mão esquerda; a pedra em seu anel brilhava. — Uso para me lembrar do que fiz e do que

perdi. É... é uma fonte de poder, mas, se eu pudesse voltar atrás, eu voltaria, numa fração de segundo.

Jack se lembrou da cena no espelho de Blaise, a jovem de cabelos ruivos que ele pensara ser sua mãe, a luta no topo do penhasco. Ela havia enterrado a adaga em seu próprio peito. Isso, pelo menos, era verdade.

Houve um breve silêncio, quebrado apenas pelos estalos da resina no fogo, então Jack falou:

— Como soube disso? — perguntou ele à tia.

— Estava no obituário dela. O corpo foi encontrado por Lee Hastens. Hastings, para nós. Eles não eram muito exigentes a respeito de ortografia naqueles tempos. Havia um ferimento no peito dela, mas tenho certeza de que não foi difícil para um mago plantar a história sobre uma queda do cavalo. Will e Fitch perceberam parte da coisa.

— Mas isso foi há cem anos — repetiu Jack, com teimosia.

Havia um débil sorriso no rosto de Hastings.

— Eu sou bem mais velho do que você imagina, Jack. Nós, magos, temos vidas longas e grande memória. Por que acha que esse sistema de torneios tem durado tanto tempo?

— E quanto ao filho da Susannah? — Aos poucos, Jack montava a história em sua cabeça. — O que aconteceu com ele?

— O nome dele era Andrew — respondeu Hastings. — Seu bisavô. Eu o ajudei a fugir com o pai depois que a Susannah morreu. Fiquei de olho nele, mantive as Rosas a distância, mas resolvi não interferir na vida dele depois da morte da Susannah. — Havia um século de dor na voz dele.

O homem no espelho havia chorado, ninando a jovem em seus braços.

— Você estava apaixonado pela Susannah — disse Jack. — E é você quem cuida do túmulo dela.

As palavras lhe voltaram. "Os magos têm grande memória."

Hastings não o contradisse. Esticou as pernas longas e ficou olhando para o fogo, abatido.

Após um momento, Linda disse, num tom de voz capaz de cortar diamantes:

— Pois é, Jack, parece que o senhor Hastings está acompanhando a linha feminina de descendentes da família Downey. Primeiro a sua tataravó, depois eu. Quem sabe a sua mãe seja a próxima.

— Parem com isso! — Jack falou alto o bastante para calar a ambos.

Jack estava recebendo informações demais, mas ainda não o bastante para entender. Ele nunca tinha visto a tia naquele estado, nunca, e esperava nunca vê-la assim de novo. Havia um toque cruel e primitivo na raiva dela que o assustava. Agora estavam ambos encarando-o.

— Becca é minha mãe — continuou Jack, em voz mais baixa.

— Ela é uma ótima advogada e defensora dos direitos civis e sempre apoia o lado mais fraco numa luta. Ela adora literatura medieval e faz com que os alunos dela adorem também. Ela gosta de jardinagem e adota bichinhos perdidos. E ela não tem nada a ver com isso.

— É o que os magos fazem, Jack — disse Linda, em tom calmo. — Eles vão atrás do que querem e atropelam as outras pessoas no processo. E parece que você está a caminho de se tornar o próximo sacrifício na jornada do senhor Hastings por vingança.

Hastings esticou os dedos.

— Eu não pedi este trabalho. Você me pediu pra salvar a vida dele, e eu estou fazendo o melhor que posso. — Ele sorriu com amargura. — Não entende? Eu fracassei. Há mais de cem anos que luto contra as Rosas, tentando organizar uma rebelião contra o sistema, treinando guerreiros para se defenderem, armando incursões e resgates ousados. E para

quê? Para todos os efeitos, a Ordem dos Guerreiros está extinta. — A voz dele suavizou-se. — Não estou dizendo nada que você não saiba. Você tem lutado nesta guerra desde que tinha a idade do Jack. Pelo que ouvi, ainda está lutando. Mas não ao meu lado. — Ele sustentou o olhar por um longo momento, depois desviou os olhos para o fogo.

Linda parecia comovida.

— Lee, eu...

— Nem isso é o bastante para eles — grunhiu Hastings. — Agora Jessamine Longbranch está tentando descobrir como criar novos guerreiros. Logo vão desencavar e retalhar os corpos dos que eles assassinaram. — Ele tocou o anel em seu dedo, constrangido.

— Por isso é hora de mudar de estratégia. Eu venho cortando os braços da besta e não adiantou. Desta vez, eu vou atrás do coração.

— Você vai tentar obter controle sobre o Conselho? -sussurrou Linda. — É sobre os artefatos?

Hastings confirmou com a cabeça.

— Se eu jogar com o Jack e vencer, o Conselho dos Magos e todo o arsenal de armas mágicas sob suas malditas regras vão ser meus, pelo menos até o próximo torneio. E não vai haver outro, se eu puder impedir. — Ele olhou para Jack. — Como eu disse a você, eu tinha esperança de que nenhuma das Casas fosse capaz de conseguir um jogador. Eles teriam de desistir, e você não teria de lutar.

— Bem, quem sabe você consegue encontrar e eliminar o jogador da Rosa Vermelha — disse Linda em tom ácido, imitando a doutora Longbranch. — Isso seria perfeito.

Hastings bateu com o punho na mesa, chacoalhando a louça.

— Você tem uma sugestão melhor? Eu não teria feito isso, se não achasse que era a melhor chance do Jack. É tarde demais. Como você acha que vai ser o futuro dele? Onde você está

pensando em se esconder? Ele será abatido mais cedo ou mais tarde, assim como o resto dos Weirlinds, e não há nada que eu ou você possamos fazer. E, se Jack for apanhado por eles, você sabe o que vão fazer com ele, não sabe? Pelo menos, se eu for o patrono dele, isso não vai acontecer.

— O senhor Hastings me disse que tanto a Rosa Vermelha quanto a Branca vão me caçar a partir de agora — disse Jack, com pouca emoção. — Ele disse que eles iriam atrás da minha família pra me pegar. É verdade?

Linda suspirou.

— Esse tem sido o padrão — admitiu ela.

— Não importa aonde eu vá, eles vão me seguir. Eu nunca vou poder ir pra casa. — Jack balançou a cabeça. — Já estou cansado, e só faz alguns meses que isso começou. Não posso fazer isso a vida toda. Pelo menos esse jeito é simples e direto.

Houve um breve silêncio.

— Onde vai ser o torneio? — indagou Linda.

Hastings deu de ombros.

— Na Ravina do Corvo, provavelmente.

Linda inspirou rapidamente, tentando tomar fôlego.

— O que faz você pensar que vai conseguir sair de lá vivo? Os membros do Conselho vão tirar a sorte pra escolher quem vai ter a honra de cortar a sua garganta.

Hastings sorriu.

— Como patrono, estarei protegido.

— Até alguém conseguir apanhar você sozinho. As regras dos magos foram feitas pra serem quebradas — disse Linda. Para a surpresa de Jack, havia lágrimas nos olhos dela. — Leander, talvez você esteja determinado a se matar, mas deixe o Jack fora disso.

— Eu já estou dentro, tia Linda — disse Jack baixinho. Talvez fosse o efeito da fusão com Brooks, mas havia uma parte dele que não era mais uma criança.

Linda parecia sentir isso também.

— Você está diferente. Primeiro o seu corpo, e agora... — As lágrimas haviam escapado e agora deslizavam pelas faces. — Você tem 16 anos — murmurou ela. — Você é jovem demais pra lutar.

— Eu nunca escolhi isso — disse Jack. Ele se voltou para Hastings, sentindo-se estranhamente calmo e resoluto. — Você precisa deixar minha mãe ir embora agora. A tia Linda pode levá-la de volta. Seja lá o que for que vocês dois inventarem pra impedir que ela se preocupe, está bom pra mim. Vou estar no seu combate. Mas não quero que ela se envolva com isso ou com você. Acho que mereço pelo menos isso.

— Jack, eu sinto muito. Vou mandar sua mãe de volta com a Linda — disse Hastings.

O mago se ajoelhou ao lado de Becka e tomou-lhe as mãos. Ele falou baixinho e, embora Jack escutasse atentamente, não conseguiu discernir a maior parte do feitiço. Becka piscou e se sentou, parecendo confusa.

— Becka, a Linda está aqui para levar você até Oxford. O Jack vai ficar comigo por alguns dias. Vamos acampar em Langdale Pikes. Eu o levo de volta a você na semana que vem.

Jack percebeu que ele estava usando de magia.

Becka fitou Hastings por um momento e assentiu.

— Acho que eu sabia que não podia ficar para sempre. Mas obrigada por sua... hospitalidade. Sei que vai se divertir, querido — disse ela a Jack, forçando um sorriso. — Só levo um minuto pra pegar minhas coisas. — Pareceu que ela pretendia dizer algo mais, mas em seguida se esqueceu do que

era. Ela se levantou, abraçou o próprio corpo. Depois se virou e subiu as escadas.

O olhar de Hastings seguiu-a por um longo momento, então ele se voltou para Linda.

— Ela vai dormir por todo o trajeto e, quando acordar, não vai se lembrar de muito sobre a estadia dela aqui. Mas ela não vai ficar preocupada, sabendo que o Jack está acampando comigo.

O — Não vou deixar você aqui, Jack — disse tia Linda, com teimosia. — Não acha que a sua mãe vai perceber alguma coisa quando você morrer?

— Não há nada que você possa fazer. Vou ficar bem — replicou Jack, com mais confiança do que sentia. — Além disso, talvez eu ganhe.

Becka retornou com a bagagem. Linda abraçou Jack com força, o rosto molhado de lágrimas. Becka lhe deu um abraço mais seco. E então as duas saíram pela porta.

Com a saída das mulheres, a mansão ficou parecendo sem vida. O mago e o guerreiro ficaram ali por um momento, um tanto constrangidos, sem saber o que dizer. Lá no fundo, Jack sempre soubera que daria nisso, desde a primeira vez que vira Hastings em Trinity. Mesmo então, tinha visto o perigo nele e, de algum modo, sentido também sua história trágica. Cada vez mais, não havia revelações, apenas o desvelar de verdades sabidas havia muito tempo, mas lembradas vagamente. Tudo tinha sido escrito havia muito tempo. Os destinos deles estavam ligados.

Quanto a Hastings, parecia mais vulnerável do que antes. Ele era imperfeito; acima de tudo, humano. Um homem que se considerava um fracasso em sua missão de vida. Que estava, talvez, caminhando em direção à morte na Ravina do Corvo. E levando Jack consigo.

Capítulo Quinze

A Ravina do Corvo

Aquelas montanhas eram cheias de magia antiga, almas perdidas e melancolia. E naquele dia estavam cheias de chuva e nevoeiro também. Jack e Hastings deixaram o carro num estacionamento a certa distância de Keswick. Quanto mais eles subiam, mais brutal ficava o clima. O verão em Lake District parecia com o início do inverno em Ohio. Jack vestia uma jaqueta pesada que havia tomado emprestada de Hastings, calças de alpinismo, um grosso suéter e botas resistentes de caminhada. Carregava suas outras roupas numa mochila e a espada pendurada às costas, a fim de que suas mãos ficassem livres para a rápida travessia do terreno inclemente.

Hastings imprimia um ritmo rigoroso, subindo sempre, seguindo um caminho que Jack mal conseguia ver sobre a rocha traiçoeira.

O pico agigantava-se diante deles. A Cabeça do Corvo, Hastings o chamara. Mas sua extrema melancolia combinava com o estado de espírito atual de Jack.

Eles subiram ainda mais na ravina, mantendo o pico à esquerda. A rota que seguiam coincidia com um riacho que saltava e rolava por entre as pedras partidas. As rochas ao longo da margem estavam molhadas e escorregadias. Escalaram os últimos 90 metros quase na vertical até chegarem a um local onde a água parecia explodir da face de um penhasco.

— Esta é a represa da Ravina do Corvo. — Hastings precisou gritar acima do troar das cataratas. Aquilo deixou Jack tão perdido quanto antes. Mas ele sabia que seu destino era a Ravina do Corvo, o local tradicional do torneio. Hastings havia sugerido que eles entrassem pelos fundos, por razões de segurança.

— As Leis de Combate não começam a valer até que você seja oficialmente registrado no torneio — havia dito Hastings. — Não quero arriscar uma emboscada no meio do caminho.

Jack se lembrou do que Linda havia dito sobre os membros do Conselho quererem cortar a garganta de Hastings e presumiu que o mago poderia ter razões pessoais para entrar despercebido. Como se o terreno e o clima não fossem ruins o suficiente, a idéia de uma emboscada havia acrescentado à viagem aquele elemento extra de suspense. Jack se viu reagindo a cada barulhinho ou sinal de movimento.

Hastings içou-se com facilidade até uma pequena plataforma de rocha junto às quedas e estendeu a mão a Jack para que pudesse subir atrás dele. Todas as pedras e pontos de apoio estavam escorregadios por causa dos borrifos de água. Hastings apontou para dentro das quedas.

— É ali que nós vamos.

A borda ao longo do desfiladeiro não tinha nem 20 centímetros de largura. Achatando-se contra o penhasco e abraçando a fria face rochosa, eles conseguiram deslizar através das quedas e entraram em uma câmara escavada na rocha. Era fria e envolta no vapor das quedas trovejantes. Olhando para além das águas da cascata, Jack viu quanto haviam escalado.

No fundo da caverna, um estreito caminho serpenteava entre dois imensos blocos de pedra. Aquela era a estrada que deveriam tomar. Agora eles quase não caminhavam mais, apenas escalavam. Se a subida fosse só um pouco mais íngreme, eles precisariam de cordas, pensou Jack, apertando os dedos ao redor das pedras sobre sua cabeça e içando-se para cima, tentando não pensar no que aconteceria se escorregasse.

Seus pensamentos desviaram-se para o seu adversário, tentando dar corpo às vagas especulações. Hastings supunha

que o oponente de Jack devia ser jovem, ou a Rosa Vermelha já teria convocado um torneio antes. A Rosa Branca havia mantido o troféu por anos, uma situação que irritava a outra Casa. Como a maioria dos guerreiros era capturada quando criança, ele provavelmente vinha treinando havia anos. Talvez aguardasse aquela luta com entusiasmo, e não terror.

Mais meia hora de dura escalada e eles estavam sobre a borda, olhando para baixo, para a Ravina do Corvo.

Não podiam ver muita coisa. O vale estava coberto por uma nuvem cintilante que poderia ser névoa, mas que mesmo os olhos leigos de Jack reconheciam como uma barreira de magia.

— Como sabia como chegar aqui? — perguntou Jack, lutando para recuperar o fôlego e com esperanças de atrasar o mago por tempo suficiente para alcançá-lo.

— Já tive de entrar e sair despercebido da Ravina do Corvo no passado — replicou Hastings. O mago não estava nem respirando rápido. Hastings soltou sua mochila e tirou dela dois mantos bem leves. Vestiu um por sobre as roupas e passou o outro a Jack. — Vista isso — ordenou.

Jack vestiu o manto e cobriu a cabeça com o capuz.

— Já esteve num torneio antes? — indagou Jack.

— Nunca participei, mas perturbei alguns.

Hastings enfiou a mão dentro da mochila e puxou de dentro um pequeno objeto, que entregou a Jack. Era uma pedra cinzenta, talhada toscamente, oval, mais ou menos do tamanho da palma da mão dele. Era coberta por runas e símbolos desconhecidos e pendia de uma corrente de prata finamente lavrada. Parecia absorver a luz em vez de refleti-la.

Jack olhou para Hastings.

— Ponha no pescoço — disse o mago. — Eu gostaria de surpreendê-los, se eu puder.

Hastings não deu mais nenhuma explicação.

Jack passou a corrente ao redor do pescoço e enfiou a pedra dentro do colarinho da blusa. Sentiu-a contra a pele do peito, criando uma leve sensação de formigamento. O mago pousou a mão sobre o braço de Jack, falou algumas palavras em latim e desapareceu.

— Hastings! — Jack conseguia ainda sentir o calor da mão do mago.

— Estamos os dois invisíveis, Jack. A pedra é chamada *dyrne sefa*. Criada por feiticeiros. Ela dá poderes incomuns até mesmo para os magos. Fique por perto, não quero perder você.

E Hastings foi em frente, mais devagar agora, descendo o lado interno das montanhas que cercavam a Ravina. O solo era traiçoeiro, e Jack tinha de se concentrar para evitar tropeçar e, ao mesmo tempo, manter-se ao alcance de Hastings.

Ao se aproximarem da barreira, o mago pronunciou um feitiço, e um rasgo irregular apareceu na névoa diante deles. Eles passaram, e o rasgo se fechou atrás deles. Agora conseguiam enxergar claramente.

A Ravina do Corvo era um vale amplo e raso, cercado por todos os lados por penhascos escarpados e montanhas carrancudas. Riachos alimentados pela neve desciam dos flancos da Cabeça do Corvo e serpenteavam pela base do vale, cortando-o em clareiras e parques atapetados por árvores, finalmente escapando através da ravina que haviam acabado de escalar. Na extremidade oposta da bacia, a meio caminho da encosta, um grande castelo fora construído na montanha.

Havia sido feito da rocha nativa e lembrava um afloramento, parte da paisagem. Três dos seus lados eram cercados por jardins em patamares que desciam até a base da Ravina.

Muito acima de suas cabeças, a meio caminho da subida da Cabeça do Corvo, algo brilhava, refletindo a luz nos olhos de

Jack. Ele os contraiu, protegendo-os. Um rochedo cristalino se projetava do granito, como que tentando escapar de sua infeliz prisão. "Deve ser imenso, toneladas de pedra", pensou ele, "para parecer tão alto desta distância". Tinha várias faces luminosas e uma ponta achatada. O brilho que Jack via não era a luz do sol refletida, mas vinha do próprio coração da pedra.

— O que é aquilo? — indagou ele a Hastings, apontando. Aí se lembrou de que Hastings não podia vê-lo. — Aquela rocha brilhante ali?

Ele percebeu, pelo tom de voz de Hastings, que ele achara a pergunta engraçada.

— Não é uma rocha, Jack. Aquela é a Cabeça do Corvo, a alma da montanha, também chamada de Pedra Weir, o Dente do Dragão. Dizem que os cristais que carregamos em nós se originaram daquela pedra, liberta e modelada por uma magia mais poderosa do que qualquer uma conhecida hoje. — Ele fez uma pausa. — É a pedra que nos mantém aprisionados — acrescentou ele, baixinho.

Jack não entendeu.

— O que você quer dizer?

— As Leis do Combate são parte de um contrato que mantém o dragão dormindo na montanha. Se as regras forem quebradas, o dragão acorda.

— Isso é verdade? — Jack estremeceu, erguendo o olhar para a pedra que cintilava como um farol na parede da montanha, enquanto o topo estava ainda coberto pela névoa.

Hastings deu de ombros; Jack tinha certeza de que ele o fez, embora não pudesse vê-lo.

— É o que dizem — repetiu ele.

O clima estava melhor no vale do que estivera nas montanhas, embora tudo estivesse respingando com a umidade da chuva recente. A parede de pedra em torno deles desviava o forte

vento, o que o tornava notavelmente mais quente. O capim da clareira era luxuriante, em verdes profundos e amarelos onde floresciam os botões-de-ouro. Estava quase ensolarado, embora a luz tivesse uma estranha tonalidade flamejante criada pelo nevoeiro mágico.

Entre eles e o castelo, a Ravina fervilhava de atividade. Prédios, tendas e trailers estavam espalhados de ambos os lados do vale, como se uma mão gigante os tivesse jogado lá ao acaso. As pessoas cruzavam as clareiras como enxames, todas parecendo ter pressa. Estandartes brilhantes esvoaçavam em muitas das estruturas temporárias. Alguns traziam uma rosa branca e outros, uma vermelha. Dava para sentir vagamente o cheiro de comida. Aquilo lembrava a Jack uma feira renascentista que visitara anos antes. Ou como imaginava ser um acampamento cigano.

Um grande espaço havia sido deixado livre de construções na base do vale, diante das paredes do castelo. Equipes de trabalhadores estavam construindo arquibancadas em ambos os lados. Ele supôs que aquele seria o local do torneio. O pensamento deixou-o aturdido.

— Quem organiza tudo isso? — perguntou ele a Hastings.

— O nome dele é Claude d'Orsay — disse Hastings de imediato. — Ele é mago e, pela linhagem, é o mestre de jogos dos Weirs. A Ravina é a sede da Ordem dos Magos, a fonte lendária de seu poder. Por séculos, a família dele tem se ocupado da tarefa de manter a paz entre os herdeiros. Pelas regras, o mestre é um chanceler que trabalha com o líder do Conselho dos Magos, o detentor do troféu do torneio.

Ele fez uma pausa.

— O mestre de jogos deveria ser neutro nesses assuntos, mas d'Orsay sempre foi uma figura política, mais poderoso do que deveria ser. Ele administra as regras. Por exemplo, aquela que diz que os magos estão proibidos de atacar uns aos outros

exceto por meio de seus guerreiros. Só que ele faz vista grossa quando lhe convém — disse Hastings secamente.

Jack havia se perguntado por que Linda parecera achar que Hastings estava em perigo, apesar da proteção das regras.

— De onde veio tudo isso? — Ele apontou com a mão, então se lembrou de novo de que estava invisível. — Todos esses prédios. Como chegaram aqui?

Hastings deu uma risada.

— Nós somos magos, afinal. Com servos e outras coisas mais, podemos montar tudo bem rápido. Tudo vai ter sumido no dia seguinte ao combate.

Os dois seguiram adiante, descendo por um caminho de pedra até a base do vale. Logo estavam lutando para abrir caminho por entre a multidão de pessoas que se espantavam ante seu toque.

A cabeça de Jack estava girando, tomada por uma cacofonia de vozes, de magos vivos e guerreiros mortos, um ruído opressor que crescia quanto mais ele se aproximava do forte. As vozes dos mortos davam-lhe avisos. "Afasta-te, guerreiro", elas imploravam. "Pois é aqui que derramarão o teu sangue." A base do vale era um campo de batalha, regado a sangue, salgado com ossos, o lugar de descanso de centenas de guerreiros. Era brutalmente familiar, graças a Jeremiah Brooks. Jack tentou lambe os lábios, mas a boca estava seca. Lembrou-se de chegar ali como um prisioneiro, com total conhecimento do que o aguardava.

Hastings desativou o feitiço de invisibilidade quando se aproximaram do lugar do festival. Eles tinham alojamentos reservados em uma estrutura permanente, um chalé de pedra no jardim da mansão. Era pequeno e confortável, com dois quartos e uma grande sala que servia como sala de jantar, cozinha e sala de estar, disposta em torno de uma grande lareira de pedra. Jack estava com frio, cansado e sujo após a

viagem montanha acima. Felizmente, o lugar tinha um chuveiro.

Ele passou um tempo considerável sob a ducha quente e, ao sair, encontrou roupas novas empilhadas sobre a cama: calças pesadas de lona; uma camisa branca de mangas compridas e uma túnica longa, azul-marinho, com uma estampa bordada nas costas e nas mangas. Era um dragão rampante de prata, se Jack se recordava corretamente da terminologia heráldica. Ele e Nick tinham passado algum tempo estudando heráldica havia um ou dois anos. Ele nunca pensou que aquilo teria alguma utilidade prática. Suas roupas velhas, inclusive o colete feito por Mercedes, haviam sumido.

"Tanto faz." Ele não estava preocupado com questões de moda. As roupas serviam perfeitamente e eram bem leves e confortáveis. Ele deu uma espiada em si mesmo no espelho. Parecia um jovem cavaleiro ou escudeiro vestido para um dia de banquete. Lembrou-se por um momento do guerreiro de cabelos dourados de seu sonho.

Quando retornou à sala da frente, Hastings estava desligando o telefone. O mago inclinou a cabeça em aprovação quando viu Jack.

— Você parece adequado ao papel — disse ele. Hastings estava vestido em suas cores escuras de costume, mas trajava um manto curto no mesmo tom de azul-marinho da túnica de Jack, preso sobre um dos ombros com um fecho de prata na forma de um dragão. — O Jogo está em andamento. A Rosa Vermelha deve ter conseguido trazer o campeão deles aqui inteiro, já que estão convocando o torneio neste momento, lá na arena. Todas as partes interessadas precisam estar presentes. Está pronto?

Jack fez que sim com a cabeça, torcendo para que fosse verdade.

— O que vai acontecer hoje?

— O anúncio do torneio é feito pelo patrono que apresenta um campeão. Os desafiantes, se existirem, se declaram. Então os participantes são qualificados. Muita pompa. — Hastings jogou para Jack seu manto, que ainda estava úmido, e vestiu o próprio. — Vamos manter o nosso anonimato pelo maior tempo possível, está bem?

Jack vestiu o manto sobre as roupas e puxou o capuz por sobre os cabelos úmidos. Hastings carregava um grande livro com capa de couro sob o braço. Jack reconheceu com espanto o seu Livro Weir.

Os eventos progrediam rapidamente, dando-lhe pouco tempo para pensar. Talvez seja assim que eles convencem os jovens a ir pra guerra, pensou Jack. Você é simplesmente arrastado até que se vê olhando para a cara da morte, e aí você se pergunta como foi que isso aconteceu.

Uma das galerias ao longo do campo de jogo ficara pronta, e uma grande multidão já estava sentada lá. Muitos ostentavam estampas com a rosa branca ou a vermelha. Alguns trajavam roupas contemporâneas, mas a maioria havia se vestido em estilo medieval para a ocasião. Havia mais homens do que mulheres, e a maioria parecia estar entre a juventude e a meia-idade, mas era difícil saber a idade dos magos. Ele não viu nenhuma criança e ficou contente com isso. Tinha certeza de que a multidão era composta inteiramente de magos. Podia sentir a forte pressão do poder vindo da arquibancada.

E as vozes continuavam vociferando dentro de sua cabeça. "Afasta-te, guerreiro." Ele se forçou a ignorá-las. "Matarás alguém aqui ou serás morto." Era simples assim.

Na parte central à frente das arquibancadas, havia uma pequena área de camarotes reservados para autoridades. Vários magos elegantemente vestidos sentavam-se ali. Jessamine Longbranch estava sentada acima do camarote dos juízes, cercada por um grupo em uniformes da Rosa Branca.

Trajava um vestido de montaria em veludo verde, bem decotado na frente, com rosas brancas bordadas e espinhos enfatizando a linha do pescoço. O cabelo negro reluzente estava puxado para longe do rosto com uma faixa de veludo verde. Na mão direita, ela segurava algo que parecia um bastão ou um chicote para cavalos, batendo-o distraída na outra palma. Ela não parecia contente. Jack ficou grato pela cobertura do manto, dado o seu último encontro com a maga. Ele puxou o capuz mais para a frente, a fim de cobrir o rosto. Tinha de admitir: aquela mulher o intimidava.

Hastings apontou para um homem com traços aristocráticos e cabelo curto e escuro que se reclinava em seu assento, gesticulando com mãos de traços delicados, conversando com o homem ao lado.

— Claude d'Orsay — disse Hastings. — Os outros são membros do Conselho dos Magos, que são juízes de campo. A doutora Longbranch está representando a Rosa Branca. Ela é a atual detentora do troféu do torneio.

Hastings e Jack se reuniram ao público que perambulava junto à beira da galeria. Diversos magos em uniformes da Rosa Vermelha estavam agrupados no campo. Jack reconheceu o mago de barba cinzenta do cemitério, aquele com o rosto queimado.

— Geoffrey Wylie — murmurou Hastings. — Premiê da Rosa Vermelha. — Havia uma intensidade em Hastings que apenas agora se revelava, como a de um lobo que sentira o cheiro de sangue. Jack se lembrou de Linda dizendo que Wylie havia matado a irmã de Hastings. — Que pena — acrescentou Hastings. — Parece que ele teve algum tipo de acidente mágico.

Wylie estava lendo um grosso livro de capa de couro.

— O que eles estão fazendo? — sussurrou Jack a Hastings.

— Estão lendo a árvore genealógica do participante, comprovando que ele é um guerreiro legítimo dos Weirs. É o primeiro passo da qualificação para o torneio. — Hastings estufou o peito e cruzou os braços sob o manto. — Isso pode levar algum tempo.

Jack olhou ao redor para ver se conseguia avistar o outro guerreiro, mas não conseguiu distinguir ninguém. Obviamente, os patronos da Rosa Vermelha estavam preservando o seu próprio mistério.

Wylie já estava bem avançado na leitura da árvore da família e levou apenas uns dez ou quinze minutos para terminar tudo, lá pelos idos do século X. Ele levou mais alguns minutos para delinear os planos para o torneio, caso um desafiante aparecesse. Deveria ser realizado no solstício de verão, dali a dois dias, às duas horas da tarde, no Campo da Ravina do Corvo, sob as Leis de Combate.

D'Orsay, que estava visivelmente entediado com o processo, voltou sua atenção para o campo quando os anúncios foram finalizados. Os cinco magos sentados nos camarotes tiveram uma breve discussão, e então d'Orsay disse:

— Em referência à documentação da mesma, a genealogia é aceita. A Rosa Vermelha deve submeter a dita documentação. Em referência à verificação da pedra, o guerreiro parece estar qualificado.

Um grito de aclamação correu por entre a multidão, pelo menos entre aqueles trajando o uniforme da Rosa Vermelha. Fazia três anos desde o último torneio.

D'Orsay falou novamente:

— O torneio foi convocado pela Rosa Vermelha. Há algum desafiante?

Houve uma longa pausa. A multidão estava em silêncio, todos olhando em volta esperando que alguém se apresentasse.

— Da Rosa Branca? — indagou d'Orsay, olhando para Longbranch.

— A Rosa Branca não pode apresentar nenhum campeão no presente momento — disse a doutora Longbranch, com relutância.

Um murmúrio de desapontamento correu pela multidão. Parecia que não haveria torneio, afinal.

— O que aconteceu com o último campeão deles? — Jack sussurrou a Hastings.

— Se matou — Hastings sussurrou de volta. Ele pousou a mão no ombro de Jack por um momento, apertando com firmeza.

— Agora é a nossa vez. Lembrete do que nós conversamos.

Ele se afastou de Jack, aproximando-se do camarote dos juízes.

— Nós desafiamos a Rosa Vermelha — anunciou ele com voz clara.

D'Orsay varreu a multidão com os olhos, tentando determinar quem falara.

— É a Rosa Branca, afinal? — perguntou ele.

Hastings entrou no campo, sob a luz do sol.

— Sou o patrono do jogador — disse ele. — Não sou nem da Rosa Branca nem da Vermelha. — E puxou o capuz para trás.

Houve um momento de silêncio estupefato. Então...

— Hastings! — d'Orsay exclamou, descrente, pronunciando o nome como se fosse um insulto. Os outros juízes de campo se levantaram para ver melhor. — O que você está fazendo aqui? — indagou o mestre, com raiva.

Um murmúrio correu pela multidão, os espectadores sentados se ergueram para ver melhor, voltando-se uns para os outros. Alguns pareciam saber a identidade do alto mago e ficavam explicando aos outros.

Hastings deu de ombros, como se fosse óbvio.

— Estou aqui para jogar — disse ele, sorrindo.

Geoffrey Wylie sorria também, mas seu sorriso era maligno. — Estamos tão felizes que tenha vindo, Leander. Que conveniente! A Rosa Vermelha tem assuntos a resolver com você. — Ele se voltou para seus colegas no campo. — Peguem este homem!

Quatro magos vestidos de vermelho avançaram sobre Hastings com as mãos estendidas, e fogo mágico saltou de seus dedos como velas romanas.

Aconteceu tão rápido que Jack ficou paralisado, inseguro sobre se deveria intervir, porque Hastings lhe havia dito para esperar. De qualquer modo, o mago não parecia precisar da ajuda dele. Ele esticou o braço direito, e o ar entre ele e a Rosa Vermelha tremeluziu, solidificando-se em uma barreira que bloqueou o ataque dos magos por ora, desviando as chamas em curva sobre a multidão apavorada. Com a mão esquerda, ele tirou um pequeno livro de sob o manto.

— E quanto às regras, Claude? — Hastings ergueu o livro no ar. — Como mago e patrono em potencial, tenho proteção. Mandem que eles parem.

— Esse homem incitou as ordens dos servos — argumentou Wylie. — Ele é um traidor que tem derramado o sangue dos magos em desacato às regras. Ele não merece a proteção delas.

— Prove. — Hastings girou, ainda segurando as regras no alto para que todos na multidão pudessem ver. — Obviamente, eu sempre acreditei que sangue fosse sangue: mago ou guerreiro, encantador ou feiticeiro ou adivinho.

— Não é o que as regras dizem — retrucou Wylie. — Por que você não as lê pra variar?

— Desista! — disse d'Orsay com relutância, balançando a cabeça para Wylie. — Pare com isso ou vai ser desqualificado.

Wylie gesticulou, e o grupo de magos parou.

— Eu deveria ter cortado a sua garganta quando tive a oportunidade. — Ele se voltou para d'Orsay. — Isto é absurdo. Ele não pode ser patrono. Isso não pode ser permitido. O torneio é entre as Rosas.

— Onde está escrito isso? — indagou Hastings, com frieza. Ele estendeu o livro de regras para Wylie. — Mostre-me. Mas Wylie insistiu. Ele acabara de ver a óbvia desistência do adversário se transformar em uma possível disputa.

— Este jogo é baseado em séculos de tradição! Jamais se concedeu permissão de jogar a alguém que não fosse das Rosas.

— Alguém algum dia tentou apresentar um candidato?

Hastings olhou de um para o outro. Wylie e d'Orsay ficaram sem fala por um momento.

— Que Casa você representa? — perguntou d'Orsay com cautela.

— O Dragão Prateado.

Hastings despiu por completo o manto simples e o dobrou sobre o braço, revelando o manto azul com a estampa do dragão por baixo. Um rumor percorreu o público mais uma vez. O Dragão Prateado? Quem já ouvira falar do Dragão Prateado?

Jack deu uma olhada na galeria, à procura de Jessamine Longbranch. Ela observava os procedimentos, franzindo a testa, tamborilando as unhas cor de sangue no queixo. Aparentemente, ela ainda não estava certa sobre o que aquela reviravolta significava para a Rosa Branca.

— Você precisa colocar um guerreiro em campo, Hastings — disse d'Orsay, e acrescentou, em tom paternalista, confiante de que aquela condição não seria atendida. — Ou não pode jogar.

— Eu tenho um jogador que se qualifica — respondeu Hastings, que se mantinha alerta, como uma flecha puxada

para trás e pronta para voar, de costas para o campo aberto e de frente para as Rosas Vermelha e Branca na galeria.

O público reagiu com ruidosa aprovação. De repente, parecia que o torneio poderia, de fato, ir adiante.

Wylie se voltou para d'Orsay em busca de ajuda.

— Precisamos de uma decisão — disse ele, em tom de queixa. — Isto é ridículo.

D'Orsay suspirou.

— Não há nada nas regras que exclua o Dragão Prateado. Não sei por que ele não poderia apresentar o jogador dele. Talvez ele nem mesmo se qualifique. — Ele inclinou a cabeça para Hastings. — Prossiga.

Wylie manteve-se em pé, furioso, à beira do campo.

Hastings abriu o livro de Jack e encontrou o lugar.

— Jackson Downey Swift, filho de Rebecca Downey e Thomas Swift...

Agora Jessamine Longbranch se levantou.

— Isso é impossível! — gritou ela. — Jack Swift está morto!

Longbranch se inclinou para a frente no camarote e quase para fora de seu vestido, para o deleite da multidão nas arquibancadas.

Hastings franziu o rosto para ela.

— Doutora Longbranch, não é? Apesar de todos os seus esforços... e dos seus também — disse ele, inclinando a cabeça para Wylie —, Jack Swift está muito bem vivo.

Longbranch varreu a galeria com os olhos, os punhos cerrados, disparando faíscas brancas de tão quentes por sobre a multidão ao redor. Jack se encolheu mais para dentro do manto, lamentando não estar com seu colete.

— Posso continuar? — perguntou Hastings a d'Orsay, polidamente.

O mestre assentiu, sem fala. Hastings continuou a ler, passando por gerações de Downeys, Hales e outros nomes

menos familiares. A genealogia era prodigamente salpicada de herdeiros, guerreiros e magos em sua maior parte. Vinte minutos se passaram até atingirem, no século XII, seu ponto de chegada.

Os juízes conversaram por um tempo maior dessa vez, e houve discussões em voz alta e gestos dramáticos. Enfim, d'Orsay assentiu e se voltou para o campo. Ele não parecia muito feliz.

— A genealogia está em ordem. Não há nada nas Leis de Combate que impeça a participação dele. O guerreiro parece estar qualificado, dependendo da documentação do mesmo, e supondo que ele passe no teste físico.

O público explodiu em aplausos. Tinham vindo para um espetáculo e agora teriam um. Longbranch e Wylie protestaram em altos brados. Wylie queria que se deixasse a genealogia de lado, enquanto Longbranch estava disposta a aceitar a genealogia, mas contestava o patronato de Hastings. D'Orsay estava ficando cada vez mais aborrecido, embora Jack suspeitasse que a raiz disso fosse a sua incapacidade de encontrar uma razão para desqualificar Hastings ou o jogador dele. Qualquer pretexto teria de ser convincente, dados os ânimos da multidão. Finalmente, ele ergueu a mão.

— Doutora Longbranch, a senhora pode registrar um protesto formal, se assim desejar. Senhor Wylie, nós já tomamos uma decisão sobre a genealogia. Por favor, cale-se ou será desclassificado.

Aquela possibilidade agradou a Jack, mas Wylie se calou de imediato.

D'Orsay suspirou. Havia mais um requisito que poderia afastar Hastings do torneio.

— O exame físico. Apresente o seu guerreiro.

Jack olhou rapidamente para Hastings, que baixou a cabeça imperceptivelmente. Jack caminhou campo adentro, tirando o

manto enquanto andava. A multidão levantou-se de um salto para ver o desafiante pela primeira vez. Jack podia sentir o calor do poder dos magos atrás de si. Era quase o suficiente para derrubá-lo.

Um dos juízes de campo desceu do camarote, carregando um estetoscópio similar ao que a doutora Longbranch utilizava. Ele ergueu a túnica de Jack e pressionou-lhe o cone de prata contra a pele do peito. Depois de um momento, ele removeu o cone e se afastou, examinando Jack com interesse. Ele se voltou para d'Orsay e anunciou:

— Há uma pedra de guerreiro. Ele está qualificado.

Houve um pandemônio. Passaram-se vários minutos antes que se restaurasse a ordem.

Jasmine Longbranch estava em pé de novo. Jack olhou dentro daqueles olhos negros, lembrando-se do último "exame" no consultório dela, e estremeceu.

— Sou dona desse menino, Claude. Ele foi roubado de mim por meios fraudulentos. Agora que ele apareceu vivo, você tem de me devolver o que é minha propriedade.

D'Orsay sacudiu a cabeça.

— Jess, não podemos decidir isso agora. Como eu falei, registre o seu protesto, e aí veremos. Senhor Wylie, o seu candidato?

Wylie olhou para o outro lado do campo. O guerreiro da Rosa Vermelha já se aproximava. Jack espremeu os olhos, protegendo-os com a mão. Ele parecia ser jovem, não mais velho do que Jack e talvez não tão alto. Vestia uma túnica branca com acabamentos vermelhos e uma rosa vermelha gravada na frente, botas de couro até os joelhos e um capuz justo cobrindo o cabelo e a maior parte do rosto. Jack estava perplexo. Havia algo de familiar no estranho, na maneira graciosa com a qual se movia e se postava. O guerreiro encarou os juízes e o estetoscópio foi aplicado. O juiz que o

segurava recuou, espantado, por um momento. Então ele se voltou para d'Orsay.

— Há uma pedra de guerreiro. Ela está qualificada.

O guerreiro se virou para Jack e tirou o capuz. Os cabelos castanhos caíram até a altura do ombro. O rosto era inconfundível. Era Ellen Stephenson.

— Oi, Jack — disse ela.

Capítulo Dezesseis

Uma Convocação ao Tribunal

Jack estava deitado de costas na cama, fitando o teto. Eram ainda as primeiras horas da noite, mas as cortinas haviam sido fechadas a fim de impedir as pessoas de espiar pelas janelas. Ouvia o barulho da multidão lá fora, crescendo e diminuindo. Cada vez mais espectadores chegavam, agora que se espalhara a notícia de que o torneio realmente aconteceria. Parecia certo que a Ravina estaria lotada em pouco tempo, se é que já não estava. Era um festim, um festival, uma celebração do antigo sacramento de violência e morte.

De vez em quando havia batidas na porta. Grupos de recém-chegados ansiosos por encontrar o jogador do Dragão Prateado. Hastings os mandava embora rapidamente. Ele havia passado um tempo considerável colocando armadilhas e barreiras em torno do chalé, duvidando de que seus muitos inimigos respeitariam as regras. Agora o lugar parecia preparado para um combate, como uma fortaleza.

Os sons de música e festividades chegavam debilmente aos ouvidos de Jack. Tendas de tabernas haviam brotado em todo

lugar, vendendo fortes bebidas mágicas. Havia muita gente exagerando na bebida.

"Ellen Stephenson." Ondas de dúvidas sobre si mesmo rolavam sobre Jack. Idiota. Ele era um idiota. Estava muito cansado de ser um idiota. Como é que não tinha percebido?

Rememorava as pequenas pistas. O fato de ele nunca precisar explicar nada a Ellen. O mistério sobre o passado e a situação familiar dela. Ele nunca havia conhecido os pais dela nem sabia de ninguém que o tivesse feito. Como ela conseguira isso numa cidadezinha como Trinity? Outra pergunta idiota. Com um pouco de magia, qualquer coisa era possível.

Ela estava sempre indo a aulas. Aulas de piano, haviam dito a ele. Ou então tinha parentes visitando-a. Jack havia admirado seu corpo sadio e musculoso, seus movimentos atléticos. "De trabalhar no jardim", ela dissera. Não era de admirar que Ellen não tivera medo de Garrett Lobeck ou dos amigos dele. Ela poderia tê-los transformado em hambúrgueres.

Jack deu uma olhada na Sombra Assassina, apoiada contra a parede. Ouvira falar de pessoas em lugares apertados se matando ao cair sobre as próprias espadas. A idéia era atraente, mas ele não achava que conseguiria.

Hastings apareceu à porta.

— Venha e coma alguma coisa.

— Não, obrigado — respondeu Jack, indiferente.

O mago fitou-o por um momento antes de retrucar:

— Levante-se e venha aqui.

Hastings retornou à sala principal. Jack ficou deitado por um momento, depois suspirou e se levantou.

Hastings havia servido uma ceia de rosbife frio, queijo, pãozinhos duros, molho de raiz-forte, salada de batatas, frutas e bolo. Jack estava realmente faminto, a despeito do mau humor. Não havia comido nada de substancial desde que subira a montanha. Aquilo parecia ter sido há muito tempo.

Jack se sentou à mesa e encheu o prato. Hastings colocou um copo de suco de maçã na frente dele.

Hastings sentou-se em frente a Jack, beliscando a comida, a expressão em seu rosto incompreensível. Estava bebendo um copo alto de cerveja preta inglesa, um tanto quanto rápido. Os dois disseram pouca coisa até Jack terminar de comer sua segunda fatia de bolo. Então Hastings pôs de lado seu copo vazio, reclinou-se um pouco e disse:

— Quando entrou nisso, você sabia que daria em luta; e que um de vocês terminaria morto.

Jack largou o garfo.

— Eu não sabia que seria ela. — Ele fez uma pausa. — E você?

Hastings sacudiu a cabeça.

— Não. Algo nela me chamou a atenção no colégio, mas eu não cheguei a investigar. Ela deve ter bastante disciplina.

— Eu não posso matar Ellen Stephenson — Jack resmungou.

— Você nem conhece Ellen Stephenson. — Hastings inclinou a cabeça para trás e examinou Jack por baixo das pesadas sobrancelhas. — A garota que você achou que conhecia não existe. Ela não é a pessoa com quem você vai lutar. Pelo que entendo, ela treina há anos. Ela é uma matadora, Jack. Ela vai arrancar o seu coração.

— Escute, talvez seja você quem não entende. Eu simplesmente não curto matar mulheres — Jack retrucou.

Assim que as palavras lhe haviam escapado da boca, percebeu que havia cometido um erro. Mas então já estava caído no chão, e o mago estava em pé diante dele. Após um instante, Hastings estendeu a mão e o ajudou a se levantar.

— Desculpe — disse Hastings, tenso. — Como você, parece que tenho problemas de controle.

Os dois se sentaram novamente. Depois de uma pausa, Hastings disse:

— Uma vez eu lhe perguntei o que faria se alguém tentasse matar você.

— Eu disse que mataria a pessoa antes — disse Jack, lembrando-se.

— Ela vai matar você, se puder — disse o mago. — Eu não trouxe você aqui para ser morto.

O que ele não disse foi que talvez Jack não tivesse nenhuma chance contra ela, mesmo que se esforçasse ao máximo. "Não é coisa que se diga ao seu jogador antes de um combate."

Houve uma nova batida na porta. Hastings atendeu. Jack ouviu vozes, mas dessa vez não parecia ser alguém do fã-club. Quando o mago retornou, largou um envelope sobre a mesa.

— Parece que foram registrados protestos em relação à sua participação no torneio. — Ele abriu o envelope com um rasgo e examinou o papel rapidamente, jogando-o em seguida sobre a mesa. — Há um processo aberto por Linda Downey alegando que você não nasceu guerreiro, e sim mago. Que uma pedra de guerreiro foi implantada de modo fraudulento em você por Jessamine Longbranch. Criativo — disse ele. — Imagino se eles vão engolir essa. O outro processo foi aberto por Jessamine Longbranch, alegando que você é propriedade dela, roubada de forma fraudulenta por Leander Hastings. A solução sugerida é que você jogue no torneio como o campeão da Rosa Branca.

— Eu nunca vou fazer isso — disse Jack com convicção. — Não sei o que vou fazer, mas nunca vou fazer isso.

— Muito bem. — Hastings tamborilou os dedos na mesa. — Você pode acabar descobrindo que ela sabe ser muito persuasiva. E, considerando quem vai julgar esses protestos, as coisas talvez não saiam como você quer.

Jack não pôde deixar de se perguntar por qual resultado Hastings estava torcendo. Se tia Linda vencesse o processo

dela, ele não teria um guerreiro.

Fitch estudou a fachada sombria da estação de trem na Fortaleza de Carlisle, piscando para se livrar das gotas de chuva que caíam, e então voltou a atenção ao que estava escrito no guia.

"A estação data de 1847. Foi projetada por Sir William Tite, que também projetou o Banco da Inglaterra e o Royal Exchange em Londres. Tite empregou um estilo Tudor gótico, a fim de combinar com as torres com ameias da fortaleza vizinha. O Castelo de Carlisle foi, certa vez, a prisão de Maria I da Escócia. Foi conquistado por Bonnie Prince Charlie em 1745."

Se as estações de trem se pareciam com castelos, como seriam os castelos?

— Fitch! Você vem ou não? A gente só tem uma hora. Se não acharmos algo pra comer de almoço, vamos passar fome até chegarmos a Edimburgo! — Pela expressão no rosto de Will, isso era uma tragédia a ser evitada.

— Provavelmente tem carrinho de comida no trem pra Edimburgo — sugeriu Fitch.

— Barras de chocolate não matam a fome. E eu não quero perder o trem.

— Calma, Will. Um minuto só. — Fitch pegou uma câmera digital e bateu várias fotos, inclusive uma de Will com ar zangado. Ele havia tomado emprestado a câmera do centro de comunicações do colégio. Oficialmente, Fitch estava cobrindo a excursão para o website da escola. Ele a pôs de volta no bolso da capa de chuva. — Queria ter tempo pra visitar o castelo.

— Sei. — Will estreitou os olhos ante a cena lúgubre. — Já não enjoou de castelos?

Fitch examinou o mapa no guia e fez um cálculo rápido.

— Olhe, a fortaleza e a catedral estão bem ali. Eu volto em uma hora. Compre alguma coisa de almoço pra mim. Uma torta de carne, quem sabe. Eu pago você depois.

— Meus pais vão ficar furiosos se você perder o trem — avisou Will.

— Não vou perder.

Fitch encurvou os ombros para se proteger do frio e da desaprovação de Will e atravessou o pátio entre a estação de trem e a fortaleza, contornando os encharcados jardins de flores. Tinha tempo para uma rápida olhada ao redor, pelo menos.

Após circular e fotografar as torres da fortaleza, Fitch entrou na rua English, indo na direção da catedral, cujos pináculos despontavam acima dos prédios em redor. Passou às cotoveladas por entre os grupos de turistas que o clima afugentara dos lagos para a cidade. À frente dele, uma garota de capa de chuva em vermelho berrante saiu por uma porta, segurando um punhado de seus cachos escuros para impedi-los de voar ao vento. Quando ela se virou, Fitch pôde ver seu rosto.

Era Leesha Middleton, aluna do colégio até recentemente. E maga.

Ele baixou a cabeça e recuou, enfiando-se por uma passagem, colidindo com uma mulher carregada de pacotes.

— Seu hooligan miserável! Tem idéia de quanto custaram estes ornamentos? — Ela sacudiu um dedo cheio de anéis sob o nariz dele.

Aos tropeços, viu que havia entrado em uma daquelas lojas que vendem artigos natalinos o ano inteiro. Murmurando desculpas mecanicamente, deu uma espiada na rua outra vez. Leesha olhou para ambos os lados, depois se voltou para o norte, em direção à catedral.

O que ela estava fazendo ali? "Caçando Jack" era a resposta óbvia. Será que ele estava por perto? Deixando para trás a mulher que o repreendia, Fitch saiu para a rua, seguindo Leesha. Precisava dar um jeito de encontrar Jack e avisá-lo. Não importava se perdesse o trem.

Leesha avançava rapidamente, parecendo conhecer bem o caminho. Passaram por uma pequena igreja à beira do pátio da catedral, depois pela própria catedral, virando à esquerda na rua Castle. "Talvez eu consiga ver o castelo, afinal", pensou Fitch. Mas Leesha rodeou as fortificações, dirigindo-se a um parque perto do rio. Ela desapareceu entre as árvores, e Fitch apressou o passo, procurando pelo ponto vermelho para se orientar.

Estava escuro sob as árvores. Quando o vento soprava, chovia água das folhas lá em cima. A margem do rio estava quase deserta. Os turistas mais sensatos haviam buscado refúgio nos pubs e cafés do centro da cidade. Aonde ela havia ido? Ele girou, secando a chuva do rosto.

O único aviso que teve foi um leve som atrás dele. Então algo quente apertou-lhe o ombro e as palavras, derrubando-o sobre as folhas empapadas. Ele caiu de rosto no chão, sobre a terra molhada, e não conseguia virar a cabeça para liberar a boca e o nariz. Num momento de pânico, pensou que ia sufocar, mas mãos quentes rolaram-no. Ele ficou lá, indefeso, piscando diante das gotas de chuva que caíam sobre ele.

Leesha se ajoelhou ao seu lado. Ela pressionou o joelho nu contra sua traqueia até que ele começou a ver pontos escuros diante dos olhos. Finalmente, ela aliviou a pressão, e ele encheu os pulmões. Ela se sentou no chão molhado junto a ele com um suspiro.

— Eu nunca gostei muito de você, Harmon. — Ela tirou um batom da bolsa cor-de-rosa e o reaplicou. Então ergueu os

joelhos até que a saia quase desapareceu. — Sempre dizendo ao Jack que ele devia dar o fora em mim.

Ela se pôs de joelhos de novo, inclinando-se sobre ele. Agarrou a pesada corrente no pescoço dele e o puxou para cima, até que ficasse meio sentado. O metal se aqueceu, queimando-lhe a carne.

— Quem diabos você pensa que é, com suas roupas sujas do Exército da Salvação, morando naquela pocilga da rua Madison com um bando de baratas? Um nada, é isso o que você é.

Ela cuspiu no rosto dele, depois o soltou. Ele caiu para trás como uma boneca de pano, quicando um pouco.

— A gente vai ver o Jack. Gostaria disso? — Afastou o cabelo molhado da testa dele. Notou o aro em sua orelha direita e o puxou, só para testar. Puxou de novo, com mais força, o sangue correu para dentro da orelha dele. Fitch inspirou fundo e fechou os olhos. — Oh, Harmon — sussurrou ela. — Você devia ver a sua cara! Você se assusta tão fácil!

Ela se levantou, removendo as folhas molhadas da saia.

Fique aqui. Eu vou buscar o Will.

A audiência estava marcada para a manhã seguinte, às dez horas, no grande salão do castelo. Apenas as partes "interessadas" tinham permissão para assistir. Isso não incluía os milhares de espectadores agrupados do lado de fora. Boatos voavam pela Ravina. Os apostadores nas coloridas tendas de listras azuis e brancas estavam perplexos. Uma enorme multidão estava reunida junto ao chalé quando Jack e Hastings saíram para o salão.

— Jack! Jack! — entoavam eles.

Ao passar pela multidão, Jack sentiu uma mão quente de mago segurar-lhe o braço, e não foi com gentileza. Ele se voltou para encarar um homem de aparência atlética com os cabelos negros, lisos e retos, vestindo o uniforme da Rosa

Vermelha. Ele tinha uma boca fina e cruel, e uma barba rala no maxilar.

— Olá, Jack. Sou Simon Paige, treinador da Ellen. Venho trabalhando com ela há anos. Só queria que soubesse que eu mal posso esperar pra ver o seu sangue derramado amanhã. — Os lábios se abriram, revelando os dentes numa paródia de sorriso. — Não se preocupe. Eu disse a ela pra não ter pressa. A gente quer ter certeza de que essas pessoas tenham um espetáculo que valha o preço que estão pagando.

Furioso, Jack desvencilhou-se da mão do mago. Simon Paige ria ao se afastar.

A ordem havia armado um tribunal improvisado numa das extremidades do grande salão. D'Orsay e os outros juízes sentavam-se sobre um estrado, e fileiras de cadeiras haviam sido dispostas ao redor da plataforma.

A mão de Hastings no ombro de Jack o pressionava para a frente do salão.

— A maioria dessas pessoas é membro do Conselho dos Magos, o corpo dirigente da ordem — explicou o mago.

Jack e Hastings foram guiados para cadeiras logo em frente ao estrado, onde os juízes poderiam olhar para eles de cima.

Jack avistou Linda sentada em uma ponta da fileira da frente, cercada por vários vizinhos da rua Jefferson. O que eles estavam fazendo ali? Jack atraiu a atenção de Linda, e ela o saudou com um gesto de cabeça, conseguindo sorrir. Íris e Blaise ergueram as mãos em saudação.

Hastings franziu o cenho para Linda.

— Ela devia ter mandado um representante. Aqui não é lugar para uma encantadora.

Jack perguntou-se o que ele queria dizer com aquilo.

Jessamine Longbranch e diversos magos da Rosa Branca também estavam sentados à frente. A cirurgia sorriu para Jack sedutoramente.

Geoffrey Wylie invadiu o corredor central em meio a um enxame de magos de vermelho. Antes de se sentar, passou os olhos pelo público. Quando seu olhar pousou em Linda, ele estremeceu, como que assustado. Erguendo a mão para a face com a cicatriz, fez uma carranca ante alguma lembrança desagradável. Continuou a observá-la após ter se sentado, correndo a língua pelos lábios danificados. Jack procurou por Ellen, mas não a viu.

D'Orsay pediu ordem ao tribunal.

— Esta é uma audiência extraordinária convocada para decidir sobre dois processos que foram registrados em referência à participação do guerreiro que representa o Dragão Prateado no torneio marcado para amanhã. — Ele espalhou diversos papéis à sua frente. — Parece haver uma relação entre essas duas alegações. Colheremos testemunhos relacionados a ambas e então decidiremos da forma que o tribunal julgar mais adequada. Primeiro, devemos decidir se Jackson Swift é de fato um guerreiro, ainda que ele pareça atender aos critérios usuais. Eu gostaria de pedir à queixosa que se explique.

Linda Downey levantou-se. Estava vestida para o tribunal, trajando uma túnica folgada preta e calça, com os cabelos presos, o que não era de costume. A pele estava pálida, quase translúcida, e os lábios, vermelho-arroxeados. Movia-se com uma graça inconsciente, como a luz que cruzava o palco.

A presença dela começava a surtir efeito nos juízes. Eles se inclinaram para a frente para ver melhor a encantadora.

— Obrigada, mestre d'Orsay. Serei breve. Os detalhes do caso estão em meu depoimento. Sou a tia do jogador em questão, e também sua madrinha. A mãe dele é minha irmã, uma Anaweir. O pai também é Anaweir. Jack nasceu mago, um herdeiro Weir sem uma pedra. — Ela fez uma pausa, e um murmúrio correu pela galeria. — Eu pedi à doutora

Longbranch se ela poderia repor a Pedra Weir que lhe faltava. Ela aproveitou a oportunidade para implantar uma pedra de guerreiro em meu sobrinho, em vez da pedra de mago de que ele precisava. Aparentemente, ao fazer isso ela pretendia criar um guerreiro a partir de um mago.

Linda apontou para Jack.

— Se o examinarem, verão a cicatriz cirúrgica do implante. Não há nas regras nenhuma cláusula sobre guerreiros criados. Foi um experimento asqueroso e inapropriado em outro mago. O que temos aqui é um menino que, segundo as Leis de Combate, nunca deveria ter se qualificado para um torneio, embora seja fácil ver por que ele parece atender aos critérios.

Jack ficou surpreso ao ver que Linda parecia confortável naquele papel, a despeito da audiência ser composta de magos. "Talvez minha mãe não seja a única advogada na família."

— Que prova tem de que o rapaz era um mago? — perguntou d'Orsay. — Em vez de um guerreiro nascido sem uma pedra?

— O Livro Weir de Jack o identifica como um mago e inclui o capítulo de costume sobre feitiços e encantamentos. É o mesmo Livro Weir que Leander Hastings usou para apresentá-lo no campo.

— Isso é verdade? — d'Orsay olhou para Hastings. O Livro Weir de Jack estava na mesa à frente dele.

— É verdade. O Livro Weir identifica Jack como um mago. Hastings passou o livro para d'Orsay e olhou para Linda. Ela desviou o olhar.

Mais uma vez, um murmúrio correu pelo público. Será que Hastings pretendia desqualificar seu próprio jogador?

Os juízes pareciam pensativos. Jack fechou os olhos. Era uma manobra ousada. Ele se perguntou se funcionaria. Ele se sentiu como alguém com uma doença terminal que recebia notícias de uma possível cura.

— Tenho aqui vários dos vizinhos de Jack que podem testemunhar também, se necessário. Eles sabem da história de Jack, do que foi feito com ele. — Linda passou em frente ao público de novo, parando diante dos juízes. — Ao emitir uma decisão, é importante considerar as conseqüências a longo prazo. A doutora Longbranch transformou um mago em um guerreiro. Aceitar esse procedimento poderia pôr outros magos em risco no futuro e subverter a intenção das Leis de Combate. Afinal, as regras foram feitas para impedir o combate direto entre os magos.

D'Orsay voltou-se para Hastings.

— Senhor Hastings, o senhor é patrono do rapaz. Tem alguma resposta para isso?

Hastings deu de ombros.

— Jack carrega uma pedra de guerreiro, e eu o treinei como tal. No entanto, não contestarei a decisão do juiz. Não tenho desejo de jogar com um mago num torneio, se a decisão for essa.

Hastings depositou a mão quente sobre o ombro de Jack; de alguma forma, aquilo transmitiu a Jack uma sensação reconfortante. "Ele vai me salvar disso se puder", pensou Jack, com surpresa. Não importa como isso vai afetar os planos dele. Jack olhou para a tia, que encarava Hastings com uma expressão indefinível.

D'Orsay se voltou para Jessamine Longbranch.

— Doutora Longbranch?

A médica se levantou. Ela encarou os juízes, dando as costas a Linda.

— Antes de tudo, todos deveriam tomar consciência de que estão sendo enfeitiçados por uma encantadora e enganados por um renegado. Eles conspiraram para impedir o torneio de ir adiante. Nós todos deveríamos ter tapado nossos ouvidos antes de eles terem começado a falar.

Os juízes sorriram.

— A encantadora me chamou, antes de mais nada, porque o sobrinho dela era um herdeiro Weir nascido sem uma pedra, e por isso estava morrendo. Ela estava desesperada. Como sou cirurgia cardíaca, achei que podia salvar o menino. Aconteceu que uma pedra de guerreiro... ahn... se tornou disponível quando uma guerreira que eu estava treinando sofreu um acidente. Implantei o cristal com o total conhecimento e consentimento da senhorita Downey. A pedra o restaurou. Eu o fiz com a intenção de criar o menino para lutar pela Rosa Branca. Esse foi o nosso acordo desde o princípio.

— Eu pedi para você colocar uma pedra de mago — retrucou Linda. — Eu nunca concordei com isso. Eu só soube mais tarde do que você havia feito. O fato é que ele ainda é um mago e sempre foi. Aqui não é o lugar dele.

— Um veredicto à meu favor neste caso tem poucas implicações para os magos — continuou a doutora Longbranch, como se Linda não houvesse falado. — Ninguém pode me acusar de haver removido uma pedra de mago e substituído por outra. O rapaz era, para todos os efeitos, um Anaweir, um nada, e eu o transformei em alguma coisa ao implantar uma pedra. Ele deveria ser grato por isso. Ela parecia prestes a continuar quando olhou para a direita, onde uma espécie de tumulto estava ocorrendo.

— Creio que tenho uma testemunha para apresentar. Senhorita Middleton?

Leesha Middleton entrou na sala, empurrando alguém à frente dela. Duas pessoas. Will Childers e Harmon Fitch.

Os amigos de Jack caminhavam por iniciativa própria, olhando por cima de seus ombros para Leesha como se estivessem ansiosos por manter uma certa distância dela. Jack praguejou baixinho. Hastings tinha razão. Ninguém estava a salvo. Os magos das Rosas nunca deixariam sua família e seus

amigos em paz. A não ser que ele conseguisse ser morto ou desqualificado.

Ficou surpreso ao ver que Leesha ainda estava trabalhando para Longbranch após a traição com os mercadores. Entendeu que Longbranch não teria como saber daquilo. Os mercadores estavam mortos e enterrados, graças a Hastings.

Jessamine Longbranch fechou o rosto para Leesha.

— Eu falei para você trazer a mãe do garoto — sibilou ela. — Quem são esses?

Leesha deu de ombros.

— Não consegui pegar a mãe. O velho escondeu.

Jack olhou para tia Linda, e ela falou, sem emitir qualquer som:

— Snowbeard.

— Estes são Will Childers e Harmon Fitch. — Leesha deu a cada um deles um pequeno empurrão. Will pareceu querer empurrar de volta, mas mudou de idéia. — São amigos de infância do Jack. Vão servir.

Leesha e Longbranch trocaram um olhar, e Jack se sentou com as costas mais eretas, perguntando-se o que seria tudo aquilo.

— Agora eles vão ter de servir, não é? — retrucou a doutora Longbranch. Ela fez uma pausa, recompôs-se e virou-se para os rapazes, que estavam ali perplexos diante dos juízes. — Qual de vocês é o Will? Ah. Vamos começar com você, Will. Nós estávamos discutindo a cirurgia do Jack quando ele era bebê e tínhamos esperança de que você pudesse ajudar. — A voz de Longbranch era reconfortante. — O que o Jack contou a você sobre isso?

Will olhou para Jack.

— Eu... eu não sei muito sobre isso. Por que não pergunta ao Jack? — acrescentou ele, indicando o amigo com a cabeça.

— Estamos perguntando a você — disse a doutora Longbranch, um certo tom perigoso na voz.

Will engoliu em seco audivelmente.

— Tudo bem, então. Quando o Jack nasceu, ele tinha um problema no coração. Essa doutora Longbranch... imagino que seja a senhora... consertou. É o que eu sei. — As palavras saíram numa enxurrada.

— Quer dizer que eu salvei a vida dele, baseado no que você sabe? — indagou Longbranch.

Will confirmou com a cabeça.

— Ninguém está negando isso — disse Linda.

— Você conhece o Jack desde o berço, não é? — continuou Longbranch.

Will assentiu.

— Por aí. Desde que me lembro por gente.

— Você alguma vez soube do Jack quando pequeno demonstrar algum sinal de poderes especiais? Algo que você chamaria de magia?

Will franziu o cenho.

— Ahn, não. Na verdade, não.

Ela se voltou para Fitch.

— Você já viu algum sinal de magia em Jackson Swift?

Fitch pigarreou.

— Não sei o que quer dizer com "magia" — respondeu ele, encurvando os ombros como se procurasse se proteger.

— Não? Deixe-me demonstrar.

Longbranch pôs a mão sobre o ombro de Fitch. Ele se enrijeceu, gritou, tentou escapar e, por fim, caiu de joelhos, o rosto se acinzentando por causa da dor e do choque. Will deu três longos passos e se lançou sobre a maga. Ela estendeu a outra mão, a palma voltada para fora, e Will caiu como se houvesse sido atingido por um machado.

Jack tentou se erguer da cadeira, mas Hastings o puxou de volta.

— Não vai ajudar em nada. Acredite em mim.

— Ela está torturando suas próprias testemunhas! — Linda apelou a d'Orsay, estendendo as mãos em frustração.

O mestre deu de ombros, como a dizer que Longbranch podia fazer o que bem entendesse. Eram as testemunhas dela, afinal, e Anaweirs ainda por cima.

— Vamos, vamos, Harmon — murmurou a doutora Longbranch, soltando-o enfim. — Não nos faça perder tempo.

— Eu nunca notei nada até recentemente — disse Fitch, arquejando, afastando-se da mão da médica. — Em março. Quando ele mandou Garrett Lobeck pro outro lado do campo de futebol. E aí teve a luta no cemitério, com... com chamas e tudo. Mas isso talvez tenha sido por causa da espada mágica — acrescentou ele, sem convicção.

— Obrigada — disse a médica. — Todos nós sabemos que a magia se manifesta em tenra idade. Seria de esperar que o mago Jack demonstrasse algum sinal dela, algo que até um Anaweir notaria. — Ela indicou Will e Fitch com a mão. Will estava se esforçando para se sentar, com a ajuda de Fitch. — Por outro lado, as características de guerreiro se manifestam após a puberdade, que foi quando Jack começou a exibir seus... talentos.

— Ele estava sendo bloqueado, e você sabe disso — disse Linda com firmeza. — Ele estava tomando Antiweir. Ele não manifestou seu poder até parar de tomar.

— Essa mulher é uma mentirosa. — A doutora Longbranch esticou os dedos. — A medicação era um placebo. Eu o prescrevi a fim de ficar de olho nele, de maneira que os pais dele precisassem vir a mim para obter mais. Isso também foi sugestão de Linda Downey: que eu o deixasse com os pais em

vez de levá-lo comigo quando era bebê. Ela prometeu desistir dele quando ele estivesse pronto para o treinamento.

Agora, pela primeira vez, Longbranch encarou Linda.

— Essa encantadora nunca entendeu o lugar que deveria ocupar. Ela tem sido rude e pouco cooperativa desde o princípio. Ela não deveria estar aqui dizendo aos magos o que fazer. Na minha opinião, alguém no Conselho deveria se oferecer como voluntário para tomar conta dela. A garota precisa de um responsável que possa fornecer alguma disciplina.

Hastings resmungou baixinho. Quando Jack olhou para a sala em torno, pôde ver vários homens do Conselho inclinando-se para a frente com interesse. Parecia que não faltariam voluntários dispostos a se ocupar do problema de Linda Downey. Geoffrey Wylie se levantou e sua mão se abriu, revelando algo metálico que refletiu a luz, uma peça articulada de prata, como uma coleira.

— Eu aceito a responsabilidade pela encantadora — disse ele, em voz rouca.

Hastings fez menção de se levantar da cadeira, mas Íris Bolingame já estava em pé.

— Ela já tem uma responsável, mestre d'Orsay — disse Íris.

— Sou amiga dela e protejo a encantadora.

Ela olhou feio para os outros magos em torno, como se os desafiasse a contradizê-la. Linda continuou em pé, o rosto em chamas, os olhos baixos, sem dizer nada. Agora ficava claro para Jack por que Linda havia trazido os vizinhos junto. Ele se lembrou das Leis de Combate e da descrição do papel dos encantadores, que ele imaginara ser arcaica. Por mais inteligente e capaz de organizar suas idéias que um encantador fosse, ele precisava de um responsável em uma reunião de magos.

Wylie deu de ombros como se não se importasse e se sentou de novo. A coleira desapareceu.

Longbranch pareceu um pouco surpresa com íris, mas se recobrou num instante.

— Talvez você deva ensinar a ela algumas maneiras, então — ela retrucou. Andou pela frente do estrado, parando bem em frente a Jack. — O fato é que é a Pedra Weir, e nada mais, que determina a natureza de um herdeiro. Não importa o que Jack Swift fosse antes. Ele agora é um guerreiro, qualificado como tal para jogar no torneio. Ele estaria morto se não fosse por mim. Nesse sentido, eu o criei, por isso ele me pertence. — Ela esticou o braço e deslizou a mão em torno da nuca de Jack, puxando-lhe o rosto para junto do dela. Ele sentiu a carne queimar sob o toque. — E é melhor que você jogue bem, meu mestiço, ou os seus dois amigos vão pagar o preço — sussurrou ela, para que somente ele ouvisse.

Jack fitou-a, horrorizado, antes de empurrar-lhe a mão para longe. As unhas da maga deixaram longos arranhões na pele de Jack.

Foi aí que ele entendeu: Longbranch já sabia qual seria o resultado do processo, estava confiante de que ele voltaria para o seu controle em tempo para o Jogo. Era por isso que os amigos dele haviam sido trazidos para a Ravina. Longbranch não havia tido a oportunidade de trazer à tona o assassino interior de Jack, como prometera em Londres, por isso planejava usar Will e Fitch para forçá-lo a jogar. Para "incentivá-lo", como dizia ela. Ele olhou de Jessamine Longbranch para Claude d'Orsay, e soube que estava tudo combinado. Will e Fitch estavam sentados juntos nos degraus, como se procurassem proteção mútua. Como se isso pudesse fazer alguma diferença. Jack estremeceu.

— Jack Swift estaria morto se não fosse por mim — anunciou Leander Hastings.

A cabeça de Longbranch ergueu-se de imediato.

— Leander Hastings tem sido uma pedra nos nossos sapatos por anos. Ele fez de tudo ao seu alcance para sabotar o Jogo. Por que ele tentaria apresentar um jogador se não tivesse um motivo oculto?

Hastings levantou-se.

— A doutora Longbranch disse a vocês que pretendia usar Jack no Jogo. Como saberemos qual era a intenção ou qual foi o acordo feito há 17 anos? Nenhum contrato foi feito. A pedra foi implantada sob falsas alegações. A Rosa Branca teve contato mínimo com Jack desde então. Todo o treinamento que ele recebeu fui eu que forneci. Há duas semanas, a doutora Longbranch tentou assassiná-lo com um graffe e quase teve sucesso. É pelos meus esforços que ele continua vivo. Se isso é motivo suficiente, eu digo que o rapaz é meu. Eu trouxe Jack para o Jogo como seu patrono. Eu apresentei a genealogia dele e assegurei a sua aprovação como jogador. Agora a peticionária propõe que ele seja tirado de mim. No que concerne ao Jogo, a posse sempre foi a lei. Quem vai querer trazer um guerreiro para jogar no futuro, sabendo que ele poderá muito bem lhe ser roubado? Se Jack for julgado apto a jogar, ele deve jogar para mim. — Hastings se manteve em pé.

"Ele deve saber que não pode vencer esta", pensou Jack. "Ele não é nenhum idiota."

D'Orsay conversou brevemente com os outros juízes, então voltou o rosto para a corte.

— Esta é a minha decisão — disse ele. — Na primeiro questão, se Jack Swift é guerreiro ou mago, eu decido contra a peticionária. É a pedra que determina o que ele é, nada mais.

Jack soltou um suspiro e olhou para tia Linda. Os olhos dela estavam fechados, o queixo apoiado nas mãos entrelaçadas, como se ela estivesse rezando. A esperança se extinguiu.

Hastings estava ainda em pé e agora falava rapidamente, antes que d'Orsay pudesse continuar.

— Se Jack permanecer sob o meu patronato, estou disposto a aumentar o prêmio das apostas.

D'Orsay e os outros juizes ergueram o olhar com interesse. Longbranch parecia cautelosa. Hastings manteve-se calmo, uma mão segurando o antebraço oposto.

— Se Jack vencer, espero receber o prêmio de costume. Serei o detentor do troféu e mestre do Conselho. Se Jack perder, eu me submeterei a qualquer justiça que o Conselho julgue apropriada pelos meus crimes passados. Após o Jogo e fora das regras.

Houve um silêncio estupefato. Mais uma vez, Jack tentou se levantar, mas agora a mão de Hastings estava no ombro dele, emanando intenso poder, mantendo-o sentado.

— O que faz vocês pensarem que podem confiar nele? — indagou Jessamine Longbranch, com voz estridente.

— O que confiança tem a ver com isso? — perguntou Hastings, sorrindo. — Vocês podem fazer o que quiserem. Estou aqui, um contra todos, na ravina. Vocês têm várias testemunhas do acordo. Se quiserem que eu assine alguma coisa... — Ele deu de ombros.

D'Orsay olhou para Hastings, pensativo, o lábio inferior preso atrás dos dentes superiores. Então ele estudou Jack, sem dúvida avaliando as suas possibilidades contra a jogadora da Rosa Vermelha. Virou-se para os outros juizes, e houve outra breve conferência. Quando se voltou aos petiçãoários, d'Orsay estava sorrindo.

— Sobre a questão do patronato, deixaremos a situação como está. Parece que o Dragão Prateado tem investido mais nesse menino do que a Rosa Branca, apesar do envolvimento anterior desta. E nós aceitamos a proposta do senhor Hastings. Prepararemos os documentos apropriados para a sua

assinatura. — Ele esfregou as mãos uma, duas vezes, como um homem à mesa aguardando um banquete. Fez um gesto de cabeça para a assembléia. — Podem se retirar.

Assim, os juízes conseguiram emitir uma decisão que não agradou a ninguém. O público debandou rapidamente, exceto pelo pequeno grupo de amigos de Jack. Longbranch e Leesha deixaram Will e Fitch sentados sozinhos nos degraus, abandonados.

Logo que Hastings os soltou, Jack se virou para ele com raiva. — Por que foi fazer isso? Não acha que já tem bastante pressão em cima de mim? Agora, se eu perder, você põe a cabeça na forca.

— Improvável que seja uma forca, Jack — respondeu Hastings. — Tenho certeza de que eles vão pensar em algo mais... criativo. — Ante a expressão magoada de Jack, ele ficou sério. — Olhe, você queria jogar pela Rosa Branca amanhã? Eu tinha de dar a eles um motivo pra decidir em meu favor. Claude d'Orsay nunca teria deixado você sob o meu controle de outro jeito. Ele tem razões demais pra não fazer isso. Nunca espere que os magos joguem limpo.

De repente, Linda Downey estava diante deles, o queixo empinado.

— Maldito seja, Leander. — Ela estava pálida, os olhos azuis, brilhantes de raiva.

Hastings olhou para ela, surpreso.

— O que foi que eu fiz? — Ele parecia genuinamente perplexo.

— Você realmente não liga, não é? Impulsivo como sempre. Está determinado a acabar morto antes do fim de tudo isso. Maldito — repetiu ela com ênfase.

Hastings deu uma rápida olhada para Jack, depois se voltou para ela de novo.

— E eu suponho que você não estava se arriscando ao vir aqui? — Ele sacudiu a cabeça, sorrindo um pouco. — Anime-se. Jack vai pensar que você não leva fé nele.

— Eu acredito em Jack. É você que me põe em dúvida, Leander. — Ela se voltou para Jack. — Vamos estar aqui com você, Jack. — Linda apontou para os vizinhos com a cabeça. — Vamos pensar em alguma coisa — prometeu.

Will e Fitch ainda estavam sentados nos degraus, com medo de se mover, como paroquianos em uma igreja inclemente.

— Oi, Will. Oi, Fitch — disse Jack, indo até onde eles estavam. — Não posso dizer que estou feliz em ver vocês. Vocês estão bem?

O olho de Will estava ficando roxo por causa do impacto de seu rosto com o piso de pedra. Fora isso, ele parecia inteiro.

— Ei, Jack — disse Fitch com tristeza. — Desculpe não ter me saído melhor respondendo àquelas perguntas. Mas quando ela... Foi como se eu não pudesse evitar.

— Foi como se eu estivesse drogado ou algo assim — acrescentou Will.

— Vocês agiram certo — disse Jack, erguendo as mãos para deter os pedidos de desculpas. — Se a culpa é de alguém, é minha. Como chegaram aqui, afinal?

— Foi a Leesha — disse Will, abrindo e fechando as mãos como se a estivesse estrangulando. — Ela preparou uma armadilha pra nós em Carlisle, e a gente caiu como patinho.

— Nossa, eu sinto muito — começou Jack.

Fitch se contorceu, impaciente.

— Certo, vamos todos concordar de uma vez que sentimos muito por estarmos aqui. E agora?

Jack viu-se sem palavras sobre o que fazer com os amigos, agora que eles estavam ali. Lá não era um lugar seguro para Anaweirs.

— Por que não voltam para o chalé conosco até decidirmos o que fazer? — sugeriu Hastings. — Acho melhor mantermos vocês fora de circulação.

No final das contas, alguém ficou feliz com o veredicto. A história vazou para a multidão lá fora, e um grande aplauso irrompeu quando Jack apareceu. Mais uma vez, havia longas filas nas bancas de apostas. Os espectadores jogavam minúsculas bolas de ouro e prata que explodiam em flores e fogos de artifício em miniatura que choviam sobre suas cabeças. Jack vira essas bolinhas à venda em diversas barracas que flanqueavam a ravina.

Apesar dos esforços de Hastings para mantê-las a distância, as mulheres avançaram sobre eles, tentando abraçar Jack, enfiando presentes em suas mãos. Will e Fitch levaram cotoveladas e foram empurrados de um lado para o outro pela multidão que tentava alcançar Jack. Apesar de tudo, ele ficou contente ao chegar ao refúgio do chalé e sacudir as pétalas de flores dos cabelos.

— Elas agem como se você fosse uma estrela de rock ou coisa assim — disse Fitch com espanto.

— Mais como um gladiador, acho — disse Jack, dando de ombros, ainda perturbado pelos eventos no tribunal.

Quando Hastings saiu para buscar o almoço, Jack relatou aos amigos tudo o que lhe acontecera. A única parte que Will achou difícil de aceitar foi Ellen Stephenson.

— Não pode ser verdade — disse ele, balançando a cabeça. — Ela não faria isso. Ela é nossa amiga. Além do mais, ela não falava de outra coisa que não fosse você. Bem, você e futebol — acrescentou ele.

— Isso foi antes de ela saber quem eu sou. Ou o que eu sou, melhor dizendo.

Jack estendeu uma pele de camurça sobre a mesa e depositou sobre ela suas armas, óleo e ferramentas de amolar. Tudo, exceto a Sombra Assassina, que nunca perdia o fio.

— Ora, ela teve centenas de chances de matar você em Trinity — insistiu Will. — Por que ela não fez isso?

Jack sacudiu a cabeça.

— Não faço idéia.

Metodicamente, ele testou todas as lâminas, usou a pedra de amolar, aplicou uma fina camada de óleo.

— Ela luta bem? — perguntou Will, olhando por cima do ombro.

— Como é que eu vou saber? Eu nunca a vi jogar nem um videogame. — Ele inspirou fundo, soltou o ar.

— Ouvi dizer que ela vem treinando há anos.

— Talvez seja magia — sugeriu Fitch. — Talvez ela só se pareça com a Ellen Stephenson. Talvez eles tenham percebido que seria difícil pra você ter de... — ele não completou a frase.

Jack realmente gostou dessa idéia.

— Acho que tudo é possível — disse ele devagar.

— Não consigo acreditar que o senhor Hastings esteja forçando você a fazer isso — disse Will, com raiva.

— Lutar neste torneio, digo.

— Nós não temos muita escolha. — Jack pensou no que Jessamine Longbranch havia dito sobre Will e Fitch. Pelo menos Hastings os havia salvado do papel destinado a eles como reféns. Pequenas bênçãos. Era nisso que ele tinha de se concentrar. — Eles teriam me apanhado mais cedo ou mais tarde. Ao menos deste jeito é nos nossos termos.

Will não estava impressionado.

— Certo. Nossos termos. E aí ou você ou a Ellen acabam mortos. Por que nós quatro não podemos simplesmente fugir

daqui? — Ele apontou para a Sombra Assassina. — Podíamos ser como os Quatro Mosqueteiros. Com duas espadas.

Jack não sabia o que dizer. Estava começando a se dar conta do quão descartáveis eles eram, tanto guerreiros como Anaiveirs. Tudo o que Will e Fitch tinham de fazer era se meter entre um mago e algo que ele quisesse e estariam perdidos.

Hastings retornou com dois frangos assados, pão e salada, e garrafas de suco de maçã e refrigerante.

— Andei procurando uma escolta pra vocês dois — disse Hastings depois de um tempo, passando a Will um pedaço de frango. — Mas a Linda e os vizinhos não vão embora antes do torneio. Eles têm esperanças de impedir que ele aconteça. Vocês vão precisar de ajuda pra atravessar o nevoeiro mágico e de um guia para voltarem a Keswick.

— Eu não vou a lugar algum sem o Jack — disse Will com teimosia. — Pode esquecer.

— Eu também. — Fitch separou delicadamente a carne do osso.

Hastings suspirou.

— Vocês dois correm perigo aqui.

— E o Jack, não? — disse Will de forma maldosa. Ele lambeu os dedos e tomou um gole de refrigerante.

— Eu não quero vocês no torneio amanhã, nenhum dos dois — disse Jack de repente. — Prometam que não vão.

— Eu não prometo nada — disse Will. Ele voltou o olhar para Hastings. — Só que os meus pais provavelmente estão loucos de preocupação.

— Está certo — disse Hastings, levantando a mão. — De qualquer jeito, os dois têm de ficar até que eu encontre uma maneira de tirar vocês daqui a salvo. Vou mandar um tipo de mensagem para os seus pais. Sabe lá Deus como.

Jack e Hastings passaram a maior parte do resto do dia examinando o campo e discutindo estratégias. Jack teve uma forte sensação de déjà vu ao caminhar de um lado a outro das galerias, revivendo as memórias dos massacres testemunhados por Brooks. Ellen e o treinador dela caminhavam pelo campo no lado oposto. Era como se houvesse um oceano entre eles.

Um banquete foi oferecido no salão do castelo para jogadores, patronos e convidados. O estrado havia sido removido, e uma mesa no formato de um grande U ocupava metade do comprimento do salão. A Rosa Branca estava bem representada, a despeito do fato de não estar apresentando um jogador. Afinal, Jessamine Longbranch era ainda a mestra do Conselho, pelo menos até o torneio se encerrar. Leesha Middleton estava resplandecente, vestida inteiramente de preto como a aranha que era, os cabelos entrelaçados com rosas brancas.

A delegação do Dragão Prateado ocupava apenas uma pequena parte de um dos braços da mesa. Linda, íris, Mercedes e Blaise estavam lá, além de Jack e Hastings. Will e Fitch foram também, já que estavam mais seguros quando acompanhados. Havia sempre a possibilidade de que os treinadores de Ellen decidissem tomar seus próprios reféns. Além disso, Hastings sugeriu que eles deveriam ver o máximo do espetáculo que pudessem.

Intimidação parecia ser a ordem da noite. Jack vestia uma túnica nova nas cores do Dragão Prateado, ainda mais elaborada do que aquela que usara antes naquele mesmo dia. A Sombra Assassina estava presa à cintura. Jack logo descobriu que era bastante inconveniente se sentar à mesa carregando uma espada. Hastings trajava preto e prateado. Embora dissesse nunca ter colocado um jogador em campo, ele parecia à vontade em meio à ostentação associada ao Jogo.

D'Orsay, Longbranch e outros altos oficiais estavam sentados a uma mesa que conectava os dois braços da mesa em forma de U. Os representantes da Rosa Vermelha ocupavam quase todo o outro braço da mesa. Ellen estava sentada entre Geoffrey Wylie e Simon Paige. Ela vestia uma túnica cerimonial de batalha, branca com raminhos de rosas vermelhas, e um manto curto de cota de malha de ouro puro sobre os ombros. Trazia uma pequena adaga embainhada à cintura. Muito mais prático para um jantar do que uma espada. O cabelo estava preso em uma trança grossa que lhe rodeava a cabeça. Parecia muito bonita. E perigosa.

Eles haviam colocado Ellen o mais longe possível de Jack na mesa. Ele supôs que era para impedir quaisquer embates precoces. Não que Jack planejasse começar alguma coisa, mas ele queria desesperadamente conversar com ela. Elaborou mensagens mentais para transmitir-lhe esse desejo, mas ela sempre tinha o cuidado de não deixar que seus olhos encontrassem os dele.

A comida era requintada e elegantemente disposta, incluindo 35 pratos, muitos dos quais Jack não reconheceu, além de vinhos e bebidas fortes. Só experimentar algumas delas era o bastante para fazer a cabeça dele girar. Várias vezes Hastings teve de interceptar Will ou Fitch antes que eles provassem algo particularmente exótico. "Isso provavelmente vai matar vocês", explicara. Depois disso, eles se tornaram consideravelmente menos ousados.

Após o jantar, milhares de bolhas foram soltas no salão. Elas estouraram, libertando minúsculos pássaros, borboletas ou cascatas de pedras preciosas. Isso parecia ser entretenimento rotineiro para a maioria das pessoas presentes.

Geoffrey Wylie foi convidado a propor um brinde como patrono do torneio, por assim dizer. Ele se lançou em uma longa e sangrenta história da Rosa Vermelha, terminando com

uma predição do que esperava que acontecesse a Jack no campo no dia seguinte.

— Milhares de guerreiros já foram sacrificados a fim de consagrar este solo. Amanhã nós continuaremos essa tradição. O guerreiro da Rosa Vermelha arrancará o coração do Dragão Prateado, ainda batendo, e regará a ravina com seu sangue.

Will tapou os ouvidos com as mãos, o que alguns dos magos pareceram achar engraçado. Fitch ficou sentado, pálido e calado, dobrando e desdobrando um guardanapo. Ellen olhava direto em frente, o queixo erguido, parecendo capaz de qualquer coisa. Jack se manteve impassível. Estava aprendendo a simplesmente pular o dia seguinte e aterrissar suavemente no nada que o esperava além. Quando o brinde foi concluído, houve aplausos e aclamações entusiásticas do contingente da Rosa Vermelha, exceto por Ellen. Não teria sido elegante, supôs Jack.

Em seguida, Hastings levantou-se e propôs seu próprio brinde, que foi consideravelmente mais breve.

— Eu gostaria de propor um brinde à memória de todos aqueles que deram suas vidas ao longo dos séculos para tornar possível essa tradição sangrenta.

A isso, os representantes do Dragão Prateado ergueram seus cálices, mas muitos dos convidados disseram mais tarde que o brinde fora de mau gosto.

Após o jantar, Jack tentou se aproximar de Ellen, mas os treinadores dela empurraram-na rapidamente para fora do salão. Ele se manteve perto o suficiente para vê-los andar em direção à ala oeste, em vez de saírem pela porta da frente. Assim ele soube que ela estava hospedada no próprio castelo.

Hastings permaneceu depois do jantar, para uma reunião sobre os planos para o Jogo no dia seguinte. Linda e íris ficaram com ele. Jack e seus amigos voltaram para o chalé, passando mais uma vez pelo corredor polonês de fã, alguns

se esticando para tocá-lo, outros pedindo autógrafos. Quando estavam dentro da casa de novo, Will se jogou na cama de Jack.

— Eu comi aquele enorme jantar e, durante aquele brinde, fiquei com vontade de vomitar — disse ele.

— A Ellen parecia diferente mesmo — disse Fitch. — Meio fria, cruel e distante. — Ele estudou Jack. — O que vai fazer amanhã? Você tem um plano?

— Não se preocupe com isso — disse Jack, lacônico. — Não vai adiantar nada, de qualquer jeito.

Ele removeu a espada e a túnica e substituiu a última por uma blusa de malha. A dyrne sefa estava ainda no armário onde ele a deixara quando tomara banho no primeiro dia. Fazia mesmo apenas um dia que ele chegara à ravina? Pendurou a pedra ao redor do pescoço, encontrou o espelho de Blaise na bolsa e o enfiou na cinta da calça. Finalmente, destrancou a janela.

— O que você está fazendo? — indagou Will.

— Vou sair por um instante. Tentem impedir o Hastings de descobrir que eu saí. — Jack se lançou ao parapeito de pedra, passou as pernas para o outro lado e pulou para o chão. Inclinou-se novamente à janela. — É melhor fechar depois que eu sair. Eu bato quando estiver pronto pra entrar. Não durmam pesado demais ou não vão me ouvir.

Will esticou o braço pela janela aberta e agarrou um punhado da blusa de Jack.

— Você vai passar por aquela multidão? Provavelmente vai voltar com uma faca nas costas.

— Eles vão ter de me encontrar primeiro. — Jack pronunciou o feitiço de invisibilidade que fizera questão de memorizar quando Hastings o utilizara.

Will largou-o num instante, praguejando, quando Jack desapareceu.

Ele era o campeão do Dragão Prateado, o assunto da ravina, aquele cujo nome estava nos lábios de todos e nos trajes dos torcedores. Clientes espirravam das tendas-tabernas, dançavam nos pavilhões sob as árvores, jogavam suas moedas nas barracas de apostas.

Festas particulares estavam só começando a esquentar. Mas ninguém o notou enquanto ele seguia nas sombras o caminho que levava do chalé ao castelo.

A jovem criada não o viu se esgueirar para dentro do castelo enquanto ela fumava do lado de fora da cozinha. Ele atravessou rapidamente os corredores na área de serviço, rumando para a ala oeste, sempre virando à esquerda quando possível. A princípio, sentiu o cheiro da comida do banquete. Depois o odor desapareceu, e ele passou pela lavanderia e pela despensa. Encontrou diversos servos, a maioria Anaweirs. Enfim, viu-se no que pareciam ser os aposentos da família. Agora eram magos que passavam por ele nos corredores. Ele não disse nada e, felizmente, eles pareceram não notar sua presença.

Jack não tinha nenhum plano em especial para descobrir onde Ellen estava, e estava começando a compreender quão impossível poderia ser encontrá-la no labirinto de corredores. Especialmente se ela já estivesse em seu quarto. Então ele ouviu uma voz familiar atrás de um canto de parede. Instintivamente, achatou-se contra a pedra fria da parede quando Paige e Wylie surgiram. Eles pareciam prestes a tomar direções diferentes, pois pararam por um momento na interseção, a uns 30 centímetros de Jack. Ele lutou para controlar sua respiração, sabendo que estaria perdido se aqueles dois magos o avistassem num corredor deserto.

Wylie passou um livro para Paige. Eram as Leis de Combate.

— Faça com que ela repasse mais uma vez — disse o mago.

— Não quero nenhum tropeço amanhã.

— Ela tem tudo memorizado. Para ela, é tão natural como respirar. Não vai haver nenhum problema — replicou Paige, cheio de confiança.

— Esperemos que você esteja certo — disse Wylie, com um esboço de sorriso. — É melhor ir dormir. Eu ainda tenho algumas reuniões esta noite.

Wylie continuou pelo corredor, e Paige fez a curva passando por Jack, tão perto que Jack poderia tocá-lo, se quisesse. Jack seguiu-o a uma distância cautelosa. Paige fez mais algumas curvas até chegarem a um curto corredor que terminava em duas portas na extremidade. Paige bateu com força em uma das portas. Houve uma longa pausa, e Ellen a abriu. Ela estava vestindo uma curta camisola de seda e havia soltado o cabelo. Jack chegou o mais perto que se atreveu. Ela havia apenas entreaberto a porta, mas Jack deu sorte, pois Paige a escancarou e entrou no quarto. Jack conseguiu se esgueirar atrás dele.

— Está se sentindo bem? — Paige olhou feio para o quarto em torno. — Você não comeu muito no banquete. Não queremos correr nenhum risco, tão perto do evento.

— Estou ótima — respondeu Ellen, estendendo a mão para pegar o livro. — Não quis estragar o treinamento, com toda aquela comida.

Paige passou-lhe o livro.

— Você entendeu bem a estratégia?

— Entendi — respondeu Ellen, sem encarar o mago.

Ela estava obviamente desconfortável, ansiosa para que o treinador fosse embora, e tentava esconder isso.

Paige insistiu.

— O rapaz é mais forte, então é com isso que você tem de se preocupar. Além disso, o alcance dele é maior. Não deixe ele se aproximar, nem mesmo uma vez. Se não conseguir atingir ele no corpo, parta para o braço da espada. Ele não vai esperar

por essa. Ele é novato, sem experiência. Quando ele ficar incapacitado, faça-o sangrar.

— Sangrar — repetiu Ellen, obediente.

— Você sabe, não tenha pressa. Corte ele devagar. A multidão vai adorar. Mas, como eu falei, não se arrisque. Arranque o coração para acabar com ele de uma vez.

Jack descobriu que gostava menos de Simon Paige a cada vez que ele abria a boca.

— É só isso? — Ellen olhava para o chão.

O treinador esticou o braço, segurou o queixo de Ellen e ergueu-o para que ela o encarasse

— Você não vai me desapontar. — Não era uma pergunta.

— Não — sussurrou ela, pálida como cinzas, os olhos cinzentos enevoados por alguma memória dolorosa.

— Vou estar no quarto ao lado.

O mago saiu do quarto, e Ellen fechou a porta atrás dele. Ela encaixou o ferrolho no lugar e apoiou o rosto contra a pesada madeira da porta. A adaga que levava consigo no jantar estava sobre a mesa junto à cama. A espada estava apoiada contra a parede. Jack se sentou à mesa entre Ellen e as armas, acomodando-se com cuidado na cadeira. Primeiro ele dissolveu o feitiço de invisibilidade. Depois pronunciou o feitiço para travar a porta.

Logo às primeiras palavras, Ellen se virou, buscando uma arma que não estava lá.

— Jack! — sussurrou ela. — Como você...?

Ela se virou, soltou o ferrolho e puxou a porta, mas esta não se moveu.

— Não vai abrir — disse Jack. — Não envolva o Paige nisso. Eu quero falar com você.

Ellen se encostou contra a porta, ainda vasculhando o quarto com os olhos.

— Está procurando por isso? — Jack ergueu a adaga pela ponta e colocou-a de volta na mesa. — Por favor, sente-se aqui por um instante. Não vou demorar muito.

Ellen finalmente se sentou em uma poltrona do outro lado do quarto em relação a Jack. Ficou empoleirada na borda, as palmas apoiadas contra o assento como se esperasse que ele a atacasse a qualquer momento.

— O que você está fazendo aqui? — indagou ela. — Como entrou aqui?

— Eu preciso fazer umas perguntas a você.

Ellen estava recuperando parte de sua confiança. Ela o estudou com atenção.

— Ou você é louco ou estúpido. O Paige está no quarto ao lado.

— Chame-o, se quiser. — Jack se recostou na cadeira, fingindo indiferença.

Ele realmente não fazia idéia do que Ellen faria, mas tinha visto o modo como ela se portara diante do treinador e resolveu arriscar.

Após um instante, ela disse:

— O que você quer comigo?

— Por que você foi para Trinity? — disparou Jack.

Ela o encarou por um momento, então revirou os olhos como se ele fosse um idiota.

— Eu fui lá matar você, Jack. — Ela flexionou as mãos diante do corpo. — Ou capturar você, melhor dizendo. Mas eu não sabia que era você, na época. O Wylie descobriu que a Rosa Branca tinha um jovem guerreiro escondido em Trinity. Então eu fui para o colégio procurar você. — Ela fez uma pausa. — Houve uma enorme descarga de poder no dia do teste de futebol. O Paige e o Wylie foram atrás de você, mas acho que o treino já tinha terminado. A gente sabia com certeza que

devia ser alguém no time. Mas depois disso não houve nada, nem uma pista.

— Eu... ahn... encontrei o Wylie em Coal Grove — admitiu Jack. — Ele tentou roubar a minha espada.

— Aquele era você? — Ellen estudou-o com uma expressão especulativa. — O Paige me contou. O Wylie andava lendo a história das Sete. Ele tinha esperança de encontrar uma das espadas. O Wylie tinha certeza de que você era um Anaweir, porque não conseguiu detectar nenhuma pedra. Ele atribuiu todos aqueles fogos à espada. Foi você que fez aquilo com ele? Queimou o rosto dele, digo.

Jack sacudiu a cabeça.

— Já estava queimado quando eu o vi pela primeira vez. Parecia recente.

Ellen ficou olhando-o, como se avaliasse se deveria acreditar nele ou não.

— O Wylie deixou a cidade depois daquilo. O Paige disse que ele estava caçando uma encantadora, alguma agente da Rosa Branca que tinha roubado a espada. Acho que era a sua tia. O Wylie nunca fez a conexão entre você e Trinity. Então o Hastings apareceu, e o Paige se escondeu. Eu era a infiltrada. A espiã. E todo aquele tempo, você e a espada estavam bem debaixo dos nossos narizes. É meio engraçado, quando a gente pensa a respeito. — Mas ela não sorriu.

— Eu também não percebi quem você era — comentou Jack.

— Depois de todos esses anos, sou boa em manter meu poder sob controle. Como acha que eu sobrevivi? Suponho que a gente nunca imagine que o seu inimigo é tão esperto quanto a gente — acrescentou ela.

Ela deixou as mãos caírem no colo.

— Depois de um tempo, eu me convenci de que não era você. Talvez eu não quisesse acreditar que fosse você. E eu estava realmente curtindo o lance todo de cidade pequena, o time de

futebol e tudo o mais. Eu nunca tinha morado em nenhum lugar como Trinity.

Que diabo, acho que eu nunca morei nove meses no mesmo lugar.

— Quer dizer que você sabia sobre o Hastings? — insistiu Jack.

Ellen fez que sim com a cabeça.

— Nós imaginamos que ele devia estar tentando pegar você antes de todo mundo. Achamos que era por isso que ele estava se concentrando no time de futebol. Mas ele estava trabalhando com vários jogadores e, além disso, tinha a Sociedade Chauceriana. Isso nos atrapalhou, porque você não estava envolvido nela. — Ela deu de ombros. — Pensei que devia ser o Will. Ele é musculoso, você sabe, e levou algum tempo para você... para você... — Ela pareceu perder o fio da conversa. Os olhos dela estavam no peito e nos ombros de Jack.

— Era por isso que você passava tempo com o Will?

— No início, sim. Mas eu finalmente percebi que ele era Anaweir, e ele se tornou um amigo. O Fitch também. — Ela olhou para Jack. — Fiquei surpresa quando vi que eles estavam no banquete.

— Eles foram trazidos aqui como reféns, para garantir que eu lutasse.

Ellen franziu a testa.

— Hastings?

Jack sacudiu a cabeça.

— Longbranch. Ela está furiosa por eu estar lutando pelo Hastings. — A conversa morreu por um momento. — De onde você é? — perguntou Jack.

Ellen deu de ombros.

— Não sei. — Ela se levantou e começou a andar de um lado para o outro. — Eles nunca me disseram. Devo ter sido

raptada quando era bebê. Desde que me lembro, o Paige foi meu treinador.

Ela estremeceu e envolveu o próprio corpo com os braços.

Jack pensou sobre o que Hastings havia dito. "Você sabe o

que eles fazem com os guerreiros que preparam para o Jogo."

Ela obviamente morria de medo de Simon Paige. Ele queria

fazer alguma coisa, abraçá-la ou, pelo menos, segurar-lhe as

mãos, dizer-lhe que sentia muito, mas ficou ali como um

bobo, sabendo que ela poderia não reagir bem a tais gestos.

— Todo o tempo em que você esteve escondido em Trinity

naquela sua maravilhosa casa velha com a sua maravilhosa

mãe excêntrica, eu estive fugindo. Eu vi o mundo. Sei falar

sete línguas. Não pertencço a lugar nenhum e não tenho

ninguém. Eu sempre parto no meio da noite. Nada de

despedidas pra mim. Você, por outro lado, teve os mesmos

amigos a vida toda.

— Não é minha culpa — sussurrou Jack.

Ele finalmente se dava conta do que significara a intervenção

de tia Linda. Ela o havia salvado daquela vida para que ele

pudesse ficar em Trinity, com Becca, e crescer do modo como

crescera. As coisas poderiam ter sido muito diferentes. Ele

pensou em Jessamine Longbranch e estremeceu.

Ellen ainda estava andando de lá para cá, ainda zangada.

— E todo esse tempo eu estive treinando, semana após

semana, desde que eu tinha três anos de idade. Você não faz

idéia do que eles fizeram comigo. — Ela parou, engoliu em

seco e prosseguiu. — Não apenas eu nasci pra isso, mas fui

criada pra isso também. Amanhã vou receber minha

recompensa — disse ela, deixando-se cair de volta na

poltrona.

Jack sentiu a necessidade de mudar de assunto.

— Foi a briga com Lobeck que fez você perceber?

Ellen assentiu.

— Ainda não acredito que você levou aquele soco no rosto antes de revidar. Eu estava tentando ajudar você sem me revelar. Você tem muito mais controle do que eu.

Era hora da pergunta fatal. Ele tirou o espelho do cinto e brincou com ele, então o virou de forma que pudesse ver o rosto de Ellen.

— Então você contou ao Paige, e aí ele tentou me envenenar em Cedar Point.

Ela já sacudia a cabeça antes de ele ter terminado de falar.

— Swift, você às vezes é tão idiota.

— Como assim?

— O Wylie queria ter certeza sobre você antes de convocar um torneio, para que ele pudesse ganhar por desistência. Para que arriscar a guerreira dele sem necessidade? Mas eles não teriam matado você, a menos que precisassem. Eles planejavam capturar você. Com você e eu, ele e o Paige poderiam começar um... — As palavras pareceram travar em sua garganta. — Eles queriam iniciar um programa de procriação, está bem? Criar guerreiros para o Jogo. — Ela parou de novo, as faces ardendo de embaraço. Prendeu uma mecha reluzente de cabelo atrás da orelha. — Só Deus sabe por que estou contando tudo isso pra você.

Jack não sabia o que dizer. Aquela era a garota que se sentava à frente dele na sala de chamada. Alguém cujo maior problema deveria ser conseguir entrar no time de futebol, ou pagar a faculdade. Ele respirou fundo, então pigarreou.

— Se o Paige e o Wylie não tentaram me envenenar, então quem foi?

— Fui eu.

— Você tentou me matar?

Jack encarou-a, sem fala. "Ela preferiria me ver morto a..."

— Idiota. — Ela soltou o ar dos pulmões, com desprazer. — Se eu quisesse matar você, você estaria morto. E eu não envenenaria você. Não é o meu estilo.

— Qual é o seu estilo, então? — indagou Jack. — Desculpe-me se estou um pouco perdido aqui.

Ela apontou para a adaga sobre a mesa.

— Desse jeito é melhor, suponho. — Ela inclinou a cabeça para o lado, estudando-o. — Eu sabia que era só uma questão de tempo até você ser descoberto. Trinity não é um lugar muito grande. Eu envenenei a sua bebida e aí joguei na lagoa. A idéia era assustar você, fazer com que deixasse a cidade. Pensei em dar a você um gostinho daquilo por que eu passei. Mas você não foi embora.

— Eu queria fugir — admitiu Jack. — Mas eu não tinha lugar algum pra ir.

— Não se foge para algo, Jack, você só foge. É assim que se faz. De qualquer modo, no minuto seguinte, fogos estavam explodindo para todos os lados no colégio, e você e o Hastings estavam no meio de tudo aquilo. A gente não conseguiu entender nada. Os raptos, eu quero dizer. A gente achava que estava com tudo sob controle.

— Mercadores — disse Jack, lacônico. — Leesha Middleton trabalhava com eles.

— Eu deveria saber! — Ellen fez uma carranca. — Aí o Paige finalmente percebeu, mas a essa altura você e a sua família estavam completamente inacessíveis. Magos e feitiços de proteção para todos os lados. Quando você desapareceu, a história era de que você tinha ido para a Inglaterra. A Rosa Vermelha imaginou que você tinha vindo lutar, então eles convocaram um torneio para que pudessem decidir a data e o local.

— Você poderia ter evitado isso — retrucou Jack. — Você sempre teve acesso, mesmo depois do rapto fracassado. Teria

sido bem fácil, uma lâmina na garganta, uma fuga rápida. Por que eu ainda estou vivo?

Jack baixou o olhar para o espelho e esperou pela resposta dela. Pela verdade.

— Eu não sei! O Paige estava sempre me atormentando por causa disso. Ele tornou as coisas... bastante desagradáveis. Eu ficava dizendo para ele que nunca havia uma oportunidade, que Snowbeard ou Hastings estavam sempre por perto. E ficava só pensando na sua... na sua mãe encontrando você, e a confusão que ia ser. Acho que eu preferia ter uma luta justa, uma com regras. E agora vamos ter uma.

Ela pegou as Leis de Combate e começou a folhear.

— É hora de ir embora, Jack. Considerando que eu tenho dez anos de vantagem, sugiro que você estude bastante — disse ela, zombeteira. — Não pense que a Sombra Assassina vai salvar você. Vou ficar com a sua espada quando isto tiver terminado. E tire essa coisa de perto de mim! — Ela apontou para o espelho.

Jack deu de ombros e o guardou sob a blusa. Pensou sobre o que tinha visto.

— Não quero lutar com você, Ellen — disse ele.

— Não acha que é um pouco tarde pra isso? — A voz dela era cruel. — Muitas pessoas vão ficar desapontadas. Elas estão ansiosas por ver alguém ser morto.

— Eu não quero matar você — disse Jack.

— Duvido que isso vá ser um problema — disse ela com frieza. Ela indicou a arma sobre a mesa. — Talvez você deva aproveitar a vantagem enquanto pode.

Jack se levantou.

— Boa noite, Ellen.

Ele andou até a porta, dissolveu o feitiço de tranca, esgueirou-se silenciosamente para fora e saiu.

Capítulo Dezessete

O Jogo

Jack não dormiu bem na primeira parte da noite, mas nas primeiras horas da manhã caiu num sono profundo e restaurador. Acordou com uma algazarra do lado de fora e, em seguida, os xingamentos de Will em direção à janela. Partidários da Rosa Vermelha estavam encenando uma prévia do torneio junto ao chalé. Como era de se esperar, Jack estava levando a pior.

— Não os encoraje, Will — disse Jack, sem se mover.

Sentia-se estranhamente em paz. Recostou-se nos travesseiros e rezou uma prece pelo dia que estava se iniciando. Finalmente, deixara para trás a terrível preocupação com os resultados possíveis do torneio. Sabia do que era capaz e do que não era. E agora tinha um esboço de plano. Não era um grande plano nem lhe daria muitas possibilidades de ficar vivo. Mas era um esboço, mesmo assim.

Jack deslizou para fora da cama e entrou no chuveiro. Ajustou a água para o mais quente que conseguia suportar e ficou sob ela por um longo tempo. Então vestiu uma camiseta e um short, secou o cabelo com a toalha, mediu o remédio e o tomou. Tudo tinha o caráter sagrado de um ritual sendo realizado pela última vez.

Ele pegou o espelho de Blaise e o virou de modo que refletisse a luz. Estava com medo de olhar dentro dele e, ao mesmo tempo, era incapaz de não o fazer.

Quando Jack olhou no espelho, viu um jovem em pé numa clareira. Seu cabelo era cor de ouro avermelhado e caía até os seus ombros. Brilhava sob os raios de sol que se derramavam através da copa das árvores. Estava vestido para a batalha, em refulgente cota de malha, e carregava uma espada. A Sombra Assassina. Carregava um elmo sob um dos braços.

Mas talvez a batalha já houvesse ocorrido, pois o guerreiro estava cercado de corpos. Centenas de homens jaziam ao redor dele, alguns cortados em pedaços, homens que morreram lutando. Havia algo assustadoramente familiar nos traços do jovem. Jack ergueu a mão, passou-a por seu próprio rosto.

Os corpos no campo. Eram amigos ou inimigos? Jack não sabia.

Hastings já havia saído. Will andava de um aposento para o outro como um animal enjaulado procurando por uma saída. Fitch estava carrancudo, o rosto parecendo saído de um filme de horror. Parecia não ter dormido muito. Quando Jack voltou do quarto de Ellen, Will e Fitch lhe perguntaram sobre a visita. Jack disse apenas:

— É a Ellen mesmo.

Depois do café da manhã, Jack se sentou à pequena escrivaninha na sala da frente e achou papel e envelopes na gaveta. Começou a escrever cartas: para os pais, tia Linda, Will, Fitch, Nick Snowbeard... e para Ellen. Selou os envelopes e os endereçou com cuidado. Tentou deixá-los com Will e depois com Fitch, mas ambos se afastaram, com expressões de pânico.

— Você está louco, Jack — disse Will. — Pare de pensar desse jeito.

Jack deu de ombros e deixou as cartas na escrivaninha. Ele se perguntou como a morte dele seria explicada se ele morresse na Ravina do Corvo. Felizmente, o problema não era dele.

Hastings retornou, raspando a grama molhada de suas botas junto à entrada. Ele estivera na arena, examinando as condições do campo.

— Muito úmido, mas ainda tem sombra. O tempo está firme, então deve estar seco até de tarde.

Jack e Hastings haviam ido ao campo diversas vezes no dia anterior. Era relativamente plano, considerando o terreno em volta, mas traiçoeiro, atravessado por pequenas valas e riachos que formavam túneis. Trechos de grama alta e pequenos arbustos os tornavam difíceis de ver. Jack estimava que o campo inteiro fosse mais ou menos do tamanho de um campo de futebol. Parecia grande demais para duas pessoas.

Hastings estava nervoso, o que não lhe era característico. "Talvez esteja arrependido do acordo que fez", pensou Jack. Dados todos os anos de treinamento de Ellen, Jack parecia não ser o cavalo certo para se apostar. A menos que se estivesse apostando em uma espada lendária.

O mago remexia nas armas de Jack. Ele havia disposto a Sombra Assassina com uma adaga curta, um pequeno escudo, uma maça e uma funda. Havia também um machado afiado como navalha, semelhante ao que Jeremiah Brooks carregara. Seu peso e manejo eram familiares a Jack, por cortesia do antigo dono.

O chalé zumbia de tensão. Will estava tão zangado com Hastings que mal conseguia olhar para ele. Jack passou meia hora revisando as Leis de Combate, mas percebeu que estava lendo e relendo o mesmo parágrafo. Fitch tentou, sem sucesso, concentrar-se no Livro Weir. Foi quase um alívio quando chegou a hora de se aprontar.

Jack vestiu metodicamente as pesadas calças de lona, a túnica, as botas e um manto sobre os ombros feito de cota de malha. As Leis de Combate permitiam pouca coisa no que dizia respeito a armaduras. Ele calçou as luvas de couro, laçando-as com os dentes. Prendeu a espada à cintura e apanhou o pequeno escudo.

— É só disso que vou precisar — disse ele, deixando o resto onde estava.

Hastings franziu o cenho. Quando Jack passou por ele, o mago ergueu a mão para detê-lo.

— Esse plano só funciona se você vencer — disse ele baixinho.

— Funciona para quem? — indagou Jack, virando-se para encará-lo. Eles se fitaram por um longo momento, e então Jack fez um sinal de cabeça para os amigos. — Vocês podem trazer as minhas luvas? Acho que as deixei no quarto.

Os rapazes estavam ansiosos para fazer alguma coisa, qualquer coisa, e desapareceram no outro aposento.

— Não estou vendo — dizia Fitch, quando Jack fechou e trancou a porta.

— Ei! — Will esmurrou a porta. — Jack! Deixe a gente sair! Jack falou através da porta.

— Vocês vão estar melhor aqui. Confiem em mim. Vejo vocês daqui a pouco.

Houve uma tempestade crescente de protestos por trás da porta. Alguém se jogou contra o outro lado dela, e a porta estremeceu com o impacto. Era uma porta boa e robusta, porém, e Jack achou que agüentaria. Ele se virou para Hastings.

— Vamos.

Jack calculava que as galerias pudessem conter vários milhares de pessoas. Ele sabia que havia uma grande quantidade de dinheiro investida na luta, embora deliberadamente não perguntasse sobre as apostas.

Pelo jeito as festas haviam virado a noite. Servos com carrinhos recolhiam garrafas vazias e outros destroços dos pavilhões privados. O dia estava ficando agradável. Agradável nas arquibancadas, Jack sabia, mas mortalmente quente dentro do campo.

Havia ainda assentos vazios na seção reservada e nos camarotes, mas estavam se enchendo rapidamente. As galerias

estavam salpicadas com pontos brilhantes vermelhos e brancos, quebrados por um prateado ocasional. Estandartes trazendo as rosas vermelha e branca estalavam ao vento. Aqui e ali um espectador erguera um estandarte montado às pressas para o Dragão Prateado. Membros influentes do Conselho haviam armado tendas ao longo das laterais do campo. Jack deu uma espiada em uma delas e viu um requintado bufê servido em seu interior. Cerveja e vinho já corriam livremente. Os gritos dos vendedores soavam acima da algazarra da multidão. Àquela altura, o céu tinha um tom azul-esbranquiçado. Era um lindo dia.

Uma aclamação vigorosa veio da multidão quando Jack foi avistado andando junto à lateral. Jack era popular até entre os que haviam apostado em sua adversária. Era do conhecimento de todos que ele só vinha treinando havia poucos meses. Alguns dos presentes haviam assistido ao seu treino com Hastings no dia anterior. Todos concordavam que o guerreiro do Dragão Prateado tinha talento considerável. Com alguma experiência, ele seria impressionante. Uma pena que ele não voltaria, diziam alguns.

Linda, Mercedes, Blaise e Íris estavam todos aguardando junto à lateral. O rosto de Linda estava abatido, e os olhos, vermelhos de choro. Ela vestia calça jeans e uma blusa folgada, propositalmente discreta. Ela abraçou

Jack por um longo tempo, depois o segurou a distância do braço.

— Não mudou de idéia?

Jack não tinha certeza se mudar de idéia ainda era uma opção, mas sacudiu a cabeça.

— Não, vou participar. — Jack viu quão triste ela parecia. — Vai dar tudo certo. Por que não vai ficar com o Will e o Fitch no chalé até que tudo tenha acabado? Não que eles vão ser muito boa companhia...

Ela se apurou e empinou o queixo com teimosia.

— Se você vai participar, eu fico.

Alguém mais estava lá também. Jack viu uma figura cruzando o campo, alto e magro, empurrando uma bengala na grama à sua frente, revelando a idade que tinha, mas se movendo com rapidez. Era Nicodemus Snowbeard, o Urso Prateado.

— Nick! — Jack abraçou o mago. — Ouvi dizer que você estava aqui. Você tinha razão, sabe? É muito barulhento na Inglaterra.

— E a comida continua sendo ruim — acrescentou Snowbeard. — Quem quer que tenha decidido pôr filé e rins juntos numa torta cometeu um sério erro de julgamento. — Ele estudou Jack com atenção. — Você está com um ar mortífero, meu rapaz.

— Mais mortífero do que me sinto — admitiu Jack.

O mago sorriu com um pouco de tristeza.

— Você se lembra do que eu falei pra você quando partiu de Trinity?

Jack inclinou a cabeça.

— Você me disse pra eu me lembrar de quem eu sou.

Snowbeard assentiu.

— Hastings transformou você num Dragão, mas você vai ser sempre um membro do clã do Urso Prateado. Não deixe que tornem você em algo que não é. A sua força vem dessa coerência.

Jack concordou.

— Não vou esquecer.

Snowbeard, Linda e os vizinhos formaram um círculo ao redor de Jack. Ele sentiu o poder naquilo, o amor fluindo até ele de todos ao redor. Ele estava cercado por rostos amigos, todos familiares desde a infância. Mercedes disse:

— Lembre-se da festa de Jack, e da oferta de presentes 16 anos atrás, completados hoje. — Ela circulou o pescoço dele

com uma corrente, prendendo o fecho. Dela pendia um amuleto, um urso prateado. Ela pôs a mão sobre a cabeça de Jack, dizendo uma bênção. — Mantenha-o a salvo no dia de hoje.

"Mantenha-o a salvo no dia de hoje", repetiram todos eles solenemente. Sentindo-se mais confiante, Jack enfiou o urso por dentro do colarinho de maneira que tocasse em sua pele. Ele ainda não tinha certeza de por qual resultado deveria torcer.

Houve uma agitação e outra aclamação se fez ouvir. Ellen Stephenson havia chegado à arena em meio a uma escolta de magos. Ela trajava uma túnica vermelha coberta de botões de rosa de um tom mais escuro, pernas cor de canela e botas altas. A espada estava presa à cintura, e uma funda pendia-lhe do ombro. O cabelo trançado reluzia ao sol da tarde como uma coroa.

Jack soltou um longo suspiro ao vê-la. Embora cercada por magos, ela estava absolutamente sozinha. Ele disse sua própria prece para que ela fosse protegida, uma voz entre milhares, sem se importar se fazia sentido ou não.

"Mantenha-a a salvo no dia de hoje."

Àquela altura, as galerias estavam lotadas, e d'Orsay e os juízes se dirigiam aos seus assentos. Uma mesa diante do camarote das autoridades exibia um grande cálice de ouro. Deveria ser o troféu, o prêmio do dia. Junto ao cálice, estava um volume com uma elaborada capa de couro. As Leis de Combate, pensou Jack, no caso de alguém ter de consultá-las sobre uma questão de ordem.

Quando bateram duas horas, três arautos em trajes requintados avançaram para a margem do campo e tocaram fanfarra. Os guerreiros e seus patronos se aproximaram do camarote dos juízes, Jack com Hastings, e Ellen com Geoffrey Wylie. Jack deu uma espiada em Ellen. Ela olhava direto para os juízes, o

rosto pálido e abatido, olheiras sob os olhos. Talvez houvesse ficado acordada a noite toda estudando as regras. Só que ela já as sabia de cor. "Como respirar", Paige havia dito.

Claude d'Orsay aparecera em uma túnica cinza, uma espada cerimonial atada à cintura. Um cachecol vermelho e branco que lhe caía sobre os ombros o identificava como o mestre do Jogo. Ele baixou o olhar para os jogadores e seus patronos.

— Este torneio foi convocado pela Rosa Vermelha para o solstício de verão, às duas horas da tarde, na Ravina do Corvo — proclamou ele, numa voz que alcançava a extremidade oposta das galerias. — Os anúncios foram proclamados em 19 de junho. O desafio foi aceito pelo Dragão Prateado. O campeão atual, a Rosa Branca, não apresentou nenhum campeão, o que caracteriza uma desistência. O cálice do torneio e as propriedades reais e monetárias associadas serão oferecidos como prêmio ao patrono do vencedor da partida. Pelas regras, o patrono do vencedor se tornará o mestre do Conselho dos Magos até que um novo torneio seja convocado. O torneio é um combate até a morte, sob as Leis de Combate, como publicadas pela ordem, em 1532 d.C. — Ele pousou as mãos no volume sobre a mesa. — Todas as contestações serão decididas pelos juízes de campo com base nas regras. — Ele olhou para Jack e Ellen. — Vocês entenderam?

Ambos concordaram.

— Vocês devem aceitar as regras ou desistir da partida. Qualquer guerreiro desistente será morto pela espada e seu coração, entregue aos juízes. — Ele se voltou a Wylie e Hastings. — Não deve haver nenhuma interferência da parte dos patronos, dos apostadores ou dos espectadores. — Ele fez uma pausa. — Haverá um intervalo de cinco minutos após cada meia hora de luta.

Os juízes podem interromper a luta a qualquer momento, caso haja uma questão de ordem. As janelas para apostas devem

agora ser fechadas para esta partida, e os patronos devem deixar o campo.

Hastings pôs a mão no ombro de Jack.

— Você consegue vencer se estiver com o coração empenhado nisso — disse ele. — E, se você vencer, vai ser o fim desse Jogo maldito, no que depender de mim.

Hastings olhou para Ellen do outro lado do campo, então se virou e foi para a lateral.

Ellen e Jack foram deixados sozinhos no meio do campo, encarando-se um ao outro, a uns três metros de distância. Ela estava imóvel, apumada, o rosto incompreensível. O sol acabava de passar de seu ponto culminante, e as sombras ao redor dos pés deles haviam diminuído até desaparecer. A luz refletiu-se nos cabelos de Ellen quando ela inclinou a cabeça para o lado, e depois no escudo pendurado sobre seu braço esquerdo. Ela olhou para a Sombra Assassina, e de volta para Jack. Uma brisa fez os estandartes sobre a galeria tremularem, mas a multidão estava em silêncio.

— Comecem — disse d'Orsay.

O torneio quase acabou antes de começar. Ellen sacou uma adaga de uma bainha no cinto e lançou-a na direção de Jack. Foi por pouco, mas ele conseguiu erguer o escudo ao nível do peito, e a lâmina rebateu e caiu em algum lugar na grama. A multidão ofegou. Ellen retirou a funda do ombro em um movimento ágil. Jack desembainhou a espada bem a tempo de aparar um enxame de estrelas flamejantes com o escudo e o lado cego da lâmina. Elas se estilhaçaram em cacos de faíscas azuis que choveram sobre ele, cegando-o por um momento.

Ellen desembainhou a própria espada e a apontou para a frente, lançando pela ponta longas línguas giratórias de fogo. Jack levantou a espada para se defender. Era como defender um chute a gol do meio do campo de futebol: àquela distância, sempre havia tempo de sobra para interceptar. Ele

se perguntou se Ellen estaria com receio de confrontar a Sombra Assassina a curta distância.

Mas quando o ataque aéreo se provou ineficiente, Ellen se aproximou com a espada. Sem levar em conta os méritos da arma dele, esgrima sempre fora um dos pontos fortes de Jack, e agora ele também se beneficiava da experiência de Brooks. Descobriu que conseguia resistir muito bem. Ellen era rápida e precisa, mas Jack era mais forte, e sua arma o tornava ainda mais poderoso. Quando bateu a lâmina de sua espada contra a dela, ela quase a deixou cair. Às vezes ela precisava segurar o punho da espada com as duas mãos, o que diminuía ainda mais seu alcance, deixando-a vulnerável a um ataque lateral rápido. Mas Jack nunca aproveitava a oportunidade. Seu jogo era estritamente defensivo, embora às vezes ele avançasse no espaço entre eles e a forçasse a recuar.

Ellen se movia com graça de uma posição a outra, e Jack movia-se para acompanhá-la. O jogo dela era instintivo, de tirar o fôlego, uma dança aprendida desde o nascimento. A espada assobiava e cantava, uma mancha brilhante à luz do sol. Embora ele muitas vezes se sentisse desajeitado em comparação a ela, descobriu que podia prever seus movimentos razoavelmente bem. Um outro presente de Brooks. Era um pas de deux mortal no qual os dançarinos nunca se abraçavam, embora cada um estivesse em delicada harmonia com os movimentos do parceiro. Ellen franziu a testa e enxugou o suor dos olhos. Talvez ela estivesse surpresa por eles estarem tão bem equilibrados.

O barulho do público havia diminuído para um zumbido nos ouvidos de Jack, mas ele podia sentir a presença intimidadora de milhares de magos como uma pressão quase física. Tentou estreitar seu foco para o pequeno espaço entre os dois, o alcance da espada de Ellen. Ficou aliviado quando o tempo de

meia hora terminou. Sua vida agora era medida em segmentos de trinta minutos.

O suor escorria do rosto de Jack, apesar da temperatura amena do dia. Hastings lhe passou uma grande garrafa de água, a qual ele esvaziou. O mago fitou-o com ar crítico, as mãos na cintura.

— Vai se arrepender dessas oportunidades perdidas, Jack. Mais cedo ou mais tarde, você vai se descuidar ou ela vai dar sorte. Nunca vai conseguir se igualar a ela movimento por movimento. Use o seu poder contra ela. Vá para o lado esquerdo dela. Ela tem dificuldades com o ataque lateral contrário.

"Ele não deixa nada passar", pensou Jack, mas não respondeu. Enxugou o rosto com uma toalha e fez uma prece pedindo proteção para a meia hora seguinte. O intervalo acabou, e eles retornaram ao campo. Ellen estava mais agressiva do que antes. A espada dela estava em toda parte e, por uma vez, cortou o tecido da túnica dele, mas sem atingi-lo. Com a intensificação da luta, porém, Ellen ficou mais descuidada, e quando Jack despejou um pesado golpe contra a sua espada junto ao punho, a arma voou da mão dela.

Ellen ficou paralisada por um momento antes de pular atrás da arma. Caiu rolando e apanhou-a, pondo-a em posição defensiva enquanto ainda estava deitada de costas. Jack baixou a ponta da espada e ficou esperando até ela se levantar. Isso incitou uma reação mista do público: muda descrença e algumas vaias dispersas.

Ellen tinha uma expressão peculiar no rosto, que foi logo substituída por irritação. Ela se aproximou de Jack.

— Qual é o problema, Jack? Acha que tem de me dar moleza porque eu sou uma garota? — indagou.

Jack deu de ombros.

— Eu já falei, Ellen, que não quero matar você.

— Bom, isso facilita o meu trabalho! — retrucou ela.

Com um ataque da espada, ela penetrou as defesas de Jack e o cortou no braço direito acima do couro.

O escudo dele chocou-se contra a lâmina dela com um som estridente e uma chuva de faíscas, empurrando-a para o lado, e ele recuou para fora de alcance. Ele ouviu os urros da multidão, reagindo ao golpe. Era incrível o quanto doía, e Jack não conseguia fazer nada além de segurar a espada com força. Sua bela casaca estava rasgada do pulso até o cotovelo, e logo ficou encharcada de sangue. "Parta para o braço da arma", Paige havia dito, e parecia que Ellen havia acatado o conselho do treinador. Ela se lançou contra ele sem lhe dar descanso, a espada na frente, aproveitando a vantagem que tinha. Atacou-o uma, duas, três vezes, e Jack tinha dificuldades para deter sua espada.

Em desespero, ele lançou um feitiço. Ellen praticamente ricocheteou na barreira cintilante que subitamente surgiu entre eles. Ela cambaleou, mas se manteve em pé, e lançou-se contra Jack de novo, com o mesmo resultado. Então ela parou, a espada a seu lado, respirando pesado, as faces coradas, olhando aquilo espantada.

Houve um pandemônio. O público se pôs em pé. Geoffrey Wylie, furioso, apontava o dedo para Leander Hastings.

— Questão de ordem! — gritou ele. — O Dragão Prateado está interferindo na luta!

Hastings parecia desconcertado. Ele sondou a multidão, concentrando-se nos vizinhos da rua Jefferson, pensando que talvez Íris ou Snowbeard houvesse interferido. Íris estava virada, gesticulando, falando com Snowbeard, que deu de ombros inocentemente. O olhar de Hastings passou para Linda Downey, que não parecia nada inocente. Ele franziu os lábios e se voltou para d'Orsay.

— Não tive nada a ver com isso — disse ele. — Não sei de quem é o feitiço.

Enquanto isso, Jack examinava o corte em seu braço o melhor que podia. Felizmente, parecia ser apenas superficial. Ele abriu e fechou a mão. Tudo parecia estar em ordem. Os músculos e tendões estavam intactos. Estava sangrando; não muito, mas o bastante para incomodá-lo. Ellen o encarava através da parede cintilante, a cabeça inclinada para o lado, os pés separados.

D'Orsay se dirigiu ao público em geral.

— Repetindo: não deve haver nenhuma magia ou outra interferência dos patronos ou das galerias segundo as Leis de Combate. Esse foi o último aviso.

Wylie ainda protestava.

— Foi o Hastings. Deve ter sido. Quem mais?

D'Orsay silenciou-o com um olhar e apontou para a barreira, que se dissolveu, definhando até faiscar como orvalho na grama. A luta prosseguiu.

Agora, ambos os jogadores estavam um pouco desnorteados. O braço de Jack ainda sangrava, deixando manchas de sangue no lado direito da túnica. Também estava latejando, o que lhe dificultava a concentração. Ellen parecia nervosa, sem dúvida esperando pelo próximo feitiço. Ela pareceu aliviada quando o tempo de meia hora acabou. Era como se estivessem lutando desde sempre. Jack se perguntou quanto tempo uma luta costumava levar. Outra coisa que ele deixara de pesquisar. Ellen provavelmente sabia com exatidão.

Hastings não tinha permissão de usar magia para curar o braço de Jack, por isso aplicou um unguento e o enfaixou bem apertado. Jack bebeu outra garrafa d'água enquanto Hastings lhe dava um sermão sobre sua falta de ofensiva.

— Você é mais forte do que ela — comentou ele.

— Mas isso não vai adiantar nada se você nunca der um golpe.

— Eu sei o que estou fazendo — disse Jack, lacônico.

— Se você perder de modo justo, é uma coisa. Mas não vou ver você se sacrificar, se é isso o que tem em mente. — Ele pôs uma mão quente sobre o ombro de Jack. — Eu posso obrigar você a lutar, você sabe.

— Então me obrigue. Mas, agora que estou em campo, é melhor você fazer isso sem magia — retrucou Jack, apontando para os juízes com a cabeça.

Os olhos de Hastings cintilaram, mas ele não tinha alternativa, e sabia disso.

Quando a luta foi retomada, Ellen parecia ter adotado uma nova estratégia. Ela lançava um fluxo constante de provocações e desafios. Parecia estar tentando enfurecê-lo.

— Vamos lá, Jack, está com medo de me enfrentar?

— ela gritava. — Não me faça perseguir você por todo o campo. Será que você é só um homenzinho com uma espada grande? Você sempre foge das mulheres?

Ela continuou gritando esse tipo de insulto, e Jack tentou ignorar. Ele tinha menos força no ataque agora, o que havia sido sua principal vantagem. Às vezes precisava das duas mãos para conter um golpe. Jack manteve a postura defensiva básica, aparando os ataques o melhor que podia. Ela se tornou mais ousada ao compreender que ele não estava preparando nenhuma ofensiva. De repente, ela fintou para a esquerda e se arremessou ao encontro de Jack, com a espada à frente. Mais uma vez, penetrou-lhe a defesa. Jack esticou uma mão em desespero e, de repente, Ellen brandia um enorme buquê de gladiolos, em vez de uma espada. Ela fitou as flores em sua mão e depois Jack, finalmente compreendendo.

— É você — sussurrou ela.

Ellen não foi a única que percebeu. Agora Wylie tinha um novo alvo.

— É o garoto! — gritou ele, claramente espantado.

— É óbvio que ele foi treinado em magia! — Ele lançou um olhar acusador a Hastings.

— Se o rapaz foi treinado em magia, não foi por mim — replicou Hastings, os olhos em Linda Downey. Ela o encarou com coragem. Ele se virou para d'Orsay. — E, se ele fosse realmente um guerreiro, não faria diferença. Ele nunca seria capaz de utilizar a magia.

— Isso é inaceitável — Wylie espumava de raiva.

— O guerreiro do Dragão Prateado deveria desistir da partida, e seu patrono ser punido.

— Onde está escrito isso? — indagou Hastings abruptamente, voltando-se para Claude d'Orsay com as mãos na cintura.

Wylie esbravejava.

— Todos sabem disso. Não precisa estar escrito. A Alta Magia não são truques e frivolidades para serem praticadas pelos Weirs Anamagos. Quem sabe que mal pode resultar disso?

Jack achou interessante que toda a comunicação era feita por meio dos patronos, como se ele e Ellen fossem incapazes de responder a uma pergunta.

— Onde está escrito? — insistiu Hastings.

D'Orsay suspirou.

— As Leis de Combate dizem que não deve haver magia ou qualquer interferência partindo da galeria ou dos patronos.

— Exatamente. — Hastings indicou a assembléia com a mão.

— Não há magia vindo da galeria. Há magia no campo. As regras não falam sobre isso.

D'Orsay ficou perdido por um momento.

— Os guerreiros não deveriam ser treinados como magos — disse ele, enfim.

— Isso também não está escrito — respondeu Hastings. Ele tirou um pequeno volume com as regras da túnica. A página já estava marcada. Ele leu o trecho. — "O Jogo pode também ser jogado como um combate pessoal entre dois guerreiros.

Apenas armas manuais devem ser utilizadas, inclusive lâminas, fundas, clavas, maças e maças-estrela. O resultado da luta dependerá das armas escolhidas, além de qualquer talento, habilidade e treinamento pessoais que o guerreiro trouxer para a luta." Não há nada aqui que exclua magia. Vocês já decidiram que ele é um guerreiro. Se é isso o que ele é, então o uso de magia pelo Jack é perfeitamente legal.

D'Orsay ainda folheava o tomo antigo sobre a mesa, como se ele pudesse ter negligenciado alguma passagem que o salvasse. Ele finalmente parou, olhou para Jack e depois novamente para Hastings. Mil pensamentos pareciam se refletir em seu rosto. Era claro que ele pensava ser vítima de uma astuta conspiração. Jack era um lobo-mago em pele de guerreiro. O mestre de Jogos havia sido ludibriado, e agora sabia muito bem qual seria o resultado da luta. O Dragão Prateado venceria, e Leander Hastings seria o mestre do Conselho ao fim de tudo.

Claude d'Orsay não gostava de ser feito de tolo.

Ele ajustou sua elegante casaca, endireitou o cachecol, soltou o laço das mangas, ganhando tempo.

— Nesse caso — disse ele, com determinação —, parece que devemos mudar as regras.

Houve um momento de silêncio, e então um grande clamor irrompeu do público, a favor e contra.

Agora era a vez de Hastings protestar.

— Você não pode mudar as regras no meio de uma partida — disse ele, com raiva.

— Onde está escrito isso? — perguntou Wylie, zombeteiro.

— Você não pode — repetiu Hastings. — Os guerreiros devem lutar sob as regras como foram proclamadas.

D'Orsay se virou e consultou os outros juizes. O público estava em pé, berrando sua opinião. Ellen segurava ainda o

estranho buquê, sem dizer nada. Jack sentia-se um pouco tonto e desejou poder se sentar por alguns instantes.

D'Orsay voltou-se para os patronos.

— Por ordem dos Juízes de Campo, em consideração à situação atual, nós alteraremos as Leis de Combate. Não deve haver uso de Alta Magia pelos jogadores no Jogo. Que isso seja escrito.

Alguém ofereceu uma caneta. D'Orsay abriu o livro de capa de couro na última página e rabiscou alguma coisa.

A luz mudou, como se uma sombra cruzasse a paisagem. Uma brisa fria soprou, erguendo o cabelo úmido de Jack da testa e secando-lhe o suor da carne exposta. Ele sondou o céu. Uma massa de nuvens apareceu, rolando sobre as montanhas, uma linha escura no horizonte. Eram de uma estranha cor cinza-esverdeada, e a parte frontal fervilhava como vapores de uma poção asquerosa. Uma mudança no clima se aproximava.

Alguns dos juízes ergueram os olhos para o céu, mas d'Orsay não percebeu nada, ou fingiu não perceber. Ele apontou para Ellen, restaurando-lhe a espada.

— Se o meu jogador está usando magia, então ele deve ser um mago — insistiu Hastings. — E, se é esse o caso, você deve reverter a decisão de ontem e desqualificá-lo do jogo.

D'Orsay sorriu.

— Não há nada que eu deva fazer, Hastings. Teremos um intervalo de cinco minutos. Controle o seu guerreiro ou será declarado desistente.

Hastings balançou a cabeça, um músculo se movia em seu maxilar. Jack deixou-se cair, cansado, em uma cadeira na lateral do campo. Hastings passou-lhe outra garrafa d'água, que ele trago com avidez.

— Quer dizer que você andou estudando fora da escola — murmurou o mago.

Jack estava cansado demais para responder, mas manteve o olhar direto em frente. Após quase uma hora e meia de jogo, não lhe restavam muitas forças.

— Isso está errado — disse Hastings com convicção. — Eu sei que está.

— A coisa toda está errada — retrucou Jack.

Jack atirou a cabeça para trás e observou as nuvens espumando lá em cima.

— Se você usar Alta Magia de novo, vai ter de desistir — sussurrou Hastings. — Vão arrancar o seu coração.

— Talvez isso seja o melhor — replicou Jack.

Jack havia chegado em um ponto em que não se importava mais. Pensou em Brooks, caído de costas, o suave abandonar da vida. A perda de controle sobre tudo o que o cercava.

— Guerreiros, ao campo — chamava d'Orsay.

De algum modo, Jack conseguiu se levantar da cadeira. A ponta de sua espada traçou uma linha na grama quando ele cambaleou de volta ao campo. Ellen parecia cansada também e, quando d'Orsay deu a ordem para recomeçarem a luta, houve pouca reação por um instante. Então Ellen ergueu a espada e avançou, implacável, e Jack recuou. Ellen não falava mais; era sistemática e mecânica, pressionando-o teimosamente e cada vez mais para a extremidade do campo. A Sombra Assassina faiscava quando ele aparava os golpes vigorosos de Ellen. A espada era uma parte dele, mas todas as partes de seu corpo estavam pesadas agora; os braços e pernas pareciam de chumbo, e a respiração era custosa. Pelo menos a dor no braço parecia distante agora, como se pertencesse a outra pessoa.

Ficava cada vez mais difícil manter a concentração. O vento soprava mais forte, e ele sentia o cheiro de chuva no ar. Ele se viu pensando sobre veleiros, sobre a vez em que se encontrara em meio a uma ventania, correndo para a costa com uma

tempestade atrás dele, a água respingando sobre a proa do barco enquanto ele atravessava as ondas. Ele teve de se forçar para voltar ao momento presente. Ellen. Ellen era tão bonita, graciosa, determinada. Ellen estava se esforçando ao máximo para matá-lo. Ele bloqueou outro golpe mortal e recuou de novo.

Ele pisou no vazio. Jack não havia percebido que havia alcançado a margem de um dos pequenos riachos. Ele se debateu por um momento, procurando se equilibrar, e então tombou para trás. Ao cair, o pé se prendeu nas raízes de um pequeno arbusto que crescia à margem do riacho. Houve um horrível estalo quando o osso do tornozelo cedeu. Ele aterrissou com os quadris no riacho e os ombros parcialmente na margem oposta.

Jack suava frio. A dor no tornozelo superava tudo o mais. Conseguiu soltar o pé, gritando ao fazê-lo, mas este pendia num ângulo impossível. A Sombra Assassina caíra a poucos metros de distância, mas tanto faria se fosse um quilômetro. Ele não tinha nenhuma outra arma. Talvez devesse ter levado uma adaga para o combate, também. Não que isso fosse mudar alguma coisa.

"Acabou", pensou ele. Embora houvesse previsto isso, a idéia do fim o amedrontava. Ele se ergueu desesperadamente, apoiando-se nos cotovelos, subindo parte do declive, de modo que estava agora meio sentado. Viu Ellen aparecer no topo da margem oposta. Ela o encarou por um momento e então desceu num pulo, as botas aterrissando na lama macia junto a ele. Ela parecia muito alta vista da perspectiva de Jack, que estava deitado de costas no pequeno barranco. Embora ele não conseguisse ver o público, podia ouvi-los suficientemente bem. Imaginou que pudesse usar magia para conter Ellen e deixar os juízes estriparem-no, a fim de poupá-la da tarefa.

Mas talvez eles preferissem pedir a Ellen que o fizesse por eles. Talvez ela mesma preferisse fazê-lo.

Agora ela estava entre ele e o céu, enchendo-lhe o campo de visão, e baixou a ponta da espada até pousar levemente sobre a base da garganta dele. Jack fechou os olhos, tentando não engolir.

Após um longo instante, a lâmina foi erguida, e Ellen disse alguma coisa. Ele não a entendeu a princípio, e ela repetiu com impaciência:

— Levante-se, Jack.

Ele abriu os olhos e a viu se inclinando sobre ele, uma expressão ilegível no rosto.

Ela o estava provocando de novo.

— Vá em frente — disse ele, cansado. — Conquiste a vitória.

Esta é a sua recompensa, como você falou.

Então ele se lembrou do que Paige havia dito. Talvez Ellen fosse fazê-lo sangrar, agora que ele estava indefeso. Cortá-lo lentamente em pedacinhos. Bom, ele é que não ia mencionar essa parte.

— Levante-se, Jack — disse ela de novo, com maior urgência, e estendeu-lhe a mão.

Ele a encarou.

— Não consigo — murmurou ele. — Minha perna está quebrada. Estou acabado.

— Você precisa se levantar — disse ela, com teimosia.

Ela se ajoelhou ao lado dele, empurrou para cima a perna das calças dele, tirou a faca do cinto e cortou-lhe com eficiência a bota e a meia. Correu os dedos de leve pelo tornozelo dele. Estava inchando rápido, e adquirira uma estranha cor roxa. Quando ela o olhou de novo, tinha o rosto manchado de lágrimas.

— Não posso, Jack — disse ela, com fúria. — Não sei por que, mas não posso matar você.

Ela tirou de debaixo da túnica uma pequena garrafa de mago. Arrancou a rolha com os dentes, agarrou um punhado do cabelo dele, ergueu-lhe a cabeça e despejou-lhe o conteúdo dentro da boca. Veneno não era o estilo dela, fora o que ela havia dito. Veneno ou não, Jack engoliu. O líquido estava morno por ter estado junto ao corpo dela.

Era a mesma poção que Hastings usara na clareira, e eliminou a maior parte da dor. Com toda a probabilidade, era completamente contra as regras, pensou ele. Jack observou-a, sem poder fazer nada, enquanto ela sacava uma longa faca embainhada das costas. Ela a colocou ao lado do pé e tornozelo dele e a prendeu com a funda. Ele arquejou quando ela lhe endireitou o pé, mas a droga corria dentro dele, e não foi tão ruim.

Ela trabalhava rápido, resmungando para si mesma o tempo todo.

— Se pelo menos você me desse um motivo pra matar você, talvez eu conseguisse; mas não, você não morde a isca, nem mesmo quando eu corto você, nem mesmo quando eu provoco. Você só fica dançando, tão bonito com esses olhos azuis e esse belo... — Ela ergueu o olhar e viu Jack fitando-a. — Quer dizer que Hastings nunca ensinou você a pôr uma tala num osso quebrado? É isso o dá fazer o curso intensivo.

O público e os juízes deviam ter visto Jack cair no leito do riacho e Ellen pular atrás dele, mas, por conta do relevo e da distância, não podiam ter certeza do que estava acontecendo. De repente, Jack ouviu a voz de d'Orsay elevar-se por sobre o ruído:

— Guerreiros, temos um vencedor?

— Venha, Jack — disse Ellen, dando um último nó em seu trabalho. — Você tem de se levantar, senão vão considerar como desistência.

Ellen tremia, as maçãs do rosto coradas.

— Ellen, não posso lutar com a perna quebrada — protestou Jack.

Só o que ele queria era se deitar no declive coberto de grama e deixar o riacho jorrar sobre ele.

Mas nada podia detê-la.

— Não se preocupe com isso — disse ela, resoluta.

Ela apanhou a espada e a colocou na mão esquerda de Jack. Em seguida, deslocou-se para o lado direito dele, agarrou-lhe o pulso, puxou-o até que ele estivesse em pé e passou o braço direito dele por sobre seus ombros, enlaçando Jack pela cintura de forma a carregar a maior parte de seu peso. Jack sentiu o cheiro dela à seu lado, uma mistura inebriante de flores e suor. Diferente de qualquer soldado que Brooks já encontrara. Ela era incrivelmente forte, e meio que empurrou, meio que ergueu Jack para fora do declive.

Os dois guerreiros emergiram do barranco agarrados um ao outro. Jack do Dragão Prateado mancava fortemente, sem uma das botas, carregando a espada na mão errada.

A guerreira da Rosa Vermelha declarou, ofegante:

— Não há vencedor.

D'Orsay ficou sem fala por um instante. Então, replicou:

— Aproximem-se dos juízes, guerreiros.

Jack reuniu todas as suas forças e tentou ajudar Ellen a manobrá-los para a frente. Hastings e Wylie estavam em pé embaixo do camarote dos juízes. Hastings parecia espantado, os olhos passando de Jack a Ellen, enquanto Wylie parecia furioso, como de hábito.

— Expliquem-se — exigiu d'Orsay, pela primeira vez se dirigindo aos guerreiros.

Ellen fitou o mestre dos Jogos nos olhos.

— A luta acabou. Não há vencedor. Deu empate.

Um rumor descontente passou pelo público.

— Não pode haver empate — retrucou d'Orsay. — Segundo as regras, é uma luta até a morte.

— Não desta vez — disse Ellen, com bravura. — A luta terminou, e ninguém morreu. Acho que vocês receberam pelo que pagaram. Podem todos ir pra casa agora! — gritou ela para o público.

A voz de d'Orsay era gélida.

— Patronos, controlem seus guerreiros.

Hastings deu de ombros quase imperceptivelmente.

Seu guerreiro estava em pé apenas pela boa vontade da adversária. Wylie, por outro lado, partiu para cima de Ellen de imediato.

— Qual é o problema com você? — sibilou ele. — Acabe com ele e vamos dar um fim nisso.

Wylie avançou como se fosse agarrar o braço da espada dela, como se pretendesse resolver a questão por conta própria, mas ela o empurrou com força. Ele caiu na grama.

— Você é uma assassina, Ellen! — gritou ele. — Você treinou pra isso a vida toda. Agora faça o que é natural pra você!

Ellen apontou sua espada para Wylie e chamas correram ao longo da lâmina.

— Tenha cuidado com o que deseja — disse ela com frieza.

Um tremor correu pelo público. Guerreiros ameaçando magos. Era contra as leis da natureza. Como em celebração ao momento, houve o resplandecer de um relâmpago, um estrondo de trovão, e as primeiras grossas gotas de chuva começaram a cair.

D'Orsay levantou-se, seu calmo desinteresse arruinado. Apontou para Jack e Ellen.

— Por violações das Leis de Combate, as suas vidas lhes serão tiradas!

Os outros juizes se levantaram também, a sentença de morte se espelhando em seus olhos.

— Não! — Hastings se pôs entre os juízes e os dois guerreiros.
— Este torneio teve falhas desde o princípio. Vocês realmente querem sacrificar os últimos guerreiros remanescentes por causa de um conjunto de regras às quais nem vocês mesmos aderem? Que regras eles violaram? O perdedor do torneio morre, mas não tem nenhum perdedor aqui. As regras não falam sobre isso.

Os dois magos se encararam com raiva.

— Para alguém que nunca cumpriu regras, você se tornou um especialista, não é verdade? Se as regras não falam sobre isso — disse d'Orsay com suavidade —, nós simplesmente mudamos as regras de novo. — Ele apontou para Hastings. — Tomamos a nossa decisão. Saia do caminho!

— Não — disse Hastings outra vez.

Hastings moveu o braço, e uma luz explodiu da ponta de seus dedos. Um cercado cintilante desceu em torno de Ellen e Jack, como uma casa feita de vidro. De repente, o som do público foi abafado e a chuva não mais os tocava.

Todos os cinco juízes apontaram para a barreira, lançando um feitiço de dissolução. A parede desmoronou, mas Hastings ergueu outra a tempo de deter uma nevasca de chamas mágicas azuis que ricochetearam e explodiram sobre o campo como fogos de artifício.

O público se remexeu, nervoso, alguns dos espectadores levantando os braços para proteger os rostos contra a chuva e as chamas que traçavam um arco em sua direção. O sol havia desaparecido por completo, e a ravina estava encoberta por um turvo crepúsculo, embora fosse pouco mais de quatro da tarde. Houve um retumbar grave que poderia ter sido um trovão, mas era mais persistente, como se as montanhas falassem com milhares de vozes. O ruído os cercou, cada vez mais alto. As montanhas brilhavam de forma misteriosa na escuridão, como que iluminadas por uma fonte invisível. Bem

acima, no declive da Cabeça do Corvo, a Pedra Weir se destacava contra a encosta negra da montanha como uma chama azul.

O trio cercado na arena mal notou. Era só uma questão de tempo até que os cinco magos na galeria superassem o único mago no campo. Jack tentou desesperadamente seguir os feitiços que voavam de um lado a outro. Queria ajudar, mas aquilo estava além de suas habilidades. Hastings mudava de posição constantemente, ficando entre os juízes e os guerreiros. Os juízes miravam nos jogadores, mas dificilmente hesitariam em mandar Hastings pelos ares a fim de atingi-los. Os cinco juízes desceram de seus estrados, claramente com a intenção de cercar os guerreiros e lançar um ataque de todas as direções, o que tornaria a defesa mais difícil. Wylie gritou alguma coisa, mas, se ele estava implorando pela vida de sua guerreira ou encorajando os que estavam prestes a executá-la, Jack não saberia dizer.

Mercedes, Blaise, Snowbeard, íris e Linda juntaram-se a Hastings no campo e formaram um círculo apertado em torno de Jack e Ellen. Snowbeard e íris lançavam suas próprias chamas no ar, levantando barreiras tão rápido quanto o Conselho conseguia derrubar. A chuva caía com força, e chamas bruxuleavam na parte inferior das nuvens, em relâmpagos brancos e fogo mágico azul. Agora o clamor da batalha competia com o uivo da tempestade. Muitas pessoas do público fugiam de seus assentos, o medo de morrer superando o amor pelo espetáculo.

De repente, a própria terra estremeceu. Jack pôde senti-la vibrando sob os pés, como toras rolando montanha abaixo. Ellen não conseguiu mais segurá-lo, e ele foi lançado ao chão. Caído de costas, a chuva fria no rosto e a dor renovando-se na perna fraturada, Jack não pôde deixar de pensar em Brooks morrendo naquele mesmo campo. Mas ele podia ainda sentir

uma vibração — um terremoto, como pensara a princípio. Com cuidado, ele se apoiou sobre os cotovelos. Sua visão do campo estava bloqueada pelo resto do grupo, a maioria dos quais estava de quatro, tentando se levantar de novo. Quando ele ergueu os olhos para as montanhas ao redor, pôde ver uma vasta sombra descendo pelos flancos, acumulando-se ao sopé e se espalhando pela ravina. Uma enorme fissura se abrira no campo da Ravina do Corvo, e dela surgia um exército.

No chalé, Will estava ficando cada vez mais agitado com o passar do tempo. Ele havia tentado abrir a porta e a janela uma centena de vezes. Tentara até mesmo forçar os ombros enormes pela chaminé. Fitch estava deitado na cama de Jack, como que em transe. Na verdade, Fitch estava tentando escutar os ruídos que vinham lá de fora. Preso no quarto de trás, não fora capaz de ver nada do torneio, mas podia ouvir o rugido do público e, assim, sabia que não havia acabado ainda. Mas agora o som que ouvia era mais como uma gritaria, cheia de pânico e horror. Ele sentira o clima mudar e o vento ganhar força. A luz havia sumido, e a casa tremia sob o assalto da ventania. Chuva e granizo se chocavam contra a janela, e o cheiro selvagem e elétrico da tempestade vinha através das paredes.

"É o fim do mundo", pensou Fitch. "E a gente vai morrer aqui." Nesse momento, o chão se ergueu e o piso se entortou, dispendo os ladrilhos num ângulo esquisito. Gesso e ardósia caíram sobre eles, a poeira encheu seus pulmões e fez com que seus olhos ardessem. Parte da parede junto à lareira se curvou, destacando-se da construção. Não havia luz do dia que pudessem discernir, mas o vento e a chuva uivavam através de uma grande brecha na parede.

— Venha! — gritou Will para Fitch por cima do barulho crescente. — Vamos sair daqui antes que a casa desabe!

Fitch teve ombros, joelhos e cotovelos arranhados e esfolados, deixando sangue em algumas das pedras, mas conseguiu deslizar pela brecha. Will se espremeu atrás dele.

Assim que Fitch pôs os pés do lado de fora, a chuva lhe bateu com tanta força no rosto que ele mal conseguia enxergar. Viu-se no jardim do castelo, olhando para baixo, para o campo da Ravina do Corvo.

A princípio, pareceu como se o próprio solo estivesse marchando em ondas cinzentas fantasmagóricas que cruzavam o vale. Então ele viu que era uma espécie de exército, um exército variado, cujos soldados pareciam trazidos de muitas terras e épocas. Havia homens e mulheres, e alguns não passavam de crianças. Alguns trajavam armaduras, outros, roupas mais leves e carregavam armas de todos os tipos. Aqui e ali havia pingos de ouro avermelhado: guerreiros com os cabelos da mesma cor que os de Jack.

Fitch ouviu tambores e o grito selvagem de gaitas de foles. Os guerreiros haviam ultrapassado o meio do campo, as tendas e os trailers na outra extremidade do vale. As estruturas estavam em chamas, a fumaça somando-se às trevas.

— Não pode ser — murmurou Fitch.

O chalé não parecia mais um refúgio, com as paredes caindo em torno deles.

Os espectadores das galerias passavam por eles em fuga. Outros pareciam paralisados em seus assentos. Fitch sondou a cena caótica, procurando por Jack. Finalmente, avistou o que parecia ser uma guerra particular se desenrolando diante das galerias. Hastings, Linda e alguns dos vizinhos da rua Jefferson estavam num círculo apertado, sitiados por um grupo de magos que os atacava sem cessar em um impressionante espetáculo de luzes. Ele viu Jack e Ellen no

centro do círculo, sentados no chão, abraçando-se com força. Fitch sacudiu a cabeça. Nada daquilo fazia sentido.

Os longos braços do exército de sombras se estenderam para cercar a batalha no campo. Os guerreiros brandiam machados e espadas largas, massacrando quaisquer magos que se pusessem em seu caminho. Poucos dos magos tiveram tempo de reagir, e aqueles que o fizeram estavam em número tão reduzido comparativamente que não tinham a menor chance. Hastings e o grupo do Dragão Prateado, voltados para fora, pararam e olharam sem poder acreditar, mas os juízes do torneio não viram o perigo em que estavam até que um musculoso guerreiro celta de cabelo dourado-avermelhado brilhante agarrou um deles e o atravessou com a espada. Ele atirou o corpo no chão, o sangue correndo da lâmina sob a chuva. A batalha se interrompeu logo depois disso. D'Orsay e os quatro juízes remanescentes formaram seu próprio círculo apertado.

Houve uma pausa em que ninguém respirou, enquanto guerreiros e magos se encaravam, embora pequenos grupos de guerreiros continuassem seu trabalho na orla da multidão. As fileiras do exército se abriram e duas mulheres caminharam na direção deles. Uma era bem jovem, não muito mais velha do que Jack, e tinha os cabelos escuros cacheados. Estava vestida com uma camisa de linho branco e uma calça de um outro século, e se movia com uma graça elegante e atlética. A outra era um pouco mais velha e mais alta do que a primeira, com luminosos cabelos louro-avermelhados. Trajava um longo vestido que parecia flutuar sobre a grama. Elas pararam diante dos partidários do Dragão Prateado, e a mais velha falou:

— O Jogo acabou — anunciou ela. — Onde estão os guerreiros?

A voz dela era assustadoramente familiar. Jack a havia ouvido antes, certa noite em um cemitério. Em outra era, parecia. Ellen o ajudou a se levantar, e eles se moveram desajeitadamente até a frente do círculo, ele mancando e ela o amparando. Quando se aproximou da mulher que o havia chamado, ele ficou mais uma vez surpreso com a semelhança entre ela e a mãe dele. Ele a havia visto antes só em fotografias.

— Olá, Jack — disse ela, sorrindo. — Vejo que está cuidando bem da minha espada. — Ela apontou para a Sombra Assassina. — Acho que você fez mais uso dela do que eu.

— Susannah — murmurou Jack.

Jack percebeu uma energia controlada com esforço, a presença de Hastings logo atrás dele. Ele se virou. O mago fitava as duas mulheres como se estivesse vendo fantasmas, o que era bem verdade.

A mulher mais jovem disse:

— Lee, veja só o homem em que você se tornou.

Ela correu e passou os braços ao redor de Hastings.

Ele a abraçou com força, a alegria em seu rosto mesclada ao assombro.

— Carrie — murmurou ele, a voz rouca pela emoção. — Não acredito. Você parece igualzinha.

Carrie sorriu para ele, e Jack pôde ver a semelhança entre os dois: narizes fortes, as maçãs do rosto altas, cachos escuros colados à cabeça.

— Eu estou morta há mais de cem anos, e você está vivo. A vida marca uma pessoa. Essa é a diferença.

Ela o soltou e deu um passo atrás.

Jack mal conseguia ficar em pé, mesmo com o apoio de Ellen. O terremoto podia ter acabado, mas ainda sentia a cabeça girando. Cada parte de seu corpo competia por atenção.

Susannah percebeu isso.

— Será que alguém pode arrumar uma cadeira para o rapaz?
— pediu ela. — Acho que ele já agüentou o suficiente por hoje. Tragam duas cadeiras — acrescentou, olhando para Ellen.

Dois guerreiros desceram cadeiras do camarote dos juizes e as ajeitaram na grama. Jack ficou surpreso ao ver que ambos lhe eram familiares. Um deles era Jeremiah Brooks, e o outro era o jovem cavaleiro com quem lutara na clareira, no primeiro combate que vencera.

Brooks ajudou Jack a se sentar, tomando cuidado com o braço cortado e a perna ferida, com Ellen auxiliando do outro lado.

— Parece que hoje levaste uma surra, meu amigo

— observou Brooks, lacônico. Ele indicou Ellen com a cabeça.

— Tendo em vista que somos quase irmãos e tudo o mais, quero dar-te um conselho: da próxima vez que a dama te desafiar, não vás negar fogo! — Ele esfregou o nariz e sorriu para Jack, que lhe retribuiu o olhar, cansado demais para ficar embaraçado.

O cavaleiro trouxe uma garrafa d'água, revirando-a com curiosidade nas mãos antes de passá-la a Jack.

— Fui sempre grato por não teres me matado — explicou ele.

— A hora da morte chega para todos, mas não imaginas o que é ter de passar por isso vez após vez.

— Ele apontou para Ellen com o polegar. — Ela sempre matava todos.

Ellen pareceu envergonhada. Sentou-se na beirada da cadeira, nervosa, como que em dúvida sobre se teria de lutar para fugir dali. Jack compartilhou a garrafa d'água com ela, recostou-se e fechou parcialmente os olhos. A perna latejava, e ele sentia náuseas. Após um minuto, Ellen se levantou e posicionou sua cadeira em frente à de Jack, usando-a como suporte para a perna dele.

— Precisa manter a perna para cima, senão incha — aconselhou ela.

Ellen se sentou na grama junto a ele e descansou a cabeça no quadril de Jack, parecendo não notar a água que corria em regatos pelo solo. A chuva diminuía até quase parar.

— Susannah — começou Hastings, sem jeito.

Ela se voltou para ele, reconhecendo a presença dele pela primeira vez.

— Olá, Lee.

— Susannah, eu sinto muito — disse ele simplesmente.

Ela correu os dedos pelos longos cabelos.

— Eu não vi meu filho crescer. Isso é difícil de perdoar.

— Não estou pedindo que me perdoe. — A mão do mago estava estendida, algo brilhando sobre a palma. Era o anel com a pedra de Susannah. — Acho que devo devolver isto a você.

Ela o estudou por um momento.

— Cem anos é muito tempo para guardar rancor. Isso vale para nós dois. Carrie e eu pedimos a você que abandone o seu, e eu direi adeus ao meu. — Ela fez uma pausa. — A pedra não tem utilidade alguma para mim, agora ou nunca. Fique com ela e se lembre de mim. Creio que você aprendeu alguma coisa desde a última vez em que nos vimos.

Hastings fez menção de dizer mais alguma coisa, mas d'Orsay avançou.

— Por que trouxe esse exército para a ravina? — indagou ele.

— Você destruiu nossa propriedade e perturbou nosso torneio.

Susannah voltou-se para ele.

— Seu torneio já estava arruinado antes de chegarmos.

Susannah ergueu a saia e subiu até o camarote dos juízes.

— É ilegal que essa corja de guerreiros venha até a ravina sem ser convidada. Os guerreiros mortos não devem fazer a

travessia a não ser que sejam invocados, de acordo com as regras. Vocês já assassinaram um juiz - prosseguiu d'Orsay. — Espero que entenda que será responsabilizada por isso.

Susannah não estava mais sorrindo.

— Você nunca se importou quando estávamos matando uns aos outros. — Ela estendeu o braço para pegar o tomo de capa de couro das Leis de Combate. — Está pronto para escrever mais algumas regras, mestre D'Orsay?

— O que você está fazendo? — retrucou ele. — Largue isso.

— Nós temos algumas alterações a sugerir também - disse ela com tranqüilidade. — Agora que você despertou o dragão.

A expressão no rosto de d'Orsay era um misto de incredulidade e medo.

— Entenda, as Leis de Combate nos têm mantido aprisionados desde 1532. O contrato foi escrito e jurado pelos ossos da terra... a pedra da Cabeça do Corvo... para nunca ser alterado.

As regras do torneio, a relação entre magos e guerreiros. Nosso lugar no limbo, sempre aguardando sermos chamados para o massacre. Mas você abriu o livro. Primeiro, violou as regras ao jogar com um mago, e depois se atreveu a mudar as regras. Você é o mestre dos Jogos por linhagem, e você fez isso aqui, à sombra da pedra, a toca do dragão. Elas precisam ser reconsagradas. É por isso que estamos aqui. — Ela indicou com a mão o exército reunido. — Nós somos o dragão.

— Não era a nossa intenção abrir as regras para emendas. Vamos restabelecer sua forma original — apressou-se em replicar d'Orsay.

— Nós decidimos que não gostamos de como elas são. — Susannah empurrou o livro sobre a mesa em direção a d'Orsay.

— Isso é um assunto de magos — protestou o mestre do Jogo.
— As regras não podem ser mudadas sem um voto do Conselho.

Susannah estudou os magos presentes.

— Acho que temos representação adequada aqui. Faremos uma votação verbal. Mas devo avisar que alguns de nós podem ficar descontentes com o resultado. — Ela apontou para o mar de guerreiros.

D'Orsay olhou para eles e depois para ela. Seu rosto havia perdido toda a cor.

Susannah sorriu.

— Você precisa entender que há um risco em manter um exército, mesmo um exército de mortos. Há sempre o risco de um motim. Agora, mestre d'Orsay, as regras?

Com relutância, d'Orsay subiu ao camarote dos juízes e se sentou diante da mesa. Ele abriu o livro, folheou-o até achar a primeira página em branco e pegou a caneta.

Susannah ditou:

— Emenda número um. O sistema de torneio existente desde 1532 está abolido.

D'Orsay largou a caneta.

— Impossível — disse ele. — Assim você destruiria a nossa tradição mais importante. Esse é o sistema que mantém a paz entre nós.

— Segunda emenda — continuou Susannah, ignorando-o. — Todas as ordens dos Weirs são iguais perante as leis. Não há relações hierárquicas de superior e subordinado entre magos, guerreiros, encantadores, feiticeiros ou qualquer outra classe. D'Orsay ainda sacudia a cabeça, mas havia apanhado a caneta e estava escrevendo.

Susannah observou a multidão, pensativa. Linda Downey avançou até a beira do camarote dos juízes, inclinou-se para a frente e lhe falou com urgência.

— Terceira — disse Susannah. — A cidade de Trinity, em Ohio, fica estabelecida como um santuário.

Os Weirs não deverão executar assassinatos, seqüestros, magia mental ou quaisquer artes negras dentro de seus limites. D'Orsay continuou escrevendo, esforçando-se para acompanhar.

Susannah olhou para Carrie, depois para o resto da assembléia e, em seguida, voltou-se para d'Orsay.

— Quarta. Os magos não podem mais invocar os guerreiros mortos à vontade. Os guerreiros mortos, entretanto, retornarão em grande número se essas emendas forem violadas.

D'Orsay terminou de escrever.

— É isso? — perguntou ele, em tom azedo.

— Mais uma coisa. De agora em diante, as regras não podem ser alteradas, exceto por voto da maioria de um Conselho no qual todas as ordens dos Weirs são representadas com igualdade, cada uma com um único voto.

Quando terminou, d'Orsay empurrou o livro com raiva na direção de Susannah. Ela leu o que estava escrito e assentiu.

— Agora a votação. Todos a favor digam sim.

D'Orsay e os quatro juizes olharam entre si, depois para o exército, e hesitaram. Mas apenas por um momento.

— Sim — murmuraram eles.

— É unânime, então — disse Susannah com satisfação. Ela fechou o livro ruidosamente. — Gostamos mais das regras deste jeito. — Ela se virou e estendeu as mãos para a Pedra Weir. — Somos todos herdeiros da Pedra Weir e apresentamos estas regras corrigidas que governarão todas as ordens mágicas.

A pedra se iluminou, lançando uma fria luz azul por sobre a ravina e todos ali. E lá no fundo, sob a cicatriz em forma de estrela, Jack, o herdeiro guerreiro, sentiu a pedra de mago em seu peito responder.

Susannah ficou imóvel por um momento, os braços em torno de si mesma, os olhos fechados. Depois, suspirou e abriu os olhos.

— Agora é hora de fazermos a travessia.

Ela se virou e viu Nicodemus Snowbeard ali em pé, apoiando-se na bengala, o vento açoitando-lhe as roupas em torno da magra figura.

— Bom trabalho, Susannah — disse o mago, sorrindo. — Estou orgulhoso de você.

Ele a abraçou com cuidado, como se ela pudesse quebrar.

— É bom ver você também, Velho Urso — disse ela, passando os braços em torno dele. Ficaram assim por alguns minutos. Hastings estava ali perto, observando, a cabeça inclinada para o lado, como se tentasse montar um quebra-cabeças em que faltavam peças.

Jack caiu num estado de semi-consciência, mas fez um esforço para acordar quando um pequeno grupo de guerreiros se aproximou dele e de Ellen. Brooks parecia estar no comando, mas fazer discursos não era, claramente, a sua especialidade.

— É o seguinte — disse ele afinal, coçando-se sob o colarinho da camisa de couro e puxando a própria orelha. — Estamos gratos pelo que vocês dois fizeram aqui, forçando-os a mudar as regras e tudo o mais. E se algum dia quiseres nos chamar para praticar, estamos aí. — Ele olhou para Ellen e sorriu com alguma arrogância. — Acho que posso ensinar para tua mulher aqui uma coisinha ou outra. Só por diversão, sabe, e talvez uma dose ou duas de cerveja, para tornar as coisas interessantes — acrescentou ele rapidamente, vendo Ellen eriçar-se.

E Jack lembrou-se da delícia que era uma ou duas doses de cerveja quando um homem tinha sede. Parte de sua variada educação nos últimos seis meses.

— Obrigado — disse Jack. — Eu gostaria disso, mas acho que não por uns tempos.

Carrie abraçou Hastings mais uma vez. Falou com voz baixa, as palavras somente para ele.

— Não tenho como dizer quanto significa para mim ver você de novo. É hora de você deixar pra trás essa obsessão de vingança. Precisa encontrar sua própria vida. — Ela olhou para Linda e depois de novo para Hastings. — Não se esqueça de mim, mas nunca vai encontrar a felicidade se continuar vivendo no passado.

Hastings segurou-lhe as mãos.

— Vou fazer o que diz quando esse negócio estiver totalmente terminado. — Ele apontou para os cadáveres espalhados a seu redor.

— Uma promessa tênue para a irmã que ama você. — Ela sorriu, mas já havia algo de etéreo nela, como se estivesse desaparecendo. — Agora eu preciso ir.

Hastings avançou para ela, como que para capturá-la em seus braços.

— Você volta? Ou talvez eu possa visitar você... onde você está.

Ela deu de ombros.

— Quem sabe possamos viajar com mais liberdade agora, nos dois sentidos. Só que é difícil para mim ficar no mundo por muito tempo — disse ela com tristeza.

Ele olhou por sobre o ombro dela para Susannah, que estava ainda ao lado de Snowbeard.

— Adeus, Susannah.

Susannah sorriu.

— Talvez nos vejamos de novo. Nunca se sabe.

As duas mulheres se afastaram com seus camaradas. O exército de guerreiros tremeluziu, tornou-se imaterial. Por um momento, pairou como uma névoa na ravina, e depois se

dissipou ao vento. Com eles, foram-se as galerias e todos os acessórios dos torneios, as multidões e estandartes, os prédios que haviam sido erguidos para a ocasião. Tudo o que restou foram o castelo e o chalé em seu jardim, as estruturas permanentes da ravina. Até as cadeiras desapareceram, e Jack se viu subitamente sentado no chão.

Jack e Ellen, Hastings e Linda, Mercedes, Blaise, Snowbeard e íris pareciam ser os únicos seres vivos no vale, a não ser por algumas ovelhas que pastavam nas colinas. Até o tempo parecia estar clareando, e o nevoeiro dos magos não mais cobria o sol, que flamejava ao se pôr atrás da Cabeça do Corvo.

— Will e Fitch! — exclamou Jack, de súbito. — Eu os deixei no chalé.

Jack tentou se levantar, o que descobriu ser impossível. Ellen plantou uma mão com firmeza no peito dele e empurrou-o de volta para baixo.

— Eu vou buscá-los — apressou-se em dizer Linda rapidamente, virando-se em direção ao chalé.

— Eles estão trancados — acrescentou Jack.

Linda olhou-o com curiosidade.

— Bom, eles devem ter achado um jeito de sair.

Duas figuras se destacaram da lateral do chalé e caminharam na direção deles. Eram Will e Fitch. Eles olhavam em torno com assombro. Quando estavam próximos o bastante para serem ouvidos, Will gritou:

— Cadê todo mundo?

— Foram pra casa — gritou Linda em resposta. — O torneio acabou.

Will avistou Jack e Ellen sentados lado a lado na grama.

— Não entendi — disse ele devagar. — Um de vocês devia estar morto.

Will fuzilou Ellen com os olhos, desafiando-a a se defender. Ela não fez nenhuma tentativa nesse sentido. Ela ergueu os ombros, soltou-os de novo e desviou o olhar.

— Ellen podia ter me matado — disse Jack baixinho —, mas não fez isso. Ela salvou a minha vida.

— Por quê? — indagou Fitch. — Depois de tudo isso? Ellen ficou rubra e fitou o chão.

— Vai ver que é porque nenhum dos meus adversários tenha me dado flores antes — resmungou ela.

Hastings se ajoelhou junto a Jack.

— Você quer que eu dê uma olhada na sua perna? — perguntou ele. — Ou prefere que eu o leve até Keswick?

— Se você pode tratar dela, vá em frente — disse Jack. — O braço também, já que você está aqui.

Jack se deitou de costas, fechando os olhos para fazer a cabeça parar de girar. Hastings pôs a mão sobre a fratura e pronunciou um feitiço. Jack sentiu como se água fria fluísse pela perna, levando embora a dor e o inchaço. Alguns minutos mais e o mago passou a cuidar do braço. Logo toda a dor havia sumido, e ele estava flutuando, confortável, mas incrivelmente cansado.

Hastings voltou-se para Ellen.

— Você está bem? — indagou ele.

Ellen não respondeu de imediato. Desatou a funda da perna de Jack, usando os dentes para soltar os nós. Pendurou-a sobre o ombro e guardou a faca na bainha que trazia às costas. Então se levantou e embainhou a espada.

— Estou ótima — disse ela. — Sinto muito por toda a confusão. — Ela hesitou, depois se inclinou de novo e beijou Jack na boca, pressionando-o contra o chão. — Adeus, Jack. Preciso pegar umas coisas no castelo, e aí tenho de me mandar.

— Como assim? Aonde você vai? — indagou Jack, esforçando-se para se sentar. Linda postou-se à seu lado, amparando-o.

Ellen deu de ombros.

— Não faço idéia. Pelo menos estou por conta própria agora. Ei, não se preocupe — acrescentou ela, com afobação, ao ver a expressão no rosto de Jack. — Isso é um meio de vida para mim. Não sei de onde vim, não sei para onde vou. Eu sempre quis voltar para a Escócia. Talvez eu vá para lá.

Ela lançou um olhar cauteloso a Hastings e aos outros, como se eles pudessem tentar detê-la.

— Volte pra Trinity conosco — pediu Jack. — Você disse que gostou de lá.

Ellen deu uma risada.

— Tenho 16 anos, Jack. Não tenho família nem como me sustentar. Não posso nem alugar um apartamento. E aquilo que sei fazer melhor é matar pessoas. Acho que sou o tipo de indivíduo de alto risco, se entende o que quero dizer. — Ela era direta, sem pedir por simpatia.

Surpreendentemente, foi o tímido Will quem veio em sua defesa.

— Você vai ficar bem. Você tem amigos. A gente ajuda você a encontrar um lugar pra ficar. Aposto que você pode aprender a não matar pessoas. — Ele sorriu. — E não tenho a menor dúvida de que você entra no time de futebol feminino no outono.

— Talvez Trinity seja o lugar mais seguro pra você — disse Linda —, agora que é um santuário. Quem sabe como a Ordem dos Magos vai reagir ao que aconteceu hoje? Você pode virar um alvo. Além disso, você não tem dinheiro nem equipamento pra acampar. E não pode perambular pelo Reino Unido carregando uma espada.

Ellen hesitou.

— Eu não costumo ficar num único lugar por muito tempo. Hastings, que estivera olhando para a ravina com uma expressão ilegível, pôs a mão sobre o ombro de Ellen. Ela estremeceu.

— Por que você não acompanha o resto da excursão com a Sociedade Chauceriana? — sugeriu ele. — Posso submetê-la a um interrogatório, para que possamos determinar exatamente quão perigosa você é. Aí a gente traça um plano. Como sempre, não havia como resistir a Hastings. E esse foi o acordo.

Capítulo Dezoito

Trinity

Cada vez mais, não havia revelações, apenas o desvelar de verdades sabidas havia muito tempo, mas lembradas vagamente. Tudo tinha sido escrito havia muito tempo. Não havia nada verdadeiramente novo no mundo, apenas a lenta marcha circular do tempo que revelava as velhas coisas uma vez mais.

— Você massacrou a Jen DeBrock. Ela nem viu que você estava lá até que você passou com a bola. — Will sorriu, contente, e chamou a garçonete. — Só que, se for como na última temporada, vocês vão enfrentar Garfield de novo nas finais. Aí não vai ter moleza.

Jack contou algum dinheiro sobre a mesa.

— Pena que o Slansky não pode clonar você, Ellen — disse ele.

— Desse jeito ele não precisaria escolher. Você poderia ser goleira e atacante ao mesmo tempo.

Nada passava por Ellen quando ela estava na frente do gol. A temporada de outono de futebol feminino em Trinity foi uma

longa série de derrotas sem gols para os times adversários. Era o assunto do momento.

Futebol era uma boa válvula de escape para a agressividade natural de Ellen. O que era uma boa coisa, já que ela via pouca utilidade nas intrigas sociais de um colégio de cidade pequena.

Ellen deu um sorriso cruel.

— Prefiro jogar como atacante. Você sabe que eu gosto do ataque, Jack. — Ela sustentou o olhar dele por um longo momento, então se levantou, pendurando a bolsa de futebol no ombro. — Vou voltar agora, Will. Falei pra sua mãe que eu ia cuidar do jardim da frente. Já tem uma tonelada de folhas lá de novo.

— Eu disse que ia eu fazer isso! — protestou ele debilmente.

Os dois rapazes a viram bater a porta da frente do Corcoran's. Will estava descobrindo que havia imensas vantagens em hospedar Ellen.

Linda Downey havia armado tudo. Durante a última parte da excursão com a Sociedade Chauceriana, ela contara aos pais de Will uma história da qual ninguém conseguia se lembrar sobre os pais de Ellen se mudarem para longe e sobre Ellen querer terminar o colégio em Trinity. Já que a irmã mais velha de Will havia partido para a faculdade, eles tinham um quarto extra, e o ofereceram de imediato a Ellen. Talvez houvesse magia envolvida, mas Will estava feliz com o arranjo, e Hastings sentia que Ellen representava pouco perigo para alguém que não partisse para cima dela com uma lâmina.

Ela parecia ansiosa por merecer a acolhida. Estava constantemente cortando lenha, varrendo folhas ou escavando com uma pá para aplicar adubo. Ela explicara a seus anfitriões que viera de uma família de militares e estava acostumada a um estilo de vida bastante disciplinado. Além disso, gostava de se manter em forma.

Ellen também se juntara ao clube de teatro, pois dissera estar acostumada a interpretar vários papéis, e se inscrevera no basquete feminino. Ainda não fizera outros amigos fora do pequeno grupo deles, mas isso se devia principalmente à falta de interesses comuns. Ela tivera uma infância pouco tradicional — um verdadeiro pesadelo. Jack se preocupava com ela, mas ela resistia terminantemente a quaisquer tentativas de fazer com que se abrisse.

Os eventos da primavera e do verão haviam deixado sua marca. Os sonhos de Jack eram povoados de magos sanguinários, feitiços, emboscadas e armadilhas. Às vezes, ele não conseguia dormir e, quando conseguia, acordava gritando. Ele convencera Becka de que terapia provavelmente não ajudaria no caso dele.

Quando chegou o outono, Trinity tivera um verão inteiro para esquecer os eventos do fim do ano letivo, já que a maioria dos envolvidos havia passado o verão fora do país. Alguma especulação ressurgiu com o retorno deles, mas a cidade retomou gradualmente seu ritmo usual de outono, com o início das aulas tanto na universidade quanto no colégio, e com a partida dos veranistas. Algumas pessoas notaram que Jack e Ellen pareciam diferentes após a viagem à Inglaterra, mas viagens ao exterior muitas vezes mudam as pessoas.

— Você quer jogar um pouco de bola antes que fique escuro? — Will parecia inclinado a permitir que Ellen cuidasse das folhas, afinal.

Jack balançou a cabeça.

— O senhor Hastings está na cidade de novo. Minha mãe o convidou para jantar.

Nos primeiros dias, eles tinham visto Hastings com frequência. Ele passara longas horas com Ellen, interrogando-a sobre o treinamento dela e as táticas da Rosa Vermelha. Poderia ter sido embaraçoso, dado o histórico entre eles, mas Ellen pareceu achar aquilo terapêutico.

Depois de um mês, as aparições dele se tornaram mais esporádicas, às vezes coincidindo com as de Linda. Ela visitava a cidade com maior frequência que de hábito. Para a surpresa de Becka, Linda ficara em Oxford com eles durante a segunda metade do verão e os havia visitado várias vezes desde que retornaram a Trinity. Era como se ela estivesse estranhamente ávida pela companhia deles.

Linda e Hastings pareciam ter superado suas diferenças sobre a participação de Jack no torneio, dada a maneira como as coisas se desenvolveram. Fora isso, Jack não sabia em que ponto estava o relacionamento entre eles. Os dois passavam um tempo considerável juntos, discutindo política. Mas a tia de Jack parecia determinada a manter a relação deles num plano profissional, o que não devia ser fácil.

O Colégio de Trinity tinha um novo diretor-assistente, embora todos concordassem que Hastings deixaria saudades. A disciplina nunca fora um problema enquanto ele estivera no cargo, a despeito do fato de ele raramente ter passado detenções. Simplesmente havia algo nele que tornava a disciplina desnecessária.

Becka muitas vezes convidava Hastings para jantar quando descobria que ele estava na cidade. Ela sempre dizia que queria lhe agradecer pelo que havia feito naquele dia no colégio e por sua hospitalidade quando estavam na Inglaterra. Mas às vezes Jack a flagrava estudando o rosto de Hastings, como se quisesse se lembrar de algo esquecido. O mago era um convidado afável, mas Jack tinha a sensação de que ele se mantinha sempre sob grande controle, mantendo-a a distância.

Mantendo a promessa que fizera a Jack.

Os sentimentos de Jack em relação ao mago eram complexos. Hastings havia empenhado sua vida para manter Jack fora do alcance de Jessamine Longbranch. A mera possibilidade de uma vida sob o controle de Jessamine ainda lhe dava calafrios.

Considerando o resultado provável se ele tivesse optado por não lutar, a decisão de jogar parecia ter sido boa em retrospecto. Mas ele sabia que as coisas poderiam ter terminado de modo bem diferente. Sob a influência do mago, Jack chegara perto de cometer um assassinato.

Em uma de suas visitas, Hastings deu a Jack três livros sobre magia de sua coleção. Jack se lembrava de tê-los visto na biblioteca em Cúmbria.

— Se continuar com seus estudos, talvez eles sejam úteis. — Então Hastings entregou a Jack um minúsculo livro de capa de couro sobre feitiços de ataque. Jack o examinou, surpreso. Nunca tinha visto aquele antes. — Não mantenho esse aqui na prateleira — acrescentou Hastings, com um leve sorriso. Jack encarou-o, perguntando-se quanto o mago sabia, e há quanto tempo sabia.

O Conselho dos Magos ainda não havia reagido aos eventos do solstício de verão. Era difícil imaginar que fosse aceitar em silêncio o desmantelamento do sistema que havia mantido por séculos. Talvez naquele mesmo instante o Conselho estivesse planejando uma reação. Jack tentou tirar aquilo da cabeça. Não havia nada que pudesse fazer a respeito, afinal.

Nick Snowbeard retomou facilmente o papel de zelador ao retornar a Trinity. Ele terminou de pôr o papel de parede no segundo andar da casa e completou a reforma do banheiro. Jack suspeitava que houvesse mais do que um pouco de magia envolvida naquilo. Nick ainda devotava tempo todos os dias à educação de Jack. Às vezes eles se concentravam em magia, às vezes em outras matérias. Havia menos intensidade nessas sessões agora, era mais como nos velhos tempos.

Jack sempre vira Nick como uma pessoa tranqüila, mas agora parecia que algum tipo de fardo havia caído dos ombros do velho mago. Talvez fosse a existência do santuário. Nick costumava freqüentar os cafés e tabernas junto à universidade,

passando horas em diálogos filosóficos com os amigos. Ele também gostava de passear à beira do lago, às vezes por muito tempo após o cair da noite, observando as estrelas e o fluir da água cinzenta. Quase sempre Jack caminhava com ele, velho mago e jovem guerreiro, enquanto o frio vento noroeste trazia o cheiro de folhas queimadas vindo da terra.

— Suponho que você não tenha mais de ficar de olho em mim — comentou Jack. Ele hesitou em mencionar o assunto, mas receava que o velho pudesse ter negócios em algum outro lugar e se conservasse em Trinity por um sentimento de dever.

Snowbeard sorriu e passou-lhe um braço ao redor dos ombros.

— Jack, essa guerra já dura séculos. Descobri que é sábio curtir cada momento de trégua, sem perder a consciência do que ela é: somente uma trégua.

Aquilo não era exatamente reconfortante. Ainda assim, Jack não podia evitar o otimismo. Libertado dos efeitos do Antiweir, ele havia renascido para a raça dos Weirlind. Apesar do jeito mal-humorado de tratarem um ao outro, ele via uma promessa no seu relacionamento com Ellen. E se sentia mais seguro do que em qualquer outro momento desde o dia em que tirara sua espada do solo em Coal Grove.

Às vezes Jack ou Ellen sentiam-se inquietos, assaltados por uma necessidade irreprimível. Ellen telefonava para Jack ou vice-versa, e eles combinavam de se encontrar na clareira. Jack erguia uma barreira de mago e eles se enfrentavam com floretes ou invocavam

Brooks ou alguns outros velhos amigos do exército de guerreiros para um combate. Brooks ensinou alguns movimentos a Ellen, como prometido, e ela o ensinou a não subestimar as mulheres guerreiras.

Eles lutavam porque adoravam a dança e o peso de uma espada em suas mãos. O choque e as faíscas saltando do metal e os sibilos da chama eram como uma música escrita especialmente

para eles. Eles lutavam pela glória, não por sangue. Eram Weirlinds, herdeiros da pedra de guerreiro. E eles sempre dormiam melhor com as espadas sob suas camas.